



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Programa de Pós-Graduação em História

UNIRIO
história

CLARISSA GOMES PESENTE

GOLPE DE VISTA:

**VIAGEM, VISÃO E A ESCRITA DA
HISTÓRIA DO BRASIL POR FERDINAND
DENIS (1837)**

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

CLARISSA GOMES PESENTE

**GOLPE DE VISTA: VIAGEM, VISÃO E A ESCRITA DA HISTÓRIA DO
BRASIL POR FERDINAND DENIS (1837)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutorado em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Turin

RIO DE JANEIRO

2025

P474 Pesente, Clarissa Gomes
 Golpe de vista: viagem, visão e a escrita da história do
 Brasil por Ferdinand Denis (1837) / Clarissa Gomes
 Pesente. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2025.
 204

 Orientador: Rodrigo Turin.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do
 Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

 1. Ferdinand Denis. 2. Golpe de vista. 3. Escrita da
 história. I. Turin, Rodrigo, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

CLARISSA GOMES PESENTE

**GOLPE DE VISTA: VIAGEM, VISÃO E A ESCRITA DA HISTÓRIA DO
BRASIL POR FERDINAND DENIS (1837)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutorado em História.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rodrigo Turin (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a Claudia Regina Andrade dos Santos
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Eduardo Wright Cardoso
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)

Prof.^a Dr.^a Francine Iegelski
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dr.^a Helena Miranda Mollo
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Aprovada em 21/08/2025

AGRADECIMENTOS

A Rosângela e Rogério, que me trouxeram a esse mundo e sem os quais essa tese jamais teria se realizado.

A Domenica e Luan por ouvirem minhas angústias e comemorarem minhas vitórias ao longo do doutorado.

A Milla e Eduardo, que me acolheram e me deram um lar longe de casa.

Ao professor Rodrigo Turin, pela presença constante, pelas leituras atenciosas e pelos comentários que tanto enriqueceram o processo de pesquisa e escrita.

À professora Francine Iegelski, por acompanhar minha jornada acadêmica há quase uma década.

Às professoras Cláudia dos Santos e Helena Mollo e ao professor Eduardo Wright Cardoso, pelas sugestões no exame de qualificação, que foram fundamentais para o resultado aqui apresentado.

Ao professor Stéphane Van Damme, pela amigável acolhida na *École Normale Supérieure*.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa e pela bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

RESUMO

A presente tese tem como objetivo analisar os sentidos adquiridos e as funções assumidas pelo termo *coup d'œil* (aqui traduzido como *golpe de vista*) na obra *Brésil*, publicada por Ferdinand Denis em 1837. Todo o caminho percorrido pela tese serve de suporte a essa análise. São primeiramente discutidas as condições para a publicação de uma história do Brasil na França do século XIX, levando em consideração tanto os interesses europeus pela nova nação quanto os debates que se desenvolviam no campo historiográfico. Em seguida, é encaminhada a questão da importância dos relatos de viagem na construção das narrativas denisianas – tratamos da experiência de viagem de Denis bem como do recurso a relatos de outros viajantes. A tese concentra-se, a partir de então, no *golpe de vista*. Em primeiro lugar, procuramos estabelecer os possíveis significados do termo, a partir de dicionários do período e de estudos que examinaram o uso do *golpe de vista* em alguns domínios do conhecimento nos séculos XVIII e XIX. Em todo o caminho, foi ficando clara a centralidade da visão (literal ou metafórica) tanto na escrita de Ferdinand Denis quanto das diversas acepções do termo. Chegando, enfim, a *Brésil*, as aparições do *golpe de vista* foram mapeadas e classificadas de acordo com duas categorias de visão histórica: *sunopsis* e enargia. Antes de dar o trabalho por acabado, compartilhamos algumas reflexões e hipóteses levantadas ao longo da pesquisa.

Palavras-chave: Ferdinand Denis; golpe de vista; relatos de viagem; enargia; *sunopsis*.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette thèse est d'analyser les significations acquises et les fonctions assumées par le terme *coup d'œil* dans l'ouvrage *Brésil*, publié par Ferdinand Denis en 1837. L'ensemble du parcours de la thèse soutient cette analyse. Tout d'abord, les conditions de publication d'une histoire du Brésil dans la France du XIXe siècle sont discutées, en tenant compte des intérêts européens pour la nouvelle nation et des débats qui traversent le champ historiographique. Ensuite, la question de l'importance des récits de voyage dans la construction des récits denisiens est abordée - nous traitons de l'expérience de voyage de Denis ainsi que de l'utilisation des récits d'autres voyageurs. A partir de là, la thèse se concentre sur le *coup d'œil*. Dans un premier temps, nous avons tenté d'établir les significations possibles du terme, en nous basant sur les dictionnaires de l'époque et sur des études qui ont examiné l'utilisation du *coup d'œil* dans certains domaines de la connaissance aux XVIIIe et XIXe siècles. En cours de route, la centralité de la vision (littérale ou métaphorique) est apparue clairement, tant dans les écrits de Ferdinand Denis que dans les différentes acceptions du terme. En arrivant enfin à *Brésil*, les apparences du *coup d'œil* ont été identifiées et classées selon deux catégories de vision historique : *sunopsis* et *enargeia*. Avant de conclure notre travail, nous partageons quelques réflexions et hypothèses soulevées au cours de la recherche.

Mots-clés: Ferdinand Denis; coup d'oeil; récits de voyage; *enargeia*; *sunopsis*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Imagem 1 – Folha de rosto dos volumes dedicados à América da coleção <i>L'Univers Pittoresque</i>	53
Imagem 2 – Primeira página do <i>Journal de mon voyage au Jequitinhonha</i> , de Ferdinand Denis.....	72
Tabela 1 – Obras do catálogo da BnF contendo o termo <i>coup d'œil</i> no título	103
Tabela 2 – Estrutura de <i>Brésil</i>	122
Mapa 1 – Caminho da narrativa de <i>Brésil</i>	178

SUMÁRIO

Introdução	11
-------------------------	----

PARTE 1 ESCRITA DA HISTÓRIA, VIAGENS

Capítulo 1: Ferdinand Denis e a escrita da História do Brasil	23
1 O Brasil sob o olhar europeu	23
2 Das histórias à História.....	31
3 Uma nova história.....	39
4 As Histórias do Brasil.....	47
5 Considerações.....	54
Capítulo 2: Viagens e viajantes	56
1 A onipresença das viagens.....	56
2 O relato de viagem como fonte de conhecimento	60
3 “Um viajante que prefere citar”: a tensão entre viagem e erudição	67
4 Ferdinand Denis viajante	71
5 Ferdinand Denis erudito	80
5.1 Espírito observador.....	81
5.2 Alma poética.....	86
5.3 Ingenuidade	88
5.4 Diferentes motivações, diferentes relatos	89
5.5 Como valer-se dos viajantes	94
6 Considerações.....	98

PARTE 2 O GOLPE DE VISTA

Capítulo 3: <i>Coup d’œil</i>: história do termo	100
1 Definição do <i>coup d’œil</i>	100
2 Os usos históricos do <i>coup d’œil</i>	104
2.1 O <i>coup d’œil</i> antes do <i>coup d’œil</i>	104
2.2 O <i>coup d’œil</i> como talento no mundo militar.....	105
2.3 Os panoramas e o <i>coup d’œil</i> naturalista	110
2.4 O declínio do <i>coup d’œil</i>	117
3 Considerações.....	118
Capítulo 4: Um golpe de vista sobre o Brasil	121
1 <i>Brésil</i> : a estrutura narrativa.....	122
2 <i>Brésil</i> : o golpe de vista	131
3 Energia: a história diante dos olhos.....	133
3.1 Écfrase: o discurso feito percurso.....	136

3.2 A enargia historiadora	141
3.3 Algumas considerações sobre autópsia e <i>autopatheia</i>	143
4 Golpe de vista e enargia.....	146
4.1 Enargia e modernidade	149
5 <i>Sunopsis</i> : o olhar distanciado	156
5.1 Ver tudo ou ver o todo?	156
5.2 A <i>sunopsis</i> realocada	161
6 Golpe de vista e <i>sunopsis</i>	164
6.1 A complementaridade entre <i>sunopsis</i> e enargia	171
6.2 <i>Sunopsis</i> e modernidade	174
7 A História do Brasil em um golpe de vista.....	176
Conclusão	180
Referências Bibliográficas	187
Anexo 1 – Sumário de <i>Brésil</i>	198

INTRODUÇÃO

Começa aqui nossa viagem pelo Brasil de Ferdinand Denis, ou melhor, pela escrita da história do Brasil por Ferdinand Denis. Essa viagem será guiada pela análise da utilização de um termo que aparece com certa frequência nas obras do autor: o *coup d'œil*, ou *golpe de vista*, em tradução literal. Por meio dessa análise, pretendemos encaminhar questões referentes à própria constituição da narrativa historiográfica, mais do que identificar as representações sociais – sejam do indígena, do brasileiro, ou da natureza dos trópicos – presentes nessa narrativa.

A figura de Ferdinand Denis é fascinante. Tendo vivido entre 1798 e 1890, sua existência e sua obra se estendem por boa parte do século XIX. Sua produção soma mais de cinco centenas de textos, dos mais variados gêneros: grandes obras eruditas, pequenos livros de divulgação científica, ensaios publicados em revistas, compilados de relatos de viagem, verbetes para enciclopédias, romances. Os temas cobertos são igualmente variados: a cosmografia fantástica da Idade Média, a história das ciências ocultas, a arte plumária dos indígenas da América – nada disso escapou de sua pena. O fato de Denis saber sobre tudo e ter uma opinião a dar sobre tudo lhe valeu o apelido de *Trepidans*, dado pelo amigo Charles Augustin Sainte-Beuve¹.

Além das obras publicadas, Denis ainda conservou, na Biblioteca Sainte-Geneviève (onde ocupou, desde 1841 até 1885, os cargos de conservador e administrador) uma série de documentos privados, tais como cartas, diários e notas autobiográficas. Se há algo do qual o pesquisador da obra de Ferdinand Denis não pode reclamar é da escassez de material. O desafio é justamente o de como lidar com a profusão de escritos tão variados produzidos ao longo de tantas décadas.

Entre a vasta e variada produção, há, porém, um objeto que se destaca: o Brasil. Apesar de sua estadia no Brasil ter sido relativamente curta, no período entre 1816 e 1819, seu interesse pela nação foi marcante e perene. Suas obras de maior fôlego são dedicadas justamente à história do Brasil. E é em uma delas que a presente tese se concentra. Trata-se de *Brésil*, publicada em 1837. Nessa obra, Denis constrói uma narrativa que começa com a chegada de Pedro Álvares Cabral à costa brasileira e se conclui no ano da

¹ Trepidante em latim. O apelido foi dado devido ao caráter empolgado e inquieto de Denis diante do conhecimento e à sua oscilação entre diversos ramos do saber. MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d'après des documents inédites. *Revue d'Histoire littéraire*, octobre-décembre, 1926, p. 530.

publicação, com a expectativa de um futuro aberto e próspero para a nação. A narrativa cobre aspectos diversos do país, tais como costumes cotidianos, produtos do solo brasileiro, literatura, eventos políticos. Se o leitor quiser se adiantar, pode consultar o Anexo 1, que apresenta o sumário da obra.

Foi ao ler a obra na íntegra, já durante a pesquisa de doutorado, que me chamou a atenção a utilização frequente do *coup d'oeil*, pouco importante à primeira vista, mas que mostrou-se fundamental para a compreensão da obra. De início, encontrei o termo em dicionários históricos e, ao longo da pesquisa, consegui levantar alguns poucos estudos sobre o *coup d'œil*, que tratam do surgimento do termo e dos sentidos por ele adquiridos na produção intelectual francesa dos séculos XVIII e XIX. O conteúdo dos dicionários e dos estudos foi indicativo de que valia a pena investigar as aparições do *coup d'oeil* na obra de Denis; que, de fato, havia algo de substancial, de complexo, na utilização do termo.

Optei, nesta tese, por traduzir *coup d'œil* como *golpe de vista*. A tradução literal pareceu-me apropriada por manter e conjugar elementos que, como veremos, são fundamentais para o sentido do termo: a instantaneidade e a força implícitas em “golpe” e a indispensabilidade da visão sugerida em “de vista”. No desenvolvimento da pesquisa, encontrei a mesma tradução em dois textos, ambos de 2017. O primeiro é a tradução da obra *Evidence de l'Histoire*, de François Hartog, feita por Guilherme João de Freitas Teixeira². O segundo é a tradução de um artigo de Lorraine Daston, originalmente publicado em 2008, intitulado *On Scientific Observation* e traduzido por Derley Menezes Alves³. No texto de Hartog, o *coup d'œil* figura como uma demanda da historiografia de Políbio e, no de Daston, como uma forma instantânea e simultânea de conhecimento. Ambos os textos me auxiliaram na construção desta tese.

Ao longo do doutorado, em simpósios e conversas informais, deparei-me com um relativo desconhecimento da obra de Ferdinand Denis entre os historiadores, exceto entre

² HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 107.

³ DASTON, Lorraine. Sobre a observação científica. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 91-108, p. 105.

aqueles que trabalham com a formação da literatura nacional, o que me pareceu surpreendente devido à relevante atuação do autor em vários campos do conhecimento.

Ao fazer um levantamento dos estudos acadêmicos brasileiros sobre Ferdinand Denis, ficou claro que, de fato, esses estudos se concentram na problemática da influência do autor sobre o desenvolvimento do romantismo literário brasileiro. Na segunda metade do século passado, os principais manuais de história literária consagraram Ferdinand Denis como ocupante de um duplo lugar em nossas letras: o de promotor de uma literatura propriamente brasileira e o de orientador do romantismo indianista. Afrânio Coutinho chegou a identificá-lo como “pai do romantismo brasileiro”⁴.

O autor francês também ocupa lugar de destaque na obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido, publicada em 1957. Segundo Candido, duas obras de Denis marcaram a história de nossa literatura. A primeira delas, *Scènes de la nature sous les tropiques*, de 1824, teria sido responsável pela eleição de temas brasileiros como matéria literária. Já a segunda obra, *Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, de 1826, teria fundado a história da literatura brasileira e lançado as bases do nosso nacionalismo romântico. Nessa obra, além de reconhecer a existência de uma tradição literária brasileira separada da de Portugal, o autor evoca a substituição da mitologia greco-latina pelo tema dos índios e dos primeiros colonos⁵. Apesar de reconhecer que Denis propôs uma verdadeira “proclamação da independência literária”⁶, Candido vê nessa proposição alguns efeitos ambíguos: o movimento de valorização dos aspectos locais, por mais que tenha dado uma matéria própria à literatura brasileira, teria, por outro lado, criado um exotismo que fez com os brasileiros se vissem na posição de “condenados a exportar produtos tropicais também no terreno da cultura espiritual”⁷.

Grande parte dos estudos que contempla a obra denisiana privilegiam as mesmas fontes consideradas por Candido: o *Résumé de l’histoire littéraire* e as *Scènes de la nature*, incluindo um romance publicado nessa última obra, intitulado *Os Maxacalis*. São bastante comuns os trabalhos que avaliam a adequação, seja para confirmá-la ou relativizá-la, dos romances brasileiros do século XIX ao programa literário proposto por

⁴ COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: São José Editora, 1959, p. 17.

⁵ Cf. CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**, v. 1 (1750-1836). Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000, p. 182 e p. 260-263.

⁶ *Ibid.*, p. 188.

⁷ *Ibid.*, p. 289.

Denis. O problema norteador desses estudos costuma ser o da função da literatura – e da criação, por meio dela, de determinada representação do indígena – no projeto de construção da nacionalidade⁸.

A obra de Maria Helena Rouanet, de 1989, resultante de sua pesquisa de doutorado em História, sob a orientação de Luiz Costa Lima, tornou-se referência incontornável dos estudos sobre Denis. A autora levantou e sistematizou uma massa documental sobre o autor e sobre sua relação com os intelectuais brasileiros, encontrada nas bibliotecas do Rio de Janeiro e nos arquivos da Biblioteca Sainte-Geneviève. Segundo Costa Lima, o livro apresenta “o primeiro retrato de corpo inteiro deste que foi o consulente, se não o guia da primeira geração de intelectuais brasileiros pós-independência”⁹.

O objetivo central de Rouanet é o de desvendar os motivos pelos quais Denis conquistou uma “cadeira cativa” como fundador de nossa literatura, o de entender como um “simples funcionário público”¹⁰ teve uma fortuna crítica tão expressiva no Brasil. Sua conclusão é a de que o autor operou uma “cuidadosa seleção”¹¹ das ideias que publicava, de maneira a manipular as expectativas da intelectualidade brasileira, sua principal interlocutora. Uma das evidências apontadas são as diferenças entre os escritos privados de Denis – cartas e diários repletos de comentários pouco elogiosos sobre os brasileiros – e suas obras de gabinete. No *Résumé de l'histoire littéraire*, por exemplo, além de reconhecer a existência de uma tradição literária no Brasil, Denis julga os brasileiros como perfeitamente capazes de construir uma literatura autônoma. Segundo Rouanet, o

⁸ Os exemplos são muitos. Limito-me a alguns. Ana Beatriz Barel (2002), em *Um Romantismo a Oeste*, analisa os efeitos da construção de um projeto de literatura brasileira sobre as bases do modelo francês oferecido por Denis. A autora leva em consideração as formas de recepção das propostas de Denis em três obras eleitas como marcos do nosso Romantismo – *Iracema*, de José de Alencar; *Inocência*, de Alfredo Taunay; e *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis. Outros autores seguem a mesma trilha: Irineu Corrêa (2006) avalia as aproximações do poema *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, em relação aos *Maxacalis* no que tange ao tratamento das vicissitudes sofridas pelos indígenas no Brasil. Já Kátia de Camargo e Francisco de Oliveira (2018) consideram a relação do romance de Denis com *O Guarani*, de José de Alencar, apontando as aproximações e distanciamentos entre os dois textos quanto à representação do indígena. Já Lúcia Ricotta (2011), apesar de se manter na questão do projeto romântico de construção da nacionalidade, vai além da análise da representação do indígena e da “proclamação da independência literária”. A partir da análise de *Scènes de la nature*, Ricotta sugere que Denis fez parte de um movimento de “reinvenção poética da natureza”, que iria orientar os diferentes paradigmas miméticos que tomaram corpo na modernidade. Temos ainda a obra *A Oralidade Perdida* (2004), de Andrea Daher. Apesar de considerar Denis em sua relação com o romantismo literário, Daher interroga essa relação a partir do problema dos usos históricos dos dispositivos de inscrição da oralidade indígena em relatos letrados.

⁹ COSTA LIMA, Luiz. À maneira de prefácio. In: ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 11-13, p. 12.

¹⁰ ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 16.

¹¹ *Ibid.*, p. 162.

resultado dessa operação muito bem calculada, desse “primor de *savoir-faire*”¹², teria sido a ampla aceitação de suas propostas e a construção, a partir disso, de uma concepção domesticada e tranquilizadora da literatura e da nacionalidade brasileiras¹³.

A concentração das pesquisas no papel exercido por Ferdinand Denis na formação do romantismo literário já foi apontada e criticada. Jean-Claude Laborie lamentou que seu compatriota tivesse sido reduzido ao papel de pai do romantismo brasileiro e propôs um “repatriação” de sua obra¹⁴. Na visão de Laborie, o interesse de Denis pelo Brasil fazia parte de uma perspectiva muito mais ampla do que a de atender as demandas da intelectualidade brasileira – o que poderia ser facilmente notado se os pesquisadores não considerassem exclusivamente a parte de sua obra dedicada à questão da literatura nacional. Em uma série de estudos recentes sobre Ferdinand Denis, pode ser reconhecida essa tentativa de encaminhar novas questões a partir da obra do autor e de considerar escritos antes negligenciados¹⁵.

¹² ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 235.

¹³ A obra de Rouanet parece compartilhar da postura crítica de outros autores, como o próprio Luiz Costa Lima e Flora Süssekind, quanto à mediocridade da produção literária e da história da literatura que se tornaram dominantes no Brasil em torno do critério do caráter nacional (ver CHAGAS, Pedro Dolabela. Historicização do romantismo e romance contemporâneo no Brasil. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, v. 22, n. 1, p. 185-203, jun. 2013, p. 191). A consideração do efeito limitante da obra de Denis sobre as letras brasileiras foi continuada por Regina Zilberman – seus trabalhos consideram a importância do autor no processo de consolidação da história da literatura e de estabelecimento de um cânone literário (ver ZILBERMAN, Regina. Ferdinand Denis e o século XVI – o moderno em disputa. **Todas as letras**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 14-26, nov. 2014).

¹⁴ LABORIE, Jean-Claude. Estudo de mediações: o caso Ferdinand Denis. **Revista Ponto e vírgula**, n. 13, p. 66-77, 2013.

¹⁵ Ana Laura Donegá (2014) analisa uma parte negligenciada da obra de Denis: as traduções para o francês de textos sobre o Brasil. Por meio da questão da tradução, Donegá explora as relações interculturais entre Brasil e França no século XIX, considerando o papel do francês não apenas para a consolidação do romantismo, mas principalmente para a promoção do conhecimento sobre o Brasil entre a intelectualidade francesa. Ana Beatriz Demarchi Barel (2018), aproximando-se do trabalho de Donegá (2014), toma o autor como um agente das relações culturais Brasil-França. Seu trabalho, que privilegia as cartas e o diário do tempo da estadia na Bahia, busca rastrear a rede de contatos estabelecida por Denis. Um de seus objetivos é o de investigar a atividade de outros *passeurs transatlantiques* mencionados por Denis, tais como Henri Plasson. Maria Edith Maroca de Oliveira (2016) se propôs a estudar a trajetória de Denis e a inserir seu pensamento no contexto intelectual francês. A autora recusa a visão de que a obra de Denis fora orientada pelos anseios brasileiros. A partir de cartas e diários, Oliveira apresenta-nos, no lugar do Denis astucioso de Rouanet, um homem que conquistou seu espaço nos círculos letrados por meio de um trabalho árduo e consistente de pesquisa. Em artigo mais recente (Oliveira, 2020), a autora voltou a criticar Rouanet pela percepção “brasiliocêntrica” da obra de Denis e se dispôs a contribuir para a “repatriação” do autor. O americanista Laurent Vidal (2002) considera o papel de Denis como *observateur* da sociedade brasileira. Vidal compara os documentos privados do tempo que Denis passou no Brasil com a sua obra *Brésil*, de 1837. Michel Riaudel (2020) nos apresenta um “Ferdinand Denis tardio”, por meio da análise da obra *Art plumaire*, de 1875.

Espero oferecer, com a presente tese, algumas contribuições para o campo de estudos sobre Ferdinand Denis. Uma dessas contribuições é a da análise de uma obra pouquíssimo explorada, a partir de uma questão que não é a da formação da literatura nacional, mas sim a da construção de uma narrativa histórica para o Brasil. Reconheço que a recepção da obra de Denis no Brasil se deu principalmente pela temática da literatura e pelas duas de suas obras até hoje mais citadas e estudadas. O que pretendo demonstrar é que o autor também contribuiu para o debate sobre problemas centrais para os historiadores, tais como o do método de seleção e crítica das fontes e o da forma mais adequada de compor uma narrativa histórica.

Além disso, creio que a tese pode ser útil à análise do diálogo entre Ferdinand Denis e outra parte da intelectualidade brasileira. Se Denis foi um interlocutor de José de Alencar e de Gonçalves Dias, ele também o foi de Abreu e Lima e de Francisco Adolfo de Varnhagen¹⁶. Cícero Dias, que catalogou os documentos de Denis, fez a seguinte observação: “Com Varnhagen, a correspondência de Denis foi frequente e copiosa; trocaram informações principalmente sobre História, e Denis lhe remetia, para Viena, livros que o interessavam”¹⁷. Sabe-se que Denis foi bastante presente no processo de produção da *História Geral do Brasil* (HGB), publicada por Varnhagen em 1857. Varnhagen assim o indica em cartas ao imperador¹⁸ e, no texto da HGB, podemos encontrar diversas menções à *Brésil*, obra que analisaremos.

Ferdinand Denis, de fato, acompanhava de perto e com interesse o trabalho de Varnhagen. Em 1877, Denis escreve uma crítica à segunda edição da HGB, publicada nesse mesmo ano. O autor retrata Varnhagen como “um historiador viajante” e igualmente como um “bibliófilo apaixonado e um pesquisador infatigável”¹⁹. Seria nessa conjugação de viajante e pesquisador que residiria o valor da obra. Só nessa notícia, Denis encaminha, a partir da obra de Varnhagen, duas questões das quais trataremos aqui: a valorização da autópsia e a da erudição como fundamentos da escrita da história.

¹⁶ Sobre a relação de Denis com os dois historiadores, ver DIAS, Cícero. **Catalogue du Fonds Ferdinand Denis**. Paris: Bibliothèque Sainte-Geneviève; Institut français des hautes études brésiliennes, 1972, p. 35-36.

¹⁷ *Ibid.*, p. 36.

¹⁸ ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 154-155.

¹⁹ “*historien voyageur*”; “*bibliophile passionné et un chercheur infatigable*”. DENIS, Ferdinand. Quelques mots sur la deuxième édition de l’*Historia Geral do Brazil*, du Vicomte de Porto-Seguro. **Actes de la Société Américaine de France**, tome VIII, 5^a partie, 1877, p. 3.

Além disso, Ferdinand Denis participou, de forma direta ou por meio dos posicionamentos adotados em suas obras, de alguns debates concernentes à escrita da história do Brasil, dos quais nem sempre saiu vitorioso²⁰. Isso indica que sua relação com a intelectualidade brasileira não se estabeleceu unicamente via literatura e que essa relação nem sempre foi a de uma tutoria sem resistências. A recepção da obra *Brésil* e o diálogo entre Denis os historiadores brasileiros do século XIX está além do escopo da presente pesquisa. Apesar disso, creio que a tese possa contribuir para a análise desses aspectos, já que trata de elementos em tornos dos quais esse diálogo foi travado, tais como a já comentada valorização da autópsia e da erudição.

Ao explorar as condições de publicação da obra *Brésil*, foi necessário reaproximar Ferdinand Denis do contexto intelectual francês, movimento que, como vimos, já vem sendo feito. Afinal, foi na França que toda a produção intelectual do autor foi desenvolvida. Assim que retorna do Brasil, em 1820, Denis visita o geógrafo Konrad Malte-Brun para compartilhar sua experiência de viagem e seus planos de estudos sobre o Brasil²¹ – é justamente num periódico fundado por Malte-Brun que Denis faz sua primeira publicação. Nas décadas seguintes, Denis publicou diversos artigos em periódicos franceses e contribuiu com obras para grandes projetos editoriais. Um exemplo é o da obra *Résumé de l'histoire du Brésil*, de 1825, escrita para a coleção *Résumés de l'histoire de tous les peuples anciens e modernes*. Entre 1830 e 1850, o autor foi um assíduo frequentador da *boutique romantique*²² francesa, estabelecendo relações de amizade e de trocas intelectuais com Victor Hugo, Sainte-Beuve, Étienne de Senancour, Augustin Thierry e Jules Michelet²³.

²⁰ Um desses debates se deu quanto à autoria de um documento do século XVI intitulado *Notícias do Brasil*. Em *Brésil*, Denis atribui o texto a Francisco da Cunha. Dois anos mais tarde, Varnhagen publica o documento acompanhado de suas Reflexões críticas, indicando Gabriel Soares de Sousa como o verdadeiro autor (ver CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 73-80; RODRIGUES, José Honorio. **Teoria da história do Brasil: introdução metodológica**. 4. ed. atualizada. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p. 353-355). Os autores recorreram a critérios como a possibilidade de o documento e o suposto autor pertencerem ao mesmo período e a existência de contradições internas ao texto. Varnhagen sairia vitorioso: na introdução à edição da obra de Yves d'Evreux (1864), Denis dá crédito a Varnhagen pela atribuição correta da autoria (CEZAR, *op. cit.*, p. 76). Denis participaria de, pelo menos, mais um prolongado debate – o das Cartas Chilenas, do qual também participaram Varnhagen, Camilo Castelo Branco, Teófilo Braga e Sílvio Romero (RODRIGUES, *op. cit.*, p. 370).

²¹ DIAS, Cicero. **Catalogue du Fonds Ferdinand Denis**. Paris: Bibliothèque Sainte-Geneviève; Institut français des hautes études brésiliennes, 1972, p. 28.

²² MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d'après des documents inédites. **Revue d'Histoire littéraire**, octobre-décembre, 1926, p. 563.

²³ Sobre a relação de Ferdinand Denis com os escritores românticos, ver MOREAU, acima citado.

O fato de “repatriarmos” a obra de Ferdinand Denis não nos impede, porém, de interrogá-la a partir de problemas referentes ao Brasil e à escrita da história do Brasil – movimento que considero igualmente legítimo. Foi a partir do problema da construção de narrativas históricas para a nação recém-instituída que me interessei pelo texto de *Brésil*.

Além de dialogar com os estudos sobre Ferdinand Denis e sobre a historiografia brasileira do século XIX, a tese ainda pode oferecer contribuições para pesquisas sobre o *coup d’œil* e sobre a utilização de recursos de produção de visualidade nas narrativas históricas.

A presente tese compartilha da postura autorreflexiva que tem dado o tom da história da historiografia nas últimas décadas. Em lugar da construção de um memorial da disciplina ou do desvelamento do caráter ideológico das narrativas, o campo tem se voltado para problemas como o da natureza do discurso historiográfico e o da historicidade dos modelos explicativos e das categorias analíticas. François Hartog nota que essa postura foi resultado de uma aproximação com a epistemologia, que deu origem a uma espécie de “mistura”:

não uma epistemologia ‘rígida’ (demasiado distante e abstrata), nem uma história da história ‘insípida’ (demasiado internalizada, o obituario da profissão), mas uma abordagem atenta aos conceitos e contextos, às noções e ambientes, dando uma atenção cada vez maior às suas articulações, preocupada com a cognição e a historicização, sem deixar de manter-se vigilante em relação às sereias dos reducionismos. Em suma, algo como uma epistemologia histórica ou historiografia epistemológica [...].²⁴

As reflexões que desenvolvi ao longo da pesquisa são, de fato, fruto de uma aproximação com a epistemologia – para ser mais exata, com a epistemologia histórica tal como proposta por Lorraine Daston e outros autores ligados à história das ciências. A epistemologia histórica desenvolveu-se como alternativa tanto às epistemologias formais/internalistas das áreas mais estritamente filosóficas quanto às análises críticas/relativistas provenientes dos *science studies*. Seu objetivo não é o de discutir a validade lógica de determinados conceitos, tampouco o de revelar os interesses político-

²⁴ HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 248-249.

sociais que se escondem por detrás da ciência, mas o de historicizar as ideias e práticas científicas e a própria categoria “ciência”²⁵.

Um estudo que serviu de inspiração à análise que proponho acerca da utilização do *coup d’œil* foi o desenvolvido por Lorraine Daston e Gianna Pomata acerca da *observação*²⁶. Como identificado pelas autoras, o termo sofreu mudanças significativas de sentido num espaço de poucos séculos. Entre os séculos XVI e XVII, a *observação* esteve fortemente ligada ao empírico, sendo entendida como uma espécie de antídoto à formulação de hipóteses fantasiosas. No século XVIII, passou a ser considerada como um instrumento de formulação de hipóteses e de construção de uma visão geral dos fenômenos, sendo entendida como fundamental à produção de conhecimento. Nesse contexto, alcançou o estatuto de “categoria epistêmica”, tornando-se objeto de reflexão e matéria de tratados filosóficos e metodológicos²⁷. No século XX, o uso termo se reduz a seu sentido corrente (não especializado) e passa a ser considerado autoevidente, não mais digno de reflexões aprofundadas²⁸. Como veremos, processo semelhante parece ter se dado com o *coup d’œil*.

Como me propus a analisar a utilização do *coup d’œil* no interior de numa narrativa historiográfica, precisei ponderar sobre a natureza desse tipo de narrativa, sua forma, suas particularidades. Nesse processo, recorri aos trabalhos de Paul Ricoeur e, em especial, à concepção de *operação historiográfica* por ele formulada²⁹. O autor concebe a escrita da história como uma operação que articula três fases: a documental, a explicativa e a escriturária.

A primeira fase considera a instituição do rastro ou do testemunho do passado como documento. Quando passam ao arquivo, os objetos do passado são dispostos de

²⁵ Sobre a epistemologia histórica, ver BRAUNSTEIN, Jean-François; DIEZ, Iván Moya; VAGELLI, Matteo. Qu’est-ce que l’épistémologie historique? Des “échantillons” plutôt que des “manifestes”. **L’épistémologie historique: histoire et méthodes**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2019, p. 11.

²⁶ POMATA, Gianna. Observation Rising: Birth of an Epistemic Genre, 1500 –1650; DASTON, Lorraine. The Empire of Observation, 1600 –1800. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 46-114.

²⁷ DASTON, Lorraine. The Empire of Observation, 1600 –1800. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 81.

²⁸ DASTON, Lorraine. Sobre a observação científica. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 91.

²⁹ Em RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

acordo com uma lógica distinta daquela da vida prática e julgados, seja em termos de autenticidade ou utilidade, por critérios do presente. A segunda fase da operação, a explicativa, “diz respeito aos modos de encadeamento entre fatos documentados”³⁰. Dessa fase, fazem parte a formulação e verificação de hipóteses e a conformação dos documentos a determinado modelo teórico. Essa fase incide diretamente sobre a anterior, “na medida em não há documento sem pergunta, nem pergunta sem projeto de explicação”³¹. Por fim, temos a fase da representação escriturária. O problema central encaminhado nessa fase é o do lugar da narratividade no conhecimento histórico. Na concepção de Ricoeur, a narrativa não se constitui como um desvio estetizante do rigor das demais fases, tampouco como um transmissor inerte de uma explicação já acabada. A representação articula-se ao modelo explicativo, oferecendo os recursos que lhe conferem legibilidade e visibilidade.

Apesar de o nome de Paul Ricoeur estar praticamente ausente do corpo do texto, tive em mente esse modelo de operação durante todo o trabalho. Ao analisar os sentidos do *coup d'œil* e as funções que ele cumpre na narrativa de *Brésil*, considerei sua relação com as fontes utilizadas (e os critérios pelos quais elas foram selecionadas), com a forma pela qual os fatos foram encadeados e com os recursos narrativos de produção de visibilidade.

O modelo oferecido por Ricoeur, além de operativo, permite uma apreciação da historiografia que julgo bastante adequada. Ao dar igual relevância às três fases, o autor dá especificidade à narrativa historiográfica, a difere das narrativas de ficção. Ricoeur reconhece uma pulsão referencial – presente, em especial, na fase documental – que faz com que a “representância do passado” seja distinta da representação ficcional.

A insistência de Paul Ricoeur na existência de uma fase explicativa, que não se reduz completamente ao processo de narrativização, permite que os expedientes retóricos sejam interpretados como instrumentos de cognição e não apenas de persuasão. O que quero dizer é que a concepção do autor acerca da narrativa historiográfica me permitiu interpretar o *golpe de vista* não como uma artimanha de convencimento, mas como um recurso que, por mais que possa ter intenções persuasivas, também visa a demonstração,

³⁰ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 193.

³¹ *Ibid.*, p. 193.

o compartilhamento do conhecimento. Veremos como o *golpe de vista* denisiano, que se revela na superfície da narrativa e tem claros fins de visibilidade e persuasão, supõe uma preocupação com a referencialidade e um respeito em relação aos documentos.

A tese está dividida em duas partes, cada uma com dois capítulos. A primeira parte encaminha algumas questões que surgiram durante a leitura de *Brésil* e durante o processo de interpretação dos usos do *coup d'œil* na narrativa. No capítulo 1, é apresentada a conjuntura intelectual na qual a obra foi produzida e publicada. O conteúdo desse capítulo foi desenvolvido a partir das seguintes indagações: qual o sentido da publicação de uma História do Brasil na França do século XIX? Quais eram os objetivos e as características da historiografia à época? Quais eram as principais questões debatidas pelos historiadores quanto à forma e ao conteúdo de suas produções?

O segundo capítulo parte da constatação – que não demorou a ser feita – de que a história produzida por Ferdinand Denis era sustentada por relatos de viajantes que, tal como ele, haviam estado no Brasil e registrado suas visões acerca da natureza e dos costumes locais. O capítulo empreende dois movimentos. O primeiro é o de apresentação do diário de viagem de Denis a Jequitinhonha, movimento pelo qual exploramos alguns elementos sua visão enquanto viajante. No segundo movimento, investigamos como os relatos de viagem eram transformados pelo autor em fontes de suas narrativas. São considerados os critérios pelos quais o autor selecionava e hierarquizava os relatos e a quais os procedimentos o submetia. Nesse capítulo, analisamos artigos publicados pelo autor na década de 1830 cujo conteúdo, salvo engano, permanecia inexplorado.

Na segunda parte da tese, concentraremos nossos esforços no *golpe de vista*. No capítulo 3, são apresentadas as definições do termo, sua história entre os séculos XVIII e XIX e seus usos em alguns domínios do conhecimento. Isso foi feito tanto pelo recurso a dicionários históricos quanto pela apresentação dos estudos já produzidos acerca do uso *coup d'œil* no cenário francês. Esse capítulo demonstra como o *coup d'œil* adquiriu facetas distintas em diferentes produções, mas também como ficou associado a alguns elementos/sentidos mais estáveis.

No capítulo 4, analisamos os sentidos adquiridos e as funções exercidas pelo *golpe de vista* na narrativa de *Brésil*. Para tal, fizemos um levantamento de todas as aparições

do termo e as classificamos a partir de duas categorias de visão histórica (atuantes na escrita da história no mundo antigo) denominadas *enargia* e *sunopsis*. Os movimentos empreendidos nos capítulos anteriores foram fundamentais para a condução dessa análise. O primeiro capítulo nos auxiliou a identificar como o *golpe de vista* praticado por Ferdinand Denis se relacionava as demandas e os pressupostos da historiografia moderna. O segundo nos fez compreender como e por quê o olho e o relato do viajante sustentam as diferentes modalidades do *golpe de vista* denisiano. Por fim, o terceiro capítulo forneceu os elementos característicos do *golpe de vista* que pudemos identificar na narrativa de *Brésil* – é provável que, não conhecendo a riqueza semântica do termo, algumas de suas funções nos escapariam.

PARTE 1 ESCRITA DA HISTÓRIA, VIAGENS

CAPÍTULO 1: FERDINAND DENIS E A ESCRITA DA HISTÓRIA DO BRASIL

A obra *Brésil*, de autoria de Ferdinand Denis, foi publicada em 1837, em Paris, como parte de uma coleção dedicada à história e aos costumes de diversos povos do globo. O presente capítulo é dedicado ao tratamento de uma miríade de condições que incidiram sobre a escrita e a publicação da obra.

Começaremos pela viagem de Denis, discutindo os motivos que trouxeram tantos europeus ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX. Em seguida, exploraremos o sentido de um interesse renovado da Europa pela América, sentido que se relaciona com a publicação, nesse momento, de uma série de Histórias do Brasil escritas por europeus.

Enquanto essas narrativas históricas sobre o Brasil estavam sendo produzidas, desenvolvia-se na Europa uma nova concepção de história. Seguiremos nosso caminho pelo exame de alguns elementos constituintes dessa concepção. Veremos que surgirá na França uma corrente historiográfica – que se tornará dominante na primeira metade do século – responsável por formular procedimentos de pesquisa e escrita a partir das novas exigências.

Por fim, trataremos de um diálogo estabelecido entre os autores das Histórias do Brasil acerca da melhor forma de escrever a história, levando em consideração os elementos trabalhados nas seções anteriores. Daremos particular atenção à forma como Ferdinand Denis e suas obras se posicionam nesse diálogo.

1 O Brasil sob o olhar europeu

Ferdinand Denis chega ao Brasil entre 1816 e 1817¹. Depois de uma curta estadia no Rio de Janeiro, o jovem se estabelece em Salvador como secretário do agente consular francês Henri Plasson. Os motivos que trouxeram Denis ao Brasil eram financeiros:

¹ Os movimentos de Denis podem ser acompanhados pelas cartas enviadas à família. Em setembro de 1816, ele envia uma carta da Ilha da Madeira. Em março de 1817, escreve ao pai do Rio de Janeiro descrevendo a cidade. A primeira carta enviada da Bahia data de 12 de maio de 1817. Leon Bourdon publicou tanto as cartas (que se encontram no *Fonds Ferdinand Denis* da *Bibliothèque Sainte-Geneviève*) quanto trechos do diário que Denis manteve na Bahia. Bourdon acrescentou ao material notas explicativas, com informações sobre as pessoas e eventos citados por Denis. É no trabalho de Bourdon que foram colhidas as informações da biografia do autor aqui apresentadas. Cf. BOURDON, Léon. *Lettres familiales et fragments du journal intime. Mes sottises quotidiennes – Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819)*. **Brasília**, Coimbra, n. 10, p. 143-286, 1958.

apesar do vínculo com literatos e até com figuras políticas proeminentes, a situação de sua família não era tão opulenta. Tendo perdido bens com a Revolução de 1789, o pai de Denis, Joseph-Andre, sustentava a família com seu salário de tradutor do Ministério de Relações Exteriores.

O irmão mais velho de Ferdinand Denis recebeu educação formal em uma privilegiada instituição francesa graças a uma bolsa obtida junto ao Ministro Charles-Maurice de Talleyrand. Não sendo o primogênito, Ferdinand não teve acesso às mesmas benesses: depois de concluir as primeiras letras numa instituição privada, sua educação foi doméstica, junto a amigos da família e eventuais tutores. Joseph-Andre possuía uma grande biblioteca e era próximo de importantes botânicos, filólogos e pintores, o que faz crer que os filhos tiveram contato com diversas áreas do conhecimento². Apesar das diversas tentativas de pai, o filho mais novo nunca conseguiu a admissão na *École des Jeunes de Langues*, porta de entrada para a carreira consular à época.

Em 1815, com a queda do Império Napoleônico, Joseph-Andre foi afastado do cargo que ocupava e Ferdinand Denis se viu na incumbência de ajudar com as despesas familiares. Foi assim que aceitou um posto de trabalho nas Índias Orientais, oferecido por um amigo da família radicado em Bengala. A decisão de permanecer no Brasil foi tomada já no caminho, provavelmente por influência de Plasson, com quem Denis mantinha contato³.

A experiência de Denis não é única. Com a restauração monárquica, foi grande o número de franceses que buscaram se estabelecer no exterior⁴. No mesmo momento, o Brasil tornava-se um local atrativo para os europeus. Em 1808, em decorrência dos conflitos entre Portugal e a França napoleônica, a Corte portuguesa havia se transferido para o Rio de Janeiro. Como consequência, chegaram ao fim o pacto colonial e o exclusivo comercial. A atividade industrial passava a ser permitida e a antiga colônia ficava livre para estabelecer comércio com outras nações além de Portugal. Em 1815, o Brasil é elevado à situação de reino e, em 1822, é conquistada a Independência. Esse

² Leon Bourdon dá exemplos de obras presentes na biblioteca e de literatos que conviviam com a família. Cf. BOURDON, Léon. *Lettres familiales et fragments du journal intime. Mes sottises quotidiennes – Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819)*. **Brasília**, Coimbra, n. 10, 1958, p. 10-13.

³ *Ibid.*, p. 14-15.

⁴ FONSECA, Cláudia Damasceno; SOUZA, Laura de Mello e; RIAUDEL, Michel; ROMANO, Antonella. (orgs.). **Le moment 1816 des sciences et des arts**: Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis et le Brésil, Paris: Sorbonne Université Presses, 2022, p. 9-10.

conjunto de eventos facilitou e estimulou a entrada de estrangeiros dedicados às mais diversas atividades – pintores, naturalistas, diplomatas, comerciantes.

Alguns desses estrangeiros produziram obras que até hoje orientam nossa visão sobre o Brasil. Em 1816, o Rio de Janeiro recebeu a Missão Artística Francesa, formada por artistas como Nicolas-Antoine Taunay – pai de Hippolyte Taunay, com quem Denis escreveria sua primeira obra – e Jean-Baptiste Debret, responsável por mais de uma centena de pranchas retratando os costumes locais⁵. No mesmo ano, Auguste Saint-Hilaire chega ao Brasil em expedição científica financiada pela França. Além de seus registros e coletas da flora brasileira, Saint-Hilaire também publicou uma série de relatos de suas viagens pelo território⁶. Os naturalistas bávaros Johann Baptiste von Spix e Karl von Martius, que acompanharam a comitiva da grã-duquesa austríaca Leopoldina em 1817, percorreram diversas regiões do território brasileiro nos anos subsequentes, não apenas coletando espécies animais e vegetais, mas também registrando uma série de observações sobre os povos nativos⁷.

Ao contrário desses artistas e naturalistas, Denis deixou a Europa na intenção de *faire l'Amérique*⁸. Durante a estadia no Brasil, Denis complementava sua renda dando aulas de francês e enviando aves empalhadas para Paris. Em 1818, Henri Plasson deixa o consulado e se aventura em empreendimentos comerciais. Denis o acompanha e, em 1819, fica responsável por trocar objetos manufaturados por algodão no vale do Jequitinhonha, sendo acompanhado por três portugueses. A viagem não correu bem: os rios estavam secos e os canoieiros disponíveis para o serviço eram poucos e parte do algodão estava queimado pelo sol devido ao atraso na colheita⁹.

Logo após essa expedição, Denis regressa a Paris sem os retornos esperados. A estadia no Brasil, porém, marca de forma inegável suas atividades e produções posteriores. Na Biblioteca Pública de Salvador, Denis teve acesso a documentos e

⁵ Publicadas na França entre 1834 e 1839, nos volumes da obra *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*.

⁶ Hoje agrupados sob o nome de *Voyages dans l'intérieur du Brésil*, esses relatos sobre a passagem de Saint-Hilaire por diversas províncias (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina) foram publicados na França entre 1830 e 1851.

⁷ Em especial, na obra *Reise in Brasilien* [Viagem ao Brasil] publicada em Munique em 1823.

⁸ TETTAMANZI, 2014, p. 21. O autor Régis Tettamanzi, que construiu uma antologia dos viajantes franceses que publicaram registros sobre o Brasil entre os séculos XVI e XX, divide esses viajantes em categorias. Uma das categorias é a dos que partiram para *faire l'Amérique*, aqueles em busca de fortuna ou de condições melhores de vida. TETTAMANZI, Régis. **Le voyage au Brésil**: anthologie de voyageurs français et francophones du XVIIe au XXe siècle. Paris: Robert Laffont, 2014, p. 21.

⁹ Para detalhes da viagem, consultar DONEGÁ, Ana Laura. **Viajante, polígrafo e erudito**: Ferdinand Denis (1798-1890) no espaço literário franco-brasileiro. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Campinas, 2020, p. 34-39. Trataremos do conteúdo do diário da viagem no capítulo seguinte.

informações sobre o passado colonial. Foi também na Bahia que conheceu Hippolyte Taunay e se inteirou das expedições científicas no território, tais como a de Spix e Martius. A viagem a Jequitinhonha, apesar de malsucedida do ponto de vista comercial, foi uma oportunidade de observar e registrar as condições geográficas e os costumes dos indígenas das regiões percorridas¹⁰.

A experiência brasileira e a condição de viajante recém-chegado da América foram fundamentais para que Denis atraísse a atenção de editores e conquistasse um lugar no cenário intelectual francês¹¹. Já em 1821, Denis publica a primeira tradução de que se tem notícia da Carta de Pero Vaz de Caminha no *Journal des Voyages, découvertes, et navigations modernes*. A tradução é introduzida da seguinte forma: “um viajante, recém-chegado do Rio de Janeiro, oferece a tradução exata de uma peça muito curiosa que lhe foi fornecida nos arquivos da marinha real dessa cidade”¹². Nas décadas de 1820 e 1830, Denis associa-se a sociedades *savantes* e publica artigos em revistas e obras sobre o Brasil em coleções dedicadas à história, à literatura e aos costumes de povos não europeus.

A publicação dessas obras estava inserida num contexto específico de interesse pela América – fala-se mesmo numa “redescoberta da América no século das Independências”¹³. As potências europeias competiam pela influência política, social e “civilizacional” sobre as nações que se libertavam do jugo das antigas metrópoles. Desde o século XVIII, essas potências, em especial França e Inglaterra, criavam práticas administrativas e redes de informações sobre a geografia, o clima e os povos de diferentes partes do globo. É nesse contexto que estruturas como museus e jardins botânicos são construídas para receber, armazenar e classificar os materiais coletados¹⁴. Com os

¹⁰ Cf. BOURDON, Léon. Lettres familières et fragments du journal intime. Mes sottises quotidiennes – Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). *Brasilia*, Coimbra, n. 10, 1958, p. 37.

¹¹ Sobre como a viagem foi mobilizada por Denis para a conquista desse espaço, ver: ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 203; DONEGÁ, Ana Laura. **Viajante, polígrafo e erudito**: Ferdinand Denis (1798-1890) no espaço literário franco-brasileiro. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Campinas, 2020, p. 60-61.

¹² “*Un voyageur nouvellement arrivé de Rio -Janeiro, donne la traduction exacte d'une pièce fort curieuse qui lui a été communiquée aux archives de la marine royale de cette ville*”. CAMINHA, Pero Vaz de. Lettre inédite de Pedro Vas de Caminha sur la découverte du Brésil. Trad. Ferdinand Denis. **Journal des voyages, découverts et navigations modernes** ou archives géographiques et statistiques du XIXe. siècle par J. F. Verneur, Paris, février 1821, p. 157.

¹³ HUERTA, Mona. Le Voyage aux Amériques et les revues savantes françaises au XIXe siècle In: MICHEL, Bertrand; VIDAL, Laurent (éds.). **À la redécouverte des Amériques**. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002, p. 73.

¹⁴ KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1): p. 109-129, 2004, p. 110-111.

processos emancipatórios do século XIX, novas regiões se tornavam alvo desse tipo de intervenção.

Mary Louise Pratt nota que essas estruturas estão relacionadas ao desenvolvimento, a partir do século XVIII, de uma nova versão do eurocentrismo, baseada numa “consciência planetária”¹⁵. Essa consciência era formada por dois elementos: a inserção da descrição dos gêneros naturais numa lógica global e a exploração dos interiores, pouco conhecidos na fase das explorações marítimas – trataremos, no capítulo seguinte, do apreço que Denis demonstrava pelos viajantes que se aventuravam pelos interiores do Brasil. Um exemplo da nova consciência foi a expedição do geógrafo Charles de Condamine à América espanhola. Pratt ressalta a existência de uma íntima relação entre, por um lado, a (pretensamente desinteressada) busca por conhecimento e, por outro, o interesse pelas riquezas naturais das áreas exploradas e a competição entre as potências europeias¹⁶. Vale ainda considerar o interesse dos próprios viajantes naturalistas, ávidos pela descoberta de novas espécies. Como observado por Lorelai Kury, o Brasil de inícios do século XIX possuía vastas áreas inexploradas pelos europeus. Nesse cenário, para naturalistas como von Martius ou Saint-Hilaire, “não foi difícil coroar suas carreiras com a descrição de dezenas ou centenas de espécies novas”¹⁷.

A redescoberta da América não se deu apenas pela via da história natural. Os processos de independência e a emergência de novas nações também atraíram os olhares estrangeiros. A América passou a ser vista como um “campo de observação social”¹⁸ por comportar sociedades formadas a partir do encontro entre europeus, indígenas e africanos. Sabemos que o paradigma de uma sociedade formada pela confluência de três raças foi marcante e durável nas interpretações sobre o Brasil. Em 1845, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro publicará o texto *Como se deve escrever a História do Brasil*, de autoria de Karl von Martius (o viajante naturalista). O texto foi o vencedor do concurso, lançado pelo Instituto, de melhor proposta de escrita da história nacional. No texto, von Martius defendia que a História do Brasil deveria ter em vista a particularidade

¹⁵ PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 42.

¹⁶ *Ibid.*, p. 46-47.

¹⁷ KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1): p. 109-129, 2004, p. 110-111, 118.

¹⁸ VIDAL, Laurent. Ferdinand Denis, observateur de la société brésilienne (1816-1837) In: MICHEL, Bertrand; VIDAL, Laurent (éds.). **À la redécouverte des Amériques**. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002, p. 237.

da população, formada “do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças”¹⁹. Vale lembrar que o Brasil era considerado um caso peculiar na América, por ter se tornado uma monarquia encabeçada por um descendente da família real da antiga metrópole, diferente do que se verificou nas nações hispano-americanas que adotaram o modelo republicano²⁰.

O próprio Ferdinand Denis dá testemunho do interesse renovado pelo Brasil na Europa de começos do século XIX. O autor observa que o Brasil fora matéria dos escritos de muitos viajantes desde a época das primeiras explorações até o fim da ocupação holandesa em Pernambuco. Após esse período, o estabelecimento de uma política colonial mais efetiva teria coibido a circulação dos viajantes e deixado a Europa às escuras quanto ao que se passava no Brasil. Aos olhos de Denis, o século XIX trazia, com a transferência da Família Real e o fim do pacto colonial, esperanças e sinais de que o conhecimento sobre o Brasil voltaria a se desenvolver²¹. Em *Brésil*, o autor faz a seguinte observação:

Desde o início deste século, o Brasil tem sido atravessado em todas as direções pelos viajantes mais ativos e instruídos: os próprios brasileiros têm auxiliado habilmente os estrangeiros, e é combinando nossas próprias memórias com tantas explorações eruditas que tentaremos dar a conhecer o estado atual dessa bela terra.²²

Nesse cenário, floresceram uma série de Histórias do Brasil escritas por estrangeiros. A primeira *History of Brazil*, de Andrew Grant, é publicada já em 1809, seguida pela de Robert Southey, publicada em três volumes entre 1810 e 1819, e a de James Henderson, de 1821. A estreia dos franceses no debate se dá em 1815, com a *Histoire du Brésil* de Alphonse de Beauchamp. Em 1821, é a vez de Denis dar sua contribuição com a obra *Le Brésil*, escrita em conjunto com Hippolyre Taunay. No início

¹⁹ MARTIUS, Karl Friedrich Phillip von. Como se deve escrever a historia do Brazil. **Revista Trimensal de Historia e Geographia** ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 24, p. 381-403, jan. 1845, p. 382.

²⁰ PIMENTA, J. P. **A independência do Brasil como uma revolução**: história e atualidade de um tema clássico. História da Historiografia, Ouro Preto, v. 2, n. 3, 2009, p. 58.

²¹ DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 51; DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hyppolite. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 1. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822, p. V-VI.

²² “Depuis le commencement de ce siècle, le Brésil a été sillonné en tous sens par les voyageurs les plus actifs et les plus instruits : les Brésiliens eux-mêmes ont dignement secondé les étrangers , et c'est en réunissant nos propres souvenirs à tant de savantes explorations que nous essaierons de faire connaître l'état présent de cette belle contrée”. DENIS, *op. cit.*, p. 51.

da década de 1830, temos ainda a publicação da *History of Brazil*, do inglês John Armitage²³.

A maioria dos autores justifica a publicação de suas histórias pelo interesse comercial que o Brasil apresentava para a Europa. Nesse sentido, esses autores buscavam oferecer informações sobre os principais produtos e atividades a serem explorados. Considerando o grande número de comerciantes que emigraram para o Brasil nesse momento, também era objetivo das Histórias munir o estrangeiro de informações sobre a vida cotidiana, apresentando orientações sobre como se proteger de doenças tropicais ou sobre como lidar com as populações locais²⁴.

Em 1833, o editor da *Histoire Géographique du Brésil* (1833), de autoria de Ferdinand Denis, elogiava a publicação considerando o número de franceses que fundavam (ou pretendiam fundar) estabelecimentos comerciais no Brasil²⁵. Alguns anos mais tarde, na abertura de sua obra, John Armitage dá destaque às intensas relações entre o Brasil e a Inglaterra e ao injustificável desconhecimento europeu sobre o novo Império. Segundo Armitage, sua estadia no Brasil e suas atividades comerciais haviam sido prejudicadas pela ausência de informações sobre “as relações financeiras e políticas do país”²⁶.

Para além desse interesse mais prático, havia, como mencionamos, uma curiosidade científica pelo Brasil, alimentada pela ideia de singularidade brasileira, em termos tanto da natureza quanto dos eventos históricos. Em *Brésil*, Denis apresenta a imagem do país como um laboratório privilegiado para a ciência²⁷. No prefácio a sua

²³ Hendrik Kraay e Flávia Varella apresentam um quadro comparativo dessas primeiras Histórias do Brasil escritas por estrangeiros. Cf. KRAAY, Hendrik. A visão estrangeira: a independência do Brasil (1780-1850) na historiografia europeia e norte-americana. JANCSÓ, István (org.). **Independência: História e historiografia**. São Paulo: Editora Hucitec; Fapesp, 2005. Cf. VARELLA, Flávia. Primeiros relatos. In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (orgs.). **Os historiadores clássicos da História do Brasil**, vol. 4: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.

²⁴ Esse caráter prático é uma característica marcante, por exemplo, da obra de Andrew Grant. Ver VARELLA, Flávia. Primeiros relatos. In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (orgs.). **Os historiadores clássicos da História do Brasil**, vol. 4: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018, p. 13.

²⁵ AJ. de GR. Avis. In: DENIS, Ferdinand. **Histoire géographique du Brésil**. Paris: Rue et Place Saint-André-des-Arts, n. 30, 1833, p. 3.

²⁶ ARMITAGE, John. **The History of Brazil**, from the period of the arrival of the Braganza family in 1808 to the abdication of Don Pedro The First in 1831. London: Smith, Elder, and Co., Cornhill, 1836, p. 7.

²⁷ Em diversos pontos da obra, o Brasil figura como um lugar que oferece objetos interessantes à ciência. Compartilho um exemplo. Ao tratar das palmeiras americanas, o autor comenta sobre o desejo de Humboldt de que essas palmeiras tivessem uma obra exclusivamente dedicada a elas. Como observado por Denis, o desejo de Humboldt foi realizado no Brasil, “que forneceu as mais belas variedades” [“*qui a furni les plus*”

obra, Beauchamp chama a atenção para a singularidade do “novo império do hemisfério austral”²⁸. Segundo o autor, nenhuma outra possessão do novo mundo teria sido disputada por tantas nações por tempo tão prolongado. Tudo isso tornava o Brasil digno do maior interesse e tornava mais grave o fato de não haver sobre ele nenhuma “história geral e completa”²⁹. Beauchamp atenta para o fato de que a história do Brasil não poderia ser escrita da mesma forma que a história da Europa. As nações europeias já eram amplamente conhecidas e estudadas e o historiador ficava livre para se concentrar nos fatos. Ao se escrever sobre o Brasil, “nada deveria ser omitido” – o sujeito dessa história seria “ao mesmo tempo histórico, político, descritivo, geográfico, militar e comercial”³⁰.

Denis defendia que, para além das possibilidades comerciais e contribuições científicas, a natureza brasileira dava à Europa inspirações poéticas. Sua obra *Scènes de la nature sous les tropiques...* (1824) procurava apresentar quadros da natureza, plenos de cor local, que pudessem inspirar a literatura europeia, tornando-a mais brilhante e viva. Como estudos mais aprofundados e precisos da natureza levariam mais tempo para serem executados, “tornava-se então interessante para os amigos da literatura reunir sob um mesmo golpe de vista os diversos fenômenos que notamos nas regiões situadas nos trópicos”³¹.

Como notado por Valdeci Araújo, a chegada da Corte ao Brasil e os eventos subsequentes traziam “dignidade histórica” e “uma nova perspectiva de unificação da história brasileira”³². O autor nota que os eventos de 1808 tornam-se chave na narrativa das histórias filosóficas do Brasil escritas a partir de então. No *Résumé de l’Histoire du Brésil*, publicado por Ferdinand Denis em 1825, tanto a transferência da Corte quanto a Independência são eventos fundamentais. O ano de 1808 é tido como um momento de virada na história do Brasil: segundo Denis, é então que, pelo contato com a França e

belles variétés”] de palmeiras para a monografia de Martius. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 60.

²⁸ “[...] *nouvel empire de l’hémisphère austral*”. BEAUCHAMP, Alphonse de. **Histoire du Brésil**, depuis sa découverte en 1500 jusqu’en 1810, t. 1. Paris: Librairie d’Alexis Eymery, 1815, p. V.

²⁹ “[...] *histoire générale et complète*”. *Ibid.*, p. VI.

³⁰ “[...] *là rien ne doit être omis*”; “[...] *à la fois historique, politique, descriptif, géographique, militaire et commercial*”. *Ibid.*, p. VII.

³¹ “[...] *il devient donc intéressant pour les amis de la littérature de rassembler sous un même coup-d’œil les divers phénomènes qu’on remarque dans les régions situées sous les tropiques*”. DENIS, Ferdinand. **Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie**. Paris: Louis Janet, 1824, p. II. Grifo meu.

³² ARAÚJO, Valdeci Lopes de. Formas de Ler e Aprender com a História no Brasil Joanino. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, no 1, p. 85-98, jan/jun 2009, p. 86.

outras nações europeias além de Portugal, o comércio se incrementa e as ciências e as artes se desenvolvem. Já a Independência é apresentada como o começo de uma nova era de liberdade para a América meridional. Denis previa que, a partir do processo emancipatório, o Brasil assistiria à formação de um povo formado por temperamentos distintos, mas movido por um sentido comum:

Homens de cor e caráter diferentes formarão um único povo, que oferecerá exemplos úteis a outras nações; movidos pelo mesmo interesse, mas agindo com um gênio diferente, o descendente do europeu, o negro, o americano, contribuirão para o bem público seguindo caminhos diferentes.³³

Não parecia haver um modelo que conformasse essas Histórias ou as diferenciasse categoricamente de outros gêneros, como a literatura de viagem ou os prospectos comerciais. Como observado por Flávia Varella, a produção sobre o Brasil foi impulsionada, nesse primeiro momento, mais pelo crescimento do mercado leitor europeu – e de seu interesse pela história de outras nações – do que pela construção de projetos sistemáticos e institucionalizados de escrita da história³⁴.

A existência de indefinições, porém, não implica que as diferentes formas de escrever história convivessem pacificamente ou gozassem da mesma legitimidade. Um diálogo notável foi travado entre as Histórias do Brasil publicadas nas primeiras décadas do século XIX. Cada autor criticava a obra dos demais, deixando transparecer novos critérios de avaliação da escrita da história. Antes de explorarmos esse diálogo, é necessário discutirmos, mesmo que de forma breve, algumas questões referentes à concepção de História, enquanto fenômeno e escrita, vigente nesse início de século.

2 Das histórias à História

No momento mesmo em que o Brasil se constituía como uma entidade digna de uma história separada da de Portugal, uma nova concepção de história desenvolvia-se na Europa, associada a profundas mudanças na relação do homem com o tempo. Alguns trabalhos, hoje já clássicos, como os de Reinhart Koselleck, Hans Ulrich Gumbrecht e

³³ “[...], des hommes différents de couleur et de caractère n’y formeront qu’un seul peuple , qui offrira des exemples utiles aux autres nations ; mus par un même intérêt , mais agissant avec un génie différent , le descendant de l’Européen , le noir, l’Américain , contribueront au bien public en suivant des routes diverses”. DENIS, Ferdinand. **Résumé de l’histoire du Brésil**, suivi du Résumé de l’histoire de la Guyane. Paris: Lecointe & Durey Libraires, 1825, p. 252-253.

³⁴ VARELLA, Flávia. Primeiros relatos. In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (orgs.). **Os historiadores clássicos da História do Brasil**, vol. 4: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018, p. 34.

François Hartog, analisaram a mesma questão da vivência do tempo na modernidade, mesmo que por meio de categorias diversas³⁵.

Reinhart Koselleck construiu sua análise a partir das categorias de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. Em sua formulação, é a relação entre essas duas categorias, consideradas antropológicas, que determina o tempo histórico. O autor observa, na modernidade, um processo de afastamento entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa³⁶. Hans Ulrich Gumbrecht formulou a ideia de uma modernização em cascatas³⁷ e do desenvolvimento, na modernidade, de um cronótopo historicista. François Hartog analisa o mesmo processo a partir do conceito, considerado por ele como uma ferramenta heurística³⁸, de regime de historicidade. Em sua concepção, o regime antigo seria orientado pelo passado enquanto o regime moderno seria orientado pelo futuro. Considerando nossos fins, não iremos nos aprofundar em uma análise específica, apenas tratar de alguns elementos característicos da relação moderna com o tempo que auxiliarão o exame das questões discutidas nas Histórias do Brasil.

O primeiro elemento é o da sensação de aceleração do tempo e da perda das referências tradicionais de ação. Nos mundos camponês e artesanal, as regras e habilidades eram passadas de uma geração a outra, sendo a experiência dos homens orientada pela de seus antepassados. No século XVIII, essa estabilidade é perturbada como resultado das profundas modificações sociais, políticas, técnico-industriais e científicas que se avolumavam desde os séculos precedentes. No campo político, a Revolução Francesa dissolve a continuidade das sucessões dinásticas e abre possibilidades inéditas de participação. A vivência dessas transformações cria a expectativa de mudanças ainda mais rápidas e significativas para o futuro.

³⁵ Sobre a experiência brasileira, há o trabalho de Valdeci Araújo, que analisa como as transformações sociais e políticas que culminaram na Independência se relacionam com as experiências do tempo manifestas entre os intelectuais que pensaram a nação na primeira metade do século XIX. Cf. ARAÚJO, Valdeci Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

³⁶ Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

³⁷ A modernização teria se desenvolvido em quatro cascatas. Considerando os fins do presente capítulo, nos concentraremos na segunda cascata, a denominada pelo autor de “modernidade epistemológica”, que se localiza no início do século XIX e diz respeito ao processo de temporalização. GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 13-17.

³⁸ HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 37.

Isso resulta na dissolução de uma concepção que, segundo Reinhart Koselleck, mantinha-se atuante desde a Antiguidade: a da *historia magistra vitae*, ou história mestra da vida. A expressão, cunhada por Cícero, dizia respeito à ideia de que a história instrui a ação humana. Assim concebida, a história era tomada como um conjunto de exemplos das virtudes a serem seguidas e dos vícios a serem evitados. Essa concepção estava fundamentada nas ideias de constância da natureza humana – ligada à de imutabilidade dos valores morais – e de semelhança entre as situações vivenciadas. Se o homem é o mesmo e se as situações que enfrenta são análogas, a experiência do passado torna-se válida para qualquer tempo.

François Hartog apresenta a escrita de François-René de Chateaubriand como característica da desorientação causada por essa perda da validade do passado como guia da ação no presente. Segundo Hartog, Chateaubriand vivia em um momento de brecha, no qual o regime antigo de historicidade encontrava-se em crise e o regime moderno ainda não estava completamente instituído. Em seu *Essai historique, politique et moral sur les révolutions anciennes et modernes*, de 1797, Chateaubriand recorria a expedientes característicos da *historia magistra*, como a comparação e busca de semelhanças entre as revoluções antigas e modernas. Porém, o *Essai* também é rico em sinais do esgotamento desse modelo. Chateaubriand mostra-se, por exemplo, diante da necessidade de apagar à noite aquilo que escrevera durante o dia, dada a velocidade das revoluções. Havia um descompasso entre o que acontecia e o que era possível registrar: o tempo se acelerava, os eventos “corriam mais rápido que sua pena”³⁹.

A ação humana deixa, assim, de ser limitada pela constância das experiências passadas e a possibilidade de mudança para o futuro torna-se concebível. A partir disso, dois outros elementos da vivência moderna do tempo podem se constituir: o de temporalização da história e o da concepção da história como progresso.

Nota-se que, na modernidade, a História passa a ser concebida mais como um processo – um vir a ser no tempo – do que como repetição ou regularidade. Essa libertação do futuro em relação ao passado possibilita o desenvolvimento da ideia de progresso no século XVIII: “afirmar que nenhuma experiência anterior pode servir de objeção contra

³⁹ HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 111.

a natureza diferente de futuro torna-se quase uma lei. O futuro será diferente do passado, vale dizer, melhor”⁴⁰.

O processo histórico é tido como um movimento que liga passado, presente e futuro numa estrutura linear. Essa forma de pensar o tempo tem uma implicação relevante para a ação, já que o presente passa a ser considerado “como o futuro do passado e como passado do futuro”⁴¹. Como veremos no último capítulo, essa temporalização marca a estrutura narrativa de *Brésil*. Nela, Ferdinand Denis apresenta o passado do Brasil, entendido como formativo dos elementos presentes, e sugere ações no presente de forma que o progresso da nação seja alcançado.

Se os tempos estão interligados, o futuro que se prevê e se deseja depende do que acontece no presente. Como bem observado por Gumbrecht, uma consequência fundamental da temporalização é a de que o presente se torna o lugar em que a ação humana se conecta com o tempo: “em cada momento presente, o sujeito deve imaginar uma gama de situações futuras que têm de ser diferentes do passado e do presente e dentre as quais ele escolhe um futuro de sua preferência”⁴². Na formulação de Hartog, isso representa “um ultimato dirigido pelo Futuro ao Contemporâneo”⁴³ – segundo o autor, os homens passam a se orientar pelo futuro que se devia fazer surgir e não mais pelo passado a seguir. Nesse sentido, Gumbrecht vai notar que a inovação toma “o rigor de uma lei compulsória”⁴⁴, enquanto Hartog vai afirmar que, no regime moderno, “o passado é, por princípio ou por posição, ultrapassado”⁴⁵.

O próprio espírito humano é entendido como submetido ao processo histórico. Sua natureza e valores seriam também modificáveis no tempo, o que tornava o antigo *topos da historia magistra* inoperante. O progresso não dizia respeito apenas às técnicas e condições de vida, mas estendia-se ao homem, criando a ideia de seu contínuo aperfeiçoamento. O tempo torna-se, assim, um elemento chave de interpretação dos acontecimentos: é necessário determinar quando algo aconteceu, porque as condições e

⁴⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p. 315.

⁴¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 15-16.

⁴² *Ibid.*, p. 16.

⁴³ HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 138.

⁴⁴ GUMBRECHT, *op. cit.*, p. 15.

⁴⁵ HARTOG, *op. cit.*, p. 137.

os homens são específicos daquele momento; cada coisa é qualificada de acordo com o tempo a que pertence⁴⁶.

Como notado por Gumbrecht, a submissão do espírito à historicidade está relacionada a um processo de modernização epistemológica, caracterizada pelo surgimento de um observador de segunda ordem, ou um observador que observa a si próprio, que é autorreflexivo⁴⁷. Esse observador nada mais é que o homem “duplo empírico-transcendental” descrito por Michel Foucault. Nos termos de Foucault, a episteme moderna foi caracterizada pelo rompimento com a noção clássica de que o conhecimento era alcançado fundamentalmente pela adequação da representação ao objeto, de que os objetos se revelavam a um saber imediato. Na modernidade, observa Foucault, surge a noção de que o conhecimento dependia de duas classes de condições: as transcendentais e as empíricas. As transcendentais dizem respeito à anatomia do corpo humano (o corpo do sujeito conhecedor). Foi de forma a mapeá-las que surgiram uma série de estudos “da percepção, dos mecanismos sensoriais, dos esquemas neuromotores, da articulação comum às coisas e ao organismo”⁴⁸. Já as empíricas eram aquelas relativas às condições históricas, sociais ou econômicas a que o homem produtor do conhecimento estava submetido. Assim, na episteme moderna, o conhecimento é tido como algo que possui natureza e história próprias.

O conhecimento histórico é igualmente historicizado, o que torna a constante reconstrução/reavaliação do passado não apenas possível, mas também desejável. Nesse movimento, é alterado o estatuto tanto da testemunha ocular quanto da tradição que, se não perdem a posição privilegiada como meios de acesso ao passado, passam a ser submetidas à crítica do presente. A alteridade temporal passa, nessa lógica, a ser considerada proveitosa para o conhecimento, uma maneira de avaliar o passado a partir de uma perspectiva já distanciada de seus preconceitos e querelas⁴⁹.

Como observado por Reinhart Koselleck, essas mudanças na ordem do tempo se relacionam ao surgimento de um conceito de História, no singular – em substituição às

⁴⁶ Ver KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História; História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, Reinhart [et al.]. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 159.

⁴⁷ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 13-14.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 439-440.

⁴⁹ Cf. KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História; História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, Reinhart [et al.]. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 197.

histórias, no plural⁵⁰. A História passa a ser concebida não mais como um conjunto de acontecimentos, mas como uma unidade que os submete; não mais como a soma de histórias individuais, mas como uma entidade que define as condições de cada uma delas.

Essa História como coletivo singular tem a si mesma como sujeito. Antes, tentou-se dar um sentido à história a partir de agentes supra históricos, tais como a Fortuna (tão fundamental para a História universal de Políbio, como veremos no último capítulo) ou a Providência. Na modernidade, os acontecimentos e as transformações são considerados como feitos da própria História – nesse sentido que se tornou possível dizer que os homens serão “julgados pela História”.

Na esteira da configuração do novo conceito, passou a ser exigida da História (enquanto ciência e escrita) a construção de um conhecimento tão sério, filosófico e universal quanto o que Aristóteles restringia à poética⁵¹. Na tradição aristotélica, era estabelecida uma distinção entre história e poesia nos seguintes termos:

O historiador e o poeta não diferem pelo fato de um escrever em prosa e o outro em verso (se tivéssemos posto em verso a obra de Heródoto, com verso ou sem verso ela não perderia absolutamente nada o seu carácter de História). Diferem é pelo fato de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer. Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular.⁵²

A exigência de unidade aproxima a história da poesia e da filosofia, subvertendo a perspectiva aristotélica. A “Filosofia da História” é um conceito do século XVIII⁵³, ligado a uma interpretação da história que procurava uma conexão interna a ela, livrando-a da explicação pela Providência. O lugar do acaso e dos milagres passava a ser ocupado por fundamentações racionais. As lacunas deixadas pelos fatos passaram a ser preenchidas por hipóteses, que permitiam “tirar conclusões sobre o desconhecido a partir do conhecido”⁵⁴. Era também por meio da formulação de hipóteses – e pela determinação de “fatos prováveis” – que os fatos conhecidos eram relacionados. Um exemplo é a da explicação de Rousseau para a desigualdade humana. Suas conjecturas sobre o estado

⁵⁰ Koselleck analisa a mudança no léxico alemão, no qual o plural *die Geschichten* dá lugar gradativamente ao singular *die Geschichte*. *Ibid.*, p. 119-120.

⁵¹ Cf. KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História; História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, Reinhart [et al.]. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 141.

⁵² ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, 9, 1451b (p. 54).

⁵³ A expressão aparece primeiramente no título de uma obra de Voltaire, *La philosophie de l'histoire*, de 1765. KOSELLECK, op. cit., p. 151.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 152.

natural do homem foram posicionadas no percurso da história humana. Como notado por Koselleck, a historicização da doutrina do direito natural permitia “entender interconexões, sem precisar recorrer a razões ou fins supra-históricos”⁵⁵.

Na esteira da Filosofia da História, o processo histórico passa a ser considerado como algo com sentido único e todos os acontecimentos passam a ser interpretados a partir desse sentido. De maneira a captar e representar o caráter profundo e integrado do fenômeno histórico, o historiador deveria manejar, tal como um poeta, os recursos imaginativos e narrativos disponíveis. Ferdinand Denis mostrou-se atento à conjugação entre história e poética. Ao elogiar Johann Gottfried von Herder, Denis avaliou que o autor conseguia conciliar imaginação e erudição – ou coração e ciência – de forma a decifrar as grandes leis do gênero humano⁵⁶. Elogio semelhante é dispensado a uma obra de Pierre-Simon Ballanche, seu contemporâneo: segundo Denis, a obra oferecia um pensamento tão “profundamente histórico” que só alguém que fosse historiador e poeta seria capaz de compreendê-la⁵⁷.

Em termos de composição narrativa, o “mandamento poetológico de criar unidades de sentido”⁵⁸ passa, assim, a se estender à escrita da história. Segundo Koselleck, a perspectiva universal e teológica de Bossuet, ainda no século XVII, abriu a perspectiva de que toda a ordem do tempo deveria ser apreendida em um *coup d’œil*⁵⁹. Com o recuo da Providência no século XVIII, é a História quem assume o lugar de sujeito da narrativa, é sua ação que dá sentido aos acontecimentos. Como notado por Koselleck, a Revolução Francesa foi comumente utilizada como um evento que conferia unidade épica às narrativas históricas do século XIX – os demais eventos convergindo dela ou para ela.

A poética da história estava, nesse contexto, intimamente ligada à filosofia. A busca pela unidade – ou pela criação de uma narrativa coerente e apreensível – representava não apenas uma preocupação com a experiência do leitor, mas também a noção de que a própria história possuía, em si mesma, essa unidade. A história (como

⁵⁵ KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História; História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, Reinhart [et al.]. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 152.

⁵⁶ DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle. **Revue La France Littéraire**, t. 1, janvier 1832, p. 60.

⁵⁷ MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d’après des documents inédites. **Revue d’Histoire littéraire**, p. 530-564, octobre-décembre, 1926, p. 35.

⁵⁸ KOSELLECK, *op. cit.*, p. 141.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 141-142. O termo *coup d’œil* está no texto original de Bossuet.

entidade e não só como narrativa) é compreendida como tendo seu próprio *telos*.⁶⁰ Para Gumbrecht, a grande função da Filosofia da História foi justamente a de oferecer “modelos narrativos básicos” para as “representações temporalizadas”⁶¹ que passaram a ser exigidas.

A História não perde completamente sua função instrutiva, mas passa a oferecer outro tipo de instrução. Em lugar de exemplos aos quais os homens poderiam recorrer para tomar decisões, ela passa a revelar o sentido profundo do processo histórico e a mostrar que lugar cada tempo/sociedade ocupa no interior de seu movimento. A História não é mais um conjunto de relatos, mas um todo autônomo que, “na sua complexidade, orienta toda a experiência humana”⁶².

A nova concepção teve implicações significativas sobre a escrita da história dos povos americanos. Koselleck nota uma substituição da antiga *historia universalis*, que reunia diversas histórias e as interpretava como revelações da providência divina, por uma História mundial/universal. Essa nova história cobria todo o globo, buscando unir as diversas experiências europeias no além-mar. Não bastava mais que as descrições sobre outras culturas fossem compiladas: elas passavam a ser chamadas a contribuir para uma narrativa única sobre o gênero humano⁶³. Segundo essa lógica, a história – de todos os homens de toda a superfície terrestre – era uma: “o novo conceito adquirira uma conotação coesa de totalidade, o qual excluía modelos explicativos concorrentes”⁶⁴.

Processo análogo é percebido no âmbito da História Natural, que deixa de dispor os seres em quadros sincrônicos de descrição/classificação e passa a submetê-los a uma natureza temporalizada, entendida como uma força viva. Alexandre von Humboldt, referência de Ferdinand Denis⁶⁵, é um bom representante dessa nova forma de tratar a

⁶⁰ HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, 182.

⁶¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 16.

⁶² KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História; História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, Reinhart [et al.]. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 123.

⁶³ *Ibid.*, p. 169-184.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 183.

⁶⁵ Como notado por Lúcia Ricotta, a obra *Scènes de la nature*, de Ferdinand Denis, publicada em 1824, repisa a obra *Visões da Natureza*, de Humboldt, traduzida pela primeira vez para o francês em 1808. RICOTTA, Lúcia. A constelação espacial das cenas de origem em *Scènes de La Nature*, de Ferdinand Denis. **Revista USP**, São Paulo, n. 91, p. 112-124, setembro/novembro 2011, p. 155. Como veremos mais à frente, Humboldt foi muito admirado por Denis como viajante e bastante citado em suas obras. Segundo Pierre Moreau, Humboldt foi o “o guia universal” de Denis “em todos os domínios” (“*Humboldt est vraiment por lui le guide universel à travers toutes les contrées*”). MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d’après des documents inédites. **Revue d’Histoire littéraire**, octobre-décembre 1926, p. 536.

natureza. No prefácio à sua obra *Visões da Natureza*, de 1808, escrita em seu retorno da América, Humboldt declarava: “Contemplar o todo da natureza, ver a ação comum de todas as forças que a animam, para renovar o prazer que a visão das regiões tropicais não pode deixar de despertar no homem sensível, esse é o meu objetivo [...]”⁶⁶.

Humboldt tinha consciência dos desafios poéticos, ou de composição, que sua proposta de “contemplar o todo da natureza” apresentava. Por um lado, a natureza era vasta e devia ser representada em pinturas vivas que ressoassem no espírito do leitor, o que podia levar a uma acumulação de imagens. Por outro, o objetivo de revelar “a ação comum e harmoniosa das forças que animam o mundo”⁶⁷ exigia a construção de um quadro integrado.

O desenvolvimento de uma concepção moderna de tempo e História impôs novos desafios e exigências à escrita da história. Antes de passarmos às História do Brasil, vejamos como a historiografia francesa lidou com os elementos característicos dessa concepção.

3 Uma nova história

A profunda mudança na concepção de História marcou a historiografia francesa dos tempos de Ferdinand Denis. Os franceses vivenciavam um período de marcante instabilidade política: a Revolução Francesa (1789), a instauração da Primeira República (1792-1804), o Império napoleônico (1804-1814), a Restauração monárquica (1814-1830) e a Monarquia de Julho (1830-1848) se concentram num espaço de apenas sessenta anos. O desafio dos historiadores da primeira metade do século XIX – e o papel para o qual eles foram publicamente chamados – era o de ordenar esses eventos, articulando-os também com o passado pré-revolucionário, e o de apontar o devir da França⁶⁸.

Na década de 1820, delineia-se uma corrente historiográfica – que ficaria conhecida como história romântica ou história liberal – em torno desses objetivos, encabeçada por nomes como Augustin Thierry, François Guizot e Jules Michelet. Esses

⁶⁶ “Contempler l'ensemble de la nature, surprendre l'action commune de toutes les forces qui l'animent, renouveler la jouissance que la vue des contrées tropicales ne peut manquer de faire éprouver à l'homme sensible, tel est le but auquel je tends”. HUMBOLDT, Alexandre de. **Tableaux de la nature**. Traduction de Ch. Galuski. Paris: Librairie Théodore Morgand, 1865, p. 3.

⁶⁷ “[...] l'action commune et harmonieuse des forces qui animent le monde”. *Ibid.*, 1865, p. 5.

⁶⁸ DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes Históricas na França: Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 13.

historiadores buscavam elevar a história à condição de ciência, aliando a erudição a uma interpretação compreensiva do processo histórico⁶⁹.

A Filosofia da História do século precedente, em especial a formulada por Voltaire (mas também a de Giambattista Vico e Herder), havia ampliado o escopo dos temas cobertos pelos historiadores franceses: para além de conflitos políticos e militares, eles passam a cobrir todos os temas caros à “civilização” humana, tais como as atividades produtivas e comerciais, as condições naturais de vida, os costumes cotidianos, o desenvolvimento de ideias e instituições⁷⁰. Como vimos, a aproximação com essa filosofia dotou a História da perspectiva de compreensão de movimento subjacente aos eventos. Quanto à adoção de procedimentos eruditos e ao desenvolvimento de métodos de crítica das fontes, foi decisiva a atuação de historiadores como Pierre Daru, Pierre Daunou e Simonde de Sismondi⁷¹.

A escola romântica ganha particular projeção nos anos 1830, com a instauração de uma monarquia constitucional. Durante a Monarquia de Julho, François Guizot é nomeado ministro da Instrução Pública e Jules Michelet assume a direção da seção histórica dos Arquivos Nacionais. A *Société d’Histoire de France* é criada por Guizot em 1833, com as funções de publicação de documentos relativos à história da França e de difusão de trabalhos históricos⁷². Presidida por Prosper de Barante, a *Société* se tornaria, na década de 1840, a maior sociedade científica francesa. Em 1834, é criado um comitê de trabalhos – que viria a ser o *Comité des Travaux Historiques et Scientifiques* – com fins semelhantes⁷³. Ao contrário da *Société*, que era uma instituição “semioficial” que contava com as contribuições dos membros, o *Comité* era diretamente subvencionado pelo Estado. Além disso, a Escola de Chartes, que havia passado por fechamentos na década precedente, é definitivamente instalada em Paris em 1836 e torna-se “um verdadeiro lugar de formação para os métodos de crítica de documentos, sob a direção de professores reconhecidos, como Jules Quicherat”⁷⁴.

⁶⁹ DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 128.

⁷⁰ WALCH, Jean. **Les maîtres de l’histoire (1815-1850)**: Augustin Thierry, Mignet, Guizot, Thiers, Michelet, Edgar Quinet. Genève; Paris: Editions Slatkine, 1986, p. 11-12.

⁷¹ *Ibid.*, p. 12.

⁷² Sobre a *Société d’Histoire de France*, ver: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes Históricas na França: Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 32; BOER, Pim den. **History as a profession: the study of history in France, 1818-1914**. Princeton; New Jersey: Princeton University Press, 1998, p. 74-75.

⁷³ Sobre o *Comité*, ver: BOER, *op. cit.*, p. 66-69.

⁷⁴ DELACROIX *et al.*, *op. cit.*, p. 32. Sobre a École des Chartes, ver ainda: BOER, *op. cit.*, p. 69.

A produção historiográfica foi subvencionada e, em grande medida, orientada pelo Estado durante a Monarquia de Julho (período no qual a publicação de *Brésil* está inserida), mas também se estendeu por sociedades, associações e iniciativas particulares sem relação direta com o Estado. Havia uma noção compartilhada por essas distintas instâncias de produção de que a história era a forma fundamental de compreensão do passado, do presente e do devir da nação⁷⁵.

Segundo os representantes da nova historiografia, o movimento significava uma ruptura com os modelos precedentes de escrita da história. Em uma de suas *Cartas sobre a História da França*, Augustin Thierry defende uma história distinta das “compilações inexatas, sem verdade e sem cor”, nas quais “um pequeno número de personagens privilegiadas ocupam sozinhas a cena histórica”⁷⁶. Segundo o autor, a França carecia de uma história que reproduzisse os costumes e ideias dos homens que fizeram parte de sua formação. Para isso, seria necessário recorrer às fontes históricas e “reunir em um só corpo narrativo os detalhes esparsos e desconhecidos de nossa verdadeira história”⁷⁷.

A carta de Thierry toca nos principais pontos levantados pela nova escola. O primeiro é o do recurso às fontes. As compilações feitas a partir de histórias de autores anteriores eram tidas como perpetuadoras de antigos equívocos. Seria necessário consultar os documentos de cada época retratada, além de submetê-los à crítica erudita. O historiador não deveria reproduzir a visão das testemunhas, mas interpretá-la de acordo com o tempo no qual fora produzida. A centralidade conferida às fontes dá origem a um novo tipo de historiador: aquele rodeado por papéis, familiar ao mundo dos arquivos. Como forma de garantir a veracidade de seu discurso, o historiador passa agora a mencionar suas visitas aos arquivos e bibliotecas e a indicar onde os documentos utilizados foram encontrados.

A erudição confere, assim, credibilidade à história. Sozinha, porém, não é capaz de dotar o discurso histórico de utilidade. Apesar de fundamental, o documento não pode cumprir a função de ordenar o passado e indicar os caminhos futuros. É a aproximação com a filosofia que permite que os eventos revelados pelas fontes sejam inseridos num

⁷⁵ DELACROIX *et al.*, *op. cit.*, p. 35.

⁷⁶ “*les compilations inexactes, sans vérité et sans couleur*”; “*où un petit nombre de personnages privilégiés occupent seuls la scène historique*”. THIERRY, Augustin. **Letres sur l’histoire de France**, pour servir d’introduction à l’étude de cette histoire. Paris: Sautet et Compagnie; Ponthieu et Compagnie, 1827, Lettre I, p. 4.

⁷⁷ “[...] *rassembler en un seul corps, de récit tous les détails épars ou inconnus de notre véritable histoire*”. *Ibid.*, Lettre I, p. 5.

quadro maior, numa totalidade. Passou a exigido do historiador a cobertura integrada de diversos aspectos da vida humana.

Uma das obras de Denis, *Résumé de l'Histoire du Brésil*, de 1825, era acompanhada de um panfleto bastante esclarecedor quanto à questão da unidade da narrativa histórica. A obra fazia parte de uma coleção de resumos históricos da editora Lecointe et Durey. Todas as obras da coleção eram acompanhadas desse panfleto, anônimo, intitulado *Défense des Résumés Historiques* e datado de 1824, que explicava a proposta dos resumos e rebatia as críticas por eles sofridas. O autor do panfleto inicia sua defesa pela distinção entre a análise e a síntese, ambas consideradas necessárias à história. Da análise, faziam parte procedimentos como interrogar as fontes, consultar coleções originais, verificar datas e fatos, além de “encontrar nos monumentos o estado social e quase a fisionomia de cada época”⁷⁸. Já a síntese é apresentada da seguinte forma:

Percorrer em um golpe de vista rápido todos os detalhes, todas as partes, compreender suas relações, seguir a sequência principal de eventos, caracterizar e dividir os períodos, atribuir aos eventos gerais seu devido lugar e, finalmente, coordenar ou compor o todo; esse é o objeto da síntese.⁷⁹

Segundo a lógica do autor do panfleto, as coleções da congregação de Saint-Maur, e as discussões filológicas são necessárias ao trabalho do historiador, mas "a história propriamente dita, em qualquer dimensão que ela seja escrita, pertence à síntese"⁸⁰. A questão é que o homem moderno não é o desinteressado e modesto beneditino, ele não tem tempo hábil e nem encontra particular utilidade na leitura de uma imensa compilação de detalhes. O trabalho dos resumos seria o de, a partir das obras de detalhe, construir “composições históricas, mais ou menos completas, e com escopo suficiente para apresentar imagens fiéis” e “extraír a substância dessas obras sólidas para oferecer uma imagem mais rápida e animada, da qual vemos todas as partes ao mesmo tempo, porque tudo está aí aproximado”⁸¹.

⁷⁸ “[...] retrouver dans les monumens l'état social et presque la physionomie de chaque époque”. DÉFENSE des résumés historiques. Paris: Lecointe et Durey, 1824, p. 5.

⁷⁹ “Parcourir d'un coup d'oeil rapide tous les détails, toutes les parties, saisir leurs rapports, suivre l'enchaînement principal des faits, caractériser et diviser les époques, assigner aux événements généraux leur véritable place, enfin coordonner ou composer l'ensemble; tel est l'objet de la synthèse”. *Ibid.*, p. 5. Grifo meu.

⁸⁰ “L'histoire proprement dite, dans quelque dimension qu'elle soit écrite, appartient à la synthèse”. *Ibid.*, p. 5-6.

⁸¹ “[...] compositions historiques, plus ou moins complètes, et d'une étendue suffisante pour présenter des images fidèles”; “[...] extraír encore la substance de ces solides ouvrages pour offrir un tableau plus rapide et plus animé, dont on aperçoive toutes les parties à la fois, parce que tout y est rapproché”. *Ibid.*, p. 7.

Os *Résumés* compreendem a história como um “grande processo entre os povos e aqueles que os oprimiram”⁸². Para a compreensão desse processo, apresentam, junto aos eventos selecionados, as visões gerais que os dominam. Segundo o panfleto, um resumo deve conter “uma recapitulação pela qual se apreenda prontamente o todo”⁸³. O autor ainda assegura que aqueles escolhidos para escrever os resumos estavam perfeitamente familiarizados com as fontes referentes à história que escreviam, o que garantia que as composições não fossem superficiais.

A totalidade/integração foi buscada pela historiografia francesa por meio de distintos caminhos – como definir um motor da história ou conferir alcance geral a determinados eventos –, a depender do historiador e de sua aproximação com determinada corrente filosófica. A aproximação de Michelet da filosofia de Vico é um caso paradigmático desse movimento. É a partir da perspectiva orgânica do filósofo que Michelet busca “a unidade viva” dos elementos constitutivos da atividade humana⁸⁴.

Considerando seus objetivos, a escola romântica explorou novos tipos de exposição. Enumerar eventos ou compilar relatos não eram atitudes condizentes com as novas exigências. Faziam-se necessários recursos narrativos que dessem “cor” aos eventos e movimento ao processo histórico. O romance de Walter Scott, considerado tanto vívido quanto fiel à realidade, foi referência de diversos historiadores do período, em especial de Augustin Thierry. A aproximação com a literatura não denota uma preocupação apenas estilística, mas também heurística:

A escrita não é só, portanto, um meio de expor agradavelmente as informações extraídas dos velhos manuscritos; é um método de conhecimento. Quanto ao aspecto dramático, para Thierry ele não é de modo algum acrescentado artificialmente. O drama é a verdade da história, no sentido de que cada personagem, à imagem do herói de Walter Scott, se torna exemplar de uma classe, de uma atitude, de uma situação que o ultrapassa e participa do movimento da história.⁸⁵

Antes de passarmos à seção seguinte, vale lembrar que o ponto de ancoragem da historiografia romântica é a nação. Se, por um lado, a civilização estava destinada ao progresso e se o progresso era medido por critérios comuns, por outro, havia uma noção de que as nações tinham histórias distintas e possuíam povos distintos. O discurso

⁸² “*L’histoire est un grand procès entre les peuples et ceux qui les ont opprimés*”. DÉFENSE des résumés historiques. Paris: Lecointe et Durey, 1824, p 7.

⁸³ “[...], *une recapitulation dont on saisisse promptement l’ensemble*”. *Ibid.*, p 7-8.

⁸⁴ Ver DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes Históricas na França: Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 40-43 e 51-52.

⁸⁵ *Ibid.*, 2012, p. 42.

histórico se torna genético: explica o presente e prevê o porvir da nação pelo seu caráter e recursos particulares, advindos de uma história particular.

Procedendo a uma espécie de “ontização” fenomenológica das características e das expressões grupais, o Romantismo, na sua propensão historicizante, aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças, que têm antes culturas do que civilizações, que secretam uma individualidade particular, uma identidade, não de cada indivíduo mas do grupo específico, diferenciado de quaisquer outros.⁸⁶

A centralidade da problemática da nação e da nacionalidade pode ser claramente notada na obra *Histoire de la conquête de l'Angleterre par les normands*, publicada em 1825 por Augustin Thierry. A conquista normanda da Inglaterra, que se inicia em 1066, é analisada não apenas como uma sucessão de fatos políticos, militares e administrativos, mas como um evento que colocou em contato povos (conquistadores e conquistados) que formariam a nação inglesa moderna. A lógica é explicada logo na abertura da obra:

Os principais Estados da Europa moderna atingiram hoje um alto grau de unidade territorial, e o hábito de viver sob o mesmo governo e dentro da mesma civilização parece ter introduzido entre os habitantes de cada Estado uma comunidade completa de modos, de linguagem e de patriotismo. No entanto, talvez não haja um único Estado que não apresente ainda traços vivos da diversidade de raças de homens que, ao longo do tempo, se agregaram em seu território.⁸⁷

O objetivo da obra é o de retratar a história que vai desde as relações hostis entre povos distintos até a mistura de raças e costumes na formação uma só nação (p. 2)⁸⁸, com caráter próprio. Para retratar a fisionomia da nação, os historiadores românticos contavam com o expediente da *cor local* – nomes tais como Thierry e Barante promoveram esse expediente, mesmo que de formas distintas⁸⁹. Nos termos de Thierry, a cor local era alcançada pela pintura fiel dos modos, costumes, linguagem e caráter dos povos representados na narrativa histórica. O historiador afirmava que a *cor local* não era condição apenas da vivacidade do relato, mas também de sua verdade⁹⁰.

⁸⁶ GUINSBURG, J. Romantismo, Historicismo e História. In: GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 15.

⁸⁷ “*Les principaux États de l'Europe moderne sont parvenus aujourd'hui à un très haut degré d'unité territoriale, et l'habitude de vivre sous le même gouvernement et au sein de la même civilisation semble avoir introduit parmi les habitants de chaque État une entière communauté de moeurs, de langage et de patriotisme. Cependant il n'en est peut-être pas un seul qui ne présente encore des traces vivantes de la diversité des races d'hommes qui, à la longue, se sont agrégées sur son territoire*”. THIERRY, Augustin. **Histoire de la conquête de l'Angleterre par les normands**, de ses causes et de ses suites jusqu'à nos jours, t. 1. Paris: Garnier, 1830, p. 3.

⁸⁸ *Ibid*, p. 2.

⁸⁹ Ver BANN, Stephen. A cycle in historical discourse: Barante, Thierry, Michelet. In: BANN, Stephen. **The Clothing of Clio: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 32-53.

⁹⁰ Cf. Thierry, *op. cit.*, p. 10.

O recurso estava associado à ideia de diversidade e especificidade do caráter dos povos. Essa especificidade era tanto temporal quanto espacial: o povo de um lugar não era igual ao de outro, mesmo que os dois dividissem o mesmo tempo; o povo de um tempo não era igual ao de outro, mesmo que os dois ocupassem o mesmo espaço⁹¹. Esse era um ponto fundamental da reforma historiográfica proposta por Thierry. Segundo o autor, os historiadores antigos tendiam a pintar povos de tempos e lugares distintos pelos traços de sua própria época. Isso denotava, de acordo com Thierry, um desrespeito pelas fontes, pelas cores que elas revelavam.

Vale pontuar que essa busca pela especificidade promovida pela cor local não estava apartada – pelo menos, não no caso de Thierry – de uma preocupação em formular considerações gerais ou em criar uma narrativa bem composta. Odile Parsis-Barubé demonstrou como o historiador se utilizou da cor local, na *Histoire de la conquête de l'Angleterre*, na construção de determinados argumentos centrais para a obra. Ao pintar os costumes dos vencedores e dos vencidos, o autor formulou uma teoria da luta entre raças. Além disso, Thierry constrói a noção de que a diversidade do caráter dos povos que se encontraram na conquista criou antagonismos que se perpetuaram e, em certa, ditaram os rumos da história da Inglaterra. O próprio autor dá um sentido mais geral a seu quadro de costumes:

Esse quadro, traçado em todos os seus detalhes e com as cores que lhe são próprias, deve ser de interesse histórico mais geral do que comportam os limites de tempo e lugar em que está circunscrita; já que quase todos os povos da Europa têm, em sua existência atual, algo que deriva das conquistas da Idade Média.⁹²

Ao analisar o recurso à cor local na historiografia brasileira do oitocentos, Eduardo Wright Cardoso atentou para sua relação com a nação⁹³. Como observado pelo autor, o recurso atuou no estabelecimento de marcos cronológicos e limites espaciais da

⁹¹Ver PARSIS-BARUBÉ, Odile. La notion de couleur locale dans l'œuvre d'Augustin Thierry. In: Déruelle, Aude; Potin, Yann (eds.). **Augustin Thierry: l'histoire pour mémoire**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2018.

⁹² “Ce tableau, retracé dans tout son détail, et avec les couleurs qui lui sont propres, doit offrir un intérêt historique plus général que ne semblent le comporter les bornes de temps et de lieu où il est circonscrit ; car, presque tous les peuples de l'Europe ont, dans leur existence actuelle, quelque chose qui dérive des conquêtes du Moyen Âge”. THIERRY, Augustin. **Histoire de la conquête de l'Angleterre par les normands**, de ses causes et de ses suites jusqu'à nos jours, t. 1. Paris: Garnier, 1830, p. 4.

⁹³ CARDOSO, Eduardo Wright. **A cor local e a escrita da história no século XIX: o uso da retórica pictórica na historiografia nacional**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019, p. 105.

história nacional⁹⁴. Além disso, orientou a seleção dos elementos característicos do Brasil, servindo à construção de certo caráter nacional. Ao delimitá-la e descrevê-la, o recurso dava concretude à nação bem no momento em que ela se consolidava⁹⁵.

É em torno da nação que se desenvolvem tanto a ambição de verdade quanto a exigência de inteligibilidade. A erudição busca aquilo que é concreto, particular, aquilo que faz com que uma nação seja diferente das outras, seu caráter, sua cor. O ímpeto generalizante/compreensivo compara as nações e as insere diferencialmente no quadro da civilização⁹⁶. Thierry atentou para um duplo interesse de sua obra: filosófico e pitoresco. O “pitoresco” ficava a cargo da pintura de costumes dos diversos povos que formaram a nação inglesa (gauleses, bretões, irlandeses, etc.) e da determinação, a partir dessa pintura, do caráter nacional. O “filosófico” teria sido alcançado pelas contribuições em “esclarecer o problema, ainda não resolvido, das diversas variedades da espécie humana na Europa e das grandes raças primitivas às quais essas variedades pertencem”⁹⁷.

O problema fundamental do historiador francês da primeira metade do século XIX parece ter sido o da articulação entre “a preocupação com a erudição, a vontade de dar vida à história e a de compreender seu movimento”⁹⁸. Cada autor conjugava, à sua forma, os procedimentos de pesquisa, os recursos literários e certa filosofia da história.

François Hartog demonstrou como Augustin Thierry e Jules Michelet construíram formas distintas de lidar com a pesquisa e a escrita das coisas passadas. Thierry propunha um apagamento de si para que os documentos pudessem “falar”: o papel do historiador seria o de reproduzir a “cor” do passado, o de colocar a realidade dos fatos diante dos olhos do leitor. Já Michelet acreditava que seu papel não era o de simplesmente dar visibilidade aos fatos passados, mas o de penetrar nos documentos até “ver o invisível”, até captar a verdade profunda e total da vida⁹⁹. Para Pierre Moreau, Denis não escolheu

⁹⁴ Cf. CARDOSO, Eduardo Wright. Uma nação para ser vista: desvelando o tempo e o espaço nacionais por meio da cor local na historiografia oitocentista. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 491-514, jul./dez. 2015.

⁹⁵ CARDOSO, *op. cit.*, 2019, p. 227.

⁹⁶ DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 128; WALCH, Jean. **Les maitres de l'histoire, 1815-1850**: Augustin Thierry, Mignet, Guizot, Thiers, Michelet, Edgar Quinet. Genève; Paris: Editions Slatkine, 1986, p. 44.

⁹⁷ À éclaircir le problème, encore indécis, des diverses variétés de l'espèce humaine em Europe, et des grandes races primitives auxquelles ces variétés se rattachent. Thierry, p. 7.

⁹⁸ DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes Históricas na França: Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 51.

⁹⁹ HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 143-156.

uma alternativa entre os dois mestres, mas efetuou uma conjugação entre a erudição pitoresca de Thierry e a visão orgânica de Michelet¹⁰⁰.

Sobre a escrita da História do Brasil, Manoel Salgado Guimarães observa que ela foi atravessada por uma tensão entre duas necessidades: a de formular um devir para a nação no seio do mundo civilizado e a de observar o que lhe era próprio, o que a diferenciava das demais nações. O autor insere Ferdinand Denis entre aqueles que, no decorrer do século XIX, tiveram de lidar com essa tensão¹⁰¹.

4 As Histórias do Brasil

Vejam os como essas questões – erudição, filosofia, composição – se manifestam entre os autores das Histórias do Brasil das primeiras décadas do século XIX. Quanto ao recurso às fontes, o inglês Robert Southey foi pioneiro. Sua obra foi construída a partir de documentos recolhidos por seu tio, um reverendo que vivera por três décadas em Portugal, além de material obtido em arquivos. Todos os documentos utilizados foram listados ao final da obra. Segundo o autor, essa preocupação com as fontes diferenciava sua obra do “trabalho escasso e incorreto”¹⁰² de Sebastião da Rocha Pitta¹⁰³.

Quanto aos franceses Ferdinand Denis e Alphonse de Beauchamp, estes adotaram entre si posições distintas quanto à questão. Denis teve como fontes primordiais de *Le Brésil* (1822), obra escrita com H. Taunay, e *Brésil* (1837) os relatos de viajantes de cada época retratada. Em *Le Brésil*, Denis e Taunay asseguram que, quanto à situação contemporânea do país, sua obra apresentava apenas “fatos recolhidos por eles próprios ou por homens instruídos, cuja veracidade fosse bem conhecida”¹⁰⁴. Em relação às partes relativas ao passado do Brasil, os autores dizem ter recorrido a trabalhos anteriores, como

¹⁰⁰ MOREAU, Pierre. **Ferdinand Denis et les romantiques**, d’après des documents inédites. Revue d’Histoire littéraire, octobre-décembre 1926, p. 561.

¹⁰¹ Essa tensão é encaminhada pelo autor a partir da articulação entre o movimento romântico e a tradição das Luzes. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 83-84.

¹⁰² O trecho completo no original é o seguinte: “*The only general History of Brazil is the America Portugueza of Sebastiam da Rocha.Pitta, a meagre and inaccurate work, which has been accounted valuable, merely because there was no other*”. SOUTHEY, Robert. **History of Brazil**, t. 1. London: Longman; Hurst; Rees And Orme; Paternoster-row, 1810, p. 1.

¹⁰³ Literato luso-brasileiro autor da obra *História da América Portuguesa desde o ano de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil setecentos e vinte e quatro*, de 1730.

¹⁰⁴ “[...] *des faits recueillis par eux-mêmes ou par des hommes instruits, dont la veracité soit bien connue*”. DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hyppolite. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 1. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822, p. XIII.

os de Southey e de Beauchamp. Porém, em especial ao que dizia respeito aos costumes dos indígenas do passado, as fontes teriam sido os relatos das testemunhas oculares: Hans Staden, Claude d'Abbeville, Pero Vaz de Caminha e Jean de Léry. Outras obras consultadas foram as de Aires de Casal e traduções de viagem feitas por Conrad Malte-Brun.

Como veremos, Denis apresenta uma consciência bastante moderna da necessidade de submeter as testemunhas oculares à crítica do presente. O autor dizia recorrer a essas testemunhas como forma de romper com os preconceitos dos “antigos” e com as conclusões errôneas das grandes narrativas históricas¹⁰⁵. Denis, porém, não dava carta branca aos viajantes, antes propunha que eles fossem submetidos à crítica erudita. Em sua argumentação, tratamentos diferentes deveriam ser dispensados a relatos de tempos distintos: não seria possível, afinal, evocar um documento que falasse de homens acéfalos ou da cidade de Eldorado da mesma forma ou com os mesmos propósitos que se evoca um viajante moderno como Raleigh ou Humboldt¹⁰⁶. Essa questão será desenvolvida no próximo capítulo.

Quanto a Beauchamp, este antevê, em seu prefácio, as críticas que sua obra receberia pela ausência de notas e citações. O autor limita-se a oferecer, ainda no prefácio, uma lista das principais obras consultadas. Nela, figuram obras de diversos tipos – histórias, crônicas, memórias, anais, notícias, relatos de viagem – sem qualquer tipo de distinção. Aos críticos, ele responde afirmando simplesmente que não era um erudito¹⁰⁷. Sua crítica à erudição moderna é formulada da seguinte maneira:

Qual é o sentido, por exemplo, de citar nas mesmas páginas autores que frequentemente precisam ser reconciliados ou contraditos, e cuja versão precisa ser corrigida ou complementada por outros relatos? As memórias são para o historiador o que as cores são para o pintor; é somente misturando-as e combinando-as que o quadro histórico resultante forma uma composição completa e regular.¹⁰⁸

¹⁰⁵ DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 23.

¹⁰⁶ DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu'au XVII^e siècle. **Revue La France Littéraire**, t. 1, janvier 1832., p. 60.

¹⁰⁷ BEAUCHAMP, Alphonse de. **Histoire du Brésil**, depuis sa découverte en 1500 jusqu'en 1810, t. 1. Paris: Librairie d'Alexis Eymery, 1815, p. XIII.

¹⁰⁸ “*A quoi bon, par exemple, citer dans les mêmes pages des auteurs qu'il faut souvent concilier ou contredire, et dont la version a besoin d'être corrigée ou complétée par d'autres témoignages? Les mémoires sont à l'historien ce que les couleurs sont au peintre; ce n'est que par leur mélange et par leur fusion que le tableau d'histoire qui en résulte forme une composition complète et régulière*”. *Ibid.*, p. XIII-XIV.

Em termos de critérios de autenticidade e veracidade, a história proposta por Beauchamp seguia parâmetros muito distintos da proposta por Denis. Existe, no discurso de Beauchamp, uma valorização dos relatos dos antigos não como documentos a serem submetidos a escrutínio, mas como memórias a partir das quais os homens podem acessar o passado. A testemunha ocular é valorizada em ambos os modelos, mas a forma de lidar com ela é distinta. O mérito do historiador, segundo Beauchamp, seria o de coordenar essas memórias, de criar uma síntese particular a partir delas. Aí residiria sua originalidade. A *Histoire du Brésil* de Beauchamp recebeu diversas acusações de plágio, por ter se apropriado de trechos de outras obras (em especial, da de Southey) sem referenciá-las de forma devida¹⁰⁹. No prefácio de *Le Brésil*, Denis e Taunay observam apenas que Beauchamp ofereceu uma obra interessante “seguindo os passos do autor inglês”¹¹⁰.

Tanto Alphonse de Beauchamp quanto Ferdinand Denis atentaram para a existência de certo sentido na história do Brasil. Em Beauchamp, está clara a ideia de que a história da nação deve acompanhar “o progresso dos seus estabelecimentos, da fundação e do desenvolvimento prodigioso desse do “novo império do hemisfério austral”¹¹¹. O autor lamenta que na França só existissem relatos fragmentários sobre o Brasil, em lugar de um “corpo de história”¹¹². O autor pontua que sua intenção inicial era a de apresentar sua *História do Brasil* em volumes, mas que resolvera publicar a obra completa de uma só vez. Esse caminho teria sido “mais útil considerando uma composição cujo conjunto e ordenação exigiam tantas meditações e cuidados”¹¹³.

A *History of Brazil* de Robert Southey, tão elogiada pela exatidão, foi duramente criticada à época por apresentar pormenores dos costumes indígenas sem oferecer um sentido comum da vida selvagem nem apontar as causas das diferenças entre as tribos. A

¹⁰⁹ Essas acusações partiram, por exemplo, do próprio Robert Southey e, mais tarde, de Varnhagen. Para um balanço das acusações de plágio sofridas por Beauchamp, ver o trabalho de Bruno Franco Medeiros. A partir do caso de Beauchamp, Medeiros desenvolveu uma discussão bastante aprofundada da incongruência entre dois modelos de autoridade de escrita da história que conviviam no início do século XIX. MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário, à maneira de todos os historiadores**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

¹¹⁰ “[...] *en marchant sur les traces de l’auteur anglais*”. DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hyppolite. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 1. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822, p. VI.

¹¹¹ “[...] *nouvel empire de l’hémisphère austral*”. BEAUCHAMP, Alphonse de. **Histoire du Brésil**, depuis sa découverte en 1500 jusqu’en 1810, t. 1. Paris: Librairie d’Alexis Eymery, 1815, p. V.

¹¹² “[...] *corps d’histoire*”. *Ibid.*, p. VI.

¹¹³ “[...] *plus utile à l’égard d’une composition dont l’ensemble et l’ordonnance exigeaient autant de méditations que de soins*”. *Ibid.*, p. IX.

obra fora concebida por Southey como um serviço de compilação de informações que antes se encontravam dispersas. Em função da ausência de generalizações, de uma conexão entre as partes ou de uma perspectiva compreensiva, sua narrativa foi considerada mais próxima da de um cronista do que da de um historiador do século XIX¹¹⁴.

Em *Le Brésil* (1822), Ferdinand Denis e Hippolyte Taunay avaliam que Southey havia oferecido uma história exata das revoluções do Novo Mundo, além de apresentar detalhes dos indígenas. Sua falha estaria em não prever “os destinos para os quais essa vasta região é chamada pelos recursos que possui”¹¹⁵. Já Beauchamp é criticado por ter ignorado as mudanças vividas pelas nações indígenas do Brasil, retratando costumes há muito desaparecidos como se fossem ainda existentes. Os autores queixavam-se da ausência de uma obra que apresentasse “sob um mesmo golpe de vista”¹¹⁶ o estado atual do país e o seu passado. Alguns anos depois, Denis afirma que sua obra em conjunto com Taunay teria sido a primeira “que fez conhecer, sob um mesmo golpe de vista e em sua totalidade, todas as capitânicas do Brasil”¹¹⁷.

A existência de um debate acerca da melhor forma de escrever a história do Brasil indica que o processo consolidação de uma historiografia moderna não foi linear nem inequívoco. Quanto à historiografia produzida durante o Brasil Império (considerando tanto a luso-brasileira quanto à estrangeira), Valdei Araújo nota a convivência de “dois regimes de autonomia”. O primeiro regime é o compilatório, que mantém referências clássicas e resiste aos métodos da erudição moderna e que tem como objetivo justificar ações políticas. O segundo é o disciplinar, caracterizado pela escrita de uma História Geral da nação obtida pela “fusão de erudição, filosofia e narrativa”¹¹⁸. Enquanto o primeiro tendia a responder às demandas do mercado editorial, o segundo era financiado

¹¹⁴ Para um balanço das críticas sofridas por Southey, ver VARELLA, Flávia. Primeiros relatos. In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (orgs.). **Os historiadores clássicos da História do Brasil**, vol. 4: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018., p. 18-23.

¹¹⁵ “[...] *il fait bien peu prévoir les destinées auxquelles cette vaste contrée se trouve appelé par les ressources qu’elle a en elle-même*”. DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hyppolite. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 1. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822, p. VI.

¹¹⁶ “[...] *sous un même coup d’œil*”. *Ibid.*, p. V.

¹¹⁷ “*C’est le premier ouvrage, je crois, qui ait fait connaître, sous un même coup d’œil et dans leur ensemble, toutes les Capitaineries du Brésil*”. DENIS, Ferdinand. **Histoire géographique du Brésil**. Paris: Rue et Place Saint-André-des-Arts, n. 30, 1833, p. 15. Grifo meu.

¹¹⁸ ARAÚJO, Valdei Lopes de. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 31, n. 56, p. 365-400, mai-ago 2015, p. 395.

por subsídios estatais e estava ligado a sociedades e instituições¹¹⁹. Como observado pelo próprio autor, uma mesma obra podia apresentar elementos dos dois regimes. Nem sempre é possível, por exemplo, separar os projetos voltados para o mercado daqueles direta ou indiretamente financiados pelo Estado¹²⁰.

A obra *Brésil*, de Ferdinand Denis, publicada em 1837, parece se aproximar, de um regime disciplinar, pela preocupação com a “fusão de erudição, filosofia e narrativa”. Mas essa opinião não era unânime à época da publicação. Em artigo de 1838 do jornal *O Despertador*, publicado no Rio de Janeiro, a obra foi criticada justamente por ter um caráter compilatório. Segundo o articulista, não identificado, a obra se assemelhava a tantas outras que seguiam o seguinte procedimento:

Aproveitando todos os documentos que se tem publicado a respeito, eles nada mais fazem do que compilá-los, sem atender à diferença das épocas; e, em vez de uma história verdadeira, apenas nos apresentam um romance que nenhuma semelhança guarda com os nossos usos e costumes modernos.¹²¹

No trecho, vê-se que Denis foi criticado por algo que ele próprio condenara em sua primeira obra: a pintura de costumes de uma época como se fossem de outra. Na verdade, o cerne da crítica está no o fato de que Denis, de acordo com o artigo, apresentava a sociedade brasileira de “calções, fivelas, cabeleiras”¹²², ou seja, de forma pouco lisonjeira, pintando costumes atrasados, pouco civilizados, já desaparecidos. Parece que os tempos estavam correndo mais rápido que a pena do historiador:

Em nosso país, quase todos os anos as cidades mudam de aspecto, o movimento da civilização comunica-se por toda a parte, e as tendências populares, em vez de oporem uma resistência de ferro à admissão das inovações, correm adiante delas e as aplaudem; e, no entanto, em vez de observarem os progressos que todo dia fazemos, os escritores europeus se limitam a compilar as narrações do século passado, quando querem descrever nossos costumes!¹²³

Em outra crítica, publicada na França ainda no ano de 1837, a ideia de um caráter compilatório já estava colocada, mas em tom favorável:

¹¹⁹ A partir da categorização proposta por Valdei Araújo, Flávia Varella classifica a história de Beauchamp como compilatória e a de Southey como disciplinar. Porém, apesar do apreço pelos métodos da erudição moderna, Southey foi criticado, como vimos, por não ter dado um sentido comum aos fatos apresentados. Cf. VARELLA, Flávia. Primeiros relatos. In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (orgs.). **Os historiadores clássicos da História do Brasil**, vol. 4: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018, p. 34.

¹²⁰ ARAÚJO, Valdei Lopes de. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 31, n. 56, p. 365-400, mai-ago 2015, p. 377.

¹²¹ O BRASIL, por Ferdinand Denis. **O Despertador**, n. 175, Rio de Janeiro, outubro 1838, p. 1.

¹²² *Ibid.*, p. 2.

¹²³ *Ibid.*, p. 1.

Aqui está um livro que contém a substância de vários livros, uma história do Brasil na qual todas as coisas mais interessantes escritas sobre este país pelos Humbolt, Spix, Martius e outros são resumidas sem fazer lamentar as supressões.¹²⁴

Brésil é apresentado no artigo como uma obra útil, como “um resumo dos viajantes célebres”¹²⁵ sobre variados temas, tais como topografia, costumes e história das populações. É feito ainda um elogio à pintura vívida da natureza magnificente do país. Aqui, ao contrário da crítica feita no Brasil, preocupada com a imagem do país e de seus habitantes, temos o interesse do europeu em ter acesso a informações variadas em um só lugar e em acessar a natureza pitoresca dos trópicos.

Por fim, apresento uma crítica que destoa das anteriores, publicada numa revista francesa de São Petersburgo e assinada por Henry Martin. Nessa crítica, a obra não é elogiada pelo seu caráter de resumo, mas pelo interesse científico que ela apresenta, por tratar das diferentes fases da história de um país tão extenso, com tantos gêneros naturais e com povos indígenas tão diversos. No elogio tecido à obra, são mobilizados critérios que, como veremos nos capítulos seguintes, são muito próximos dos defendidos pelo próprio Ferdinand Denis:

O senhor Denis não apenas possui em profundidade todos os documentos antigos e modernos relativos ao Brasil: ele conjuga a seus preciosos conhecimentos uma vantagem de outra natureza que nada pode substituir; seu livro não é uma compilação feita a partir de outros livros, uma descrição do Brasil convenientemente elaborada no gabinete do homem de letras parisiense: o material foi reunido nas margens do Atlântico e sob as cúpulas das florestas virgens da Amazônia, dentro dos muros das jovens cidades da civilização brasileira e na cabana selvagem do Botocudo. A narrativa é sempre baseada nas observações do próprio autor ou nas dos mais conscienciosos viajantes do passado e dos mais eruditos exploradores modernos.¹²⁶

Quanto à pertença de *Brésil* a uma iniciativa editorial ou a um projeto estatal, essa também não é uma questão tão simples. A obra era parte de uma coleção da editora

¹²⁴ “Voici un livre qui contient la substance de plusieurs livres, une histoire du Brésil où tout ce qu’ont écrit de plus intéressant sur cette contrée, les Humbolt, les Spix, les Martius et autres, se trouve résumé sans faire regretter les suppressions”. BRÉSIL, par Ferdinand Denis. Colombie et Guyane, par M.C. Famin. *Revue Britannique*, ou Choix d’articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne, t. 10, Paris, 1837, p. L (p. 396).

¹²⁵ “Un abrégé des voyageurs célèbres”. *Ibid.*, p. L (p. 396).

¹²⁶ “M. Denis de possède pas seulement à fond tous les documents anciens et modernes relatifs au Brésil : il joint a ses connaissances précieuses une avantage d’une autre nature auquel rien ne saurait suppléer ; son livre n’est pas une compilation faite avec d’autres livres, une description du Brésil commodément élaborée dans le cabinet de l’homme de lettres parisien : les matériaux ont été amassés sur les bords de l’Atlantique et sous les dômes des forêts vierges de l’Amazonie, dans les murs des jeunes cités de la civilisation brésilienne et dans la hutte sauvage du Botocudo. Le récit est toujours rédigé d’après les observations de l’auteur ou celles des anciens voyageurs les plus consciencieux et des plus doctes explorateurs modernes”. MARTIN, Henry. Histoire et description du Brésil, par M. Ferdinand Denis, *Revue étrangère da la littérature, des sciences et des arts*, t. 24, Saint-Petersbourg, 1837, p. 526.

Firmin-Didot intitulada *L'Univers Pittoresque : histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, mœurs, coutumes, industries, etc.* A coleção, publicada entre 1835 e 1863, era formada por cinco partes, cada uma dedicada a um continente¹²⁷. A parte dedicada à Europa era a que contava com o maior número de volumes: quarenta, dos quais doze tratavam da França. Ferdinand Denis foi responsável pelo volume de Portugal, publicado em 1846. Na folha de rosto, o nome de Denis é seguido do cargo, que então ocupara, de conservador da *Bibliothèque Sainte-Geneviève*. A parte dedicada à América contava com cinco volumes. *Brésil* era parte do primeiro desses volumes¹²⁸.

Imagem 1 – Folha de rosto dos volumes dedicados à América da coleção *L'Univers Pittoresque*

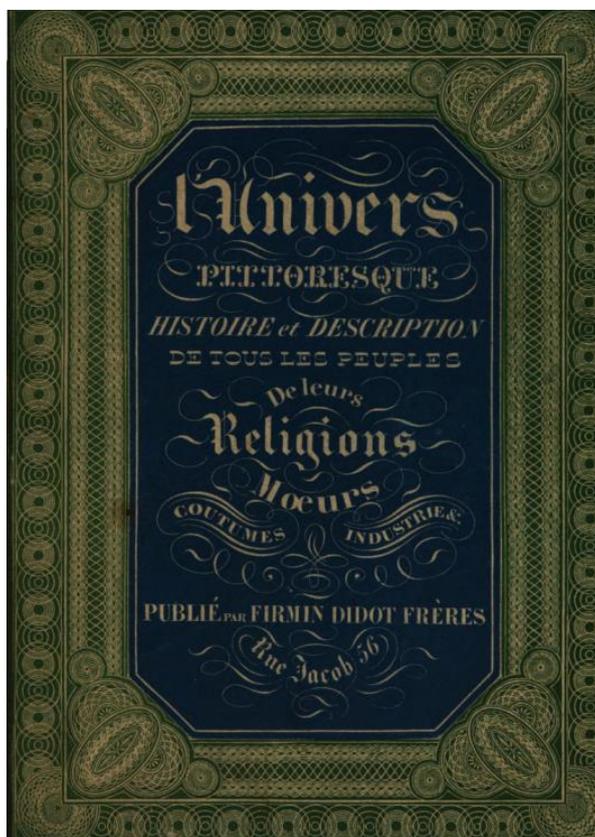


Imagem extraída de DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Paris: Firmin Didot, 1837.

¹²⁷ O conjunto dos volumes da coleção pode ser consultado na *Gallica*: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k30766f/f9.item>

¹²⁸ A segunda parte, escrita por César Famin, era referente à Colômbia e às Guianas.

A editora Firmin-Didot estava longe de ser uma editora qualquer. Criada no século XVII, a editora conseguiu se manter próxima ao poder de forma durável, apesar de toda a instabilidade política vivida pela França, por ter se acomodado a regimes sucessivos e ter se destacado nas inovações técnicas. Antes da Revolução, a família Didot tinha acesso à Corte e publicava edições luxuosas de obras clássicas, muitas vezes encomendadas por nobres. Durante a Revolução, a tipografia ficou responsável pela emissão dos *assignats*, papel-moeda da França¹²⁹.

No período de publicação da coleção *L'Univers*, a Firmin-Didot era a tipografia oficial do *Institut de France*. Criado em 1795, o *Institut de France* foi responsável por restabelecer, no interior de sua estrutura, as academias reais abolidas pela Revolução¹³⁰. Era um órgão diretamente financiado pelo Estado. Boa parte dos autores da coleção eram membros do *Institut de France*. Outros eram cônsules, ministros enviados ao exterior ou membros de outras academias ou sociedades *savantes*. A obra foi publicada por iniciativa de uma editora, mas uma editora ligada a um Instituto que mantinha estreitas relações com o Estado francês. A importância da editora e o cuidado com a escolha dos autores da coleção parece contradizer a visão de Maria Helena Rouanet, que apresentamos na introdução, de que Ferdinand Denis era um intelectual sem projeção ou reconhecimento na França.

5 Considerações

Vimos que as primeiras décadas do século XIX testemunharam um interesse renovado dos europeus pelo Brasil, evidenciado pela entrada de viajantes e pelo crescimento das publicações que tinham a região como objeto. Entre essas publicações, demos particular atenção às Histórias do Brasil escritas por estrangeiros, já que a obra de Denis faz parte dessa categoria e dialoga com suas congêneres.

Apresentamos os principais contornos da nova concepção de História que se gestava no momento e do movimento historiográfico que se desenvolvia na França. Essa etapa será especialmente relevante quando procedermos à análise do conteúdo de *Brésil*. Vimos ainda como questões que surgiam quanto à forma mais adequada de se escrever a história do Brasil se manifestavam nas obras dedicadas ao tema. No presente capítulo,

¹²⁹ Sobre a história da editora, ver JAMMES, André. *Les Didot: Trois siècles de typographie et de bibliophilie, 1698-1998*, Paris: Paris Bibliothèques, 1998.

¹³⁰ Sobre a criação do *Institut de France*, ver BOER, Pim den. *History as a profession: the study of history in France, 1818-1914*. Princeton; New Jersey: Princeton University Press, 1998, p. 56-58.

tratamos dos viajantes que aportaram no Brasil pelo interesse científico, artístico e comercial que a jovem nação despertava na Europa. No próximo, refletiremos como a viagem tornou-se um instrumento para o conhecimento histórico e analisaremos como os relatos de viajantes foram fundamentais para as obras de Ferdinand Denis.

CAPÍTULO 2: VIAGENS E VIAJANTES

Viagens e viajantes. Se há algo que minha pesquisa sobre Ferdinand Denis permite afirmar é que esses são os tópicos mais recorrentes de sua vasta e variada obra. Denis viveu por quase todo o século XIX e publicou centenas de textos, de diferentes gêneros, sobre diversos assuntos – boa parte deles relaciona-se, de alguma forma, com a questão das viagens. Como vimos, Denis foi ele próprio um viajante, tendo vivido de 1816 a 1819 no Brasil.

Seguiremos o seguinte percurso no capítulo: depois de conhecermos as produções do autor que tratam da questão das viagens, seguiremos com alguns apontamentos sobre a importância do relato de viagem como fonte de conhecimento nesse começo do século XIX. Em seguida, exploraremos duas facetas de Ferdinand Denis: a de viajante e a de erudito. Veremos que, nos trabalhos sobre a vida e a obra do autor, foi construída uma relação de oposição e tensão entre essas duas facetas. Argumento que é mais proveitoso para a análise de *Brésil* considerar a viagem e a erudição como atividades que se relacionam – não sendo separáveis nem perfeitamente opostas. Na parte dedicada ao Denis viajante, examinaremos o conteúdo de seu diário de viagem a Jequitinhonha. Já na parte dedicada à atividade de erudição, analisaremos, por meio de artigos do autor que trataram de viagens e viajantes, como ele selecionava os relatos que constituiriam suas fontes e a quais procedimentos propunha que esses relatos fossem submetidos.

1 A onipresença das viagens

Se considerarmos os textos publicados em revistas, essa onipresença das viagens já se manifesta. Já em 1821, Denis publica a tradução da carta de Pero Vaz de Caminha no *Journal des voyages, découverts et navigations modernes*¹. No mesmo ano, seleciona e publica trechos traduzidos para o francês da *Corografia Brazilica* (publicada por Manuel Aires de Casal no Rio de Janeiro quatro anos antes) na revista *Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire*.²

¹ CAMINHA, Pero Vaz de. Lettre inédite de Pedro Vas de Caminha sur la découverte du Brésil. Trad. Ferdinand Denis. **Journal des voyages, découverts et navigations modernes** ou archives géographiques et statistiques du XIXe. siècle par J. F. Verneur, Paris, février 1821, p. 157-189.

² CAZAL, Ayres de. Notice sur les capitaineries de Pará et de Solimoens, au Brésil ; Extrait de la Corografia Brasilica, ou relation historique et géographique du royaume du Brésil, par le père Ayres de Cazal”, Traduction et notes de F. Denis, **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire**, t. IX. Paris, 1821, pp. 209-278; CAZAL, Ayres de. Notice sur la province de Mato Grosso; Extrait de la Corografia Brasilica, Traduction et notes de F. Denis. **Nouvelles Annales de la géographie et de l'histoire**, ou Recueil des relations originales inédites..., t. XI. Paris, 1821, pp. 209-283.

Nos primeiros anos da década de 1830, o autor escreveu comentários sobre a experiência e os relatos de viajantes franceses. Em 1831, produziu um texto para a *Revue des Deux Mondes* sobre o recém-publicado relato da viagem de Auguste Saint-Hilaire ao Brasil³. Nos anos posteriores, Denis publicou uma série intitulada *Vieux voyageurs français* na *Revue de Paris*. Nos artigos da série, os “antigos viajantes franceses” contemplados foram os missionários Jean-Baptiste Du Tertre, Paul Le Jeune e Yves D’Évreux⁴.

Além da tradução de documentos concernentes à história do Brasil e de comentários sobre o relato de viajantes específicos, Denis publicou reflexões sobre a relevância das viagens para a produção do conhecimento. Um exemplo dessas reflexões está em *De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle* (1832), artigo publicado na revista *La France Littéraire*, no qual o autor constrói uma linha que parte das viagens antigas até as missões francesas do século XVI, considerando as contribuições históricas dos viajantes para a Literatura, a Filosofia e a História. Outro exemplo é um artigo sobre os Argonautas⁵, publicado em 1836 na *Magasin Pittoresque*, no qual o autor discorre sobre a geografia ensinada pelos viajantes.

As viagens também fermentaram a produção ficcional de Ferdinand Denis. O autor produziu dois relatos fictícios de viagem: *André, le voyageur* (1827) e *Le Brahme voyageur* (1832). Além disso, dois de seus romances, *Les Machakalis* e *Palmares*⁶, foram inspirados em sua viagem ao Brasil bem como nos relatos de outros viajantes que aqui estiveram.

Denis foi ainda responsável pela publicação do relato de viagem de Yves d’Évreux. Tendo encontrado o manuscrito na *Bibliothèque du Roi* em 1835, ele escreve o artigo sobre seu conteúdo para a *Revue de Paris* nesse mesmo ano e, em 1864, publica

³ DENIS, Ferdinand. Voyages dans l’intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire, in **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, avril-juin 1831, Paris, p. 405-429.

⁴ DENIS, Ferdinand. Le Père du Tertre. **Revue de Paris**, Série: Littérature rétrospective – Nos vieux voyageurs français, tome LV, Paris, 1833, p. 232-249; DENIS, Ferdinand. Vieux voyageurs français: Le père Paul le Jeune, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome VI, Paris, 1834, p. 5-22; DENIS, Ferdinand. Vieux voyageurs français: Yves d’Évreux, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 5-21.

⁵ DENIS, Ferdinand. De la géographie enseignée par les voyageurs. Les Argonautes, **Le Magasin Pittoresque**, t. 4, livraison n° 14, Paris, avril 1836, p. 105-107.

⁶ Esses romances foram publicados em DENIS, Ferdinand. **Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie**. Paris: Louis Janet, 1824.

a primeira edição do texto com uma introdução sobre as missões francesas no Maranhão numa coleção dedicada a documentos inéditos ou raros sobre a América⁷.

Por fim, Denis publicou, em 1833, a obra intitulada *Les navigateurs, ou choix de voyages anciens et modernes*, um compilado de trechos de relatos de viagens por ele selecionados⁸. As viagens, portanto, manifestaram-se em diversos gêneros da escrita de Denis: em seus diários e cartas, em romances, artigos, traduções, na publicação de um documento inédito e numa compilação.

Para além de tratar do tema das viagens e de publicar ou comentar obras de viajantes, Denis fez dos relatos de viagem as fontes principais de suas grandes obras sobre o Brasil e a América. Em sua obra de estreia, *Le Brésil ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitans de ce royaume*, escrita em parceria com Hippolyte Taunay e publicada em seis tomos em 1822, a importância dos viajantes já se manifesta de forma clara. No *Discours Preliminaire*, os autores esclarecem que os fatos contidos na obra haviam sido recolhidos por eles próprios, ajudados por outros viajantes – homens instruídos que estiveram nas províncias – o que garantiria sua veracidade⁹. Quanto à parte histórica, os autores teriam recorrido às obras de seus antecessores, tendo o cuidado de consultar os relatos daqueles que lá estiveram nas épocas em questão. Hans Staden, Claude d’Abbeville e Jean de Léry foram as fontes privilegiadas. Este último é considerado superior aos demais porque sua “ingenuidade” (*naïveté*) fazia com que seus relatos fossem mais exatos – como veremos, a ingenuidade é uma virtude constantemente exaltada por Denis.

Os apêndices estão reunidos no sexto tomo, que apresenta, além das notas, informações sobre as fontes utilizadas na obra. O primeiro apêndice é a tradução da Carta de Pero Vaz de Caminha, anteriormente publicada no jornal de viagens; o segundo é um texto sobre a viagem de Hans-Staden ao Brasil no século XVI e seu contato com os Tupinambá; e o terceiro, um comentário sobre as observações feitas no Brasil por

⁷ D’ÉVREUX, Yves. **Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614**, publié par F. Denis d’après l’exemplaire unique conservé à la Bibliothèque impériale de Paris. Bibliotheca Americana, Collection d’ouvrages inédits ou rares sur l’Amérique. Leipzig; Paris: Librairie A. Franck, 1864.

⁸ DENIS, Ferdinand. **Les Navigateurs**, ou choix de voyages anciens et modernes, recueillis par M. F. Denis. Paris: Chez Louis Janet, 1833.

⁹ DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 1. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822, p. xiii.

Maximiliano de Wied-Newied, seu contemporâneo¹⁰. Na introdução ao tomo, a importância dos relatos de viagem, em especial aqueles referentes à América, é explicada:

[...] é por meio deles que podemos aprender a conhecer os costumes dos primeiros habitantes desta vasta parte do mundo, e compará-los com os dos selvagens ainda existentes. As notas tomadas no local, e que o viajante não teve tempo de rever, são as mais importantes; elas a bem da verdade contêm alguns erros, mas os fatos não são alterados pelas ideias da época, e são apresentados em toda a sua simplicidade.¹¹

Em *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*, de 1824, Denis reflete, logo na introdução, sobre as contribuições que o contato com a natureza e os nativos da América davam à literatura europeia. É por meio do viajante que o autor espera que esse contato seja feito, não apenas pela descrição dos fatos que se passam na América, mas pelo efeito da natureza tropical sobre o espírito:

O europeu pede portanto ao viajante que lhe trace os efeitos de uma natureza ainda virgem, os fenômenos produzidos pelo clima, e todas as impressões morais que daí resultam. Ele quer recordar acontecimentos que ocorreram longe de si, sente a necessidade de lhes dar a cor local que só pode ser obtida por múltiplas observações. As viagens hoje tão comuns, e a perfeição do estilo de alguns, alargaram o domínio da literatura. As pinturas encontradas na nossa poesia são mais brilhantes e mais animadas.¹²

Quanto a *Brésil* (1837), a obra é aberta com a ideia de que os viajantes são não apenas as fontes mais exatas, mas também as mais adequadas para que o historiador possa determinar quais foram os fatos mais significativos para os rumos da nação. Denis afirma que Vicente Yáñez Pinzón foi o primeiro a aportar na costa brasileira e que isso era tão provável que não deveria ser posto em discussão. Porém, prossegue o autor, a viagem de Pinzón, apesar do lugar que ocupa na história das grandes navegações, não teria relevância para a história primitiva do Brasil, já que não tinha sido capaz de gerar nem os germens de uma civilização. É por isso que Caminha é tão importante para Denis: ele foi

¹⁰ Lettre de Pedro Vas de Caminha, sur la découverte du Brésil (p. 4-72); Voyages et aventures d'Hans-Stade (p. 73-198); Détails sur Campos-Geraes et les Camacans (p. 199-230). DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hyppolite. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 6. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822.

¹¹ “[...] c'est par eux que l'on peut apprendre à connaître les moeurs des premiers habitans de cette vaste partie du monde, et les comparer à celles des sauvages encore existans. Les notes prises sur les lieux mêmes, et que le voyageur n'a pas eu le loisir de re voir, sont les plus importantes ; elles renferment à la vérité quelques erreurs, mais les faits ne s'y trouvent pas altérés par les idées du temps, et sont présentés dans toute leur simplicité”. *Ibid*, p. 2.

¹² “L'Européen demande donc au voyageur de lui retracer les effets d'une nature encore vierge , les phénomènes produits par le climat, et toutes les impressions morales qui en sont le résultat. Veut-il rapeler des événemens qui se sont passés loin de lui, il sent la nécessité de leur donner cette teinte locale qu'on ne peut obtenir que par des observations multipliées. Les voyages si répandus aujourd'hui , et la perfection du style de quelques - uns d'entre eux , ont agrandi le domaine de la littérature . Les peintures qu'on rencontre dans nos poésies sont plus brillantes et plus animées”. DENIS, Ferdinand. **Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie**. Paris: Louis Janet, 1824, p. I-II.

“testemunha ocular”¹³ da descoberta, ele estava lá quando duas nações se encontraram pela primeira vez.

Façamos agora como os antigos viajantes, assistamos à sua entrevista com os nativos; parece haver neste primeiro ato de posse algo de característico, que escapou a todos os historiadores, e que tem sua origem no gênio íntimo das duas nações que se encontravam pela primeira vez na presença uma da outra.¹⁴

2 O relato de viagem como fonte de conhecimento

Ter nos relatos de viagem sua fonte primordial de informação não faz de Denis uma exceção – na verdade, faz dele uma regra. O século XVIII vivenciou um aumento expressivo das publicações de literatura de viagem e a adoção, por vários campos do saber (geografia, história natural, história universal do homem), desse gênero como fonte quase exclusiva.

Bettina Dietz argumentou que os relatos de viagem eram uma saída, nem sempre ideal, para um dilema vivido pela história natural nos séculos XVIII e XIX. Essa história fazia fortes alegações de que operava com base em relatos de primeira mão, mas seus autores tinham dificuldades em ir às localidades a serem descritas. Se um estudioso não viu por si mesmo, a literatura de viagem encarregava-se de levar até ele o que outros viram. A produção de compêndios de relatos de viagem, tais como *Bibliothèque Universelle des Voyages* (1808), de La Richerderie, indica a necessidade de organizar um material cada vez mais vasto e de facilitar o acesso de estudiosos a esse material¹⁵. Como vimos, o próprio Denis publicou um compêndio que reunia fragmentos de relatos de viagem.

Outro indicativo do sucesso dos relatos de viagem foi o florescimento de revistas dedicadas a eles na França do século XIX. Essas revistas foram importantes vetores da “redescoberta da América”¹⁶, atuando na tradução, na reunião e na publicação de relatos

¹³ “*Témoin oculaire*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs, coutumes. etc. Paris: Firmin Didot Frères, 1837, p. 2.

¹⁴ “*Faisons maintenant comme les vieux voyageurs, assistons à leur entrevue avec les indigènes; il semble qu’il y ait dans ce premier acte de possession quelque chose de caractéristique, qui a échappé à tous les historiens, et qui prend sa source dans le génie intime des deux nations se trouvant pour la première fois en présence*”. *Ibid.*, p. 2-3.

¹⁵ DIETZ, Bettina. Natural history as compilation: travel accounts in the epistemic process of an empirical discipline. In: HOLENSTEIN, André; STEINKE, Hubert; STUBER, Martin (Eds.). **Scholars in Action: The Practice of Knowledge and the Figure of the Savant in the 18th Century**. Brill, 2013, p. 703-705.

¹⁶ HUERTA, Mona. Le Voyage aux Amériques et les revues savantes françaises au XIXe siècle In: MICHEL, Bertrand; VIDAL, Laurent (éds.). **À la redécouverte des Amériques**. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.

de viajantes tanto contemporâneos quanto pertencentes aos tempos dos descobrimentos e da colonização. Essas revistas podiam estar associadas a instituições oficiais, a sociedades *savantes* ou podiam ser revistas de grande difusão, organizadas por editoras¹⁷.

Os *Annales des voyages, de la géographie et de l'histoire*, publicados por Conrad Malte-Brun a partir de 1807 são um exemplo desse tipo de publicação. De acordo com a capa da primeira edição, trata-se de uma coleção de viagens recentes traduzidas de todas as línguas europeias, de relatos inéditos de viajantes e de memórias históricas sobre os costumes e a natureza de regiões pouco conhecidas.

No *Discours Préliminaire*, Malte-Brun apresenta o conteúdo, o objetivo e a função de sua publicação periódica. Os *Annales* foram concebidos como um “ponto de reunião, um centro de comunicação”¹⁸ dos *savants*, um espaço de troca de descobertas e de diálogo sobre os desafios do trabalho. Esses esforços são apresentados como uma tentativa de se diferenciar dos antigos no que tangia à produção de conhecimento.

Segundo Malte-Brun, seria por ausência de obras periódicas que os antigos haviam permanecido por tanto tempo na “longa infância das ciências fundadas sobre a observação”¹⁹, fazendo apenas progressos muito lentos no conhecimento do globo. A ausência de um espaço de registro e troca teria causado, segundo essa lógica, uma série de problemas. O isolamento das descobertas de viagem e a não transmissão dos conhecimentos para as gerações seguintes são alguns dos problemas citados.

De acordo com o autor, o fato de as descobertas não serem divulgadas nem reunidas teriam impedido que “a arte de classificar, de pesar e de comparar os testemunhos dos viajantes”²⁰ se desenvolvesse entre os antigos. Essa fragilidade estaria na raiz dos preconceitos, superstições e ideias fantasiosas dos antigos em relação às outras partes do mundo. Quanto à modernidade, o cenário pintado é outro:

Os preconceitos dos Antigos desapareceram; as fronteiras que restringiam o Mundo caíram por todos os lados; não existem mais as Colunas de Hércules; a fabulosa Índia e a obscura Thule não são mais os confins da terra. Mais ousada, mais ativa, a mente humana abrange, em uma única e vasta ideia, todas as

¹⁷ Mona Huerta, acima citada, que fez um levantamento das revistas francesas que publicavam relatos de viagem à América, identificou esses três tipos. Para as características de cada tipo de publicação.

¹⁸ “[...] *un point de réunion, un centre de communications*”. MALTE-BRUN, Conrad. *Discours préliminaire sur la nature et le but de cet ouvrage. Annales des voyages, de la géographie et de l'histoire*, t. 1. Paris : F. Buisson, 1807, p. 7.

¹⁹ “[...] *la longue enfance des Sciences fondées sur l'observation*”. *Ibid.*, p. 4.

²⁰ “*L'art de classer, de peser et de comparer les témoignages des Voyageurs*”. *Ibid.*, p. 5.

regiões do Mundo, com todas as suas variadas produções e com as incontáveis nações que as habitam.²¹

O trecho toca em vários elementos da concepção moderna de História que abordamos no capítulo anterior. Além da ideia de progresso do conhecimento (o que torna o conhecimento antigo obsoleto), temos a proposta de uma ciência que alarga as fronteiras geográficas e temáticas enquanto busca uma visão integradora dos fenômenos.

Essa visão “única e vasta” corresponderia, segundo Malte-Brun, à verdadeira Geografia e à verdadeira História. A única diferença entre as duas ciências seria a dimensão com a qual cada uma trabalha: a geografia, com o espaço e a história, com o tempo. As duas trabalhariam para a produção de conhecimentos exatos das várias regiões do mundo e compartilhariam da mesma intenção filosófica “ao retraçarem os diferentes caracteres que indicam os numerosos ramos da grande família humana”²².

Além de associada a uma concepção moderna de História, essa era de ouro da literatura de viagem parece se relacionar com valorização da autópsia vigente no começo do século XIX. Temos de reconhecer que o princípio da autópsia – a concepção de que o conhecimento mais confiável era aquele obtido por meio da visão direta dos eventos – não era algo exatamente novo.

A visão já desempenhava papel fundamental na historiografia antiga, como demonstrado por François Hartog em suas análises das obras de Heródoto e Tucídides. As *Histórias* de Heródoto cobrem as Guerras Médicas, tratando de uma série de povos não gregos, como persas, babilônios e citas. Na escrita herodoteana, a visão torna-se uma “marca de enunciação”, com o “eu vi” proferido pelo narrador gerando um efeito de prova. A autópsia serve ainda como critério de definição do nível de confiabilidade do que é narrado – “desde aquilo que eu vi com os meus próprios olhos, ao que outros viram – e até aquilo que ninguém viu”²³. Como observado por Hartog, é o olho do viajante que “recorta o espaço” em zonas mais ou menos conhecidas.

²¹ “*Les préjugés des Anciens ont disparu; les bornes qui resserroient le Monde, sont tombées de toutes parts; il n’y a plus de Colonnes d’Hercule; la fabuleuse Inde et l’obscur Thule ne sont plus les extrémités de la terre. Plus hardi, plus actif, l’esprit humain embrasse, dans une seule et vaste idée, toutes des contrées du Monde, avec toutes leurs Productions variées et avec les inombrables Nations qui les habitent*”. MALTE-BRUN, Conrad. *Discours préliminaire sur la nature et le but de cet ouvrage. Annales des voyages, de la géographie e de l’histoire*, t. 1. Paris : F. Buisson, 1807, p. 5.

²² “[...] *en retraçant les caractères différents qui signalent les nombreuses branches de la grande famille humaine*”. *Ibid.*, p. 6.

²³ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 292.

Na escrita de Heródoto, a visão pode se associar a outra forma de conhecimento denominada *akoé*. Ligada à audição, a *akoé* significava o ato de se informar, de perguntar, de investigar algo a partir do que era dito pelos outros. Os informantes podiam ter visto o fato (terem sido testemunhas diretas) ou podiam ter, por sua vez, se informado por terceiros. Assim, a *akoé* poderia comportar vários níveis de confiabilidade, a depender do número de intermediários entre o investigador e a testemunha ocular (incorporadora do “*eu vi fundador*”²⁴). Hartog nota em Heródoto uma postura metodológica de assumir que não viu algo, de deixar claro que foi informado por outros, como forma de aumentar sua credibilidade.

Quanto a Tucídides, em sua *História da Guerra do Peloponeso*, a autópsia figura como a única forma de alcançar um conhecimento histórico claro, enquanto a *akoé* é vista com suspeição. Levado ao limite, o imperativo de que o historiador testemunhasse os eventos (ou recorresse a testemunhas oculares) levava à noção tucidideana de que a única história possível seria a do presente²⁵. Como observado por Hartog, Tucídides propunha que a visão das testemunhas fosse ainda submetida a uma espécie de crítica de forma a alcançar a *akribeia*, a adequação do narrado ao real.

As diferenças em relação ao uso da autópsia são, em grande medida, devidas ao fato de que Heródoto e Tucídides praticavam formas distintas de história. Heródoto praticava uma história memorial, cuja função era a de registrar as obras dos homens, descobertas por meio de sua investigação, para que não fossem esquecidas. A investigação do Heródoto, que comportava a autópsia e a *akoé*, podia “dizer o que se diz”, narrando mesmo versões distintas do mesmo evento²⁶. Já Tucídides buscava uma “história verdadeira”, clara, adequada ao real, dependente da autópsia.

Apesar das diferenças do recurso à autópsia entre os autores antigos (Heródoto e Tucídides, mas também Heráclito e Aristóteles), Hartog percebe uma valorização da

²⁴ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 300.

²⁵ Cf. HARTOG, François. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 64-65; p. 81.

²⁶ *Ibid.*, p. 78. Como observado por Arnaldo Momigliano, Heródoto seguia o princípio de “dar prioridade a registrar, e não a criticar”, deixando ao leitor a tarefa de julgar qual versão preferível. A citação encontra-se em MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. São Paulo : Editora Unesp, 2019, p. 67.

visão como instrumento do conhecimento comum a distintas áreas do saber, o que o leva à conclusão de que a autópsia era uma “constante epistemológica”²⁷ na Antiguidade.

Loveday Alexander, que fez um levantamento das aparições do termo *autoptes* (aquele de quem parte a autópsia) na literatura antiga a partir do século V a.C., concluiu que, no campo da história, a “convenção da autópsia”²⁸ estava especialmente ligada às viagens e à periegesis. Em autores como Heródoto, Diodoro e Políbio, a autópsia figura como um instrumento de coleta ou de verificação de informações de lugares pouco conhecidos e distantes. Em Dioscórides, a autópsia se conjuga ainda à investigação feita junto aos habitantes de cada local. Segundo Alexander, esse uso da autópsia está relacionado a uma tradição de história próxima daquela praticada por Heródoto e pelos jônicos: “uma investigação do mundo em geral, da qual a narração de eventos passados, ‘história’ em nosso sentido, constituía apenas uma parte”²⁹.

A valorização da autópsia não se restringe à Antiguidade. Cristian Bratu observa que os princípios ligados à autópsia continuaram sendo adotados por um grande número de historiadores medievais³⁰. Outros estudos evidenciam uma permanência moderna da antiga autópsia tanto na história quanto em outras áreas do saber.

Gianna Pomata, por exemplo, analisou como a autópsia se associou, em meados do século XVI, com o desenvolvimento do gênero literário conhecido como *observationes*. Surgido na astronomia, o gênero foi gradativamente adotado por diversas áreas, tais como filologia, jurisprudência e medicina³¹. O gênero era caracterizado pela reunião da descrição de casos específicos observados por determinado autor. Esse autor podia ser, por exemplo, um médico que produzia relatórios da evolução dos sintomas de seu paciente ou um jurista que registrava detalhes de decisões da corte ao acompanhar

²⁷ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 291.

²⁸ O autor utiliza o termo “convenção da autópsia” porque o que se verifica nos textos gregos antigos é a ideia da visão como forma de conhecimento e não a palavra “autópsia”, que ainda não estava disponível. Para a história da palavra, conferir os seguintes textos: ALEXANDER, Loveday. **The preface to Luke's Gospel**. Literary convention and social context in Luke 1.1-4 and Acts 1.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 34-41 e POMATA, Gianna. A Word of the Empirics: The Ancient Concept of Observation and its Recovery in Early Modern Medicine, **Annals of Science**, v. 68, n. 1, jan. 2011, p. 8.

²⁹ “[...] an investigation of the world in general, of which the narrating of past events, ‘history’ in our sense, formed only a part”. ALEXANDER, *op. cit.*, p. 37.

³⁰ BRATU, Cristian. **“Je, auteur de ce livre”**: L’affirmation de soi chez les historiens, de l’Antiquité à la fin du Moyen Age. Leiden ; Boston: Brill, 2019, p. 458.

³¹ Cf. POMATA, Gianna. Observation Rising: Birth of an Epistemic Genre, 1500 –1650. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 51.

um caso. Como notado por Pomata, o gênero foi instrumento da criação de um empirismo coletivo, mas distanciado do antigo. O coletivo não era mais formado pela acumulação de observações anônimas, gestadas ao longo de séculos na construção de uma tradição. Passa a haver um “esforço deliberado de estampar a observação com a marca de um autor”³², que passa a ser reconhecido e questionado pelo que viu e relatou.

A autópsia mantém sua importância nos séculos subsequentes, mas o tipo de “observação” ao qual ela se associa sofre modificações. As observações médicas, astronômicas ou jurídicas antes se limitavam ao que era relatado por uma testemunha ocular especializada e tratavam de objetos circunscritos. Como demonstrado por Lorraine Daston, a “observação” teve seu escopo ampliado a partir do século XVIII, passando a se associar a um projeto de história natural que se atentava a diversos objetos, cobrindo tudo aquilo que concernia à conveniência da vida humana³³. O rompimento com a tradição e com o tipo antigo de coletividade se manteve. Os compêndios, que antes reuniam observações de pensadores antigos sobre determinado assunto, passaram a reunir relatos de contemporâneos, quase sempre devidamente nomeados.

Alguns autores trataram da valorização da autópsia no contexto específico da escrita da História do Brasil praticada no século XIX. Para Temístocles Cezar, a autópsia é uma constante epistemológica dos relatos de viagem antigos e modernos³⁴, manifestada não apenas nesses relatos, mas também nas obras historiográficas que se valeram deles. O autor nota que, ao recorrer a relatos de viagem ao Brasil do século XVI, Francisco Adolfo de Varnhagen e outros historiadores do século XIX reconheciam neles uma intenção de verdade e os tratavam como documentos, inserindo-os numa lógica de evidência da história. O viajante é, no seio dessa lógica, considerado “uma fonte que presumidamente viu o que descreve e alegadamente experimentou o que viu”³⁵.

³² “[...] a deliberate effort to stamp observation with the mark of an author”. POMATA, Gianna. *Observation Rising: Birth of an Epistemic Genre, 1500 –1650*. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 50.

³³ DASTON, Lorraine. *The Empire of Observation, 1600 –1800*. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 84.

³⁴ CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 82.

³⁵ *Ibid.*, p. 83.

Cezar observa que a autópsia orientou ainda as viagens feitas por Varnhagen: ao aportar na Bahia, o historiador buscou verificar com seus próprios olhos aquilo que foi registrado por Gabriel Soares de Sousa. A “verificação *in loco*” fazia parte dos procedimentos da crítica a que Varnhagen submetia suas fontes. Apesar de reconhecer a intenção de verdade em seus informantes do passado, Varnhagen admitia que os relatos eram produzidos em circunstâncias nas quais a subjetividade podia aflorar. Fazia parte do ofício do historiador definir o que se podia aproveitar do relato, era ele (e não o viajante) o “definidor e proprietário de verdades”³⁶. Veremos mais à frente quais os procedimentos adotados por Denis nesse sentido.

Eduardo Wright Cardoso avalia a permanência do princípio da autópsia na modernidade por meio da análise de um texto de Joaquim Manuel de Macedo publicado na Revista do IHGB em 1862, intitulado *Dúvidas sobre alguns pontos da história pátria*. Cardoso parte da oposição feita por Guido Schepens (1980) entre a autópsia moderna e a antiga, mas a relativiza ao perceber a convivência de elementos das duas modalidades na escrita de Macedo.

Segundo Schepens, a autópsia antiga se caracterizava pela visão direta dos fatos, enquanto a moderna era definida pela consulta (visão) das fontes. De fato, como vimos, a historiografia oitocentista passou a se fundamentar cada vez mais na consulta a fontes originárias do tempo/lugar a ser retratado, bem como num método desenvolvido para lidar com essas fontes. Cardoso observa, porém, que o método de Macedo, por mais que recorresse a essa “autópsia documental”, também comportava a ideia da visão direta (a presença do historiador ou de seu informante nos eventos narrados) como garantidora da veracidade³⁷. O mesmo é observado por Cardoso na escrita de Varnhagen. Para publicar o *Tratado Descritivo do Brazil*, de Gabriel Soares de Souza, Varnhagen (1851) operou um trabalho moderno de ida aos arquivos para consultar os diversos exemplares do documento. O historiador, porém, recorre à sua própria visão do território descrito por Soares de Souza como instância de verificação³⁸.

³⁶ CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX**: o caso Varnhagen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 87.

³⁷ CARDOSO, Eduardo Wright. A autópsia como recurso à escrita da história: o valor da visualidade na historiografia brasileira durante o século XIX. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–25, 2023, p. 16.

³⁸ *Ibid.*, p. 18-19.

Pelo conjunto dos estudos sobre a autópsia, é possível depreender que o princípio se manteve operante desde a Antiguidade, mas que sofreu mudanças de acordo com o tempo e a área de aplicação. Veremos, mais à frente, como a autópsia figura na escrita de Denis, no que tange tanto à sua visão ao longo da viagem que fizera a Jequitinhonha quanto da visão dos viajantes que ele privilegiava enquanto fontes da história do Brasil. Antes disso, vejamos como essas duas facetas (a de viajante e a de erudito/historiador) do autor foram comumente tratadas.

3 “Um viajante que prefere citar”: a tensão entre viagem e erudição

O exame dos trabalhos sobre Ferdinand Denis revela uma tendência de separação – e mesmo de oposição – entre sua experiência de viagem e sua produção intelectual. Em boa parte desses trabalhos, a viagem ao Brasil aparece apenas como parte do quadro biográfico ou como prelúdio de sua consagração como erudito.

Em 1926, Pierre Moreau publicou um estudo, construído a partir das cartas e do diário de Denis, sobre as relações intelectuais e de amizade que o autor mantinha com grandes nomes do Romantismo francês. Nesse estudo, Denis é apresentado como um polígrafo, representante daquilo “que restou do século XVIII e de seu ‘espírito enciclopédico’ na geração romântica”³⁹. Moreau considera que o autor foi, de fato, um viajante e que “viu muito”⁴⁰, mas que, ao fim e ao cabo, era um curioso por livros, um viajante das letras. O tom impessoal de suas obras atestaria que Denis era um viajante “que poderia lembrar-se, mas que prefere citar”⁴¹.

Na obra de Maria Helena Rouanet, de 1991, há um capítulo intitulado “Percurso e percalços de um viajante”. Nele, a viagem aparece apenas como um capital que Denis pôde mobilizar para impressionar os editores e impulsionar sua “carreira de ‘Americanista’”⁴². O foco do capítulo em questão é, na verdade, o de analisar como as obras *Scènes de la nature sous les tropiques* (1824) e *Résumé d’Histoire Littéraire du Brésil* (1826) representaram estratégias que livraram Denis do “risco de ser apenas mais um viajante”⁴³.

³⁹ “[...] ce qui restait du XVIIIe siècle et de son esprit ‘encyclopédique’ dans la génération romantique”. MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d’après des documents inédites. **Revue d’Histoire littéraire**, octobre-décembre 1926, p. 531.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 533.

⁴¹ *Ibid.*, p. 534.

⁴² ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 203.

⁴³ *Ibid.*, p. 203.

Aqueles que criticaram o trabalho de Rouanet não trataram de forma tão diferente a experiência de viagem. Maria Edith Maroca de Oliveira (2014) nos apresenta, no lugar do Denis oportunista de Maria Helena Rouanet, um “*savant* autodidata e generalista”, cuja consagração deveu-se à sua dedicação “por sete décadas ao estudo e divulgação de materiais diversos”⁴⁴. A proposta do texto de Oliveira é a de contextualizar a vida e o trabalho de Denis, considerando sua experiência como um homem de letras do século XIX. Na trajetória do autor traçada por Oliveira, a viagem é entendida como “cabedal do jovem francês de origem humilde e sem grande lustro”⁴⁵.

Jean-Claude Laborie (2013), que escreveu um artigo no qual critica a concentração dos estudos sobre Denis na porção de sua obra dedicada ao romantismo literário, propôs uma abordagem que considerasse o papel de Denis como mediador. Laborie destaca que Denis passou um período no Brasil (tendo sido, portanto, um viajante), que se esforçou para estabelecer uma relação intelectual com o país por meio de suas publicações e que serviu de intermediário para os letrados brasileiros em Paris. Laborie interpreta a experiência de viagem como secundária – ou pouco significativa quando comparada – à atividade erudita. O autor aventa a possibilidade de uma aproximação heurística entre Denis e André Thevet, Jean de Léry ou Lévi-Strauss, “porque eles partilham uma experiência curta e decepcionante no país e uma formidável compensação literária e científica”⁴⁶.

Já o trabalho de Laurent Vidal (2002) compara dois escritos de Ferdinand Denis: as cartas escritas no tempo em que esteve no Brasil e a obra *Brésil*, de 1837. No primeiro momento, Denis seria, segundo o olhar do autor, um jovem viajante, com os sentidos em alerta, surpreso, encantado, intrigado diante de um mundo novo. No segundo, um erudito já estabelecido que escreve uma síntese sobre o Brasil. Entre um e outro, um processo de maturação da percepção da sociedade brasileira. Vidal observa que as descrições da sociedade brasileira feitas pelo jovem Denis aproximam-se da caricatura e que suas observações partem de um modelo europeu para julgar os costumes encontrados. A análise de 1837 consideraria, ao contrário, uma série de classes intermediárias e não se limitaria àquilo que saltou aos olhos do viajante, mas refletiria sobre o futuro do Brasil. Esse movimento representaria “a gênese de um brasilianista”, ou o caminho “da procura

⁴⁴ OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de. Ser um homem de letras na primeira metade do século XIX francês (1815-1848): a trajetória de Ferdinand Denis. In: IPIRANGA, Pedro; GARRAFONI, Renata Senna; BRANDÃO, Bernardo (orgs.). **Modos de vida**: crenças, afetividades, figurações de si e do outro. Belo Horizonte: Crisálida, 2016, p. 65.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 70.

⁴⁶ LABORIE, Jean-Claude. Estudo de mediações: o caso Ferdinand Denis. **Revista Ponto e vírgula**, n. 13, p. 66-77, 2013, p. 76.

à investigação”⁴⁷. Vidal reconhece que algumas das mudanças podem ser devidas à diferença dos gêneros de escrita (afinal, são cartas privadas sendo comparadas a uma análise publicada), mas parece devotar a “maturação” do pensamento de Denis sobre o Brasil à passagem de uma visão de viajante para uma visão de erudito.

Dois trabalhos recentes deram atenção à experiência de viagem de Denis, o de Ana Laura Donegá, de 2020, e o de Ana Beatriz Demarchi Barel, de 2018. Em sua tese, Donegá analisa, a partir dos conceitos bourdieusianos de *habitus* e *campo*, as estratégias de consagração no cenário intelectual adotadas por Denis⁴⁸. A autora rompe, portanto, com a ideia de Maria Helena Rouanet de que as estratégias de Denis foram calculadas de forma consciente, buscando demonstrar como elas foram orientadas por disposições internalizadas e pelo estado do campo de produção intelectual naquele momento. A primeira parte da tese, dedicada à viagem, explora as representações da sociedade brasileira presentes nos diários e nas cartas que Denis escreveu no Brasil, considerando como essas representações foram informadas por um repertório cultural francês. A segunda parte compara as representações do material da viagem com aquelas encontradas nas obras sobre o Brasil produzidas entre 1821 e 1837. A mudança de visão é devotada à mudança do tipo de documento (cartas e diários, de foro íntimo; obras, de caráter público) e inserida na lógica das estratégias de consagração – nisso, o trabalho se aproxima do de Rouanet.

Ana Beatriz Demarchi Barel propõe uma pesquisa que considere a atividade de Ferdinand Denis como um viajante oitocentista e como um agente das relações culturais Brasil-França⁴⁹. Seu trabalho, que privilegia as cartas e o diário do tempo da estadia na Bahia, busca rastrear a rede de contatos estabelecida por Denis. Um de seus objetivos é o de investigar a atividade de outros *passeurs transatlantiques* mencionados por Denis, tais como Henri Plasson. Há algo de distinto no trabalho de Barel: a autora considera a experiência de viagem em si mesma, propondo questões pertinentes a essa experiência sem submetê-la aos problemas da produção intelectual que a seguiria.

⁴⁷ O tópico que trata da obra de 1837 é intitulado “*La genèse d’un brésilieniste: de la quête à l’enquête*”. VIDAL, Laurent. Ferdinand Denis, observateur de la société brésilienne (1816-1837). In: MICHEL, Bertrand; VIDAL, Laurent (éds.). **À la redécouverte des Amériques**. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002, p. 243.

⁴⁸ DONEGÁ, Ana Laura. **Viajante, polígrafo e erudito: Ferdinand Denis (1798-1890) no espaço literário franco-brasileiro**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Campinas, 2020.

⁴⁹ BAREL, Ana Beatriz. Representações e redes transatlânticas: relações França-Brasil nos escritos de um viajante Oitocentista. **Revista BBM**, São Paulo, n. 1, p. 14-31, jul./dez. 2018.

Em boa parte desses estudos, parece haver uma tensão entre o Denis viajante – um jovem inexperiente e impressionado ou um viajante pouco preocupado com o que escrevia – e o Denis erudito – um *savant* que consultou muitos relatos e teve tempo de refletir sobre sua própria viagem ou um homem de letras preocupado em conquistar e manter sua posição no campo intelectual.

Essa tensão entre viagem e erudição parece ter marcado presença nos tempos do próprio Denis. Lorelay Kury⁵⁰ nota que, entre os séculos XVIII e XIX, havia a convivência de dois modelos de trabalho do naturalista, o da viagem e o do gabinete. Para Humboldt, a viagem era insubstituível, já que a experiência sensorial e estética do cientista em meio à natureza era parte tão fundamental de sua atividade quanto medições precisas e sistemáticas (que poderiam ser feitas por outro viajante instruído). Já Georges Cuvier, que teve a oportunidade de empreender expedições científicas, mas recusou, posicionava-se de maneira distinta, defendendo certa superioridade do trabalho de gabinete.

Por outro lado, como observado por Mona Huerta, a viagem, ou pelo menos certa categoria de viagem, aquela de exploração científica, tal como modelada por Humboldt, Bonpland e d’Orbigny⁵¹, conquistava suas cartas de nobreza no século XIX. Se havia vários tipos de viajante (comerciantes, artistas, naturalistas, diplomatas), alguns deles eram mais ou menos apreciados como capazes de contribuir para o conhecimento. Veremos, na segunda parte deste capítulo, como Denis fazia distinções nesse sentido.

Daniela Moscato e Cláudio DeNipoti evidenciaram que os naturalistas que vieram ao Brasil no começo do século XIX (John Mawe, Wied-Newied, Saint-Hilaire, Spix e Martius, entre outros) possuíam uma sólida formação erudita. Segundo os autores, a preparação da viagem desses naturalistas contava com a leitura de um conjunto extenso de obras. Desse conjunto, faziam parte obras de nomes já consagrados da história natural (como Humboldt, Buffon e Cuvier), de naturalistas luso-brasileiros do século XVIII e de historiadores (como Southey e Beauchamp). É nesse sentido que esses naturalistas são

⁵⁰ KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, vol. VIII (Suplemento), p. 863-880, 2001.

⁵¹ As viagens científicas, tais como modeladas por Humboldt, Bonpland e d’Orbigny, geraram tentativas de “descrição sistemática e global dos espaços e das sociedades americanas alimentando pesquisas de campo, métodos científicos de observação e estudos livrescos”. HUERTA, Mona. Le Voyage aux Amériques et les revues savantes françaises au XIXe siècle In: MICHEL, Bertrand; VIDAL, Laurent (éds.). **À la redécouverte des Amériques**. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002., p. 1, nota 1.

considerados “viajantes-leitores”⁵², mais próximos de homens de gabinete do que de aventureiros.

Lorraine Daston recorre a uma imagem construída por Francis Bacon para ilustrar a relação entre viajantes e eruditos. Bacon imaginara, em sua utopia *The New Atlantis* (1627), a constituição de uma casa do conhecimento chamada Casa de Salomão, ocupada por “Intérpretes da natureza”, os pensadores, que seriam informados pelos “Mercadores da Luz”, os viajantes lançados ao mundo⁵³. Daston observa que, no século XIX, não era raro que um mesmo indivíduo ocupasse um posto duplo de intérprete da natureza e de mercador da luz, ou de observador-explorador e de observador-pensador⁵⁴. Esse parece ser o caso de Denis que, além de ter sido um viajante e de ter produzido diários de viagem, também se valeu de outros viajantes para construir visões abrangentes do Brasil.

Assim, penso que a tensão entre viagem e erudição possa ser bem aproveitada numa lógica mais de relação do que de oposição/separação. Minha intenção é a de, ao longo da análise da obra *Brésil* (1837), considerar como Denis foi fonte de suas próprias obras e teve de relacionar/contrastar/comparar o que registrou com aquilo que outros registraram. Assim, Denis ocupa simultaneamente duas posições, a de autor/erudito, que seleciona e conjuga fontes na construção de seu quadro do Brasil, e a de viajante/fonte, que passa pelo processo de seleção/conjugação. Na seção seguinte, exploraremos a experiência de viagem de Ferdinand Denis, por meio do exame do conteúdo do diário de viagem a Jequitinhonha.

4 Ferdinand Denis viajante

O *Journal de mon voyage au Jequitinhonha* tem sua primeira entrada no dia 30 de julho e sua última no dia 23 de setembro do ano de 1819. Os assuntos são variados: os detalhes dos gêneros naturais, as condições da viagem, o estado de saúde de Denis e seus companheiros, as refeições, as caças, a escrita de cartas e os sentimentos experimentados.

⁵² DENIPOTI, Cláudio ; MOSCATO, Daniela. Ler é preciso: um estudo sobre uma comunidade de viajantes-leitores no século XIX: Mawe, Eschwege, Wied-Neuvied, Spix e Martius e Saint-Hilaire. **História Unisinos**, v. 27, n. 1, p.149-162, Janeiro/Abril 2023, p. 149.

⁵³ Cf. DASTON, Lorraine. The Empire of Observation, 1600 –1800. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 88.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 91.

O princípio de organização é temporal, o texto é dividido em entradas datadas⁵⁵. Essas entradas parecem ter sido feitas ao final de cada dia.

Imagem 2 – Primeira página do *Journal de mon voyage au Jequitinhonha*, de Ferdinand Denis



Imagem extraída do documento *Journal de mon voyage au Jequitinhonha* (Ferdinand Denis, 1819)⁵⁶.

Os inconvenientes da viagem dão o tom e o ritmo do relato. A escassez de alimentos; as más condições dos acampamentos (Denis por vezes dorme ao relento); a seca dos rios, que impede a passagem das canoas e dificulta o transporte das mercadorias

⁵⁵ Como observado por Lorraine Daston, esse é o tipo mais comum de organização dos cadernos de anotação do século XIX. Entre os séculos XVII e XVIII, eram mais comuns cadernos divididos por seções temáticas, geralmente em ordem alfabética. Essas seções costumavam reunir observações próprias e trechos de obras clássicas sobre determinado assunto. No século XIX, os cadernos diminuem de tamanho e passam a ser organizados por entradas datadas, que conjugam assuntos diversos, geralmente introduzidos pela ordem em que foram observados pelo autor. “Acima de tudo, o eixo de organização muda de temático para temporal”. DASTON, Lorraine. *The Empire of Observation, 1600 –1800*. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). *Histories of scientific observation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 99.

⁵⁶ O documento completo encontra-se disponível na plataforma *Gallica*, no seguinte endereço eletrônico: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52507238b.image>. A última consulta foi feita no dia 07/06/2025.

(o autor diz em uma ocasião estar quase tornando-se um anfíbio devido à constante necessidade de empurrar as embarcações pelos rios); o sol forte que maltrata a pele e a vegetação; são esses os elementos que estruturam a narrativa, entremeados pelas descrições da fauna, da flora, das cidades e dos grupos indígenas.

O relatório da febre que toma Denis e seus companheiros está presente em boa parte das entradas. Uso o termo “relatório” porque o autor não apenas reporta a febre, mas descreve seus sintomas (delírios, calafrios, dores), anota o horário em que ocorrem e analisa sua evolução durante os dias, além de relatar que tomou e prescreveu remédios e de avaliar o quão eficientes eles foram. Investiga se é possível adquirir a febre mais de uma vez, ao que responde positivamente, já que conhece um pároco que a adquiriu duas vezes, mas pondera que pode ter sido devido à idade avançada⁵⁷.

Além do mais, observa como a doença se distribui pelas localidades visitadas e quais grupos atinge. Denis questiona a eficiência dos remédios locais, inclusive um específico (feito de alho e aguardente), ingerido por seu companheiro de viagem Georges, concluindo que apenas a *quinquina* tinha algum efeito observável. Aproveita ainda, quando fala de um acesso de febre de Georges, para criticar a atuação do governo quanto à questão da saúde. Na ocasião, Denis manda chamar um boticário, “que o governo contrata aqui como cirurgião sem lhe fornecer remédios ou instrumentos para exercer sua atividade”⁵⁸. Os aspectos subjetivos da doença – os mal-estares, as apreensões, o medo de morrer longe de casa e dos familiares – misturam-se, sem dificuldades ou transições, a essas observações mais “objetivas”.

Às queixas relativas à febre e às condições da viagem, somam-se aquelas relativas à saudade da terra natal e da família, que Denis tenta remediar com a leitura de obras francesas e de cartas:

O bom La Fontaine, o amável Fourier enganam por vezes a minha impaciência com o triste deserto em que estou confinado. Lamento não ter levado comigo todas as cartas da minha família. As poucas que tenho constituem a minha mais

⁵⁷ DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jéquitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fhal-01568782f, entrada de 18/09.

⁵⁸ “[...] que le gouvernement paye ici comme chirurgien sans lui donner ni remèdes ni instruments pour exercer son état”. *Ibid.*, entrada de 03/09.

doce companhia; ao lê-las, as recordações são pressionadas no meu coração, a consolação nasce com elas e ainda vislumbro a felicidade.⁵⁹

Mas a experiência não se reduz a intempéries. Durante a viagem, Denis entra em contato com pessoas que facilitam seus caminhos – dando informações sobre canoieiros, sobre como obter alimentos ou sobre a condição dos rios – ou os tornam mais agradáveis. Em Canavieiras, Denis conhece o ouvidor Antônio da Silva Telles, que lhe consegue um abrigo e com quem pode conversar sobre literatura francesa. Outro caso é o de Severino, que, além de receber Denis em sua casa, o acompanha na caça.

Além disso, a viagem possibilitou uma série de registros sobre as cidades, os indígenas e a natureza brasileira. Denis teve contato com dois grupos de indígenas: os Maxacalis e os Botocudos. O primeiro contato com os Maxacalis deu-se durante sua estadia numa casa em Belmonte. Denis registra que, ao retornar da casa do ouvidor, foi surpreendido com a presença de indígenas dançando ao som de viola. Antes de descrever o que via, o autor repassa informações que havia colhido com o chefe dos Maxacalis sobre a história da tribo.

A tribo dos Machakalis foi outrora considerável, mas as doenças de toda a espécie e as guerras com as hordas dos Botocudos diminuíram-na terrivelmente; vivia no território de Minas Gerais e depois desceu para S. Simão, perto de S. Miguel, de onde as chuvas, a má qualidade da terra e, talvez mais do que tudo, a natural inconstância dos índios a expulsaram.

Os Machakalis são batizados há cerca de vinte anos; são inimigos declarados dos Botocudos, e os seus costumes e língua são diferentes dos selvagens. Disseram-me que nunca tiveram o costume de colocar pedaços de madeira nos ouvidos e nos lábios. Parece que o poder do chefe é hereditário. O pai do atual capitão, chamado Quemaracho, ainda é famoso entre eles; além disso, parece que o poder deste tipo de príncipes é infinitamente limitado.⁶⁰

Assim como contara com as autoridades e habitantes locais e com outros viajantes para receber informações sobre caminhos, estabelecimentos e canoas, Denis contou em grande parte com a palavra dos próprios indígenas (em especial dos chefes) para conhecer

⁵⁹ “*Le bon La Fontaine, l’aimable Fourier trompent quelquefois mon impatience devant le triste désert où je suis confiné. Je regrette de ne pas avoir emporté toutes les lettres de ma famille. Le peu que j’en ai forme ma plus douce société ; en les lisant, les souvenirs se pressent dans mon cœur, la consolation naît avec eux et j’entrevois encore le bonheur*”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fihal-01568782f, entrada de 05/08.

⁶⁰ “*La tribu des Machakalis était autrefois considérable mais les maladies de toutes espèces et les guerres avec les hordes Botocudos l’ont terriblement diminuée ; elle habitait autrefois dans le territoire du Minas Gerais puis descendit jusqu’à St Simon près de St Miguel d’où les pluies, la mauvaise qualité du terrain et, plus peut-être que tout cela, l’inconstance naturelle aux Indiens l’ont chassée*”; “*Les Machakalis sont baptisés depuis environ une vingtaine d’années ; ennemis déclarés des Botocudos, leurs usages et leur langue sont différents de ces sauvages. Jamais, m’ont-ils dit, il n’a été dans leurs mœurs de se mettre des morceaux de bois aux oreilles et aux lèvres. Il paraît que le pouvoir du chef est héréditaire. Le père du Capitaine actuel, nommé Quemaracho, est encore renommée parmi eux ; du reste, il paraît que le pouvoir de ces espèces de princes est infiniment limité*”. *Ibid.*, entrada de 12/08.

a história e os costumes das tribos. Quanto a Queramacho, o viajante o viu, o descreveu e com ele obteve a tradução de palavras indígenas: “Quemaracho é um homem alto, bem constituído e muito disposto a fazer tudo o que lhe é pedido. Fala bastante bem o português e deu-me uma tradução de várias palavras dessa língua para a sua”⁶¹ Parece haver nesses registros uma mescla da autópsia com a *akoé*. Denis conjuga a descrição de eventos e costumes que vira com informações obtidas junto aos indígenas – “disseram-me”.

Ao observar os Maxacalis, Denis faz uma analogia com uma personagem da literatura francesa – “Entre estes selvagens semicivilizados, encontrei uma nova Atala, filha de um português e de uma índia, embora menos casta do que a heroína do Sr. Chateaubriand”⁶² – e instiga os romancistas franceses a pintarem a “jovem selvagem” lutando contra o amor de um botocudo. Em 1824, o autor publicará seu romance *Os Maxacalis*, no qual narra a história de amor entre um índio maxacali e a filha de um ouvidor português.

Alguns dias após o primeiro encontro, Denis depara-se novamente com um grupo de Maxacalis, que chama de “bons amigos”, acampados em um local onde passara. O jovem presta uma visita ao grupo na intenção de comprar peles. Insere, então, uma descrição dos indígenas: “Reparei em várias mulheres pintadas de azul e vermelho; elas, tal como os homens, estavam cobertas até à cintura. O aspecto da maior parte delas era horrível; cumprimentaram-nos com uma certa indiferença”⁶³. A incivilidade dos indígenas é sempre oposta à presteza do chefe. No dia seguinte, o chefe presta uma visita a Denis, que aproveita para colher informações. Além de traduzir algumas palavras para o jovem, o chefe informa que os Maxacalis eram muito diferentes dos Botocudos e que acreditavam numa divindade suprema antes mesmo de serem batizados.

A relação com os Botocudos é um tanto distinta. Quando em Cachoeirinha, Denis registra que gostaria de explorar as matas virgens da região, mas que não era seguro fazê-

⁶¹ “*Quemaracho est un homme grand et bien fait qui met beaucoup de complaisance à faire ce qu'on lui demande. Il parle passablement le portugais et m'a donné la traduction (page 42) de plusieurs mots de cette langue dans la sienne*”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. ffhal-01568782f, entrada de 12/08.

⁶² “*Parmi ces sauvages à moitié civilisés, j'ai trouvé une nouvelle Atala, la fille d'un Portugais et d'une Indienne, toutefois moins chaste que l'héroïne de Mr. Chateaubriand*”. *Ibid.*, entrada de 12/08.

⁶³ “*J'ai remarqué plusieurs femmes peintes de bleu et de rouge ; elles étaient, ainsi que les hommes, couvertes jusqu'à la ceinture. L'aspect de la plupart d'elles était hideux ; ils nous accueillirent avec assez d'indifférence*”. *Ibid.*, entrada de 18/08.

lo sem um guia, “por causa dos botocudos que ali vagueiam continuamente”⁶⁴. Denis até chama os botocudos de “amáveis anfitriões da floresta”, mas em outro trecho, que narra o contato com mulheres da tribo do chefe Paquipuk, vê-se que “amável” pode não ser elogioso:

Uma águia que eu estava empalhando foi muito graciosamente levada pelas senhoras que estavam conosco. De imediato a rasgaram, apresentaram-na ao fogo e comeram-na com as entranhas, segundo seu amável costume.⁶⁵

Esse episódio é apresentado em *Brésil* como algo que foi visto pelo próprio autor e que era indicativo da voracidade dos Botocudos⁶⁶. Ao tratar do grupo de botocudos chefiados pelo chefe Jeparak, homem que “não tarda a se apresentar vestido com uma camisa ruim que algum soldado sem dúvida lhe presenteou”⁶⁷, Denis descreve as cicatrizes das mulheres e supõe qual seja sua origem:

Reparei em várias mulheres cobertas de cicatrizes e, tendo perguntado o que as tinha causado, soube com certeza que o ciúme dos maridos se satisfazia com esta singular vingança. Quando um homem apanhava uma mulher em flagrante delito, não atacava o seu cúmplice: só a mulher, aos seus olhos, era culpada; levava-a para um lugar isolado e fazia-lhe uma ferida profunda com a ponta da flecha, geralmente nas pernas, mas por vezes no seio ou no ventre⁶⁸.

Além de relatar o contato com os indígenas, Denis tece uma série de observações sobre a vegetação, os animais e as rochas com as quais se depara no trajeto entre as localidades ou nas ocasiões em que saía para caçar. Vejamos o trecho que trata da copaíba:

A única vantagem que ganhei com essa caminhada bastante cansativa foi a visão da copaíba ou árvore de óleo, que se encontra em quantidades

⁶⁴ “[...] à cause des Botocudos qui y errent continuellement”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fflhal-01568782f, entrada de 28/08.

⁶⁵ “Un aigle que j'empaillais a été pris très gracieusement par les dames qui étaient avec nous. Aussitôt, elles l'ont déchiré, présenté au feu et mangé avec les entrailles, selon leur aimable coutume”. *Ibid.*, entrada de 29/08.

⁶⁶ É da seguinte forma que o episódio é apresentado em Brasil: “O autor desta nota já viu mulheres botocudos se apoderarem de uma águia que ele havia matado, apenas flambá-la, por assim dizer, e comê-la com todos os sinais de voracidade, enquanto o sangue ainda escorria pelos dois lados do botoque da maneira mais hedionda”. No texto original: “L'auteur de de cette notice a vu des femmes botocudos s'emparer d'un aigle qu'il avait tué, le flamber seulement, pour ainsi dire, et le manger avec toutes les marques de voracité, tandis que le sang ruisselait encore des deux côtés de la botoque de la façon la plus hideuse”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs, coutumes. etc. Paris: Firmin Didot Frères, 1837, p. 215-216.

⁶⁷ “[...] ne tarda pas à se présenter vêtu d'une mauvaise chemise dont quelque soldat lui avait sans doute fait présent”. DENIS, *op. cit.*, 2017, entrada de 30/08.

⁶⁸ “J'ai remarqué plusieurs femmes couvertes de cicatrices et, m'étant informé de ce qui les avait causées, j'ai appris avec surprise que la jalousie des maris se satisfaisait avec cette singulière vengeance. Lorsqu'un homme surprenait une femme en flagrant délit, il ne s'en prend point à son complice : la femme seule, à ses yeux, est coupable ; il l'entraîne dans un lieu retiré et lui fait une profonde blessure avec la pointe de la flèche, ordinairement aux jambes mais quelquefois au sein ou au ventre”. *Ibid.*, entrada de 30/08.

consideráveis nestas partes. A copaíba atinge uma altura considerável. O seu tronco é bastante grande; a sua folhagem é muito espessa. A dois metros do chão, é feito um grande entalhe no tronco a partir do qual o óleo flui para um vaso que é normalmente colocado a cada lua nova; uma espécie de resina branca perfumada também pode ser notada no tronco, que não se cola aos dedos. Como já recolhi uma semelhante na madeira de Jean Caboclo na Bahia, estou certo de que a copaíba existe a uma curta distância da cidade.⁶⁹

Tem-se, no trecho, a descrição do porte, da forma e da folhagem da árvore, além da observação de sua ampla disponibilidade. Denis registra, ainda, o procedimento comum da extração do óleo e as características sensoriais desse óleo (perfumado, não gruda nos dedos). Por fim, compara com uma árvore já vista em outro lugar e conjectura que aquela árvore também exista na proximidade das cidades. É comum nas descrições de plantas e animais que Denis cubra vários aspectos do objeto. O trecho que trata do *chuchu* é outro bom exemplo dessas descrições:

Trouxeram-me um fruto bastante semelhante a uma grande alcachofra que cresce sobre uma espécie de aloé que ainda não consegui encontrar. O *chuchu*, como é chamado aqui, tem uma polpa doce muito agradável que tem o sabor de uma uva. Estou convencido de que faria uma bebida fermentada, saudável e saborosa; cresce abundantemente na floresta circundante; os macacos gostam dela e procuram-na cuidadosamente; diz-se que a planta que a suporta se assemelha a um grande ananás.⁷⁰

Nesse trecho, observa-se a comparação do gênero novo com um já conhecido, expediente bastante comum nas literaturas de viagem ao novo mundo. O expediente consiste em definir semelhanças e diferenças entre o que é apresentado e algo pertencente ao saber que o narrador compartilha com o leitor. Como observado por François Hartog, nos relatos de viagem, a comparação adquire uma função heurística: ela faz com que esse leitor compreenda o desconhecido, ela “faz ver”, ela põe uma coisa diante dos olhos (a alcachofra) para fazer ver outra (o *chuchu*)⁷¹.

⁶⁹ “*Le seul avantage que j'ai tiré de cette course assez fatigante a été la vue du copaiba ou arbre à huile qui se trouve en assez grande quantité dans ces parages. Le copaiba parvient à une hauteur considérable. Son tronc est assez gros ; son feuillage fort touffu. On lui fait, à deux pieds de terre, une large entaille d'où découle l'huile dans un vase que l'on place ordinairement à chaque nouvelle lune ; on peut remarquer aussi sur le tronc une espèce de résine blanche odorante s'attachant peu aux doigts. Comme j'en ai recueilli de semblable dans le bois du nommé Jean Caboclo à Bahia, je suis sûr que le copaiba existe à peu de distance de la ville*”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fihal-01568782f, entrada de 23/08.

⁷⁰ “*On m'a apporté un fruit assez semblable à un gros artichaut qui croît sur une espèce d'aloès que je n'ai pas encore été à même de rencontrer. Le chu-chu, c'est le nom qu'on lui donne ici a une espèce de pulpe sucrée fort agréable dont le goût a de la ressemblance avec le raisin. Je suis convaincu que l'on en tirerait une boisson fermentée, saine et de bon goût ; il croît en abondance dans les bois environnants ; les singes en sont friands et le recherchent avec soin ; la plante qui le porte ressemble, dit-on, à un grand ananás*”. *Ibid.*, entrada de 22/09. Como notado por Orsoni (nota 89), é improvável, pela descrição oferecida no diário, que se trate do que hoje chamamos de *chuchu*.

⁷¹ Cf. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 255-260.

Considerando o sabor do fruto, Denis propõe um uso possível. O autor mostra-se sempre atento aos usos, comuns ou possíveis, dos gêneros da natureza. Denis dá atenção a uma árvore nomeada *barigoudier*, fazendo a consideração, para além de descrever sua forma, de que ela era utilizada pelos botocudos para produzir armamentos e canoas.

Frequentemente, os benefícios que o gênero observado pode trazer, seja riqueza material ou melhoramento para o país, fazem parte do discurso. Quando se depara com cristais, Denis sempre se pergunta se pode tratar-se de uma pedra preciosa. Quanto descreve uma floresta, o autor aproveita para criticar o mau aproveitamento dos abundantes recursos naturais pelos portugueses:

Tudo é deserto e tudo é belo, tudo dá arrependimentos: que florestas! que madeira! que facilidades para os levar até à cidade! bem, estas imensas riquezas são desdenhadas pelo governo português. As onças, as antas cujos vestígios são vistos por toda a parte, impressos recentemente na areia, são os únicos possuidores das duas margens.⁷²

Por vezes, Denis ainda inclui os pensamentos ou discursos dos nativos sobre determinado objeto, como no caso de cristais verdes. O autor registra que os habitantes do local acreditavam que esses cristais caíam do céu quando trovejava. As observações mais descritivas da natureza também são, não raro, acompanhadas da formulação de considerações filosóficas. A descrição do bem-te-vi é um bom exemplo:

Testemunhei pela segunda vez um evento que ainda não tinha registrado por escrito. Ao regressar do bosque, estava a examinar o grupo de bem-te-vi que se encontrava nos arbustos, quando vi uma delas sair do seu refúgio e cair com velocidade sobre uma ave de rapina seis vezes o seu tamanho. Ele deu-nos uma prova reveladora da vantagem da coragem sobre a força, pois a ave de rapina fugiu sem se defender; poderia ele temer uma mãe que estava a defender os seus filhos. O bem-te-vi tira o seu nome do grito que repete no topo das árvores; é para o Brasil mais ou menos o que o pardal é para a Europa; o seu tamanho não excede o do melro; tem uma parte superior do corpo cinzenta, uma barriga

⁷² “*Tout est désert et tout est beau, tout donne des regrets : quelles forêts ! quels bois de construction ! Quelles facilités pour les conduire à la ville ! eh bien ces richesses immenses sont dédaignées par le gouvernement portugais. Les onces, les antas dont on voit partout les traces imprimées fraîchement sur le sable sont les seuls possesseurs des deux rives*”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fihal-01568782f, entrada de 26/08.

amarela e uma mancha laranja brilhante na parte superior da cabeça. O seu bico é forte e parece-me adequado para esmagar sementes bastante duras.⁷³

Antes de passarmos ao próximo tópico, retorno à questão da experiência de viagem. Denis, por diversas vezes, pinta a natureza como um espetáculo capaz de produzir percepções e sentimentos muito penetrantes no espírito do viajante. O autor se mostra intrigado diante da “oposição pitoresca” entre a imobilidade imponente das rochas e da agitação dos viajantes que desembarcavam seus pertences das canoas⁷⁴. São poderosas as passagens que tratam das quedas d’água: diante das torrentes, Denis enxerga um espetáculo assustador, “uma imagem da desolação e do caos”⁷⁵.

Por outro lado, as condições de viagem, impostas muitas vezes pela própria natureza, podem forçá-lo a retirar-se do estado de contemplação. Em determinada ocasião, Denis observava a magnificência da natureza nos arredores de Belmonte e entra num estado de “admiração contínua”. Porém, “como não se pode ficar sempre admirando e que é necessário comer”⁷⁶, Denis e seus companheiros vão fazer sua parca refeição numa cabana. Denis reconhece que as dificuldades que a viagem impõe também podem trazer pensamentos importantes, mas reflete sobre como as saudades dos parentes, a solidão, as febres, impedem uma contemplação adequada do espetáculo da natureza. O seguinte trecho expressa de forma muito clara essa ambiguidade:

Aqueles que não viveram na solidão não conhecem o prazer que se pode ter de estar entre os seus companheiros, de comer à mesa, de dormir abrigados da chuva e do vento; nem sequer o imaginam. Não podem imaginar que tais coisas comuns possam trazer consigo qualquer satisfação.

A visão de um belo deserto sem dúvida excita grandes ideias. O homem, naqueles momentos de admiração que muitas vezes regressam à vista das florestas primitivas, encontra no seu coração a independência original que a natureza ali colocou. As privações de toda a espécie a que se habitua fazem-no sentir que pode prescindir de luxos supérfluos e encontrar a sua liberdade em toda a parte, mas demasiadas vezes a tristeza segue-se à primeira impressão de exaltação; demasiadas vezes, as recordações vêm lembrar-nos os amigos, os parentes queridos, e então o espetáculo brilhante que admirávamos perde o seu

⁷³ “J’ai été témoin pour la seconde fois d’un fait que je n’avais pas encore consigné par écrit. En revenant du bois, j’examinais la foule de bem-te-vi qui se posaient dans les buissons lorsque j’en vis un sortir de sa retraite et s’élancer avec rapidité sur un oiseau de proie six fois plus gros que lui. Il nous donna une preuve parlante de l’avantage du courage sur la force car l’oiseau de rapine s’enfuit sans se mettre en défense ; peut-il redouter une mère qui défendait ses enfants. Le bem-te-vi tire son nom du cri qu’il répète sur le sommet des arbres ; il est au Brésil à peu près ce qu’est le moineau à l’Europe ; sa grosseur ne dépasse pas celle du merle ; il a le dessus du corps gris, le ventre jaune et une tache éclatante d’orangé sur le sommet de la tête. Son bec est fort et me paraît propre à broyer des graines assez dures”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fihal-01568782f, entrada de 13/08.

⁷⁴ *Ibid.*, entrada de 06/09.

⁷⁵ “[...] l’image de la désolation et du chaos”. *Ibid.*, entrada de 15/09.

⁷⁶ “Comme on ne peut pas toujours admirer et qu’il faut manger [...]”. *Ibid.*, entrada de 17/08.

encanto; então vemos apenas a solidão e o desejo de a abandonar rapidamente.⁷⁷

Os sacrifícios a que o viajante se submete para alcançar reflexões profundas sobre a natureza estão aí colocados. Como veremos, esses sacrifícios figuram entre os elementos que, segundo Denis, tornam o viajante tão precioso para a produção do conhecimento. O ímpeto de conhecer e de registrar/compartilhar, mesmo diante de tantos martírios, faz parte de um caráter do viajante com o qual Denis irá se identificar. Porém, no trecho, são igualmente apontados os custos e o limites da viagem. Aquilo que torna o viajante uma figura especial (a condição de adversidade imposta pela viagem) também o impede de se entregar completamente às atividades de exploração e contemplação.

Após o retorno à França, Ferdinand Denis ocupará um lugar distinto, distante das intempéries de viagem. De viajante que registra, passará à atividade de erudito que levanta e compara registros. A viagem, considerada como experiência transformadora ou atividade fundamental para a produção conhecimento, será, porém, indelével em sua produção erudita.

5 Ferdinand Denis erudito

Como vimos, os relatos de viagem constituíram as principais fontes das obras de Ferdinand Denis, incluindo *Brésil*. Ao comentar os relatos, Ferdinand Denis reconhecia a contribuição dos viajantes para uma série de áreas do saber, tais como a filosofia, a literatura e a história. Os viajantes não são tratados, porém, como um grupo indistinto de autores. Denis caracterizava os viajantes de acordo com o tempo, o lugar ou o motivo que os levou a escrever. Cada grupo – e, no interior desses grupos, cada viajante – parece apresentar virtudes específicas que, segundo a argumentação de Denis, tornava seu relato mais confiável ou mais adequado para a produção de determinado tipo de conhecimento.

As características desejáveis aos viajantes não são apresentadas por Denis de forma sistemática, mas encontram-se dispersas em seus textos. A presente seção

⁷⁷ “Ceux qui n'ont point vécu dans la solitude ignorent le plaisir que l'on peut avoir à se retrouver parmi ses semblables, à manger à une table, à dormir à l'abri de la pluie et du vent ; ils ne se le figurent même pas. Ils ne peuvent imaginer que des choses si communes puissent entraîner avec elles quelque satisfaction. La vue d'un beau désert excite sans doute de grandes idées. L'homme, dans ces moments d'admiration qui reviennent souvent à la vue des forêts primitives, trouve au fond de son cœur l'indépendance première que la nature y plaça. Les privations de toute espèce auxquelles il s'accoutume lui font sentir qu'il peut se passer d'un luxe inutile et trouver partout sa liberté mais trop souvent la tristesse suit la première impression de l'exaltation ; trop souvent, les souvenirs viennent nous rappeler des amis, des parents chéris et, alors, le brillant spectacle que l'on admirait perd son charme ; alors, on ne voit plus que la solitude et le désir de bientôt l'abandonner”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fihal-01568782f, entrada de 28/08.

representa um esforço de identificar essas virtudes e de investigar como Denis propunha que elas servissem de critério para avaliar a utilidade e a confiabilidade dos relatos.

As virtudes⁷⁸ foram identificadas a partir da análise de três artigos de Ferdinand Denis sobre viagens e viajantes. O primeiro é *Voyages dans l'intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire*, publicado em 1831 pela *Revue de Deux Mondes*, no qual Denis comenta a recém-publicada obra do naturalista francês. O segundo é *De la poésie et de philosophie de voyages depuis les temps antiques jusqu'au XVII siècle*, publicado em 1832 na *Revue Universelle*. O artigo apresenta uma espécie de cronologia dos viajantes, que se estende de Antiguidade até as missões religiosas francesas modernas. O terceiro é o intitulado *Vieux voyageurs français: Yves d'Évreux*, publicado em 1835 pela *Revue de Paris*, no qual Denis apresenta o conteúdo do manuscrito do relato de viagem que encontrara na *Bibliothèque du Roi*.

Pode-se notar a recorrência de quatro virtudes nesse conjunto de textos, que são as seguintes: espírito observador (1); alma poética (2); ingenuidade (3); e motivação virtuosa (4). Após tratarmos de cada uma delas, apresentaremos algumas considerações do autor a respeito de como manejar cada tipo de relato de viagem.

5.1 Espírito observador

Os viajantes enaltecidos por Denis são homens dotados de “espírito observador”. Saint-Hilaire possuía, segundo o autor, “um espírito observador, pleno de consciência científica”⁷⁹. Yves d'Évreux era “um admirável escritor e um engenhoso observador”⁸⁰ e compartilhava da mesma “sinceridade de observação” de Claude d'Abbeville. Os missionários dos séculos XVI e XVII “tinham visto muito, tinham sido engenhosos

⁷⁸ Ao tratar dessas virtudes, tomamos como referência o estudo das virtudes epistêmicas proposto pela epistemologia histórica. Lorraine Daston e Peter Galison definiram as virtudes epistêmicas como “normas que são internalizadas e aplicadas por apelo aos valores éticos, bem como à eficácia pragmática na garantia do conhecimento” (DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. **Objectivity**. Nova York: Zone Books, 2007, p. 40-41). O objetivo dos autores não é o discutir qual o impacto de determinada virtude para o conhecimento, mas o de analisar o que, em determinado contexto histórico, foi considerado uma virtude necessária ao conhecimento. Como observado por Daston e Galison, o conceito de virtude epistêmica depende da ideia de que as práticas de investigação e a qualidade do resultado dessa investigação estão ligados ao caráter do investigador.

⁷⁹ “[...] un esprit observateur, plein de conscience scientifique”. DENIS, Ferdinand. *Voyages dans l'intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire*, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, avril-juin 1831, Paris, p. 411.

⁸⁰ “[...] un admirable écrivain et un ingénieux observateur”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Yves d'Évreux*, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 6.

observadores”⁸¹, enquanto Humboldt era “o viajante por excelência, o homem de severa observação”⁸². Em sua cronologia dos viajantes, Denis afirma que, com a queda das civilizações antigas, homens de diferentes crenças e raças puderam se misturar e que desse começo de universalidade surgiria “um espírito de observação mais penetrante, mais apto a julgar os detalhes que aquele dos antigos”⁸³.

Para observar, era preciso ir e ver. Aqui, voltamos à questão da autópsia e da testemunha ocular. No texto dedicado a Yves d’Évreux, Denis diz que se compraz em seguir “as reflexões do escritor inteligente, que julga com a superioridade adquirida por aquele que viu outros homens e outros lugares”⁸⁴.

A autópsia faz parte do relato de viagem do próprio Denis. Em algumas ocasiões, Denis introduz suas descrições com expressões que ressaltam que o que será registrado foi visto por ele próprio. O autor diz que pôde “examinar ele mesmo”⁸⁵ a vila de Belmonte antes de explicar porque a julgava mais considerável que a de Canavieiras. De forma semelhante, antes de descrever o voo do bem-te-vi, faz a seguinte consideração: “fui testemunha pela segunda vez de um fato que ainda não havia podido registrar por escrito”⁸⁶. Ao tratar da queda súbita de uma grande árvore, Denis afirma que foi “testemunha ocular de um desses fenômenos que por vezes ocorrem nas duas Américas”⁸⁷. Sobre as sapucaias, depois de observar belo efeito produzido por seu balanço e suas cores, Denis admite que não poderia dar uma descrição exata do gênero – o motivo: ele só a viu de longe⁸⁸.

Nos relatos de viajantes comentados por Denis, há igualmente marcas de enunciação ligadas à visão. Denis compartilha um trecho de Saint-Hilaire no qual este

⁸¹ “*Mais les contemporains du père Ives, [...], avaient beaucoup vu, ils avaient été d’ingénieux observateurs*”. *Ibid.*, 1835, p. 21.

⁸² “[...] *le voyageur par excellence, l’homme de sévère observation*”. *Ibid.*, 1835, p. 12.

⁸³ “[...] *un esprit d’observation plus pénétrant, plus actif, plus propre à juger des détails que celui des anciens*”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 180.

⁸⁴ “[...] *les réflexions de l’écrivain intelligent, qui juge avec la supériorité acquise de celui qui a vu d’autres hommes et d’autres lieux*”. DENIS, Ferdinand. Vieux voyageurs français: Yves d’Évreux, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 7.

⁸⁵ “[...] *que j’ai été à même d’examiner*”. DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fhal-01568782f, entrada de 11/08.

⁸⁶ “*J’ai été témoin pour la seconde fois d’un fait que je n’avais pas encore consigné par écrit*”. *Ibid.*, entrada de 13/08.

⁸⁷ “*J’ai été témoin oculaire d’un de ces phénomènes qui se passent quelquefois dans les deux*”. *Ibid.*, entrada de 29/08.

⁸⁸ *Ibid.*, entrada de 25/08.

afirma, em meio a sua crítica ao clero de Minas Gerais, que vira um padre concluindo a confissão de cinco negros em um quarto de hora. Denis acrescenta ao quadro pintado pelo viajante algo que “vimos nós mesmos nos arredores de São-Salvador, um cura fazendo dançar seus paroquianos ao som do violão, sem que ninguém ficasse escandalizado”⁸⁹. Em outra passagem, considera-se que determinada parte do relato de Saint-Hilaire atesta a verdade de suas descrições, já que Denis pôde visitar os mesmos lugares⁹⁰. O olho de Denis serve, portanto, como instância de verificação do relato.

Ir e ver “por si mesmo” é entendido como necessário tanto à descoberta de novos fatos quanto à verificação de fatos já registrados. Segundo Denis, a grande contribuição de Auguste Saint-Hilaire foi a de explorar o interior do Brasil, enquanto a grande maioria dos viajantes se limitava à costa – tem-se aí o novo eurocentrismo, atento aos interiores, notado por Pratt. O autor ressalta que Saint-Hilaire foi o primeiro a definir as distâncias e a estabelecer o movimento populacional das cidades afastadas da costa, até então pouco conhecidas na Europa, apesar de sua importância econômica e de sua magnitude geográfica. As informações registradas por ele representaram, aos olhos de Denis, um serviço tanto aos brasileiros quanto aos viajantes que o sucederam nas campanhas ao interior.

[...], um francês, rico em conhecimentos adquiridos no silêncio do gabinete, visitou as províncias mais remotas do Brasil, não apenas com a intenção de torná-las conhecidas da França, mas com o objetivo ainda mais nobre de revelar aos brasileiros as riquezas vegetais escondidas no seio das florestas virgens, ou crescendo no meio daquelas campanhas que nenhum viajante havia visitado antes.⁹¹

Outro critério de comparação dos viajantes é o tempo permanecido no meio descrito. No artigo dedicado à obra de Saint-Hilaire, Denis reflete sobre como o caráter lento das viagens no Brasil, onde não se podia percorrer mais de cinco léguas por dia, favoreceram as observações feitas pelo viajante. Ao comparar os relatos de Yves d'Évreux e de Claude d'Abbeville, Denis considera que ambos compartilham das mesmas

⁸⁹ “[...] nous avons vu nous-même aux environs de San-Salvador, un curé faisant danser ses paroissiens au son de la guitare, sans que personne en fût scandalisé”. DENIS, Ferdinand. Voyages dans l'intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, avril-juin 1831, Paris, p. 420.

⁹⁰ DENIS, Ferdinand. Voyages dans l'intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, Paris, avril-juin 1831, p. 426.

⁹¹ “[...] un Français, riche de connaissances acquises dans le silence du cabinet, visitait les provinces les plus reculées du Brésil, non-seulement avec l'intention de les faire connaître à la France, mais dans le but plus noble encore de révéler aux Brésiliens les richesses végétales cachées au sein des forêts vierges, ou croissant au milieu de ces campagnes que nul voyageur n'avait visitées avant lui”. *Ibid.*, p. 411.

qualidades (graça de estilo, sinceridade das observações), mas que o primeiro apresenta uma vantagem: enquanto d'Abbeville passou apenas quatro meses no Maranhão, d'Évreux ali permaneceu por dois anos. Ainda sobre d'Évreux, Denis afirma que ele é um predecessor dos naturalistas: “ele vai”, “ele contempla”, “ele penetra”, “ele demora”⁹². Essa permanência faz com que ele se emocione, se emudeça, se encante com a natureza e, como consequência, que ele possa compreendê-la e descrevê-la de forma superior, tal como um homem de ciência pertencente aos tempos de Denis o faria⁹³.

O serviço do viajante não termina, porém, com a descoberta e o registro do fato. É dele também que dependem a observação das transformações desse fato e a verificação dos registros de outros viajantes. Denis julga que Yves d'Évreux ocupava uma posição temporal favorável para a observação de certas mudanças nos costumes indígenas. Comparando seu relato com Jean de Léry, que o antecedeu em quase oitenta anos, seria possível notar um desenvolvimento de “costumes bizarros” e “pompas selvagens” entre os Tupinambá⁹⁴. Sobre os Macunis, d'Évreux percebe que eles não possuíam o costume, anteriormente comum entre boa parte das nações, de perfurar o lábio inferior para introduzir ornamentos, mas que o contato com povos civilizados não foi capaz de melhorar a sorte das mulheres, que continuavam sofrendo castigos físicos. A observação dessas mudanças era particularmente importante para Denis considerando sua intenção de oferecer um golpe de vista sobre o passado e o presente do Brasil⁹⁵.

Denis ressalta a contribuição de Yves d'Évreux para um debate que rondava há tempos os homens de ciência: o da existência, na América, de amazonas, mulheres guerreiras semelhantes às imaginadas pela tradição poética ocidental. Segundo Denis, os espanhóis reproduziram esse mito, advindo da Antiguidade, em relatos modernos, muitas vezes fantásticos, maravilhosos. O ceticismo do século XVIII, diante desses relatos, teria negado qualquer possibilidade da existência das amazonas, adotando a postura simples

⁹² Esses são os verbos utilizados por Denis no seguinte trecho: “Como todos os missionários dessa época, o padre Ives precede nossos naturalistas; ele vai para as margens do oceano, contempla com um olhar curioso todos os frutos do mar que brilham após a maré, penetra nas grandes florestas, lá demora por horas inteiras”. No original: “*Comme tous les missionaires de cette époque, le père Ives précède nos naturalistes: il s'em va sur les bords de l'Océan, il contemple d'un œil curieux tous ces fruits de la mer qui brillent après la maré, il pénètre dans les grandes forêts, il y demeure des heures entières*”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Ives d'Évreux*, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 18.

⁹³ *Ibid.*, p. 18-19.

⁹⁴ “*habitudes bizarres*”; “*pompes sauvages*”. *Ibid.*, 1835, p. 11.

⁹⁵ DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hyppolite. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 1. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822, p. XIII.

de “rejeitar o fato entre as fábulas”⁹⁶. Na visão de Denis, d’Évreux adotou uma postura mais cautelosa, não se deixando levar pelos exageros dos relatos, mas considerando, por outro lado, a possibilidade da existência das amazonas.

Nesse ponto, Denis recorre a seu viajante-modelo: Humboldt admitiu que mulheres indígenas poderiam ter escapado do jugo de suas tribos para formar uma tribo à parte. O autor acrescenta que “basta ter acampado no meio de uma aldeia americana, e ter ali observado as misérias da mulher, para compreender essa opinião”⁹⁷.

Denis compartilha um trecho de d’Évreux no qual este diz ter consultado os selvagens sobre as amazonas por ser uma demanda comum saber se existiam mulheres guerreiras na região e se elas eram semelhantes às mencionadas pelos historiógrafos. D’Évreux consulta dois chefes. O primeiro informa que havia um rumor, geral entre os selvagens, de que havia amazonas, antes pertencentes à tribo Tupinambá, habitando uma ilha do Maranhão. O segundo era um chefe que havia visto, de sua canoa de guerra, a ilha onde as amazonas se encontravam. O viajante ressalta que, de acordo com o testemunho desse segundo chefe, as mulheres não eram guerreiras, mas viviam como selvagens comuns.

Na visão de Denis, d’Évreux ofereceu a explicação mais simples e provável para o fenômeno das amazonas, importante a ponto de ter imposto seu nome a uma das mais vastas regiões da América meridional. A opinião de d’Évreux sobre a questão o aproximava, segundo Denis, da visão ingênua dos viajantes, capaz de compreender as incertezas da tradição e esgotar as dúvidas da ciência.

Temos, na parte referente à questão das amazonas, alguns recursos utilizados por Denis. Em primeiro lugar, d’Évreux não viu as amazonas e, portanto, ele não prova sua existência, mas, por meio do relato de indígenas com quem teve contato, restabelece a *probabilidade*⁹⁸, negada pelos céticos, de que existam. De qualquer forma, ter permanecido na região e ter estado entre os chefes locais foi o que permitiu ao viajante contribuir para o conhecimento do fato. Essa ideia de permanência e contato com os locais

⁹⁶ “[...] de rejeter les faits parmi les fables”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Ives d’Évreux, Revue de Paris*, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 12.

⁹⁷ “Il suffit d’avoir campé au milieu d’un village américain, et d’y avoir observe les misères de la femme, pour comprendre cette opinion”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Ives d’Évreux, Revue de Paris*, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 12.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 12.

como formas de obter conhecimento parece remeter à *akoé*. Em segundo lugar, Denis recorre a Humboldt, um viajante reconhecido, e à sua própria experiência de viagem para argumentar em favor da possibilidade da existência das amazonas – afinal, “basta ter acampado no meio de uma aldeia americana, e ter ali observado (...)”.

O fato de um viajante dar-se ao trabalho de explorar o desconhecido é louvável, mas esse fato por si só não é capaz de trazer contribuições para o conhecimento. Os bandeirantes foram os primeiros a explorar as regiões percorridas por Saint-Hilaire, mas eles eram “gente de ação e não de saber”⁹⁹, se contentando, em seu retorno à costa, em contar o que lhes acontecera nas expedições em vez de fazer registros em papel. O resultado foi que a memória do povo imprimiu nesses relatos “esse caráter maravilhoso que as tradições sempre adquirem com o tempo”¹⁰⁰. Segundo Denis, essas tradições cavalheirescas têm sua importância – alimentam as imaginações e impulsionam outras viagens e descobertas –, mas pouco contribuem para o avanço do conhecimento topográfico.

O espírito observador não é definido por Denis com precisão, mas é possível reconhecer a associação dessa virtude com uma capacidade superior de julgamento e de reflexão por parte do viajante. Como vimos, o espírito observador está intimamente ligado ao “ir e ver”. Não é apenas que a autópsia e a *akoé* tornassem os registros mais fidedignos, é que, segundo Denis, a experiência de conhecer diversos povos e a longa permanência nos lugares dotavam o viajante de uma observação aguçada, que o tornavam apto a julgar e refletir sobre o que viu de forma superior.

5.2 Alma poética

O “espírito observador” compartilha com a “alma poética” o posto de virtude mais apreciada por Denis. Humboldt fez conhecer “da forma mais poética e mais filosófica os dois grandes impérios da América”¹⁰¹. Claude d’Abbeville e outros missionários da mesma época criaram, no seio das florestas, “uma poesia religiosa que tem algo da

⁹⁹ “[...] *gens d’action et non de savoir*”. DENIS, Ferdinand. Voyages dans l’intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, Paris, avril-juin 1831, p. 408.

¹⁰⁰ “[...] *ce caractère de merveilleux que les traditions prennent toujours avec le temps*”. *Ibid.*, p. 408.

¹⁰¹ “[...] *de la manière la plus poétique et la plus philosophique les deux grandes empires de l’Amérique*”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 176, nota I.

virgindade da natureza"¹⁰². A própria experiência de viagem seria algo que promoveria as inspirações poéticas. A solidão e o contato com a natureza virgem e com costumes desconhecidos dariam origem a um tipo específico de poesia:

Poesia de entusiasmo, porém, e ainda mais verdadeira, pois muitas vezes nasce nas almas mais simples, pois é a expressão mais íntima de uma admiração solitária, pois é a palavra involuntária que escapa diante de um espetáculo inesperado, poesia da natureza, independente do homem, sempre espontânea e muitas vezes superior ao que suas meditações o inspiram.¹⁰³

Pausânias e outros viajantes, antigos e modernos, foram criticados pela falta de alma poética. Denis lamenta que o sentimento poético de Pausânias fosse tão seco mesmo em uma das regiões mais poéticas da terra e lembra que o viajante dedicou três capítulos inteiros à descrição de um baú.

O espírito observador aparece, por vezes, associado à sinceridade e à exatidão das descrições e a alma poética, à graça de estilo e à capacidade de bem representar o que foi visto. Poderia ser feita então, uma divisão entre dois conjuntos de virtudes. O primeiro, ligado à observação, conjugaria as virtudes do historiador e do viajante-cientista, tais como precisão, exatidão, sinceridade e severidade. O segundo, ligado à alma poética, reuniria as virtudes do poeta, o entusiasmo diante do novo, a emoção, a graça de estilo, a pintura comovente dos quadros da natureza. Porém, parece-me que essa divisão não se faz tão clara no pensamento de Denis. Quanto à observação, por vezes ela não se resume à capacidade de ver e registrar de forma exata, mas adquire uma dimensão filosófica, se refere a um olhar profundo, capaz de captar uma verdade que não se mostra aos olhos. O autor parece propor que o espírito observador e a alma poética trabalham de forma imbricada para um conhecimento mais alto da natureza e dos homens.

Os viajantes considerados mais capazes são justamente aqueles que conjugam os dois traços. Denis observa que Marco Polo era um contador de maravilhas duvidosas, mas que “há poesia em sua audácia, e há um instinto de observação filosófica, que faz com que ainda se invoque seu testemunho para descobrir a verdade”¹⁰⁴. Wied-Newied

¹⁰² “[...] *une poésie religieuse qui a quelque chose de la virginité de la nature*”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 188.

¹⁰³ “*Poésie d’enthousiasme cependant, et d’autant plus vraie, qu’elle naît souvent dans les âmes les plus simples, qu’elle est l’expression la plus intime d’une admiration solitaire, que c’est la parole involontaire s’échappant devant un spectacle inattendu, poésie de la nature, indépendante de l’homme, toujours spontanée, et supérieure souvent à ce que lui inspirent ses méditations*”. *Ibid.*, p. 175.

¹⁰⁴ “[...] *il y a de la poésie dans son audace, et il a un instinct d’observation philosophique, qui fait que l’on invoque encore son témoignage pour découvrir la vérité*”. *Ibid.*, p. 181.

“contemplou a natureza como observador e às vezes a pintou como poeta”¹⁰⁵. Sobre Jean de Léry, um de seus favoritos, Denis faz o seguinte comentário: “dotado do espírito mais observador e de uma alma plena de poesia, esse viajante compreendeu admiravelmente as nações entre as quais ele viveu e a natureza sublime com a qual ele estava cercado”¹⁰⁶. Não é à toa que o viajante cujo relato foi um dos mais desmerecidos por Denis, Antonio Pigafetta, autor do diário da expedição de Fernão de Magalhães no século XVI, tenha sido descrito pelo avesso do modelo: um homem “sem olhos e sem alma”¹⁰⁷.

5.3 Ingenuidade

Nos textos de Denis lidos até o momento, pôde-se encontrar por diversas vezes o elogio à ingenuidade (*naïveté*) de determinados viajantes e de seus respectivos relatos. Vimos que em *Le Brésil* o relato de Jean de Léry foi selecionado como fonte em razão da ingenuidade que manifestava. Nos textos consultados, são frequentes os termos que fazem menção a essa virtude: *récit naïf*; *raconter naïvement*; *admiration naïve*.

Esse elogio pareceu-me curioso levando em consideração o sentido que a palavra tende a carregar hoje, associado às ideias de infantilidade e inexperiência. A quinta edição do *Dictionnaire de l'Académie française*, de 1798, apresenta três significados para o verbete *naïveté*. O último dos significados listados é, de fato, o da ignorância característica dos mais jovens. O primeiro é o da inocência daqueles que revelam, que deixam à mostra, seus sentimentos e opiniões. O segundo – e o que creio que esteja mais próximo da concepção de Denis acerca da ingenuidade – é o seguinte: “Essa graça e essa simplicidade natural com que uma coisa é expressa, ou representada de acordo com a verdade e a verossimilhança”¹⁰⁸. Esse significado de simplicidade natural parecia ser aplicado quando se tratava de expressões de escritores e artistas.

¹⁰⁵ “[...] *contempla la nature en observateur, et qui la peignit quelquefois en poète*”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Ives d'Évreux*, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 411.

¹⁰⁶ “[...] *doué de l'esprit le plus observateur et d'une ame pleine de poésie, ce voyageur comprit admirablement les nations parmi lesquelles il vivait et la nature sublime dont il était environné*”. DENIS, Ferdinand. *Voyages dans l'intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire*, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, Paris, avril-juin 1831, p. 406.

¹⁰⁷ “[...] *sans yeux et sans ame*”. DENIS, Ferdinand. *De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu'au XVII^e siècle*. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 184.

¹⁰⁸ “*Cette grâce et cette simplicité naturelle avec laquelle une chose est exprimée, ou représentée selon la vérité et la vraisemblance*”. NAÏVETÉ. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Cinquième édition. Paris: J. J. Smits, 1798, p. 147.

No texto para a *Revue Universelle*, Denis critica a filosofia do século XVIII por ter ignorado os viajantes do passado, homens que narravam “ingenuamente as grandes cenas da natureza”¹⁰⁹. Ao tratar dos gregos antigos, tais como Heródoto e Pausânias, o autor os critica por terem desdenhado das nações bárbaras que os rodeavam, limitando-se a registrar os costumes dessas nações e pouco se preocupando em pintar seus pensamentos. A questão, para Denis, é que esses homens eram “letrados demais para serem ingênuos, imponentes demais para que simpatizemos com eles”¹¹⁰. Quanto aos cristãos que rumaram da Europa para o Oriente na época da guerra santa, Denis aconselha que, de forma a conservar sua simplicidade, não se alterasse seus relatos – “os cruzados dizem coisas tão ingenuamente que muitas vezes nos fazem rir depois de chorar”¹¹¹

O texto dedicado à obra de Yves d'Évreux conclui que o missionário pertencia a “essa família de admiráveis escritores, cujas efusões foram fáceis demais e as admirações ingênuas demais, para que a pompa um pouco gloriosa do grande século não os sufocasse”¹¹². Denis ironiza os pensadores do absolutismo francês, que pensavam no Tratado do Sublime, de Cássio Longino, enquanto passeavam pelo Parque de Versalhes, mas que seriam incapazes de compreender o pensamento, o fervor, a ingenuidade e as motivações dos missionários. A ingenuidade aparece assim como uma virtude que se opõe ao pedantismo.

5.4 Diferentes motivações, diferentes relatos

Logo no começo do artigo que traça a cronologia dos viajantes, Denis observa que todo viajante, seja ele um aventureiro do século XVI ou um *savant* do século XIX, apresenta um mesmo traço: o entusiasmo em satisfazer seu pensamento. O tipo de pensamento muda, o fervor pode ser religioso ou científico, mas esse entusiasmo faz parte de um gênio comum aos viajantes, gênio que os leva a desdenhar dos perigos e a se lançar

¹⁰⁹ “[...] *des hommes racontant naïvement les grandes scènes de la nature*”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 175.

¹¹⁰ “[...]; *ils sont trop lettrés pour être naïfs, trop imposants pour qu'on sympathise avec eux*”. *Ibid.*, p. 179.

¹¹¹ “*Les croisés disent si naïvement les choses, que souvent ils font sourire après qu'on a pleuré*”. *Ibid.*, p. 181.

¹¹² “[...] *cette famille d'admirables écrivains, dont les épanchemens furent trop faciles et les admirations trop naïves, pour que la pompe un peu glorieuse du grand siècle ne les étouffât pas*”. DENIS, Ferdinand. Vieux voyageurs français: Yves d'Évreux, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 21.

no mundo. Yves d'Évreux e Auguste de Saint-Hilaire podem ser considerados modelos desses dois tipos.

O gênio comum não indica, porém, que os viajantes devam ser tratados da mesma forma. Os traços de caráter de um viajante e suas motivações são fundamentais, segundo Denis, para compreender seu pensamento e reconhecer seus preconceitos. Vimos que os bandeirantes, por seu caráter aventureiro e sua motivação prática, pouco contribuíram para o conhecimento científico do interior do Brasil.

O fato de Yves d'Évreux ser um missionário é considerado por Denis como uma vantagem. Pelo fervor, pelo “gênio de seu apostolado”¹¹³, d'Évreux tinha uma visão mais sensível dos indígenas e da natureza. Denis nos informa que o padre ainda não dominava a língua Tupi e que, portanto, teve de encontrar outras formas de se fazer entender pelos indígenas, a quem devia converter: “para lhes explicar os santos mistérios, ele só terá um olhar a lançar para as pequenas florestas verdejantes que margeiam o oceano”¹¹⁴. Denis compartilha um trecho no qual d'Évreux relata como explicou aos indígenas o mistério da encarnação de Cristo por meio de uma comparação com o desenvolvimento dos ramos de uma planta que crescia na beira da água. “Esse velho religioso que soube encontrar semelhantes comparações para tornar sensível a ideia mais metafísica do cristianismo aos selvagens, compreende melhor os brasileiros que qualquer viajante de sua época”¹¹⁵.

Denis transcreve uma anedota na qual d'Évreux narra sua visita ao grande Thion, espécie de capitão de uma nação indígena. Chegando à moradia, o missionário encontra o grande Thion sob uma árvore, fazendo um trabalho de tecelagem. D'Évreux questiona o motivo de um líder tão importante estar realizando um trabalho tão simplório e o líder lhe responde que é para dar exemplo aos mais jovens, para motivá-los a trabalhar. Com essa anedota, d'Évreux busca demonstrar que os índios eram capazes de aprender as ciências e as virtudes e que era uma injustiça querer livrar-se deles para o melhoramento da colônia. Denis faz o seguinte comentário sobre a transcrição:

¹¹³ “[...] *le génie de son apostolat*”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Yves d'Évreux*, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 15.

¹¹⁴ “[...] *pour les expliquer les saints mystères, il n'aura qu'un regard a jeter sur les petites forêts verdoyantes qui bordent l'Océan*”. *Ibid.*, p. 15.

¹¹⁵ “*Ce vieux religieux qui a su trouver de semblables comparaisons pour rendre sensible l'idée la plus métaphysique du christianisme a des sauvages, comprend mieux les Brésiliens qu'aucun voyageur de son époque*”. *Ibid.*, p. 16.

E depois de ter bem falado sobre todas essas coisas, seu pensamento se eleva, sua linguagem se torna mais séria; ele compreende ainda toda a poesia tradicional desse povo, e ele a recorda com palavras admiráveis.¹¹⁶

Ao conviver com os indígenas, ao observar seus costumes e ouvir seus relatos, o missionário conseguiu compreendê-los e pintar um quadro fiel. Denis observa que d'Évreux tendia a ser indulgente com os indígenas, pintando quadros graciosos de sua vida, mas nada que o impedisse de descrever aspectos menos lisonjeiros do caráter indígena. Foram seu caráter e sua motivação missionária que levaram a seus “relatos cheios de originalidade e de graça, suas doces admirações, suas comparações engenhosas”¹¹⁷.

Quanto à relação com a natureza, Denis afirma mesmo que os missionários dos tempos de d'Évreux precedem os naturalistas do século XIX. Ao entrar nas florestas com o olhar curioso, “ele descreverá o som da cigarra americana, como um entomologista pode fazer hoje, interromperá suas orações para discernir uma lei da natureza e explicá-la com uma santa efusão [...]”¹¹⁸.

O entusiasmo pela natureza e a paixão pelos indígenas são dois traços também reconhecidos em Saint-Hilaire. Segundo Denis, Saint-Hilaire veio ao Brasil com o único objetivo de dedicar-se a um ramo da história natural – Saint-Hilaire era botânico – pelo qual sentia “desde a mais tenra infância, uma espécie de paixão”¹¹⁹. Para satisfazer essa paixão, o naturalista não poderia fixar-se nas vilas, mas deveria encaminhar-se às áreas rurais. Isso é o que teria favorecido o pioneirismo de Saint-Hilaire em tratar do interior do Brasil em vez de manter-se na costa. Os trópicos, com suas espécies de plantas e insetos variados, teriam proporcionado ao naturalista momentos muito felizes e comoventes.

¹¹⁶ “*Et quand il a bien discouru de toutes ces choses, as pensée s’élève, son langage devient plus grave; il comprend aussi toute la poésie traditionnelle de ce peuple, et il la rapelle avec d’admirables paroles*”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Ives d’Évreux*, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, 1835, p. 18.

¹¹⁷ “[...] *ses récits pleins d’originalité et de grace, ses douces admirations, ses comparaisons ingénieuses*”. *Ibid.*, p. 15.

¹¹⁸ “[...] *il décrira le bruit sonore de la cigale d’Amérique, comme le pourrait faire un entomologiste de nos jours, il interrompra ses prières pour discerner une loi de la nature et pour l’expliquer avec une sainte effusion*”. *Ibid.*, p. 19.

¹¹⁹ “[...] *dès sa plus tendre enfance, une sorte de passion*”. DENIS, Ferdinand. *Voyages dans l’intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire*, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, Paris, avril-juin 1831, p. 413.

Em Ubá, Saint-Hilaire tem contato com os Coroados que, segundo Denis, eram homens de fisionomia ignóbil e dotados de um sentimento de inferioridade, características que os contrastava com os corajosos Tupinambás dos tempos de Jean de Léry. Apesar disso, Saint-Hilaire visita as aldeias e “pinta o caráter físico e moral com muito interesse”¹²⁰, sendo capaz de demonstrar que ainda havia entre os Coroados algo do sentimento primitivo de dignidade.

Saint-Hilaire demonstra uma compaixão pelos indígenas semelhante à que demonstrava d’Évreux. Denis ressalta que, depois de pintar o estado das tribos do interior, Saint-Hilaire levanta-se contra o costume das nações civilizadas de fazer guerra contra homens tão miseráveis que poderiam ser gradualmente convertidos em população útil. Quanto aos Macunis, Denis observa que o contato com eles provocou no viajante “reflexões plenas de precisão e de verdadeira filantropia”¹²¹. Em lugar de dizimar as populações indígenas, Saint-Hilaire sugeria que era melhor tutelá-las e promover ações como alianças entre indígenas e homens de cor para formar uma raça mista superior.

Saint-Hilaire e d’Évreux possuem uma característica que Denis aprecia em seus informantes: os dois são franceses. O autor defende que os franceses são moralmente superiores e que isso os torna capazes de oferecer relatos mais exatos da América. Nos séculos XVI e XVII, pontua Denis, os franceses se lançavam ao Novo Mundo pela religião, e não pelo tráfico ou pelo ouro. Isso os dotaria de um instinto precioso de registrar tradições prestes a desaparecer e de uma capacidade de prever as necessidades do futuro. É por isso que o autor defende que “será sobretudo nas velhas crônicas de viajantes franceses que a história primitiva desses países deverá ser estudada”¹²². O artigo sobre Yves d’Évreux representa o esforço de Denis em promover os relatos desses “velhos viajantes franceses”, em especial os pouco conhecidos.

O texto dedicado à Saint-Hilaire se inicia com a recordação das primeiras décadas da presença europeia no Brasil. Denis recorda seus leitores da existência de uma França Antártica na Baía de Guanabara e afirma, referindo-se a Jean de Léry e a André Thevet,

¹²⁰ “[...] *il peint le caractère physique et moral avec beaucoup d’interêt*”. DENIS, Ferdinand. *Voyages dans l’intérieur du Brésil* par M. A. de Saint-Hilaire, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, Paris, avril-juin 1831, p. 415.

¹²¹ “[...] *des réflexions pleines de justesse et de véritable philanthropie*”. *Ibid.*, p. 425.

¹²² “[...] *ce sera surtout dans les vieilles chroniques des voyageurs français que l’histoire primitive des ces pays devra être étudiée*”. DENIS, Ferdinand. *Vieux voyageurs français: Yves d’Évreux*, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, p. 5-21, 1835, p. 6.

que foi a dois franceses que se deviam as noções mais completas sobre as nações que habitavam o Brasil. Os relatos pioneiros foram precedidos de motivações nobres: Léry era um protestante que fugia das perseguições na Europa e Thevet era um monge cosmógrafo a serviço do rei. Denis afirma que, quando uma história detalhada dos tempos primitivos do Brasil for escrita, é ao relato desses dois viajantes que se deverá recorrer, com adição do relato do também francês Claude d'Abbeville e da “relação um pouco romanesca”¹²³ do alemão Hans Staden.

Denis não raro contrasta a atuação e as obras dos religiosos com as de homens de outras ocupações. Quanto à Léry e Thevet, eles representam uma forma de escapar dos relatos enganadores dos normandos sobre a América. Ao contrário dos bons missionários, os navegadores normandos que vieram ao Brasil fariam parte de uma classe corrompida que levava os vícios da Europa aos indígenas. Relatos de homens tão grosseiros não poderiam ser exatos nem livres de preconceitos. O relato de Jean de Léry teria sido fundamental para que se desmentisse ideias incorretas que circulavam na França sobre os indígenas, em especial sobre o sentido do costume da antropofagia.

A cronologia construída no artigo sobre viajantes é encerrada com os missionários franceses dos séculos XVI e XVII. Denis reflete sobre como o pensamento religioso desses homens os tornou aptos a encontrar grandeza na natureza e na alma dos selvagens. Os franceses teriam sido mais numerosos entre os missionários e teriam feito conquistas pela inteligência, ao contrário, por exemplo, dos espanhóis, que teriam feito conquistas sangrentas.

Ser francês, afinal, parece ser uma qualidade estimada por Denis. É aos viajantes franceses que prefere recorrer como fontes quando possível, é também a seus relatos que dedicou a maior parte de suas reflexões nos artigos examinados. Temístocles Cezar observou uma defesa da nacionalidade semelhante em Varnhagen, mas da nacionalidade portuguesa em detrimento da francesa. Segundo Varnhagen, era necessário ter cuidado com o relato dos franceses, já que estes seriam “criativos”, “amigos do maravilhoso” e “portadores de uma imaginação ardente”¹²⁴. Ferdinand Denis, ao menos, passou no crivo

¹²³ “[...] *la relation un peu romanesque du bon Hans Staden*” DENIS, Ferdinand. *Voyages dans l'intérieur du Brésil* par M. A. de Saint-Hilaire, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, Paris, avril-juin 1831, p. 407.

¹²⁴ CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 92.

de Varnhagen: ao lado de Auguste de Saint-Hilaire e de Jean Baptiste Debret, ele fazia parte do grupo de franceses que Varnhagen considerava bem-intencionados¹²⁵.

Vimos, portanto, como um grupo de virtudes esperadas dos viajantes – espírito observador, alma poética, motivação pelo conhecimento e nacionalidade francesa – orientavam a forma pela qual Denis lidava com os relatos de viagem. Vejamos agora quais orientações o autor deixou para aqueles que quisessem utilizar relatos de viagem na produção de conhecimento.

5.5 Como valer-se dos viajantes

No artigo de 1832, o que apresenta a cronologia dos viajantes, é possível reconhecer alguns procedimentos propostos por Denis para que os pensadores fizessem bom uso, em suas obras, dos relatos de viagem. Já na abertura do artigo, Denis afirma que a História Universal e a Filosofia só se desenvolveram pelo conhecimento advindo das viagens e dos sistemas que elas revelaram. Os relatos de viagem teriam exercido uma profunda influência poética e filosófica sobre as obras do século XVIII e sobre a historiografia do século XIX. Além disso, os fenômenos registrados pelos viajantes teriam dotado à história mais recente de poder explicativo:

[...], graças a eles [os viajantes], a história natural do homem, história que repousa sobre fatos desprezados, explicará as diversas raças; pelas raças, as inclinações; e, pelas inclinações, os grandes eventos históricos que contribuíram para o progresso da humanidade.¹²⁶

O objetivo de seu texto não seria o de reafirmar essa importância, já tão reconhecida, das viagens, mas o de traçar uma história dos viajantes. Segundo sua observação, era comum que os pensadores confundissem “os séculos e os homens”¹²⁷ – que dispensassem o mesmo tratamento a relatos de tempos diferentes – o que os impedia de servirem-se adequadamente da literatura de viagem.

Mas, é preciso dizer, ainda há agora, mesmo entre os homens distintos, *savants* e poetas, homens que associam à vaga palavra “viagens” a ideia mais estreita; que, se a erudição mais vulgar não os advertisse, confundiriam prontamente os

¹²⁵ CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 92, nota 241.

¹²⁶ “[...], grâce à eux, l’histoire naturelle de l’homme, histoire qui reposait sur des faits dédaignés, expliquera les races diverses, par les races, les penchans ; et, par les penchans, de grands événemens historiques concourant aux progrès de l’humanité”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 176.

¹²⁷ “[...] les siècles et les hommes”. *Ibid.*, p. 174.

fatos relatados por Raleigh ou Humboldt, Hayton ou Hobhouse, e quem tomariam, para usá-lo em história ou filosofia, um documento reportado por aquele que fala do país dos acéfalos, (...), da cidade de Eldorado, como se convocassem o testemunho do homem de gênio que mediu o Chimborazo, e que envolveu com seu vasto olhar maravilhas reais, mais variadas, mais imponentes, mil vezes mais poéticas do que aquelas nascidas de uma falsa imaginação.¹²⁸

Denis aponta que esse equívoco não havia sido plenamente superado e que mesmo homens do talento de um Voltaire não teriam conseguido mais do que “entrever a vantagem que se podia tirar dos viajantes e a desconfiança que eles deveriam inspirar”¹²⁹. Alguns poucos, como Herder, que “tinha imaginação e erudição suficientes para se servir habilmente dos viajantes”¹³⁰, e outros nomes dos séculos XVIII e XIX, como Ballanche e Chateaubriand, teriam conseguido extrair dos relatos o caráter do tempo e do lugar em que foram escritos. Dessa forma, teriam “quase compreendido o porvir pela ciência do passado”¹³¹.

Para se servir dos viajantes em matéria de História ou Filosofia, era necessário, portanto, um trabalho de erudição: determinar o caráter e a motivação dos homens de cada civilização, bem como as características que diferenciavam seus textos, era o que possibilitaria um reconhecimento mais seguro do que aproveitar e do que desconfiar. Uma cronologia das viagens seria, tal como a própria história, “a tocha que impede o espírito humano de se perder, porque descobre seus progressos”¹³².

É nesse sentido que Denis oferece, ao longo do texto, uma cronologia – que parece também um esforço de tipologia – dos viajantes, que vai dos antigos helenos, romanos e chineses, até os missionários franceses dos séculos XVI e XVII, passando por cristãos e muçulmanos medievais, cruzados e navegadores modernos.

¹²⁸ “*Mais, faut-il le dire, il y a encore maintenant, même parmi les hommes distingués, savans et poètes, des hommes qui attachent au mot vague de voyages l'idée la plus retrécie; qui, si l'érudition la plus vulgaire ne les avertissait pas, confondraient volontiers les faits rapportés par Raleigh ou Humboldt, Hayton ou Hobhouse, et qui prendraient, pour s'en servir en histoire ou en philosophie, un document rapporté par celui qui vous parle du pays aux hommes acéphales, [...], de la cité d'Eldorado, comme ils invoqueraient le témoignage de l'homme de génie qui a mesuré le Chimborazo, et qui a embrassé de son vaste regard des merveilles réelles, plus variées, plus imposantes, plus poétiques mille fois que celles qui sont nées d'une imagination mensongère*”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu'au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 177.

¹²⁹ “[...] *entrevoir le parti qu'on pouvait tirer des voyageurs, et la défiance qu'ils devaient inspirer*”. *Ibid.*, p. 175.

¹³⁰ “*Herder avait assez d'imagination et d'érudition pour se servir habilement des voyageurs*”. *Ibid.*, p. 177.

¹³¹ “[...] *font-ils presque comprendre l'avenir par la science du passé*”. *Ibid.*, p. 177.

¹³² “[...] *le flambeau qui empêche l'esprit humain de s'égarer, puisqu'il lui découvre ses progrès*”. *Ibid.*, p. 175.

O tratamento da viagem de Marco Polo ao oriente é um bom exemplo do trabalho de erudição proposto por Denis. O autor observa que, no tempo de Marco Polo, era comum que os viajantes europeus registrassem maravilhas orientais que não haviam visto, mas sobre as quais haviam ouvido em suas viagens, como se fossem fatos atestados. Os “erros” dos viajantes não deveriam ser devotados à má fé, mas à “ignorância do sentimento íntimo de uma época”¹³³: Marco Polo só fala de maravilhas enganosas por estar ele próprio enganado.

No tratamento dado a Marco Polo, podemos notar alguns dos procedimentos adotados por Denis na construção de sua cronologia. O autor compara seu relato ao de outros europeus que viajaram ao Oriente na mesma época, tais como Rubruquis e Plano Carpini. Além disso, observa como as descrições da Tartária oferecidas por Marco Polo são pouco verossímeis: “seus tártaros falam como os antigos romanos”¹³⁴, não apresentando caracteres originais que atestem uma civilização distinta. Parece que, aos olhos de Denis, faltou *cor local* ao relato de Marco Polo.

A presença de fatos não atestados não significa que o relato devesse ser dispensado. Segundo Denis, a ciência de Marco Polo era muito avançada para a época, a ponto de alguns geógrafos o nomearem “Humboldt da Idade Média”. Além disso, Denis reconhecia que “há poesia em sua audácia, e ele possui um instinto de observação filosófica, que faz com que ainda invoquemos seu testemunho para descobrir a verdade”¹³⁵.

Isso nos leva a outro ponto: a contribuição do relato de viagem não se resume aos fatos registrados, mas se estende ao seu sentimento poético, ao seu encantamento frente à natureza e a outros povos. Denis observa que, se alguns *savants* de seu tempo não davam atenção necessária à erudição, alguns se perdiam nela a ponto de se mostrarem frios diante de relatos tão emocionantes. Buscando atender às exigências eruditas do século XIX, alguns homens teriam se tornado críticos pretensiosos dos séculos anteriores. Denis reconhece que os relatos do passado oferecem uma série de problemas aos eruditos que

¹³³ “[...] *l'ignorance du sentiment intime d'une époque*”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu'au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 175.

¹³⁴ “[...] ; *ses Tartares parlent comme des anciens Romains*”. *Ibid.*, p. 181.

¹³⁵ “[...] *il y a de la poésie dans son audace , et il a un instinct d'observation philosophique , qui fait que l'on invoque encore son témoignage pour découvrir la vérité*”. *Ibid.*, p. 181.

querem se valer deles, mas reafirma os méritos de seus predecessores, em especial no que tange a uma atitude poética, de abertura à natureza:

Poesia de entusiasmo, mais verdadeira na medida em que advém das almas mais simples, que é a expressão mais íntima de uma admiração solitária, que é a palavra involuntária que escapa diante de um espetáculo inesperado; poesia da natureza, independente do homem, sempre espontânea e superior àquela que inspira suas meditações.¹³⁶

Isso não quer dizer que Ferdinand Denis igualasse seu século aos precedentes. Há, em seu texto, uma ideia de progresso do conhecimento muito próxima àquela da qual tratamos no capítulo anterior. Apesar de reconhecer contribuições de viajantes de períodos anteriores, o autor não deixa de apontar sua ignorância e seus preconceitos religiosos. A conclusão de sua cronologia é a seguinte:

Terminamos aqui esse grande período de viajantes primitivos, que, apesar de seus preconceitos e observações bizarras e incompletas, tanto fizeram pela poesia e pela história. É considerando sobretudo seu ardor infatigável, que se aplica a eles esse adágio do criador da ciência nova [Vico]: “A curiosidade, filha da ignorância, é mãe da ciência”.¹³⁷

Com os progressos nos relatos de viagem, as ciências que deles dependem também podem se transformar. Essa relação feita por Denis pode ser vista na forma pela qual o autor trata da obra de Herder. Denis indica que Herder é mais instruído do que Montesquieu, que o antecedeu, mas lamenta que sua obra já estivesse defasada depois de quarenta anos de publicada. Depois do tempo de Herder, uma série de “viajantes *savants* e filósofos”, tais como Humboldt, Martius, Saint-Hilaire, Wied-Newied, teriam mudado o caráter dos relatos de viagem. O desenho de viagem também teria passado por muitos progressos, com desenhistas como Rugendas, o que permitira que se pudesse “estudar a verdadeira fisionomia dos homens e o verdadeiro aspecto da paisagem”¹³⁸. Outro progresso teria sido a profusão, de que tratamos, de folhas periódicas de divulgação de descobertas de viagem: “que impulso para o século XIX! Que movimento operado em

¹³⁶ “*Poésie d'enthousiasme cependant, et d'autant plus vraie, qu'elle naît souvent dans les âmes les plus simples, qu'elle est l'expression la plus intime d'une admiration solitaire, que c'est la parole involontaire s'échappant devant un spectacle inattendu, poésie de la nature, indépendante de l'homme, toujours spontanée, et supérieure souvent à ce que lui inspirent ses méditations*”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu'au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 175.

¹³⁷ “*Nous terminerons ici cette grande période des voyageurs primitifs, qui, malgré leurs préjugés et leurs observations bizarres et incomplètes, ont tant fait pour la poésie et pour l'histoire. C'est surtout en se rappelant leur ardeur infatigable, qu'il faut leur appliquer cet adage du créateur de la science nouvelle: 'La curiosité, fille de l'ignorance, est mère de la science'*”. *Ibid.*, p. 188.

¹³⁸ “[...] là, vous pouvez étudier la véritable physionomie des hommes et le véritable aspect du paysage”. *Ibid.*, p. 176, nota 1.

favor da ciência e da filosofia”¹³⁹. É o auxílio prestado pelos “mercadores da luz” aos “intérpretes da natureza”.

Segundo a concepção de Denis, seus contemporâneos não deveriam se contentar com o conteúdo de obras mais antigas. O autor sugere que a tradução da obra de Herder para o francês deveria ter sido acompanhada de notas: “essas adições, habilmente manejadas, teriam deixado a obra mais em harmonia com nossas ideias atuais”¹⁴⁰. Sem esse trabalho de erudição, a obra de Herder serviria mais como “um fenômeno da época na qual apareceu”¹⁴¹.

A cronologia construída por Ferdinand Denis no artigo de 1832 permite um aprofundamento de questões concernentes à relação entre literatura de viagem e escrita da História. Nos prefácios das suas obras, Denis dizia dar preferência aos relatos de viagem como fontes por seu caráter ingênuo, exato, simples e sincero. No artigo, para além das vantajosas virtudes gerais dos viajantes, ali reafirmadas, Denis indica a necessidade de um tratamento diferencial para cada tipo de relato de viagem, que considere o tempo e o lugar em que foi produzido.

6 Considerações

Vimos, ao longo do capítulo, que Ferdinand Denis desenvolveu duas facetas em sua relação com o Brasil: a de fonte consultada e a de estudioso que consulta; a de quem conhece porque viu e a de quem conhece porque leu; a de viajante e a de erudito. No artigo de 1832, o próprio autor parece se reconhecer como ocupante dessas duas categorias, posicionando-se tanto como um viajante *savant*, distinto de seus predecessores, quanto como um historiador preocupado com o estabelecimento de uma ciência nova que soubesse fazer uso dos relatos de viagem.

Reforço que essas duas facetas não parecem ser tão opostas ou separáveis quanto alguns dos estudiosos fazem parecer. No conteúdo do diário, percebe-se, de fato, a formação de certa persona de viajante – que passa por intempéries e doenças, que se

¹³⁹ “[...], quelle impulsion pour le xix^e siècle! quel mouvement opéré en faveur de la science et de la philosophie!”. DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 177, nota que se inicia na página anterior.

¹⁴⁰ “[...]; ces sortes d’additions, habilement ménagées, eussent rendu l’ouvrage plus en harmonie avec nos idées actuelles”. *Ibid.*, p. 176, nota 1.

¹⁴¹ “[...] un phénomène pour l’époque où il parut”. *Ibid.*, p. 176, nota 1.

sacrifica na natureza desconhecida, que sente saudades da terra natal – distante da de erudito. Porém, o olhar do viajante Denis já estava atento para questões que ocuparão parte importante de sua obra de erudição, como o estado geral dos indígenas, as condições de saúde, os gêneros que poderiam ser aproveitados para o alcance de um futuro próspero para a região. Além disso, temos, tanto por parte do Denis viajante quanto do Denis erudito, uma valorização da autópsia e também da *akoé*. Como viajante, Denis foi, viu, se informou com os locais, registrou. Como erudito, selecionou como fontes aqueles que fizeram o mesmo.

O capítulo teve como objetivo tratar da relação entre viagem e escrita da história porque essa relação é notável na narrativa de *Brésil*. Como veremos no último capítulo, o golpe de vista proposto por Ferdinand Denis ampara-se (e fundamenta sua autoridade) no olhar do viajante e do erudito. Vimos que, para o autor, o olhar do viajante – seja oferecendo descrições “objetivas” ou compartilhando suas reflexões e sentimentos – é indispensável ao conhecimento histórico. Vimos ainda que o trabalho do erudito é considerado igualmente necessário, pois é pela erudição que se determina qual viajante é mais ou menos digno de confiança, que se identifica os preconceitos, que se define o que pode ou não ser aproveitado de cada relato.

PARTE 2 O GOLPE DE VISTA

CAPÍTULO 3: *COUP D'ŒIL*: HISTÓRIA DO TERMO

O objetivo do presente capítulo é o de delinear os significados do *coup d'œil*, de forma a nos aproximarmos do sentido que o termo possuía no momento em que foi utilizado por Ferdinand Denis. O primeiro movimento será o de apresentação das acepções presentes nas edições do *Dictionnaire de l'Académie Française*. Esse movimento nos permite visualizar algumas mudanças relevantes de significado que o termo sofreu entre o fim do século XVII e os tempos atuais. Em seguida, exploraremos trabalhos que analisam os usos do *coup d'œil* em determinados domínios do conhecimento, a fim de observarmos como os significados encontrados nos dicionários se formaram e tomaram corpo nas produções intelectuais. Essa etapa nos permitiu levantar algumas questões concernentes ao uso do *coup d'œil*, que serão apresentadas nas considerações ao final deste capítulo.

1 Definição do *coup d'œil*

Conforme a edição atual do dicionário Larousse em francês, o termo *coup d'œil* significa “olhar, exame breve” ou “aspecto, vista”¹. Na versão Francês-Português do mesmo dicionário, a tradução da expressão *jeter un coup d'œil*, bastante utilizada por Ferdinand Denis, é “dar uma olhada”². A princípio, não parece se tratar de um termo que possua uma riqueza semântica que justifique uma investigação mais aprofundada sobre seu uso, mas essa impressão se esvai quando consultamos os dicionários dos séculos passados.

As nove edições do *Dictionnaire de l'Académie Française*, que cobrem o período de 1694 até os dias de hoje, tomadas em conjunto, nos dão pistas sobre a evolução do termo. O *coup d'œil* aparece em todas elas, sempre na seção dedicada ao verbete *coup* (golpe). Se considerarmos apenas o número de aparições do termo, já perceberemos uma

¹ No original: “*Coup d'œil, regard, examen rapide : Jeter un coup d'œil sur un livre ; aspect, vue, spectacle: De la terrasse, le coup d'œil était magnifique*”. ŒIL, YEUX. In: **Dictionnaire de Français Larousse em ligne**. Disponível em:

<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/%C5%93il/55645#182354>. Consulta em: 15/04/2024.

² COUP D'ŒIL. In: **Dicionário Larousse francês/português, português/francês**: mini/ coordenação editorial José A. Galvez, 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008, p. 86.

variação importante: nas duas primeiras edições, de 1694³ e de 1718⁴, o *coup d'œil* aparece apenas uma vez; na terceira (1740)⁵, na quarta (1762)⁶ e quinta (1798)⁷, cinco vezes; na sexta (1835)⁸ e na sétima (1878)⁹, vinte e duas vezes; na oitava (1935)¹⁰, dezoito vezes; e na atual¹¹, que começou a ser redigida nos anos 1980, apenas duas vezes. Há, portanto, um aumento significativo de menções na edição de 1835 (temporalmente muito próxima à obra *Brésil*, publicada em 1837) e uma queda drástica na edição atual.

Nas duas primeiras edições, de 1694 e de 1718, o termo figura entre exemplos de expressão com a palavra *coup*, como *coup de peigne*. A terceira edição, de 1740, além de apresentar essas mesmas expressões, esclarece que elas denotam ligeireza. Explica-se que *donner un coup d'œil* sobre uma obra é passar os olhos sobre ela, tal como *donner un coup de peigne* a uma peruca é penteá-la ligeiramente. O *coup d'œil* é, nessa acepção, um olhar ligeiro e superficial. Nessa mesma edição, também somos apresentados à expressão *au premier coup d'œil* (“à primeira vista”), e a dois novos sentidos do termo: o primeiro é o de “aspecto” ou “vista” e o segundo é o de talento ou habilidade – concepção que, como veremos mais à frente, foi bastante expressiva no mundo militar. O trecho dedicado ao termo é o seguinte:

Diz-se, *Esta casa é agradável ao primeiro coup d'œil*, para dizer que a sua primeira aparência é agradável. *O coup d'œil de um terraço é encantador*, para dizer que se tem de lá uma vista agradável. *Este general tem um excelente coup d'œil*, para dizer que ele conhece ante de mais nada todas as vantagens que

³ COUP. In: **Le Dictionnaire de l'Académie Française**, dédié au Roy. Tome premier (A-L). Première édition. Paris: Jean-Baptiste Coignard, imprimeur ordinaire du Roy, & de l'Académie Française, 1694, p. 263-264.

⁴ COUP. In: **Nouveau Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-L). Paris: Jean-Baptiste Coignard, imprimeur ordinaire du Roy, & de l'Académie Française, 1718, p. 368-369.

⁵ COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Troisième édition. Paris: Jean-Baptiste Coignard, imprimeur du Roy, & de l'Académie Française, 1740, p. 387-389.

⁶ COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Quatrième édition. Paris: Bernard Brunet, imprimeur de l'Académie Française, 1762, p. 417-419.

⁷ COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Cinquième édition. Paris: J. J. Smits, 1798, p.328-329.

⁸ COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-H). Sixième édition. Paris: Imprimerie et librairie de Firmin Didot frères, imprimeurs de l'Institut de France, 1835, p. 427-429.

⁹ COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-H). Septième édition. Paris: Librairie de Firmin Didot et Cie., imprimeurs de l'Institut de France, 1878, p. 419-421.

¹⁰ COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-G). Huitième édition. Paris: Librairie Hachette, 1935, p. 312-313.

¹¹ COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française en ligne**. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A2C2025>. Consulta em: 28/05/2025.

pode tirar da situação do lugar e da disposição ou dos movimentos do inimigo.¹²

A quarta e a quinta edições, de 1762 e 1798, apresentam conteúdo semelhante à da terceira no que tange ao *coup d'œil*. A grande mudança vem na sexta edição, de 1835, e ela não se dá apenas no número de menções, mas também na incorporação de outras acepções. O *coup d'œil* deixa de figurar entre os exemplos de expressões variadas que denotavam ligeireza e conquista um espaço próprio, que apresenta seus significados em cinco tópicos.

O primeiro tópico apresenta o sentido de “olhar ágil e de pequena duração”¹³. O uso aproxima-se da acepção de visão ligeira, mas é apresentado de forma mais variada e detalhada do que nas edições anteriores. Quando utilizado como um ponto de vista, o termo indica uma visão ampla ou geral: “do alto desse edifício, abarcamos de um *coup d'oeil* todo um vasto horizonte”¹⁴. O dicionário esclarece que o uso figurativo também é possível, como em “lancemos um *coup d'oeil* sobre os eventos notáveis desse período”¹⁵.

O segundo tópico apresenta um significado novo do termo, que é o de “aptidão de captar à simples visão, com precisão e de maneira a se formar uma ideia exata, a figura, as proporções e a natureza dos objetos”¹⁶. O exemplo de utilização oferecido é “O *coup d'oeil* é uma qualidade essencial ao pintor, ao escultor e ao arquiteto”¹⁷.

No terceiro tópico, a expressão “ter um excelente *coup d'oeil*” se faz novamente presente, mas seus exemplos de uso não se encontram mais restritos ao universo militar. A definição apresentada é a seguinte:

*Ter um coup d'œil excelente, Ver prontamente que posição tomar numa circunstância inesperada; e, em geral, discernir rapidamente o que é importante e interessante nos assuntos. Dizemos mais ou menos no mesmo sentido, Ter um coup d'œil justo, seguro, penetrante, etc.; e de forma absoluta, ter um coup d'œil.*¹⁸

¹² No original: “On dit, Cette maison plaît au premier coup d'œil, pour dire, Que son premier aspect fait plaisir. Le coup d'œil d'une terrasse est charmant, pour dire, qu'on découvre de-là une vue agréable. Ce Général a le coup d'œil excellent, pour dire, qu'Il connoît d'abord tout l'avantage qu'il peut tirer de la situation des lieux & de la disposition, ou des mouvemens de l'ennemi. COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**, 1740, p. 389.

¹³ “Regard prompt et de peu de durée”. COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**, 1835, p. 428.

¹⁴ “Du haut de cet édifice on embrasse d'un coup d'œil tout un vaste horizon”. *Ibid.*, p. 428.

¹⁵ “Jetons un coup d'œil sur les événements remarquables de cette période”. *Ibid.*, p. 428.

¹⁶ “L'aptitude à saisir à la simple vue, avec précision et de manière à s'en former une idée exacte, la figure, les proportions et le caractère des objets”. *Ibid.*, p. 428.

¹⁷ “Le coup d'œil est une qualité essentielle au peintre, au sculpteur, à l'architecte”. *Ibid.*, p. 428.

¹⁸ “Avoir un coup d'œil excellent, Voir promptement le parti qu'on doit prendre dans une circonstance inopinée ; et, en général, discerner rapidement ce qu'il y a d'important, d'intéressant dans les affaires. On

Os dois últimos tópicos tratam das acepções de “aspecto, aparência” e de “primeira impressão”, sem que apresentem novidade substancial em relação às definições e exemplos contidos nas edições anteriores. Na sétima edição do dicionário, de 1878, a parte dedicada ao *coup d’œil* é idêntica e na oitava edição, de 1935, apesar de uma diminuição discreta no número de aparições, os sentidos se mantêm os mesmos. Já na edição atual, iniciada nos anos 1980, o *coup d’œil* sofre uma redução importante de aparições e de significados. Nessa edição, o termo figura em um tópico do verbete *coup* intitulado “movimento rápido executado para obter certo resultado”¹⁹. Entre diversas expressões que denotam rapidez, o *coup d’œil* é apresentado em apenas dois de seus antigos sentidos: “lançar um *coup d’œil* sobre um jornal, lançar sobre ele um olhar rápido” e “ao primeiro *coup d’œil*, ele não inspira muita confiança”²⁰.

Percebe-se, a partir do conjunto das edições do dicionário, um enriquecimento semântico do *coup d’œil* no século XIX, que perdura até a edição de 1935 e se perde a edição atual. Outra evidência da importância do *coup d’œil* no século XIX é o número de publicações que possuem o termo em seu título. Ao pesquisar pela expressão exata “*coup d’œil*” no título das obras do catálogo geral da Biblioteca Nacional da França (BnF), temos o seguinte resultado por data de publicação:

Tabela 1 – Obras do catálogo da BnF contendo o termo *coup d’œil* no título

Date de publication
1600-1699 (1)
1700-1799 (253)
1800-1899 (2 065)
1900-1999 (719)
2000-2099 (214)

Tabela gerada a partir da pesquisa "Recherche avancée : Titre : Coup d'oeil / Expression exacte" no Catalogue Général da Bibliothèque Nationale de France.

dit à peu près dans le même sens, Avoir le coup d’œil juste, sûr, pénétrant, etc. ; et absolument, Avoir du coup d’œil". COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**, 1835, p. 428.

¹⁹ “*Mouvement rapide exécuté pour obtenir un certain résultat*”. COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française en ligne**. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A2C2025>. Consulta em: 15/04/2024.

²⁰ “*Jeter un coup d’œil sur un journal, y lancer un regard rapide*”; “*Au premier coup d’œil, il n’inspire guère confiance*”. *Ibid.*

A primeira aparição do *coup d'œil* no título de uma das obras catalogadas foi em 1727²¹. Nota-se um aumento expressivo dos títulos contendo o termo no século XIX, com uma queda não negligenciável a partir do século XX. A maioria das obras do século XIX, século no qual Denis publicou suas obras, tem no título a expressão “*coup d'œil sur*” ou “golpe de vista sobre” seguida do objeto abordado. Os objetos são os mais variados, pertencentes a domínios como medicina, agricultura, botânica, política, filosofia e literatura. Em alguns títulos, o tipo de *coup d'œil* a ser oferecido é especificado: *coup d'œil* rápido, geral, militar, político, histórico, filosófico, topográfico e observador são alguns dos exemplos.

2 Os usos históricos do *coup d'œil*

Se o catálogo da BnF evidencia a importância do *coup d'œil* nas publicações do século XIX e se os dicionários nos permitem visualizar as mudanças de significado que o termo sofreu ao longo do tempo, essas fontes pouco nos informam sobre os contextos de uso. Nesta seção, examinaremos como o *coup d'œil* se desenvolveu em determinados domínios de aplicação, o que nos ajudará a compreender de que maneira o termo adquiriu tantas acepções nos séculos XVIII e XIX.

Para conduzir esse exame, recorreremos aos principais estudos dedicados à história do termo, que são os de Lorraine Daston²², Valeria Pansini²³ e Charlotte Bigg²⁴. Antes de seguirmos, é necessário fazer uma consideração sobre a diferença de abordagem das autoras. Enquanto Pansini e Bigg analisam usos específicos e bem definidos do termo, Daston considera o *coup d'œil* enquanto um modo de conhecimento duradouro, reconhecível em vários momentos da história mesmo que sob outros nomes.

2.1 O *coup d'œil* antes do *coup d'œil*

²¹ A obra que consta no século XVI, datada de 1689, é uma gravura japonesa que recebeu posteriormente o seguinte título em francês *Cheminement à travers le Japon. Un coup d'œil sur les routes*.

²² DASTON, Lorraine. Sobre a observação científica. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 91-108; DASTON, Lorraine. **The coup d'œil**: on a mode of understanding. *Critical Inquiry*, Chicago: v. 45, n. 2, p. 307-331, jan./mar. 2019.

²³ PANSINI, Valeria. **Pour une histoire concrète du « talent »** : les sélections méritocratiques et le coup d'œil du topographe. *Annales historiques de la Révolution française*, v. 354, octobre-décembre, 2008.

²⁴ BIGG, Charlotte. The Panorama, or La nature à coup d'œil. In: FIORENTINI, Erna. **Observing Nature – Representing Experience**. *The Osmotic Dynamics of Romanticism 1800–1850*. Berlin: Reimer, 2007, p. 73-95.

A abordagem de Lorraine Daston permite, portanto, a identificação do *coup d'œil* antes que o termo de fato existisse. De forma a fazer essa identificação, a autora definiu elementos centrais desse “modo de compreensão”. Segundo Daston, o *coup d'œil* é: holístico, o que significa que seu objeto é concebido como um todo; instantâneo, já que se revela de forma quase imediata e não a partir de uma cadeia de raciocínio; estrutural, por preocupar-se com a relação entre as partes do objeto; visual, seja de forma literal ou metafórica; impenetrável (resistente à análise); e infalível (resistente à dúvida)²⁵.

De acordo com a autora, parte desses elementos pode ser percebida na concepção da escolástica medieval acerca da cognição dos anjos. Segundo Tomás de Aquino, os homens só poderiam conhecer um objeto por meio de uma análise (*resolutio*) construída a partir da ação da matéria desse objeto sobre seus sentidos. Já os anjos, sem órgãos ou sentidos, seriam capazes de apreender um objeto de forma imediata e infalível por meio da síntese (*compositio*).

Daston nota traços da angelologia medieval em obras de matemáticos do século XVII, em particular no que tange à distinção entre as formas dedutiva e intuitiva de conhecimento. Na obra de René Descartes, a intuição é definida como um tipo de conhecimento claro e imediato, enquanto a dedução é definida como uma compreensão sucessiva. Alguns pontos, porém, distanciam Descartes da escolástica. O primeiro é que o matemático reconhece os dois tipos de conhecimento como pertencentes à razão humana. O segundo é que ele não considera a intuição e a dedução como tipos completamente opostos/apartados de conhecimento: na concepção de Descartes, a dedução poderia ser treinada de forma que a cadeia de pensamento se acelerasse a tal ponto que se diluiria numa única intuição. Um ponto, porém, o reaproxima: assim como para Tomás de Aquino, para Descartes, a intuição não passa pela visão, pelos olhos, pelos sentidos. Nem os anjos nem a razão possuem olhos. Estamos no domínio do *coup*, sem *œil*²⁶.

2.2 O *coup d'œil* como talento no mundo militar

Segundo o levantamento feito por Lorraine Daston, o *coup d'œil* só recebe esse nome e passa a ter o olho humano como elemento fundamental na França do final do

²⁵ Cf. DASTON, Lorraine. **The coup d'œil: on a mode of understanding**. Critical Inquiry, Chicago: v. 45, n. 2, jan./mar. 2019, p. 308.

²⁶ No texto de Daston: “*It is all coup, and no œil*”. *Ibid.*, p. 312.

século XVII. No mesmo momento, surgiam outras expressões com a palavra golpe, como *coup de foudre* e *coup d'état*.

Em meados do século XVIII, o termo alcança um sucesso inédito, que se dá no âmbito da estratégia militar. Segundo Daston, um compilado de escritos do oficial francês Jean-Charles Folard, publicado em 1761²⁷, foi fundamental na difusão do *coup d'œil* como uma habilidade de primeira importância no mundo da guerra. A relevância de Folard parece ser confirmada pelo fato de que uma de suas obras, *L'Art militaire*, é referência única na definição de *coup d'œil* oferecida pela *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert. A definição é a seguinte:

A arte de conhecer a natureza e as diferentes situações da região onde a guerra está sendo travada e onde se pretende travá-la; as vantagens e desvantagens do campo e dos postos que se pretende ocupar, assim como aqueles que podem ser favoráveis ou desvantajosos ao inimigo.²⁸

Nos textos de Folard, o *coup d'œil* significava o conhecimento pormenorizado dos campos de batalha, conhecimento a partir do qual seriam previstas as condições com as quais o exército teria de lidar. Como observado por Daston, o *coup d'œil* de Folard era duplamente visual. Em primeiro lugar, era literalmente visual, já que exigia uma exploração do campo por parte do oficial, responsável por ver cada detalhe do local²⁹. Em segundo lugar, era metaforicamente visual: a partir da exploração do campo, o general deveria, por meio de sua imaginação, projetar as futuras possibilidades de ação.

Nessa formulação, ao exigir um trabalho metódico, detalhado, trabalhoso e processual, o *coup d'œil* militar estava longe de ser instantâneo, impenetrável ou infalível (características que Daston identifica como constitutivas do *coup d'œil* enquanto modo de conhecimento). Isso mudaria no século seguinte, conforme demonstrado por Daston por meio da obra do engenheiro militar francês Pierre Alexandre Allent, de 1829³⁰. Na elaboração de Allent, o *coup d'œil* é concebido como a habilidade de ver o todo sem

²⁷ Trata-se de um compilado intitulado *L'esprit du Chevalier Folard*, prefaciado por Frederico II da Prússia e publicado em Leipzig.

²⁸ “*L'art de connaître la nature & les différentes situations du pays, où l'on fait & où l'on veut porter la guerre; les avantages & les desavantages des camps & des postes que l'on veut occuper, comme ceux qui peuvent être favorables ou desavantageux à l'ennemi*”. DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. *Encyclopédie*, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, t. 4. Paris: Briasson; David; Le Breton; Durand, 1754, p. 345.

²⁹ DASTON, Lorraine. **The coup d'oeil**: on a mode of understanding. *Critical Inquiry*, Chicago: v. 45, n. 2, jan./mar. 2019, p. 313.

³⁰ A edição utilizada por Daston é a seguinte: ALLENT, Pierre Alexandre. *Essai sur les reconnaissances militaires*, in **Recueil sur les reconnaissances militaires d'après les auteurs les plus estimes**. Paris: J. Corréard, 1845.

perder tempo com detalhes insignificantes. Ele deixa de designar o trabalho demorado de exploração do campo para significar uma habilidade quase natural – um julgamento próximo à apreciação estética – de compreender instantaneamente o que se passa e de, a partir dessa compreensão, tomar decisões rápidas e acertadas no calor da batalha.

Para alcançar essa visão, o olho deveria ser capaz de estimar as distâncias e as possibilidades num só golpe e pelo hábito, de forma quase inconsciente. Nessa lógica, o domínio das regras da matemática e dos instrumentos de medição era considerado como algo necessário aos novatos, mas dispensável aos experientes.

Se consultamos o texto de Allent, vemos que ele constrói uma oposição entre o *coup d'œil* e o trabalho analítico de erudição: “nada substitui um *coup d'œil* lançado sobre a região, e nem toda a erudição possível vale a resposta curta e precisa do militar que viu”³¹. Vê-se, no trecho, que a prontidão, associada à ideia de urgência da atividade militar, é elemento central dessa concepção de *coup d'œil*. Segundo Allent, o caráter das operações militares não permitia que o oficial desse atenção aos detalhes. Sua função seria, ao contrário, o de “ver em um golpe de vista o que pode ser feito; abarcar o todo, captar o essencial”³².

O autor ressalta que a arte militar devia muito aos reconhecimentos feitos em tempos de paz, tempos esses em que o oficial que ia a campo assemelhava-se ao viajante – “como o naturalista, o agrônomo ou o simples curioso, ele nota a configuração geral do país, a natureza das rotas, suas direções, a situação das cidades, a cultura, o comércio, as oficinas, em uma palavra, a estatística da região”³³. É o olhar desse viajante que a erudição não podia substituir.

Há outro trabalho sobre o *coup d'œil* militar que merece menção: trata-se da análise, feita por Valeria Pansini, do surgimento do *coup d'œil* enquanto um talento valorizado no mundo militar francês. A partir de manuais de formação dos topógrafos militares publicados entre 1760 e 1820³⁴, a autora demonstra como o *coup d'œil* foi se

³¹ “Rien ne remplace un *coup d'œil jeté sur le pays, et toute l'érudition possible ne vaut pas la réponse courte et précise du militaire qui a vu*”. ALLENT, Pierre Alexandre. Essai sur les reconnaissances militaires. In: **Mémorial Topographique et militaire**, n. 4. Paris: L'Imprimerie de la République, 1804, p. 30.

³² “Voir d'un *coup d'œil ce qu'on peut faire; embrasser l'ensemble, saisir l'essentiel*”. *Ibid.*, p. 34.

³³ “Comme le naturaliste, l'agronome ou le simple curieux, il remarque la configuration générale, la nature des routes, leurs directions, la situation des villes, la culture, le commerce, les ateliers d'industrie, en un mot la statistique du pays”. *Ibid.*, p. 30.

³⁴ Foram consultados manuais de autoria dos militares Dupain de Montesson, Jean-Gérard Lacuée, Pierre de Bourcet, J-J. Verkaven e A. Allent.

constituindo como um critério de recrutamento e valorização desses profissionais. Enquanto Daston ressalta uma mudança de concepção do *coup d'œil* entre os séculos XVIII e XIX, Pansini considera as características comuns encontradas nos diversos manuais.

É observado que todos os manuais construíam uma ligação muito íntima entre a topografia e a experiência da guerra, em detrimento de conhecimentos teóricos. O papel do topógrafo militar não era o de apenas produzir dados exatos, mas especialmente dados úteis ao general, a partir dos quais este último pudesse conduzir a ação: “o oficial autor do reconhecimento nada mais é que o olho que vê e reúne o que o general não poderia ver diretamente”³⁵. A autora nota que o que garantia a operação não era a objetividade dos dados, mas a complementaridade entre duas subjetividades, a do topógrafo (responsável pela visão) e a do general (responsável pela ação). E é aí que o *coup d'œil*, essa noção “difícil de definir, mas absolutamente onipresente”³⁶, toma o centro da questão: é ele o garantidor dessa comunicação intersubjetiva.

Em suas *Memórias sobre reconhecimentos militares*, escritas nos anos de 1750, o general Pierre de Bourcet³⁷ estabeleceu uma diferença entre o “*coup d'œil* de previsão”, que diz respeito à atividade do topógrafo quando este imagina o desenvolvimento da batalha no campo, e o “*coup d'œil* da ação”, que parte do general quando este identifica as fases do conflito, previstas pelo topógrafo, e comanda as tropas de acordo com o que cada uma dessas fases exige. A partir do texto de Bourcet, Pansini conclui que:

O *coup d'œil* de previsão do topógrafo é um modo de perceber o terreno num momento determinado, e limita-se a conhecer e dar a conhecer; o *coup d'œil* do general percebe uma situação em sua duração e serve de base para a condução da ação. A diferenciação entre as duas tarefas é, portanto, mais complexa: não se trata apenas da visão pura, de um lado, e do comando, de outro, mas de uma responsabilidade perceptiva e especulativa compartilhada e

³⁵ “L’officier auteur de la reconnaissance n’est que l’œil qui voit et assemble ce que le général seul ne saurait voir directement”. PANSINI, Valeria. **Pour une histoire concrète du « talent »** : les sélections méritocratiques et le coup d’œil du topographe. *Annales historiques de la Révolution française*, n. 4, v. 354, 2008, p. 12.

³⁶ “Au centre de la logique commune qui permet la communication il y a la notion de « coup d’œil », difficile à cerner, mais absolument omniprésente”. *Ibid.*, p. 13.

³⁷ Pierre Bourcet (1700-1780) figura na análise de Lorraine Daston como representante do momento de virada entre as duas concepções de *coup d'œil* por ela identificadas. Daston observa que Bourcet era afeito aos detalhes e medições de terreno, mas que, após sua experiência nos Alpes, que abriu seus olhos para a utilidade de postos instalados no alto das montanhas, ele passou a defender uma visão do todo. Há uma obra de Bourcet sobre reconhecimentos feitos em áreas de montanhas que dedica um capítulo exclusivamente ao *coup d'œil*. A obra é a seguinte: Bourcet. *Principes de la guerre de montagnes*. Paris: Imprimerie Nationale, 1775.

diferenciada. A aplicação destes olhares militares é fruto de reflexões complexas, reunindo várias competências³⁸.

Segundo a autora, é essa conjunção de saberes complementares que define o *coup d'œil* militar compartilhado por generais e topógrafos. Quanto ao *coup d'œil* específico do topógrafo, Pansini o define como um talento que reúne dois grupos de qualidades. No primeiro grupo, estão as qualidades ligadas à sensibilidade e à percepção do espaço e, no segundo, aquelas ligadas à atividade militar. Fazem parte do primeiro grupo a “memória local” – espécie de misto entre memória visual e senso de orientação que permite a rápida memorização de um campo – e as técnicas visuais, que transformam o que é visto em dados úteis e compartilháveis. No segundo grupo, está a capacidade de “previsão”, ou de imaginação dos movimentos do exército. A previsão consiste em avaliar os obstáculos e as vantagens do terreno e em calcular, por exemplo, o número de homens necessários para um ataque e o tempo de deslocamento da tropa de um ponto a outro. Para fazer tal previsão, o topógrafo precisava conhecer muito bem os armamentos e demais recursos militares à disposição. Dessa forma, o *coup d'œil* depende tanto do estudo do campo e do conhecimento matemático quanto da familiaridade com o mundo da guerra.

O *coup d'œil* militar verificado nos manuais é pessoal, raro, prático e necessário. É pessoal no sentido de que é considerado em torno da figura do topógrafo que dele é depositário, e não como um conjunto de capacidades que pudessem ser racionalizadas, descritas e ensinadas. Pansini nota que “as fontes não discutem o perfeito trabalho topográfico, mas pintam o retrato do perfeito topógrafo”³⁹. É ainda pessoal porque considerado um talento inato – quem não nascesse com ele poderia até adquiri-lo pela experiência, mas apenas se já dispusesse de “disposições naturais”.

Apesar de este ter sido seu campo principal de desenvolvimento, o *coup d'œil* não ficou restrito ao mundo militar. Isso já tinha sido evidenciado pelo exame dos dicionários. Até a edição de 1740 do *Dictionnaire*, o *coup d'œil* enquanto habilidade estava associado exclusivamente à figura do general. Na edição de 1835, essa habilidade é apresentada

³⁸ “*Le coup d'œil de prévoyance du topographe est une manière de percevoir le terrain dans un moment déterminé, et se borne à connaître et faire connaître ; le coup d'œil du général perçoit une situation dans la durée et sert de base à la conduite d'une action. La différenciation des deux tâches est donc plus complexe: il ne s'agit pas seulement de la vision pure d'un côté, et du commandement de l'autre, mais d'une responsabilité perceptive et spéculative partagée et différenciée. L'application de ces regards militaires est le fruit de réflexions compliquées, réunissant plusieurs capacités*”. PANSINI, Valeria. **Pour une histoire concrète du « talent »** : les sélections méritocratiques et le coup d'œil du topographe. *Annales historiques de la Révolution française*, n. 4, v. 354, 2008, p. 13.

³⁹ “*Les sources, ne discutent pas du parfait travail topographique, mais dressent le portrait du parfait topographe*”. *Ibid.*, p. 16.

como geral e é estendida a figuras como pintores e escultores. Vejamos agora como o termo encontrou um campo fértil de desenvolvimento no mundo dos panoramas, empreendimento que obteve sucesso no século XIX europeu.

3.2 Os panoramas e o *coup d'œil* naturalista

O primeiro panorama, intitulado *View of Edinburgh from Calton Hill*, foi exibido em Londres, em 1789. Dois anos antes, seu idealizador, o pintor irlandês Robert Barker requeria a patente da invenção. No primeiro registro, essa invenção era chamada de *La nature à coup d'oeil* e era apresentada como uma tentativa de fazer o espectador sentir como se estivesse no lugar representado, por meio da construção de uma visão inteiriça, completa, da paisagem⁴⁰. O nome adotado posteriormente, panorama, é um neologismo formulado a partir dos termos gregos *pan* (todo) e *horama* (vista), significando uma visão abrangente, capaz de captar o todo⁴¹. Ao longo do século XIX, os panoramas difundiram-se pela Europa e tornaram-se muito populares: a estimativa é a de que tenham recebido um milhão de visitas entre 1870 e 1900⁴². As representações mais comuns eram de paisagens naturais, cenas de batalhas e destaques culturais do circuito do *Grand Tour*.

A estrutura do panorama era constituída por telas contínuas formando um painel de 360°, iluminado a partir de cima e disposto numa rotunda (galeria circular). A construção de um panorama durava cerca de dois anos. O primeiro passo era o da produção de esboços por artistas enviados à localidade a ser representada. Com os esboços prontos, passava-se à confecção das telas, cuja medida podia chegar a 2000 metros quadrados – tarefa que mobilizava uma equipe de desenhistas e pintores. A etapa de montagem do painel também era bastante trabalhosa, exigindo a aplicação de técnicas que evitassem que as telas ficassem aparentes ou que houvesse qualquer deformação da imagem. Por fim, havia o trabalho de iluminação, que tinha o objetivo de criar efeitos de realce e profundidade. Novas técnicas de pintura e de iluminação foram desenvolvidas para criar no espectador a impressão de estar diante de uma paisagem real. Como os

⁴⁰ Markman Ellis analisa os argumentos utilizados por Robert Barker no requerimento de registro da patente. Cf. ELLIS, Markman. 'Spectacles within doors': Panoramas of London in the 1790s. **Romanticism**, Edinburgh, v. 14, n. 2, jul. 2008, p. 134-135.

⁴¹ A autoria da palavra e sua primeira aparição não são conhecidas. Segundo Stephan Oettermann, o termo já estava difundido pela Europa por volta de 1800 e seu uso em sentido amplo (significando qualquer visão geral) acompanhou de perto o uso do termo técnico (designando a invenção de Barker). Cf. OETTERMANN, Stephan. **The Panorama: history of a mass medium**. New York: Zone Books, 1997.

⁴² Cf. BIGG, Charlotte. *The Panorama, or La nature à coup d'oeil*. In: FIORENTINI, Erna. **Observing Nature – Representing Experience**. *The Osmotic Dynamics of Romanticism 1800–1850*. Berlin: Reimer, 2007, p. 74.

custos de produção eram altos, investia-se bastante em publicidade e promovia-se turnês de cada panorama por diferentes cidades europeias, o que explica, em parte, a popularidade do empreendimento⁴³.

A autora Charlotte Bigg atentou para a relação entre o surgimento do panorama – que, lembremos, foi originalmente chamado de *La nature à coup d’oeil* – e a elaboração do conceito de *coup d’œil* entre cientistas, em especial naturalistas e topógrafos. Em primeiro lugar, a autora observa que o “*coup d’œil científico*” de fins do século XVIII e do começo do século XIX estava ligado ao desenvolvimento de novas práticas de observação.

A autora nota que as expedições de naturalistas a cadeias de montanhas no século XVIII – tais como a de La Condamine aos Andes em 1736 ou a de Horace-Bénédict de Saussure aos Alpes – fizeram surgir novas experiências e, a partir delas, novas perspectivas sobre o estudo da natureza. Em especial, a “vista de cima” passou a ser particularmente valorizada nas observações de viagem. A ideia era a de quando o observador se elevava, seu pensamento se tornava mais amplo, mais geral. Ver de cima em sentido literal permitiria o abandono de uma visão pequena/terrestre em sentido metafórico.

Em *Voyages dans les Alpes*, Horace-Bénédict de Saussure defende uma nova forma de estudar a natureza, baseada na observação dos fatos – segundo ele, os antigos haviam negligenciado a observação em nome de determinadas tradições. Segundo sua argumentação, o estudo das montanhas seria capaz de acelerar o progresso do estudo da Terra. Isso porque, além de apresentar mais variações em matéria e em forma, a montanha permitia uma visão do alto, “de onde se pode observar com a maior clareza e de onde se pode captar em um golpe de vista a ordem da situação, a direção, a espessura e até mesmo a natureza das camadas das quais são compostas e as rachaduras que as atravessam”⁴⁴.

A exploração das montanhas exigia, segundo Saussure, um tipo específico de viajante naturalista, disposto a enfrentar dificuldades adicionais. De forma a alcançar um

⁴³ BIGG, Charlotte. The Panorama, or La nature à coup d’oeil. In: FIORENTINI, Erna. **Observing Nature – Representing Experience**. The Osmotic Dynamics of Romanticism 1800–1850. Berlin: Reimer, 2007, p. 74. Para as técnicas e os processos de construção dos panoramas, ver também OETTERMANN, Stephan. **The Panorama**: history of a mass medium. New York: Zone Books, 1997, p. 49-98.

⁴⁴ “[...] où l’on observe avec la plus grande clarté & où l’on embrasse d’un coup d’œil, l’ordre, la situation la direction, l’épaisseur & même la nature des assises dont elles font composées & des fissures qui les traversent”. SAUSSURE, Horace-Bénédict de. **Voyages dans les Alpes**, précédés d’un essai sur l’histoire naturelle des environs de Geneve. Neuchatel: Samuel Fauche, 1779, p. II.

ponto de vista amplo, o viajante deveria deixar as rotas convencionais e subir até os topos mais elevados. Além disso, sua visão deveria estar voltada para o todo, para as relações entre os objetos – ao contrário, de nada serviria estar no topo.

O único objetivo da maioria dos viajantes que se dizem naturalistas é o de colecionar curiosidades; eles caminham, ou melhor, rastejam; os olhos fixos na terra, apanhando aqui e ali pequenos pedaços, sem visar observações gerais. Assemelham-se a um antiquário que raspa o chão em Roma, no meio do Panteão ou do Coliseu, à procura de fragmentos de vidros coloridos, sem olhar para a arquitetura desses soberbos edifícios⁴⁵.

Fica bastante clara no trecho a relação entre a visão dos olhos e a visão da mente. Os olhos voltados para o chão e a postura rastejante se coadunam com a falta de sensibilidade para o todo. Sausurre esclarece que o estudo dos detalhes era a única base sólida para o conhecimento, mas que esse estudo deveria ter sempre como objetivo a construção de uma observação geral.

Charlotte Bigg observa que a busca por uma visão geral entre os naturalistas foi acompanhada pela preocupação com os detalhes e com a exatidão das medições. Uma série de técnicas e instrumentos – barômetro, higrômetro, triangulação – eram utilizados pelos naturalistas para fazer registros precisos e detalhados da natureza. Porém, havia uma clara concepção de que a exatidão e o detalhamento não eram suficientes à produção do conhecimento. Em seu tratado sobre a arte de observar, de 1777, o naturalista Benjamin Carrard afirmava que o *coup d'œil* era uma habilidade indispensável para que o naturalista soubesse se servir dos instrumentos disponíveis⁴⁶.

Essa ideia de que o uso de instrumentos adequados – no caso dos panoramas, eram utilizados, por exemplo, a câmera escura, a câmera lúcida e o telescópio – não dispensava o “olho treinado” também estava presente na confecção dos panoramas. Por mais que os instrumentos pudessem auxiliar no estudo dos detalhes da paisagem, somente o talento humano poderia transmitir as impressões de estar no lugar representado. Era nesse sentido

⁴⁵ “L’unique but de la plupart des voyageurs qui se disent Naturalistes, c’est de recueillir des curiosités; ils marchent ou plutôt ils rampent, les yeux fixés sur la terre, ramassant çà & là de petits morceaux, sans viser à des observations générales. Ils ressemblent à un Antiquaire qui grateroit la terre à Rome, au milieu du Panthéon ou du Colisée pour y chercher des fragmens de verre coloré, sans jeter les yeux sur l’architecture de ces superbes édifices”. SAUSSURE, Horace-Bénédict de. **Voyages dans les Alpes**, précédés d’un essai sur l’histoire naturelle des environs de Geneve. Neuchatel: Samuel Fauche, 1779, p. II-III.

⁴⁶ BIGG, Charlotte. The Panorama, or La nature à coup d’œil. In: FIORENTINI, Erna. **Observing Nature – Representing Experience**. The Osmotic Dynamics of Romanticism 1800–1850. Berlin: Reimer, 2007, p. 78.

que relatos de testemunhas também eram levantados, de forma a garantir a “verdade da cena”⁴⁷.

Para dar conta de apreender e comunicar a aparência geral e os detalhes dos territórios num mesmo movimento, o *coup d’œil* naturalista precisou criar novas formas de representação. Bigg observa um esforço de construção de recursos visuais que conjugavam a “visão de cima” com medições acuradas de elementos – geológicos, botânicos, antropológicos – da paisagem. Um exemplo é o da *Vûe circulaire* (1776), criado por Saussure para representar as cadeias montanhosas dos Alpes⁴⁸. Essa “vista circular” foi considerada como precursora dos panoramas⁴⁹, pelas similitudes no que tange tanto ao tipo de projeção (visão circular, projeções horizontais de grande amplitude) quanto à preocupação em oferecer dados topográficos exatos e em promover a imersão sensorial do espectador.

As novas formas de representação tinham, ainda, uma preocupação com a dimensão sensorial e estética da experiência do espectador. Essa preocupação estava ancorada numa concepção de que o conhecimento da natureza, em toda a sua harmonia e profundidade, passaria por sentidos e emoções compartilháveis⁵⁰. O panorama era preferido em relação a outras formas de representação da natureza por sua capacidade de mimetizar do ponto de vista do viajante – sua experiência, o efeito da natureza sobre seus sentidos – que ia até o alto da montanha⁵¹.

Em sua análise sobre visão e modernidade, Jonathan Crary relacionou o surgimento de panoramas e de outras práticas de representação no século XIX a uma mudança ampla e profunda situada no observador. As considerações do autor partem dos estudos de Michel Foucault acerca das diferenças entre a episteme clássica e a moderna, assunto do qual tratamos muito brevemente no primeiro capítulo ao abordarmos o processo de modernização epistemológica notado por Hans Ulrich Gumbrecht⁵².

⁴⁷ BIGG, Charlotte. The Panorama, or La nature à coup d’oeil. In: FIORENTINI, Erna. **Observing Nature – Representing Experience**. The Osmotic Dynamics of Romanticism 1800–1850. Berlin: Reimer, 2007, p. 84.

⁴⁸ Sobre as representações circulares de cadeias de montanhas características desse contexto, ver BILLING, Bjorn. Circular visions: viewing the world from above in the late eighteenth century. **Journal of Historical Geography**, n. 63, p. 61-72, 2019.

⁴⁹ OETTERMANN, Stephan. **The Panorama**: history of a mass medium. New York: Zone Books, 1997, p. 36.

⁵⁰ Sobre a dimensão estética das representações, ver BIGG, *op. cit.*, p. 79-80.

⁵¹ OETTERMANN, *op. cit.*, p. 39.

⁵² *Cf. supra*, p. 35.

Jonathan Crary elegeu a câmara escura como instrumento representativo do modelo clássico de observador e o estereoscópio como representativo do modelo moderno. Dominante entre os séculos XVI e XVIII, a câmara escura era um receptáculo (que poderia ser desde uma caixa até um cômodo) que possuía um orifício por onde entrava a luz e que projetava a imagem de um objeto na face oposta à do orifício. Como observado por Crary, a câmara tinha como função isolar o espectador tanto de outros objetos do “mundo exterior” quanto de outros sentidos humanos que não a visão confinada pelo aparato. Segundo o autor, esse isolamento era considerado, no seio do pensamento racionalista, como necessário à construção de um conhecimento verdadeiro acerca do objeto representado.

O estereoscópio era um instrumento que dispunha um par de imagens de forma a produzir uma representação tridimensional do objeto, simulando a experiência de vê-lo no mundo real. O panorama também é considerado por Crary como compatível com a noção moderna de observador. Segundo o autor, esses novos instrumentos representam “um desenraizamento’ da visão em relação ao sistema representacional mais inflexível da câmara escura”⁵³. Na modernidade, a experiência do sujeito conhecedor passa a ser considerada como parte inevitável da produção do conhecimento. Os processos de percepção, que mobilizam os sentidos humanos, passam a ser investigados em lugar de evitados. É nesse sentido que os panoramas buscavam inserir o espectador na paisagem representada e reproduzir a experiência de alguém que estivesse diante de uma paisagem real.

Um entusiasta dos panoramas foi Alexander von Humboldt, o viajante naturalista mais admirado por Ferdinand Denis. Em sua grande obra *Kosmos* (1845-1858), Humboldt definiu como objetivo primordial da pintura de paisagem a reprodução do “aspecto geral” de cada região. O autor confiava no poder das pinturas de grande dimensão (panoramas, dioramas, cenários) não apenas de apresentar uma imagem correta da natureza, mas de criar uma impressão no espectador de que ele próprio vira a cena representada. Vejamos, nas palavras do próprio autor, o que ele esperava dos panoramas:

Os panoramas circulares são mais úteis do que os cenários de teatro, pois o espectador, encantado no meio de um círculo mágico e protegido de distrações indesejáveis, acredita estar cercado por todos os lados por uma natureza

⁵³ CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 113.

estrangeira. Eles nos deixam lembranças que, depois de alguns anos, se fundem com a impressão das cenas da natureza que realmente vimos.⁵⁴

Vale lembrar que o objetivo de *Kosmos* era a de oferecer uma descrição completa do mundo, conjugando vários aspectos do céu, da terra e da vida orgânica. Segundo Humboldt, os fenômenos, por serem integrados, só poderiam ser conhecidos de forma também integrada. A conjugação entre botânica e geografia, por exemplo, seria necessária ao conhecimento das leis que regem a distribuição dos vegetais pelo globo⁵⁵.

Além disso, a ciência humboldtiana estava fundamentada na noção da existência de uma conexão entre a natureza e o espírito humano. O segundo tomo de *Kosmos* é inteiramente dedicado à consideração de como “o espetáculo da natureza [...] se reflete no pensamento e na imaginação disposta às impressões poéticas” ou à análise “da ação dos objetos exteriores sobre os sentidos”⁵⁶. Um conhecimento profundo da natureza era alcançado, segundo Humboldt, não apenas pela representação exata dos fenômenos, mas especialmente pela impressão deixada pela “pintura animada e viva”⁵⁷ da natureza.

As técnicas de representação sugeridas por Humboldt (panoramas, mapas que conjugavam vários elementos da natureza) se coadunam com o *coup d'œil* tal como definido por Lorraine Daston. Isso é notado pela própria autora, que reconhece nas propostas do naturalista aquelas características que ela identifica no *coup d'œil* enquanto modo de conhecimento (holístico, instantâneo, estrutural e visual).

Elas [as técnicas de visualização] aspiram à simultaneidade, a concentração de procedimentos laboriosos e feitos lentamente em um *coup d'œil* imediato, a pirueta vertiginosa e integradora de Humboldt. O que era um processo doloroso de cálculo e correlações – por exemplo, na construção de uma tabela de variáveis – torna-se um lampejo de intuição. E a intuição simultânea é tradicionalmente o modo de conhecimento dos anjos, em contraste com as lentas demonstrações dos humanos.⁵⁸

⁵⁴ “*Les panoramas circulaires rendent plus de services que les décors de théâtre, parce que le spectateur, frappé d'enchantement au milieu d'un cercle magique, et à l'abri de distractions importunes, se croit entouré de tout côté par une nature étrangère. Ils nous laissent des souvenirs qui, après quelques années, se confondent avec l'impression des scènes de la nature que nous avons pu voir réellement*”. Tradução minha da versão francesa da obra. HUMBOLDT, Alexandre de. **Cosmos**: essai d'une description physique du monde, t. 2. Paris: Gide et J. Baudry, 1855, p. 105-106.

⁵⁵ Cf. HUMBOLDT, Alexandre de. **Cosmos**: essai d'une description physique du monde, t. 1. Paris: Gide et J. Baudry, 1855, p. II-III.

⁵⁶ “Ce spectacle de la nature [...] comment il se reflète dans la pensée et dans l'imagination disposée aux impressions poétiques”; “l'action des objets extérieurs sur les sens”. HUMBOLDT, *op. cit.*, t.2, 1855, p. 1.

⁵⁷ “[...] *la peinture animée et vivante*”. HUMBOLDT, *op. cit.*, t. 1, 1885, p. V.

⁵⁸ DASTON, Lorraine. Sobre a observação científica. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 106.

Assim como Humboldt, Ferdinand Denis não ficou indiferente ao espetáculo dos panoramas. Em Paris, a primeira rotunda foi inaugurada em 1799, exibindo a pintura de uma paisagem da cidade. Na década de 1820, a cidade viveu uma verdadeira febre de instalação e visitação de panoramas⁵⁹.

Em 1824, é exibido, na *Passage des panoramas*, um panorama da cidade do Rio de Janeiro como vista a partir do Morro do Castelo, construído a partir de desenhos feitos por Félix Taunay. No mesmo ano, Denis publica com Hippolyte Taunay uma *Notice historique et explicative* desse panorama. O objetivo da obra era o de informar os espectadores sobre os eventos históricos ocorridos nos lugares retratados, bem como sobre a geografia e os costumes locais. A obra é justificada pelos autores pela necessidade de um cicerone que explicasse o que acontecia naquela nação, que “se desenvolvia sob os olhos dos espectadores”⁶⁰.

Os autores incluíram nas margens números que constavam na base do panorama, de forma a indicar para os leitores/espectadores onde exatamente cada evento retratado acontecera. É assinalado, por exemplo, que o número 1 indicava a Ilha de Villegagnon, lugar primordial na narrativa sobre a tentativa de constituição de uma França Antártica no Brasil.

O termo *coup d'œil* é utilizado duas vezes na *Notice*. A primeira é logo no prefácio, quando os autores tecem um elogio ao panorama: “a grandeza e a beleza das linhas, a elegância e o pitoresco da arquitetura, a pompa da vegetação dos trópicos, e a fidelidade do golpe de vista, formam um todo extraordinário e encantador”⁶¹. Na segunda, o *coup d'œil* tem o sentido de vista agradável que vimos nos dicionários: os autores observam que o aqueduto da Carioca (indicado pelo número 5), “visto do mar, oferecia um belo golpe de vista”⁶².

Antes de passarmos ao próximo tópico, cabe tratarmos brevemente das relações entre os dois tipos de *coup d'œil* que apresentamos, o militar e o dos panoramas/naturalista. Foi Charlotte Bigg que explorou essa relação dialogando com o

⁵⁹ Sobre a construção de panoramas na França, ver OETTERMANN, Stephan. **The Panorama: history of a mass medium**. New York: Zone Books, 1997, p. 143-182.

⁶⁰ “[...] se développe sous les yeux des spectateurs”. DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. **Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro**. Paris: Nepveu Libraire, 1824, p. V.

⁶¹ “La grandeur et la beauté des lignes, l’élégance et le pittoresque de l’architecture, la pompe de la végétation des tropiques, et la fidélité du coup-d’œil, forment un tout extraordinaire et ravissant”. *Ibid.*, p. V.

⁶² “[...] vu de la mer, offre un beau coup-d’œil”. *Ibid.*, p. 53.

trabalho de Valeria Pansini⁶³. Como notado por Bigg, os oficiais topógrafos eram frequentemente consultados no processo de pintura das cenas, isso quando não estavam diretamente ligados ao empreendimento. A autora trata do caso de Jean-Charles Langlois, topógrafo de campanhas napoleônicas formado pela *École Polytechnique*, que resolveu dedicar-se à fabricação de panoramas. Uma de suas criações, o *Panorama de la Bataille de la Moskowa* acompanhava um panfleto (1835), que apresentava um mapa topográfico, uma descrição do local feita a partir da observação direta do próprio Langlois e uma narrativa da batalha baseada no relato de testemunhas. Segundo Bigg, essa conjunção de pintura, mapa, descrição e narrativa como forma de garantir a autenticidade da representação se aproximava dos procedimentos do *Dépôt de la Guerre*.

A autora observa que o *coup d'œil* dos naturalistas e dos topógrafos militares, apesar de operarem em registros distintos, possuíam elementos comuns, tais como a defesa de uma visão ampla/geral (tanto no sentido literal quanto epistemológico), a combinação entre componentes científicos e estéticos da representação, a ideia de uma percepção pessoal da natureza e a concepção do “olho treinado” como um talento.

4 O declínio do *coup d'œil*

Tanto o exame das edições do *Dictionnaire* quanto a consulta ao catálogo da Biblioteca Nacional da França indicaram que o uso do termo *coup d'œil* perdeu força no século XX. Pelo dicionário, constatamos uma diminuição tanto no número de aparições do termo (na edição de 1935) quanto no número de acepções (muito considerável na edição 1980). Pelo catálogo da BnF, notamos uma redução no número de obras contendo o termo no título (de 2065 no século XIX para 719 no século XX).

Quanto ao *coup d'œil* militar, Valeria Pansini notou um declínio de sua valorização enquanto talento a partir dos anos 1820, declínio que acompanhou uma mudança mais ampla na formação dos topógrafos militares. A autora nota que, até então, houve uma convivência (e uma disputa) entre duas tendências de formação: a primeira, ligada ao *Dépôt général de la guerre*, instituição herdada do Antigo Regime, defendia que a topografia deveria ser considerada em seu papel de aliada da prática e do conhecimento da guerra, enquanto a segunda, ligada às *Écoles*, escolas de aplicação fundadas após a Revolução Francesa, defendia um conhecimento topográfico mais

⁶³ Charlotte Bigg faz referência à tese de Pansini, publicada em 2002, e não ao artigo da autora com o qual trabalhamos aqui, publicado em 2008.

técnico, impessoal e ancorado numa teoria mais robusta⁶⁴. A partir dos anos 1820, o *Dépôt* perde espaço para as *Écoles* e os manuais dão lugar a obras que apresentavam o conteúdo de cursos coletivos, organizados pelos professores. Nos cursos, as matemáticas eram trabalhadas de forma autônoma e prioritária, antes do estudo de sua aplicação na topografia militar. O trabalho do topógrafo é decomposto e racionalizado de forma a tornar-se reproduzível por qualquer aluno. Segundo Pansini, o talento e o *coup d'œil* perdem sua validade diante dessas mudanças: a ideia da existência de uma arte ou de uma forma de pensar encarnadas na pessoa do topógrafo desaparece.

Quanto aos panoramas, seu sucesso se esgotou ao fim do século de seu apogeu. Em 1900, não havia um panorama sequer em Londres, seu lugar de nascimento⁶⁵. Na França, os panoramas expostos na Exposição Universal de 1900 representaram um último suspiro do empreendimento⁶⁶. Para Charlotte Bigg, o notável declínio dos panoramas no final do século XIX não representou, porém, o fim da forma de visão que eles ajudaram a modelar. O *coup d'œil* científico e o militar teriam sido transferidos para outros domínios e suportes: “o panorama foi naturalizado”⁶⁷.

Já Lorraine Daston observa que o *coup d'œil* enquanto modo de compreensão foi duramente criticado em fins do século XIX, momento em que a ciência passava a defender um ideal de objetividade, que via com suspeição a intuição, o *feeling* e todos os demais procedimentos que não pudessem ser submetidos ao método e à análise. Então associado à intuição e à arte e oposto ao raciocínio explícito, o *coup d'œil* passava a ser visto como um tipo não confiável de conhecimento. A autora argumenta que, apesar da condenação, o *coup d'œil* persiste até os dias de hoje, mesmo que de forma não declarada. Daston demonstra, por exemplo, como matemáticos do século XX utilizaram procedimentos que se aproximam do *coup d'œil* ou que, pelo menos, compartilham de alguns de seus elementos.

5 Considerações

⁶⁴ PANSINI, Valeria. Pour une histoire concrète du « talent » : les sélections méritocratiques et le coup d'œil du topographe. **Annales historiques de la Révolution française**, n. 4, v. 354, 2008, p. 10.

⁶⁵ OETTERMANN, Stephan. **The Panorama: history of a mass medium**. New York: Zone Books, 1997, p. 141.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 177.

⁶⁷ “The panorama has been naturalised”. BIGG, Charlotte. The Panorama, or La nature à coup d'oeil. In: FIORENTINI, Erna. **Observing Nature – Representing Experience**. The Osmotic Dynamics of Romanticism 1800–1850. Berlin: Reimer, 2007, p. 95.

Os trabalhos apresentados confirmam a importância do *coup d'œil* na produção intelectual francesa entre os séculos XVIII e XIX e demonstram como o termo se desenvolveu e foi utilizado em determinados domínios do conhecimento. Valeria Pansini analisa o *coup d'œil* enquanto um talento bem definido, de vigência limitada (1760-1820) e universo de aplicação específico (a formação e o recrutamento de topógrafos militares na França). Já o trabalho de Charlotte Bigg, além de considerar o *coup d'œil* militar analisado por Pansini, cobre o *coup d'œil* que se desenvolveu entre os naturalistas, relacionando essas modalidades à construção dos panoramas comerciais do século XIX. Por fim, Lorraine Daston concebe o *coup d'œil* como um modo de compreensão duradouro, que, apesar de ter adquirido contornos (e nomes) distintos, manteve algum núcleo que o torna reconhecível ao longo da história⁶⁸.

A partir desses estudos, temos um quadro de elementos que se associaram ao *coup d'œil* e que podemos levar em consideração quando analisarmos a obra de Denis. Como pudemos notar, um componente central de diversas versões do *coup d'œil*, como a própria expressão sugere, é o olho, seja na sua acepção mais literal (de olho do corpo) ou metafórica (de olho da mente). Pansini observou que o talento que recebeu o nome de *coup d'œil* no mundo militar envolvia a habilidade de mapear o terreno pela visão e a memória visual, além de uma capacidade de imaginar os movimentos e prever ações. Bigg ressaltou a importância da “visão de cima” e da “visão ampla” na concepção naturalista do *coup d'œil* bem como na confecção das telas dos panoramas. Daston elencou o caráter visual como um dos elementos definidores do *coup d'œil* como modo de compreensão.

Outro ponto que merece destaque é que, nos três trabalhos, foi percebido um papel de comunicação exercido pelo *coup d'œil*. Pansini sugeriu que o *coup d'œil* militar era um elemento mediador entre a subjetividade do topógrafo e a do general. O topógrafo era quem ia ao campo, quem o via “com os próprios olhos” e quem transmitia ao general informações exatas e úteis: ele era o “olho do general”. No projeto dos panoramas, o *coup*

⁶⁸ Dos trabalhos apresentados, o de Valeria Pansini é o que oferece a definição mais precisa do termo e o que mais tem em conta as condições sociais de possibilidade e implicações políticas de seu uso. Charlotte Bigg, ao ampliar o escopo da análise em termos de fontes e de recorte temporal, pôde comparar o *coup d'œil* desenvolvido em dois domínios distintos e propor uma relação entre um conceito científico/militar e um projeto comercial. Já o trabalho de Daston, o que perde em relação à definição do significado do termo e a suas aplicações específicas, ganha em relação às possibilidades que oferece – pavimentando o caminho para reflexões sobre uma “ontologia da observação” ou para a construção de uma espécie de história de longa duração do *coup d'œil*.

d'œil buscava que o espectador tivesse, por meio de sua visão, a impressão de estar no local representado, ou buscava criar uma experiência comum entre quem viu a paisagem e quem viu o panorama. Lorraine Daston reconhece o poder comunicacional em várias das acepções do *coup d'oeil*, enfatizando como uma descoberta feita por meio desse modo de compreensão (próximo do *feeling*, da intuição) é evidente para aqueles que conseguem captá-la.

Em alguns dos usos do *coup d'œil*, essa comunicação estabelece uma relação de quase substituição da testemunha ocular da paisagem ou dos eventos pelo do espectador. Se o morador da cidade não pode ir ao alto de uma montanha nos Alpes, há alguém que vai por ele, que vê por ele e que representa a paisagem de forma que ele sinta como se lá estivesse. Se um general não pode ir a todos os campos de batalha, há topógrafos que vão por ele, que veem por ele e que, dotados de uma habilidade de mapear o campo com o olhar, lhe fornecem todas as informações que ele precisa para agir. Não apenas a autópsia é evocada, mas também a necessidade de transferi-la.

Vimos que o *coup d'œil* adquiriu elementos distintos a depender do contexto de uso. Mesmo no interior do meio militar, o termo foi concebido de formas distintas – primeiro, como um conhecimento pormenorizado ligado à visão direta do campo e, depois, como a habilidade de captar o essencial de forma rápida. Na versão naturalista, a visão ampla da paisagem e a dimensão sensorial da experiência tornaram-se fundamentais.

No próximo capítulo, exploraremos, a partir da análise de *Brésil*, como o *coup d'œil* foi concebido e empregado na historiografia. Procuraremos categorias que nos permitam relacionar o *coup d'œil* do historiador a questões já apresentadas, tais como o papel da testemunha ocular (ou do viajante) na produção de conhecimento e a tentativa de transferir a experiência para o espectador/leitor.

CAPÍTULO 4: UM GOLPE DE VISTA SOBRE O BRASIL

Vimos, no capítulo anterior, o desenvolvimento do *coup d'œil* em diferentes campos de aplicação. No presente capítulo, analisaremos o emprego do termo na obra *Brésil*, atentando para seus significados e para as funções que cumpre na narrativa. A partir do levantamento e de uma análise prévia dos usos do *coup d'œil* na obra, ficou clara a presença de uma relação (já indicada nos estudos que apresentamos) entre o conceito e a ideia de visão, quer se trate de uma visão direta ou de uma visão do espírito.

De forma a melhor interpretar o emprego do *golpe de vista* por Ferdinand Denis, recorreremos a duas “categorias da visão histórica”¹, ou formas de visibilidade da história, conforme trabalhadas por Adriana Zangara em seus estudos sobre a historiografia antiga helenística e romana. A primeira categoria é a da enargia, que designa uma visão “de perto” dos eventos, atenta aos detalhes e aos aspectos sensíveis da experiência histórica. A segunda é a da *sunopsis*, que designa uma visão sinóptica dos fenômenos históricos, empenhada em compreendê-los de forma ampla e distanciada. O objetivo da visão sinóptica é o de construir uma história que ultrapassa a visão parcial dos atores, enquanto o objetivo da *enargeia* é o de oferecer ao leitor algo próximo do que foi visto e sentido por eles.

Apesar de a enargia e a *sunopsis* serem expedientes próprios à historiografia antiga, a análise do *golpe de vista* à luz desses expedientes permitiu uma compreensão mais profunda do uso do termo. Não argumento que a *sunopsis* e a enargia continuaram sendo utilizadas exatamente da mesma forma ou com os mesmos fins. Em lugar disso, observo que essas categorias foram apropriadas, atualizadas na escrita moderna da história.

Antes de passarmos aos empregos do *golpe de vista*, e de forma a situá-los, apresento os contornos da narrativa de *Brésil*. Em seguida, o capítulo se dividirá em duas partes: uma dedicada à enargia e a outra, à *sunopsis*. Cada parte explora o significado da respectiva categoria no registro antigo e, em seguida, apresenta os empregos do termo *golpe de vista* a ela associados. Ao fim do capítulo, apresento algumas reflexões sobre uma possível atuação do *golpe de vista* como ordenador da narrativa como um todo.

¹ ZANGARA, Adriana. *Voir l'histoire*. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 17.

1 *Brésil*: a estrutura narrativa

Chegamos, enfim, à obra *Brésil*, publicada em 1837 por Ferdinand Denis. A narrativa está organizada em 265 tópicos subsequentes, não numerados, que optei por agrupar em seis seções de forma a facilitar a compreensão da estrutura. As seções estão dispostas na pequena tabela a seguir. A tabela com o título dos tópicos encontra-se no Anexo 1.

Tabela 2 – Estrutura de *Brésil*

<i>Seção</i>	Tópicos	Páginas
<i>1 Introdução</i>	1	1-5
<i>2 Povos indígenas</i>	2-17	5-33
<i>3 Golpe de vista histórico</i>	18-24	33-51
<i>4 História Natural</i>	25-40	51-85
<i>5 Províncias</i>	41-264	85-371
<i>6 Conclusão</i>	265	371-376

A obra (tóp. 1)² é iniciada da seguinte maneira: “No ano de 1500, o sereníssimo rei de Portugal enviou à Índia uma frota composta de navios e embarcações de menor porte”³. Depois de narrar como Pedro Álvares Cabral chegou à costa brasileira, o autor esclarece que “esse é o relato ingênuo e sincero da expedição que deu o Brasil à coroa de Portugal”⁴. O relato estava baseado nas palavras simples do piloto de Cabral, o que o tornava mais confiável do que versão encontrada nas grandes narrativas históricas. Vimos na primeira parte deste trabalho a lógica que presidia essa escolha: o relato das testemunhas oculares era considerado mais ingênuo e verdadeiro do que aquele construído e repetido pelos historiadores.

Denis admite que talvez seu relato devesse ter começado com a expedição de Vicente Yanez Pinzón, que precedeu a de Cabral. Os fatos da viagem de Pinzón, afinal,

² Indicarei, neste capítulo, o tópico onde se encontra cada conteúdo apresentado, utilizando “tóp.” como abreviatura.

³ “*En l’année 1500, le très-sérénissime roi de Portugal envoya vers l’Inde ‘une flotte composée de vaisseaux et de moindres embarcations’*”. DENIS, Ferdinand. *Brésil*. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 1.

⁴ “*Tel est le récit naïf et sincère de l’expédition qui donna le Brésil à la couronne de Portugal*”. *Ibid.*, p. 2.

“adquiriram tal grau de probabilidade, que é inútil coloca-los em discussão”⁵. Porém, apesar de reconhecer a importância dessa expedição para a história das navegações, o autor indica que ela não tem lugar na História do Brasil, já que Pinzón “não lançou germens de nenhuma civilização e se viu em hostilidade com os povos que descobriu”⁶.

Resolvida a questão da chegada dos europeus, Denis parte para a dos primeiros contatos. Aqui, mais uma vez, deixa clara a preferência pelo relato de uma testemunha ocular: trata-se da carta de Pero Vaz de Caminha, na qual o escrivão “conta ao rei D. Manuel o que se passou e o espetáculo que ele tinha então sob os olhos”⁷ Essa carta fora traduzida para o francês pela primeira vez pelo próprio Denis a partir da versão reproduzida “com escrupulosa exatidão” por Manoel Aires de Casal, considerado “o pai da geografia brasileira”⁸. O autor justifica a escolha da carta da seguinte forma:

Se alguma coisa pode dar uma ideia justa da simplicidade com a qual se realizam os eventos históricos mais fecundos em resultados, são essas fontes primitivas, essas crônicas contemporâneas, que contam sem exagero o fato em si, antes que ele esteja envolto em circunstâncias não relacionadas ao evento principal, e que permitem que o leitor se torne um historiador por um momento.⁹

Segundo Denis, os relatos de primeira mão oferecem ao leitor a possibilidade de ver os eventos de perto, de captar movimentos que somente quem estava presente poderia captar. O seguinte trecho é bem esclarecedor quanto a essa questão:

Façamos agora como os antigos viajantes, assistamos seu encontro com os nativos; parece haver algo característico nesse primeiro ato de posse, que escapou a todos os historiadores e que tem sua origem no gênio íntimo das duas nações que se encontram frente a frente pela primeira vez.¹⁰

O que irá se seguir é a reprodução de longos excertos do relato de Caminha sobre os primeiros encontros dos portugueses com os nativos na costa brasileira. Por meio do

⁵ “[...] ces faits ont acquis un tel degré de probabilité, qu’il est inutile de les mettre en discussion”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 2.

⁶ “Vicente Yanez ne jeta les germes d’aucune colonisation, et se trouva même en hostilité avec les peuples qu’il avait découverts”. *Ibid.*, p. 2.

⁷ “[...] racontait au roi Emmanuel ce qui s’était passé et le spectacle qu’il avait encore sous les yeux”. *Ibid.*, p. 2.

⁸ “Manoel Ayres de Casal, le père de la géographie brésilienne, en reproduisant avec une scrupuleuse exactitude cette précieuse relation que l’on conserve à la torre do tombo [...]”. *Ibid.*, p. 2, nota 1.

⁹ “Si quelque chose peut donner une idée juste de la simplicité avec laquelle s’accomplissent les événements historiques les plus féconds en résultats, ce sont ces sources primitives, ces chroniques contemporaines, qui racontent sans exagération le fait lui même, avant qu’il soit enveloppé de circonstances étrangères au principal événement, et qui permettent au lecteur de se faire un moment historien”. *Ibid.*, p. 2.

¹⁰ “Faisons maintenant comme les vieux voyageurs, assistons à leur entrevue avec les indigènes; il semble qu’il y ait dans ce premier acte de possession quelque chose de caractéristique, qui a échappé à tous les historiens, et qui prend sa source dans le génie intime des deux nations se trouvant pour la première fois en présence”. *Ibid.*, p. 2-3.

relato, somos apresentados às descrições da aparência e do comportamento dos indígenas, bem como aos episódios em que estes provam dos alimentos europeus. Em lugar de multiplicar os detalhes, Denis diz que basta que se reconheça, por meio deles, que os primeiros contatos se davam com tranquilidade. Além disso, segundo o autor, o que se passava no Brasil era um “drama eterno” que sempre acompanhava as relações entre europeus e “povos semibárbaros”¹¹ e que se renovava em vários lugares. Com isso, Denis dava à carta de Pero Vaz e aos começos da história brasileira algo de universal: as relações que aqui se verificavam representavam aspectos constantes da primeira relação entre povos que estavam em graus distintos de civilização. De um episódio narrado na carta, Denis extrai um símbolo das relações entre europeus e indígenas e um sinal do que viria a acontecer na história do Brasil:

Enquanto essas cenas alegres aconteciam e os tupiniquins participavam delas, o ato mais solene estava sendo preparado sem que eles prestassem a menor atenção. Uma árvore em sua floresta havia sido derrubada, a cruz já havia sido feita e eles estavam prestes a beijar junto aos europeus o sinal que um dia anunciaria a perda de sua independência.¹²

A construção da cruz e a celebração da primeira missa encerram a seção introdutória. A segunda seção, dedicada aos povos indígenas dos tempos da conquista, é aberta com o tópico *Exame das primeiras raças que povoaram o Brasil* (tóp. 2), cujo objetivo era o de “fazer apreciar, pelo conjunto dos traços principais, o que se deve pensar dessas raças”¹³. O autor divide os indígenas brasileiros em dois grandes grupos: o dos Tapuia e o dos Tupi, sendo esse último considerado mais próximo da civilização. Depois de tratar brevemente dos Tapuia, Denis dedica vários tópicos (tóp. 3-17) à descrição da aparência, dos costumes e das crenças dos Tupinambá. O autor esclarece que as informações foram retiradas dos relatos de Hans Staden, Jean de Léry, Claude d’Abbeville e Yves D’Évreux, por estes terem vivido entre os indígenas. Quanto ao relato de Hans Staden, único alemão no rol de fontes, o autor assegura que francês Léry o analisou e o considerou exato.

¹¹ “[...] *le drame éternel qui accompagne les premiers rapports des Européens avec les peuples demi barbares*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 4.

¹² “*Tandis que ces scènes joyeuses ont lieu et que les Tupiniquins y prennent part, l’acte le plus solennel se prépare sans qu’ils y donnent la moindre attention. Un arbre de leurs forêts a été abattu, la croix est déjà façonnée, ils vont baiser avec les Européens le signe qui annoncera un jour la perte de leur indépendance*”. *Ibid.*, p. 4.

¹³ “[...] *de faire apprécier, par l’ensemble des traits principaux, ce qu’il faut penser de ces races*”. *Ibid.*, p. 5.

A partir das descrições dos viajantes sobre os costumes indígenas, Denis frequentemente tece considerações gerais ou conclusões. A pompa dos ornamentos descritos é devotada à grandeza do passado guerreiro Tupi. A variedade dos alimentos e preparos é reveladora da abundância da natureza brasileira. Também não são raras as comparações com outros povos, como a construída entre os sacerdotes dos Tupi e os de povos descritos por Humboldt.

No fim da parte dedicada aos indígenas dos tempos da conquista, considerada um “rápido exame dos costumes de um grande povo”¹⁴, o autor explica que não tratará em detalhes de outros povos ou dos processos de migração. As razões para essas omissões são duas. A primeira é que a leitura da obra seria atravancada “pela estranheza das denominações e pela aridez dos fatos principais”¹⁵. A segunda é que esses povos chegariam ao mesmo fim dos Tupinambá: o aniquilamento. Denis informa que tratará dos povos sobreviventes em outras partes da obra.

Antes de seguir para os outros assuntos, o autor nos oferece uma conclusão que já vinha sendo esboçada ao longo da descrição dos costumes. Ao tratar da comida, das habitações, da língua ou dos rituais, Denis observa que esses costumes evidenciavam a existência de uma cultura indígena bem estabelecida que a colonização destruiu. A tarefa que ele toma para si é a de recuperar essa cultura por meio dos relatos dos viajantes do passado¹⁶.

No entanto, antes de abandonar as nações cuja organização social e religiosa tentamos esboçar, vamos repetir estas belas palavras de M. de Chateaubriand, que mostram de forma tão eloquente a parte justa dos vencedores e dos vencidos, e que podem ser aplicadas aos Tupinambá, assim como aos Natchez: “O índio não era selvagem; a civilização europeia não agiu sobre o estado puro da natureza, ela agiu sobre uma civilização americana nascente. Se não tivesse encontrado nada, teria criado algo; mas encontrou costumes e os destruiu,

¹⁴ “[...] *et examen rapide des usages d’un grand peuple*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 31.

¹⁵ “[...] *par l’étrangeté des dénominations et par l’aridité des faits principaux*”. *Ibid.*, p. 33.

¹⁶ François Hartog nota consciência semelhante por parte de Chateaubriand na obra *Voyage en Amérique*, publicada em 1826, cerca de 34 anos após a viagem de seu autor à América. Reconhecendo o processo de aniquilação dos povos indígenas em curso, Chateaubriand concebe sua história como uma espécie de “registro mortuário”. HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 113-114.

porque era mais forte e não acreditava que deveria se misturar a esses costumes”.¹⁷

A terceira seção é encabeçada pelo tópico *Primeiras explorações do Brasil; golpe de vista histórico sobre os estabelecimentos do século XVI* (tóp. 18)¹⁸. Nele, Denis define quais expedições são relevantes para o assunto da obra. Segundo sua lógica, explorações como as de Diego de Lepe ou de Cristovam Jacques não eram dignas de grandes discussões, já que “foram quase sem resultados, porque delas só restou uma lembrança confusa”¹⁹. Já a viagem de Américo Vespúcio deveria ser lembrada, considerando que seu relato (conservado por Ramúcio) sobre os habitantes do país era bastante exato e, que, através dele, os portugueses conheceram suas novas possessões. Além disso, a expedição de Vespúcio teria inaugurado a exploração da Baía de Todos os Santos.

A lógica de seleção das explorações do território é, assim, a mesma que presidiu a das viagens de descoberta: somente os episódios que tiveram consequências relevantes para a história do Brasil são considerados. Não seria possível numerar todas as expedições do século sem se perder e havia coisas mais importantes para as quais atentar: “enquanto a insaciável Castela perde seus grandes navegadores, um drama animado, poético, pleno de frescor, se passa nessas belas margens”²⁰.

Os temas desenvolvidos nesse *coup d’œil* histórico são a história de Caramuru e Paraguaçu (tóp. 19), a divisão do Brasil em capitanias (tóp. 20), a estadia de Hans Staden entre os Tupinambá (tóp. 21), o estabelecimento da França Antártica (tóp. 22), o papel dos jesuítas e paulistas (tóp. 23) e a ocupação holandesa em Pernambuco (tóp. 24). Nesses tópicos, Denis tece relações causais entre os acontecimentos dos primeiros séculos de colonização e a situação encontrada no século XIX.

¹⁷ “*Toutefois, avant d’abandonner les nations dont nous avons essayé d’esquisser l’organisation sociale et religieuse, répétons ces belles paroles de M. de Chateaubriant, qui font avec tant d’éloquence la juste part des vainqueurs et des vaincus, et qui peuvent s’appliquer aux Tupinambas, comme elles s’appliquent aux Natchez: “L’Indien n’était pas sauvage; la civilisation européenne n’a point agi sur le pur état de nature, elle a agi sur la civilisation américaine commençante. Si elle n’eût rien rencontré, elle eût créé quelque chose; mais elle a trouvé des mœurs et les a détruites, parce qu’elle était plus forte et qu’elle n’a pas cru devoir se mêler à ces mœurs”.* Há um nota ao fim da página indicando a referência: “*Voyage en Amérique, t. VII, p. 93*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 33.

¹⁸ Na tradução para o português, publicada em 1980, o título é “Primeiras explorações do Brasil – Esboço histórico dos estabelecimentos do século XVI”. DENIS, Ferdinand. **Brasil**. Tradução de João Etienne Filho e Malta Lima. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 50.

¹⁹ “*Ces explorations furent peu près sans résultat, puisqu’il n’em est resté qu’un souvenir confus*”. *Ibid.*, p. 34.

²⁰ “[...] *tandis que la Castille insatiable perd ses plus grands navigateurs, un drame animé, poétique, plein de fraîcheur, se passe sur ces beaux rivages*”. *Ibid.*, p. 35.

Quanto à história de Caramuru e Paraguaçu, esta representa, aos olhos do autor, um capítulo importante da história das relações entre os portugueses e os Tupinambá. Apesar disso, Denis mantém uma postura cética diante de diversos pontos da história consagrada e tenta despojá-la das reminiscências populares e dos elementos poéticos de forma a encontrar os fatos positivos. Em nota, o autor reserva à história o papel de epopeia nacional.

Sobre a divisão do território em capitanias, Denis observa que foi a partir dela que o Brasil passou a ser melhor conhecido e que as vantagens comerciais passaram a ser identificadas e exploradas. Dividido em capitanias e pronto para a exploração comercial, o Brasil começa a receber muitos estrangeiros e é aí que a crônica de Hans Staden se encaixa. A partir dela, Denis explora a carga dramática da “luta da civilização contra a barbárie”²¹ que se verificou nos primórdios da história brasileira.

Quanto à França Antártica, Denis enfatiza a importância das relações comerciais entre normandos e indígenas e reconhece a experiência como a instituição de um estabelecimento durável na costa do Rio de Janeiro²². Passando para a capitania de São Vicente, o autor dá destaque à atuação dos jesuítas e dos paulistas na interiorização do território e no desenvolvimento não só das atividades agrícolas e industriais, mas também de uma população ativa, afeita ao trabalho. Denis ressalta que a situação dos colonos no século XVI era muito distinta da verificada no século XIX: “no princípio tudo era luta ou conquista”²³. Após apresentar brevemente os principais feitos dos paulistas, o autor justifica que não iria se delongar pois o espaço por eles ocupado na “história antiga do Brasil” era grande demais e que voltaria ao assunto mais à frente.

Chegando à ocupação holandesa em Pernambuco, Denis afirma que o estabelecimento teve muita influência sobre os destinos do Brasil e o tornou conhecido na Europa – “É uma daquelas épocas de fortes comoções e incidentes dramáticos que desenvolvem o caráter e a individualidade de um povo”²⁴. O autor oferece como prova da importância dos holandeses sobre o “desenvolvimento moral e industrial” do país os

²¹ “[...] *lutte de la civilisation contre la barbarie*”. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 33, p. 39.

²² Frank Lestringant dá destaque ao interesse de Ferdinand Denis pelo empreendimento dos normandos na costa brasileira como capítulo importante das relações entre França e Brasil. Lestringant chega a dar o título de “inventor da França Antártica” a Denis. **LESTRINGANT, Frank**. Ferdinand Denis, inventeur de la France Antarctique du Brésil. **Travaux de littérature**, Genève, n. 24, p. 219-234, 2001.

²³ “*Dans le principe tout était lutte ou conquête*”. DENIS, *op. cit.*, p 44.

²⁴ “*C’est d’ailleurs une de ces époques de fortes commotions et d’incidents dramatiques qui développent le caractère et l’individualité d’un peuple*”. *Ibid.*, p 46.

edifícios que ainda podiam ser vistos em Pernambuco. Além dessas contribuições, os holandeses também teriam sido responsáveis pelos conhecimentos sobre a geografia e a história natural do Brasil. O momento das lutas de expulsão dos holandeses também é importante para a formação de certo caráter/sentimento nacional, ao conjugar líderes que representavam as raças que compunham a nação: “um homem da raça branca, um mulato, um negro e um índio”²⁵. É estabelecida uma discussão sobre o fato de o principal líder da “liberação”, Fernandes Vieira, ser mulato. Aires de Casal acreditava que Vieira fosse branco, enquanto Pierre Moreau²⁶ afirmou que ele era mulato. Moreau vence a discussão pelo fato de ter sido “testemunha dos eventos”²⁷. O autor aproveita para criticar as obras de Southey e Beauchamp sobre o Brasil pelo fato de os dois terem ignorado a questão²⁸.

Ao fim da terceira seção, temos a imagem de um Brasil que continuaria progredindo, com melhoramentos agrícolas, exploração de minas e fundação de cidades. Denis observa, porém, que o país se fechara aos estrangeiros, o que fazia com que os europeus recebessem poucas informações sobre ele, tão confusas quanto as “do mais oculto império do Oriente”²⁹. O autor nota que a situação mudava no século XIX, por ação dos próprios brasileiros que “solicitavam as luzes” que o governo os negava. A partir de então, “os mais ativos e instruídos” viajantes, seguidos pelos próprios brasileiros, empreendiam explorações *savantes*. É por meio dessas explorações que o estado do Brasil no oitocentos seria apresentado.

A seção seguinte (seção 4, tóp. 25-40) é dedicada à história natural. Ela se inicia com a ideia de beleza e abundância da natureza brasileira, demonstrada pelo maravilhamento de viajantes como Vespúcio, Léry e d’Abbeville diante do cenário aqui encontrado. Denis diz que irá tratar da natureza em seus “grandes traços”, apesar da tentação de penetrar nos detalhes de um cenário tão exuberante. O autor lança então um

²⁵ “*Un homme de la race blanche, un mulâtre, un noir et un Indien*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 50.

²⁶ Obviamente, não se trata aqui do Pierre Moreau que escreveu, no século XX, sobre a relação de Ferdinand Denis com os românticos. É provável que se trate do francês Pierre Moreau, que esteve no Brasil no século XVII e que publicou *Histoires de derniers troubles du Brésil entre les hollandais et les portugais* em 1651.

²⁷ “*témoin des événements*”. DENIS, *op. cit.*, p. 50, nota de rodapé.

²⁸ *Ibid.*, p. 50, nota de rodapé.

²⁹ “[...] *l’empire le plus caché de l’Orient*”. *Ibid.*, p. 51.

“golpe de vista sobre os cálculos mais recentes que nos foram fornecidos pela geografia moderna”³⁰, recorrendo a trabalhos de Balbi e de Humboldt.

São fornecidas informações sobre o tamanho, a localização, as cadeias de montanhas e o sistema fluvial do país. Na parte que trata dos rios, Denis compartilha sua própria experiência ao viajar por eles. Ao contrário dos grandes rios da Europa, já modificados pela indústria humana, os do Brasil fariam parte do domínio da natureza. Além de serem regiões de febres, os rios seriam permeados por obstáculos à navegação, tais como quedas d’água e árvores, o que por vezes obrigava o viajante a abandonar suas canoas e carregar suas bagagens a pé³¹.

Há ainda um tópico dedicado ao clima (tóp. 26), considerada a influência desse aspecto sobre as produções do solo brasileiro. Ao longo do tópico, Denis continua dialogando com os estudos de Humboldt sobre a América, mas recorre igualmente aos trabalhos dos naturalistas que visitaram o Brasil no século XIX, tais como Spix e Martius, Auguste de Saint-Hilaire, Maximiliano de Wied-Newied e Louis-Claude de Freycinet. O objetivo era o de oferecer os traços gerais do clima, evidenciando sua variabilidade de acordo com o local, mas ainda sem adentrar nas particularidades. A seção de História Natural é finalizada com tópicos sobre as principais plantas alimentícias e animais encontrados no país (tóp. 28-40). Não há um padrão de apresentação dos gêneros da fauna e da flora. Por vezes, Denis cita o nome científico e dá uma descrição detalhada da aparência de um animal. Outras vezes, conta sua própria experiência ao provar de alguma carne, apresenta os usos de uma planta pelos indígenas ou propõe a exploração comercial de algum gênero. Isso parece se coadunar com a observação que fizemos no capítulo 1 de que as Histórias do Brasil nesse contexto eram orientadas por uma mescla de interesses científicos, comerciais e “práticos”/informativos. O procedimento ainda se assemelha com aquele adotado no diário.

Chegamos, então, à seção 5, a mais robusta da obra, que se estende do tópico 41 ao 264. Nessa seção, a narrativa é organizada por províncias e não por uma lógica

³⁰ “[...] *coup d’œil sur les calculs les plus récents qui nous ont été fournis par la géographie moderne*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 52. Esse e os demais grifos do termo nas citações deste capítulo são meus.

³¹ As queixas acerca das dificuldades em obter canoas, contratar canoeiros e navegar pelos rios sem grandes contratemos são muito frequentes no *Diário de Viagem a Jequitinhonha*. Tratamos dessa questão das intempéries da viagem no capítulo 2.

temática ou cronológica como as seções anteriores. Vejamos como Denis descreve o que fora feito até este ponto e como a obra seguiria:

Tendo delineado os principais eventos que levaram a um conhecimento mais completo do Brasil, e tendo esboçado em traços largos as generalidades da história natural que se aplicam a essa região, que é muito pouco conhecida a esse respeito pelos próprios nacionais, descenderemos aos detalhes desse vasto quadro e examinaremos o que os sucessores dos primeiros colonizadores fizeram com as terras férteis que lhes foram legadas; traçaremos rapidamente a história das cidades, descreveremos os costumes que nelas se perpetuam e aos quais a aliança das raças mais opostas às vezes dá um aspecto tão original. Seguiremos os índios em suas florestas; tentaremos apontar, em meio à sua miséria e decadência, alguns desses traços característicos que parecem destinados a continuar até sua completa aniquilação. Na ausência de monumentos ou antiguidades notáveis, descreveremos a magnificência da natureza [...].³²

No trecho, é indicada uma mudança de foco, do estabelecimento de traços mais gerais para análises mais detidas e descrições mais detalhadas. A impressionante variedade dos temas a serem cobertos (ações dos colonizadores, história das cidades, origem e perpetuação de costumes, aspectos da natureza) pode ser vista na listagem do Anexo 1. Antes de tratar da primeira província, o autor faz algumas observações sobre as divisões políticas do território e oferece um quadro de todas as províncias com suas principais cidades e comarcas.

O Rio de Janeiro é a primeira província analisada, por ser considerada mais atrativa para o leitor europeu, em função de ter sido palco das principais mudanças políticas e sociais da época. Antes passar às demais províncias, Denis insere um tópico intitulado *Golpe de vista geral sobre as províncias do Brasil* (tóp. 73), ao qual voltaremos mais à frente.

Após essa parte, há apenas um tópico de conclusão, intitulado *Situação do Brasil em 1837* (seção 6, tóp. 165), ano de publicação da obra. Nele, Denis diz que sua história trata de eventos já realizados “sob os nossos olhos” e que nela não cabem “teorias do

³² “Après avoir fait connaître dans leur ensemble les principaux événements qui ont amené une connaissance un peu plus complète du Brésil, et après avoir esquissé à grands traits les généralités d'histoire naturelle qui s'appliquent à cette région, trop peu connue sous ce rapport des nationaux eux-mêmes, nous allons descendre aux détails de ce vaste tableau, et examiner ce que les successeurs des premiers colons ont fait des terres fertiles qui leur ont été léguées; nous tracerons rapidement l'histoire des cités, nous décrirons les mœurs qui s'y perpétuent et auxquelles l'alliance des races les plus opposées donne quelquefois un aspect si original. Nous suivrons les Indiens dans leurs forêts; nous essaierons de signaler, au milieu de leur misère et de leur décadence, quelques-uns de ces traits caractéristiques qui semblent devoir se perpétuer jusqu'à leur entier anéantissement. A défaut de monuments, ou d'antiquités remarquables, nous décrirons la magnificence de la nature, [...]”. DENIS, Ferdinand. *Brésil*. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 85.

porvir”³³. O autor afirma que a sua tarefa não é aquela da história filosófica e que o serviço que seu livro presta é o de reunir documentos e fatos pouco conhecidos do Brasil que poderão servir de base às teorias. Reconhece, porém, que do “todo” de sua obra podem ser tiradas deduções que “por si mesmas se apresentam ao pensamento”³⁴.

Nesse ponto, Denis parece ter sido modesto. Dificilmente sua obra pode ser considerada como uma mera reunião de fatos. A leitura do último tópico e a releitura da obra sugerem a construção de uma história do caminho do Brasil em direção à civilização. Retomando aspectos trabalhados ao longo da narrativa, o autor reconhece, no Brasil representado, uma história de desenvolvimento, além de sugerir a chegada de um futuro próspero. Denis conclui que “se há poucas regiões onde a natureza fez mais pelas futuras relações entre as províncias, também há poucas onde o progresso dessas populações emergentes foi mais rápido e mais marcante”³⁵. É observado ainda que principais vícios do Brasil, como a má administração e a “falta de energia” da população, estavam sendo já remediados, em especial com a atenção recente dada à instrução pública. São apresentadas, por fim, evidências do crescimento da cidade do Rio de Janeiro (em área construída, população, número de armazéns e escolas, receitas da Câmara), do florescimento de importantes instituições (como a Biblioteca Nacional e o Jardim Botânico) e do desenvolvimento da imprensa e das faculdades.

A obra é finalizada com um breve alerta sobre as intenções separatistas do Rio Grande do Sul e com a recomendação de que o Brasil seguisse o princípio político de união. Caso o conselho fosse acatado, não seria retardada “uma era de prosperidade e indústria, cuja aurora os brasileiros já estão saudando”³⁶.

2 *Brésil: o golpe de vista*

O *coup d’œil* aparece trinta e oito vezes ao longo da obra – trinta e duas no corpo do texto, duas em títulos de tópicos e quatro na *Table de matières*. Algumas poucas vezes, o *golpe de vista* diz respeito aos personagens da narrativa ou à paisagem, mas, na grande

³³ “*sous nos yeux*”; “*théories d’avenir*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 372.

³⁴ “[...] *se présentent d’elles mêmes à la pensée*”. *Ibid.*, p. 372.

³⁵ “*S’il n’est guère de contrées où la nature ait plus fait pour les rapports futurs des provinces entre elles, il n’en est guère non plus aussi où les progrès de ces populations naissantes aient été plus rapides et plus marqués*”. *Ibid.*, p. 372.

³⁶ “[...] *une ère de prospérité et d’industrie dont les Brésiliens saluent déjà l’aurore*”. *Ibid.*, p. 376.

maioria dos usos, refere-se a um procedimento visual/intelectual empreendido ou sugerido pelo próprio autor.

Quando aplicado aos personagens, o *golpe de vista* representa uma espécie de talento. Em todos esses casos, está associado à prontidão, à visão ágil e a um saber prático, adquirindo aspectos que estavam presentes em definições do *coup d'œil* encontradas no *Dictionnaire*, na noção de talento militar trabalhada por Valeria Pansini e no tipo de conhecimento analisado por Lorraine Daston.

Ao tratar dos animais selvagens e domésticos (tóp. 34), Denis apresenta o cenário da caça nas “florestas impenetráveis” do Brasil. Nesse cenário, é o indígena que se destaca, aguardando o jaguar num desfiladeiro e lançando nele sua flecha “com uma segurança de golpe de vista que sempre deixa os viajantes maravilhados”³⁷. Na parte dedicada a Pernambuco (tóp. 127), Denis trata da seguinte forma da escolha dos holandeses pela região: “Um único golpe de vista foi suficiente para esses homens de comércio e indústria ativa para escolherem, entre essa vasta extensão de país, aquele que se prestaria mais vantajosamente às grandes especulações comerciais [...]”³⁸. Por fim, ao abordar a expedição dos espanhóis Gonçalo Pizarro e Francisco de Orellana à Amazônia (tóp. 169), Denis afirma que este último percebeu “num rápido golpe de vista”³⁹ as mudanças nas relações de poder que se verificavam. A constatação e a ação de assumir prontamente a liderança da expedição teriam levado Orellana a seus relevantes descobrimentos na região.

Quando aplicado à paisagem, o *coup d'œil* adquire o sentido de vista/aspecto agradável, também presente em algumas das edições do *Dictionnaire*. Ao tratar das grutas de Mato Grosso (tóp. 193), Denis compartilha a visão de um dos poucos viajantes que as visitaram, o português Alexandre Ferreira. O autor diz que, se acreditarmos no relato do viajante, “o interior dessa escavação oferece um golpe de vista admirável, graças a seus acidentes naturais”⁴⁰. Sentido semelhante é encontrado na parte que trata do Rio Uruguai (tóp. 77) , na província do Rio Grande do Sul. Recorrendo aos relatos de viagem de

³⁷ “[...] avec une sûreté de coup d'œil qui émerveille toujours le voyageur”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 69.

³⁸ “Un seul coup d'œil avait suffi à ces hommes de commerce et d'industrie active pour choisir, sur cette vaste étendue de pays , celui qui devait se prêter avec le plus d'avantage aux grandes spéculations commerciales [...]”. *Ibid.*, p. 251.

³⁹ “D'un coup d'œil rapide”. *Ibid.*, p. 289.

⁴⁰ “[...] l'intérieur de cette excavation offre un coup d'œil admirable, grâce à ses accidents naturels”. *Ibid.*, p. 318.

Arsène Isabelle, Denis conclui que, “se é o grande rio que subimos, as florestas oferecem um golpe de vista magnífico, mas, na maioria das vezes, elas são estéreis e desprovidas de recursos”⁴¹. Nos dois casos, esse *golpe de vista* como aspecto está associado ao olhar e à experiência do viajante, daquele que vê a paisagem e compartilha seu olhar sobre ela.

Os demais usos do *golpe de vista* em *Brésil* podem ser separados em duas categorias. Na primeira, a noção está associada à visão de perto e à descrição vívida dos fenômenos, o que a aproxima da *enargia*. Na segunda, o termo designa uma visão ampla e distanciada dos fenômenos que o aproxima da *sunopsis*. Começaremos pela *enargia*.

3 *Enargia*: a história diante dos olhos

O significado preciso do conceito grego *enargeia* (*enargia* em português) bem como sua relação com o seu equivalente latino (*evidentia*/evidência), não são questões simples. Há uma historiografia dedicada a esses temas⁴², que considera as modificações de sentido que o conceito adquiriu a depender do tempo, do lugar e da área de conhecimento em que foi utilizado. Para os fins do presente trabalho, utilizo os dois termos – *enargia* e *evidência* – como sinônimos e limito-me a apresentar os aspectos do conceito que julguei mais relevantes para a análise do *coup d’œil*.

No mundo antigo, foi Dionísio de Halicarnasso que, ao tratar das virtudes do orador Lísias, ofereceu uma das definições mais referenciadas do conceito de *enargia*:

Trata-se de um talento para fazer perceber pelos sentidos o que está sendo dito, e isso pela indicação detalhada das circunstâncias. Qualquer um que preste atenção em Lísias, por mais obtuso, mal-intencionado ou lento que seja, não pode deixar de ver o desenrolar dos eventos que lhe foram descritos, e se

⁴¹ “Si c’est la grande rivière que l’on remonte, les forêts offrent un coup d’œil magnifique ; mais elles sont, la plupart du temps, stériles, dénuées de ressources”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 169.

⁴² Barbara Cassin propõe um “exercício de retroversão”, que tece uma relação entre a palavra francesa *évidence* (em Descartes) o termo latino *evidentia* (em Cícero e Quintiliano) e o conceito grego de *enargeia*. Segundo a autora, por mais que o termo *evidentia* tenha sido utilizado como tradução de *enargeia*, essa tradução não é óbvia, já que há várias palavras gregas que se aproximam igualmente da ideia de *evidência*. Cassin nota ainda que a *enargeia* grega não se associa à visão ou à ideia de “exaustão do visível” da mesma forma que sua tradução franco-latina. Cf. CASSIN, Barbara. Procédures sophistiquées pour construire l’évidence. In: **Dire l’évidence** (Philosophie et rhétorique antiques). Textes réunis par Carlos Lévy et Laurent Pernot. Paris: L’Harmattan, 1997, p. 15-18. Adriana Zangara apresenta algumas questões referentes à tradução da *enargeia* no seio da retórica romana. Para tratar da “força da *evidência* historiadora”, essa autora prefere utilizar *enargeia* do que *evidentia* justamente porque o termo grego “não implica uma relação direta com a vista e a visão”. ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 230.

familiarizar, como se estivessem presentes, com os personagens que o orador coloca em cena.⁴³

No trecho, há três aspectos centrais do conceito. O primeiro é a da percepção pelos sentidos daquilo que foi dito, em especial pela visão, como evidenciado no trecho “ver o desenrolar dos eventos”. É a passagem do ouvido ao olho, ou da palavra à imagem. O segundo é o caráter detalhado e exaustivo da descrição dos eventos. O terceiro é a aceitação imediata e involuntária do que foi narrado, de tão evidente que parece. Dionísio afirmará em outro trecho que é impossível duvidar da verossimilhança do que é dito por Lísias. Vejamos um exemplo de enargia:

Externamente o corpo não parecia muito quente ao toque; não ficava pálido, mas de um vermelho forte e lívido, e cheio de pequenas bolhas e úlceras; internamente, todavia, a temperatura era tão alta que os doentes não podiam suportar sobre o corpo sequer as roupas mais leves ou lençóis de linho, mas queriam ficar inteiramente descobertos e ansiavam por mergulhar em água fria – na realidade, muitos deles que estavam entregues a si mesmos se jogavam nas cisternas – de tão atormentados que estavam pela sede insaciável; e era igualmente inútil beber muita ou pouca água.⁴⁴

Esse trecho faz parte do relato de Tucídides sobre a peste em Atenas, um dos episódios constituintes de sua *História da Guerra do Peloponeso*. Nele, Tucídides não nos oferece um quadro geral sobre a peste, com a lista dos principais sintomas ou com o número de mortos, mas uma narração “dramática e imaginativa, controlada pela determinação do autor de mostrar o terrível e esmagador poder da doença”⁴⁵. O apelo aos sentidos é claro: há cores, texturas, temperatura, sensações táteis. Se, nesse trecho, Tucídides faz seus leitores quase experimentarem a febre sentida pelos atenienses acometidos pela peste, mais à frente, ele ainda os fará ver uma cena na qual “moribundos se amontoavam e pessoas semimortas rolavam nas ruas”⁴⁶.

No discurso da enargia, o narrador se posiciona próximo aos eventos, no meio da ação. Não raro, apresenta o fato como se este estivesse se desenrolando naquele momento

⁴³ “C’est un certain talent de faire percevoir par les sens ce qui est dit, et ce par l’indication détaillée des circonstances. Quiconque prête attention aux discours de Lysias, pour obtus, malintentionné, lent d’esprit qu’il soit, ne peut s’empêcher de voir se dérouler les événements qu’on lui décrit ni de lier connaissance, comme s’ils étaient présents, avec les personnages que l’orateur met en scène”. DENYS D’HALICARNASSE. **Opuscules Rhétoriques**. Tome I: Les Orateurs Antiques. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 2002, p. 81 (Localização: II, 6, 4).

⁴⁴ TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Trad. do grego de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 116 (Localização: 2. 49).

⁴⁵ “It is dramatic and imaginative, controlled throughout by the writer’s determination to show the awful and overwhelming power of the sickness”. PARRY, A. M. *The language of Thucydides’ description of the Plague*. In: PARRY, A. M. **The Language of Achilles and other papers**. Oxford: Clarendon Press, 1989, p. 171.

⁴⁶ TUCÍDIDES, *op. cit.*, p. 118 (Localização: 2. 52).

sob os olhos da audiência. O senso retrospectivo da história e a perspectiva da duração dão lugar à presentificação e à espacialização do tempo. A enargia é construída por imagens justapostas, mais do que por uma sintaxe narrativa. Não que não haja narrativa ou uma noção da sucessão de eventos. A questão é que cada episódio parece tão presente – tão evidente, tão existente – que o tempo parece abolido⁴⁷. No caso do relato histórico, tem-se a supressão da distância temporal entre o fato e o leitor.

Como bem observado por Adriana Zangara, a enargia evoca a experiência “terrestre, singular, subjetiva e caótica”⁴⁸ das testemunhas do passado e nos convida a viver a história com ela. A evidência busca transmitir a experiência direta e transportar o leitor para o espaço e o tempo narrados. Se bem construída a enargia, o leitor se identifica como testemunha e ator da história. O efeito esperado é o de convencimento e comoção e não o de uma compreensão abstrata e ampla sobre um assunto. Por isso a descrição de detalhes é um elemento mais pertinente à criação da enargia do que o uso de conceitos.

As orientações de Quintiliano para a produção da comoção são emblemáticas. Após elogiar Cícero por sua descrição detalhada de um banquete (descrição que evoca imagens vívidas, como um chão imundo e lamacento de vinho), o orador instrui sobre a melhor forma de descrever uma cidade conquistada. Em vez de usar a expressão “saque a uma cidade”, que abrange um conjunto de infortúnios, seria melhor para a produção da enargia enumerar e descrever esses infortúnios, tais como “amplos incêndios em casas e templos, o fragor dos telhados em queda” e “a mãe que tenta salvar o filho”⁴⁹.

Em Plutarco, a enargia associa a palavra à imagem e o historiador ao pintor. Plutarco observa uma desvantagem do relato histórico em relação à pintura: enquanto a pintura tem o poder de, em um só movimento, representar e presentificar, o relato histórico necessita, para representar o mesmo evento, recorrer a uma narrativa longa construída no pretérito. Por isso, para Plutarco, os melhores historiadores eram aqueles que, como Tucídides, conseguiam aproximar seus relatos de um quadro, dando a impressão aos leitores de estarem vendo os fatos no momento mesmo em que se desenrolavam⁵⁰.

⁴⁷ Ver ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 68.

⁴⁸ “*terrestre, singulière, subjective et chaotique*”. *Ibid.*, p. 59.

⁴⁹ QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição oratória**, Tomo III (Livros VII, VIII e IX). Trad. de Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p. 261 (Localização: VIII, 68-69).

⁵⁰ Ver Zangara, *op. cit.*, p. 65-66.

Vimos, portanto, os seguintes aspectos da enargia: percepção do discurso pelos sentidos; caráter descritivo e detalhado; presentificação dos eventos narrados; produção de comoção e aceitação do discurso como verdadeiro ou verossímil. Na literatura antiga, há um conceito que se relaciona de forma muito íntima à enargia e a seus aspectos: trata-se da écfrase. Enquanto a enargia é o efeito que se espera produzir, a écfrase é o procedimento modelo de produção desse efeito.

3.1 Écfrase: o discurso feito percurso

O primeiro tratamento sistemático da écfrase encontra-se nos *progymnasmata*, manuais de retórica da Roma Imperial, que reuniam exercícios preparatórios de composição. Os manuais variam pouquíssimo quanto à definição do procedimento, apresentando algo muito próximo ao encontrado no primeiro deles, o de Teão: “a écfrase é um discurso vividamente periegemático que traz o que é revelado diante dos olhos”⁵¹. Por mais que a écfrase só tenha sido sistematizada pelos *progymnasmata*, ela já era uma prática discursiva comum, podendo ser encontrada em textos como os de Homero, Heródoto e Tucídides.

Na tradição latina, desenvolveu-se uma correspondência entre écfrase (do grego *ékphrasis*) e descrição (*descriptio*), e não é raro que os teóricos modernos recorram à tipologia antiga da écfrase ao definirem a descrição⁵². Entretanto, a écfrase possui uma lógica que a diferencia da descrição em sua acepção moderna⁵³. Michel Patillon, tradutor do manual de Teão, observa que há, na teoria moderna, uma diferença formal entre narração e descrição inexistente no mundo antigo.

Em teoria moderna um enunciado é reconhecido como narrativo se utiliza uma forma verbal com aspecto de eventos [*événementiel*], e a sucessão de tais enunciados constitui uma estrutura narrativa. Um enunciado, de outra parte, que utiliza formas verbais com um aspecto durativo, conativo, iterativo, para

⁵¹ A tradução desse trecho do manual de Teão está presente em: MARTINS, Paulo. Uma visão periegemática sobre a écfrase. *Classica* - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 29, n. 2, 2016, p. 180. Ruth Webb, Sandrine Dubel, Joana Matos Frias e Paulo Martins apresentam a definição da écfrase em diversos retóricos. Todos chamam a atenção para a constância de significado entre os principais manuais, que são os de Teão (século I), Hermógenes (século II), Aftônio (século IV) e Nicolau (século V). Cf. WEBB, Ruth. *Ekphrasis ancient and modern: The invention of a genre*. **Word & Image**, v. 15, n. 1, 1999, p. 11; DUBEL, S. *Ekphrasis et enargeia: la description antique comme percurs*. In: LÉVY, C.; PERNOT, L. (org.). **Dire l'évidence**. Paris: L' Harmattan, 1997, p. 252; FRIAS, Joana Matos. **A retórica da visão na poética clássica**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2009, p. 37; MARTINS, *op. cit.*, p 180.

⁵² RODOLPHO, Melina. Écfrase e evidência. **Letras Clássicas**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2014, p. 97.

⁵³ A écfrase enquanto conceito sofreu uma modificação importante de significado. Atualmente, o conceito é amplamente utilizado na teoria e na crítica de arte como uma descrição exclusivamente de objetos de arte. Ruth Webb analisa como se deu esse processo de redução do escopo da écfrase no século XX. A diferenciação de que trato aqui não é entre os conceitos antigo e moderno de écfrase, mas entre a concepção antiga de écfrase e a concepção moderna de descrição (em sentido amplo). Cf. WEBB, *op. cit.*, 1999.

expor as qualidades de um objeto, aparecerá como descritivo. [...]. No entanto, a ideia que os teóricos antigos têm da descrição não é tão formal. A seus olhos, temos uma descrição quando o discurso é utilizado para representar a realidade de um objeto considerado como um único e mesmo todo complexo.⁵⁴

No manual de Nicolau, a éfrase é considerada propriamente uma narração, porém uma narração munida da capacidade de colocar o objeto diante dos olhos⁵⁵. Sendo assim, o que define a éfrase, ou pelo menos a dota de especificidade em relação à simples narração, é a produção de enargia.

Ruth Webb nota que a distinção entre as concepções antiga e moderna de descrição pode ser notada já na definição da éfrase. Voltemos à definição de Teão: “a éfrase é um discurso vividamente periegemático que traz o que é revelado diante dos olhos”. Vê-se que o retórico define a éfrase por sua forma (ela é periegemática) e por seu efeito (traz o que é revelado diante dos olhos, produz a enargia) e não por seu objeto. Na narratologia moderna, a descrição tende a ser encarada como um problema ligado fundamentalmente ao objeto, enquanto, na concepção antiga, o objeto ocupava um lugar secundário, subordinado à ação/narração. Além disso, enquanto a descrição moderna é concebida como uma suspensão da narração (como um elemento que diminui o ritmo narrativo), a éfrase antiga era tida como algo que colocava a narrativa em marcha⁵⁶. Webb chama a atenção para o fato de que os tipos de objeto mais tradicionais da éfrase (pessoas, eventos, lugares, épocas) formam um sistema coerente que dialoga com elementos fundamentais da narração (“quem”, “o quê”, “onde” e “quando”)⁵⁷.

O caráter periegemático, que diz respeito à forma da éfrase, já supõe o desenrolar da descrição no tempo e no espaço. A periegesis é um discurso descritivo que se apresenta não como um quadro, mas como um percurso. Esse tipo de discurso não repousa essencialmente sobre o objeto, mas simula o movimento do olhar sobre ele. Não é uma

⁵⁴ “*En théorie moderne un énoncé est reconnu comme narratif s’il utilise une forme verbale avec un aspect événementiel, et la succession de tels énoncés constitue une structure narrative. Un énoncé, d’autre part, qui utilise des formes verbales avec un aspect duratif, conatif, itératif, pour exposer les qualités d’un objet, apparaîtra comme descriptif. [...] Toutefois l’idée que les théoriciens anciens se font de la description n’est pas aussi formelle. A leurs yeux on a une description lorsque le discours s’emploie à représenter la réalité d’un objet considéré comme un seul et même ensemble complexe*”. PATILLON, Michel. Introduction. In: AELIUS THÉON. *Progymnasmata*. Paris: Les Belles Lettres, 1997, p. XXXVIII-XXXIX.

⁵⁵ “A descrição exercita-nos na parte do discurso que é a narração, exceto que ela não é uma simples relação, mas acrescenta evidência aos fatos e põe diante dos nossos olhos as coisas que são objeto do discurso e das quais nos torna quase espectadores”. NICOLAI. *Progymnasmata*. Ed.: J. Felten. Leipzig: Teubner, 1913, 70.2-6.

⁵⁶ WEBB, Ruth. Ekphrasis ancient and modern: The invention of a genre. *Word & Image*, v. 15, n. 1, 1999, p.12; MARTINS, Paulo. Uma visão periegemática sobre a éfrase. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 29, n. 2, 2016, p. 169-172.

⁵⁷ WEBB, *op. cit.* p. 12.

descrição no sentido moderno, mas uma “ação anímica” da visão⁵⁸. O manual de Aftônio orienta sobre o percurso que a descrição deve seguir: no caso de pessoas, deve-se ir da cabeça aos pés; no caso dos fatos, deve-se apresentar os antecedentes, o fato em si e o que lhe sucedeu; no caso de tempos e lugares, deve-se partir das coisas que os circundam⁵⁹. O modelo de descrição oferecido por Aftônio pode ser útil à compreensão do procedimento:

Ela [a acrópole] se eleva acima do solo como uma verdadeira cidadela, a uma grande altura, e chama-se acrópole por duas razões: porque se eleva ao ponto mais alto (*akron*) e este ponto mais alto é o de uma cidade (*polis*). Os caminhos que a ela conduzem não são idênticos: de um lado uma estrada, do outro um acesso. Esta diferença de nome deve-se à sua configuração: de um lado foi aberta uma estrada que pode ser utilizada a pé e de carroça, do outro foram escavados degraus e este acesso é impraticável para as carroças: uma sucessão de degraus, cada vez mais longos porque conduzem cada vez mais pelo caminho mais curto, levam cada vez mais alto até atingir o número de cem degraus. O fim das escadas de fato leva seu total a uma medida perfeita. No final da escadaria, encontra-se um pórtico rodeado por um gradeamento de altura média. Quatro colunas muito grandes erguem-se, conduzindo de diferentes direções a uma única entrada. A seguir a estas colunas, encontra-se um edifício com um grande número de colunas de altura média; elas não são monocromáticas, mas estão plantadas na frente do edifício como um ornamento.⁶⁰

Depois de tecer comentários sobre acrópoles e rotas, o narrador descreve o espaço como se estivesse percorrendo um caminho. A descrição se desenvolve com o seu caminhar e o espaço é apresentado a partir de seu olhar. O trecho se segue com a chegada à acrópole (“acede-se/acedemos então à acrópole propriamente dita”⁶¹) e com a descrição de suas portas, colunas e galerias. Somos apresentados aos materiais dos objetos (ouro, bronze, pedra) e somos informados das funções de determinados espaços e do número de artesãos que foram mobilizados para a construção de um dos monumentos.

⁵⁸ MARTINS, Paulo. Uma visão periegemática sobre a éfrase. *Classica* - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 29, n. 2, 2016, p. 178.

⁵⁹ APHTHONIOS. *Progymnasmata*. In: **Corpus Rethoricum**. Textes établis et traduits par Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 2008, p. 147 (12. 1).

⁶⁰ “*Elle se dresse au-dessus du sol comme une vraie citadelle, jusqu’à une grande hauteur, et on l’appelle acropole pour deux raisons: parce qu’elle s’élève au plus haut (akron) et que ce plus haut est celui d’une cité (polis). Les chemins qui y conduisent ne sont pas identiques: d’un côté une route, de l’autre un accès. Cette différence de nom est due à leur configuration: d’un côté on a ouvert une route qu’on peut emprunter à pied et en chariot, de l’autre on a en outre taillé des marches et cet accès est impraticable pour les chariots: une succession d’escaliers, de plus en plus longs parce que conduisant de plus en plus par le chemin le plus court, mène toujours plus haut jusqu’à atteindre le nombre de cent marches. La fin des escaliers en effet porte leur total à une mesure parfaite. Aux escaliers succède un propylée ceint de grilles de moyenne hauteur. Quatre très grands colonnes se dressent, menant par divers chemins à une unique entrée. A la suite de ces colonnes se dresse un édifice avec un grand nombre de colonnes de moyenne hauteur; celles-ci ne sont pas monochromes, mais sont plantées à l’avant de l’édifice comme un ornement*”. *Ibid.*, p. 149 (12. 5-6).

⁶¹ “*On accède ensuite à l’acropole elle-même*”. *Ibid.*, p. 150 (12. 7).

Como ressaltado por Sandrine Dubel, a éfrase possui um senso turístico, assemelhando-se a uma “visita guiada sob a condução de um cicerone”⁶². Por seu caráter periegemático, a éfrase é capaz de projetar o ouvinte/leitor no espaço descrito e de lhe passar a impressão de que está sendo acompanhado – ou, antes, conduzido.

Há um trecho da éfrase de Aftônio que, além de assinalar uma preocupação com a experiência do visitante, transmite a ideia de uma visibilidade experimentada e compartilhada por meio do texto: “No meio, ergue-se uma coluna muito alta, que assinala o local aos que se dirigem para cá e que, sem este marco, não saberiam para onde se dirigem, e torna a acrópole visível de longe, tanto da terra como do mar”⁶³. O comentário do tradutor do manual para o francês introduz uma nota sobre o início da descrição que nos dá a dimensão do efeito esperado: “A visita começa: estamos ao pé do local e o elemento descritivo é situado como uma constatação do visitante: isto é que é uma acrópole!”⁶⁴.

Assim, o narrador toma para si o lugar do comando e a função de hermeneuta: é pelos seus olhos que os olhos da mente do leitor poderão ver⁶⁵. A descrição de cores, brilho e efeitos luminosos é comum. A visualidade éfrástica também pode fazer as características visuais dos objetos escaparem para outros sentidos, de forma a tornar mais vívida a experiência do leitor. Paulo Martins dá o exemplo do “sol silente” da *Divina Comédia*: “Dante tornou o ‘astro rei’ mais vivo, ao torna-lo além de brilhante e quente, silente. Assim à sua claridade e brilho naturais, pode-se unir seu poder de silêncio, o que acabou por amplificar a visão que se tem sobre ele”⁶⁶. A descrição construída por Plínio de sua vila na Túscia⁶⁷ oferece exemplos tanto uma visualidade construída a partir do

⁶² “[...], une visite guidée sous la houlette d’un cicerone”. DUBEL, S. Ekphrasis et enargeia: la description antique comme percursor. In: LÉVY, C.; PERNOT, L. (org.). **Dire l’évidence**. Paris: L’Harmattan, 1997, p. 257.

⁶³ “Au milieu s’élève une colonne très haute, qui signale l’endroit à ceux qui se dirigent de ce côté et qui, sans ce repère, ne sauraient pas où ils vont, et rend l’acropole visible de loin aussi bien du côté des terres que du côté de la mer”. APHTHONIOS. Progymnasmata. In: **Corpus Rethoricum**. Textes établis et traduits par Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 2008, p. 151 (12. 9).

⁶⁴ “La visite commence: on est au pied du site et l’élément descriptif est en situation comme un constat du visiteur: voilà bien une acropole!”. *Ibid.*, p. 149 (nota n. 261 do tradutor).

⁶⁵ MARTINS, Paulo. Uma visão periegemática sobre a éfrase. **Classica** - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 29, n. 2, 2016, p. 180.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 190.

⁶⁷ Comentário do tradutor para o português: “Plínio escreve a Domício Apolinar, cônsul em 82 d.C., agradecendo-lhe pelo cuidado que demonstrara quando tentou demover a ele, Plínio, de visitar a própria vila, alegando ser insalubre. O agradecimento é pretexto para uma longa defesa da vila, que assume a forma da descrição, bem entendido, da éfrase, tecnicamente tomada (epistula quae descriptit, “epístola que descreve”, §44) OLIVA NETO, J. A. Éfrase da Vila de Plínio na Túscia (Plínio, o Jovem, Livro 5, Epístola 6: comentário, tradução e notas). **Letras Clássicas**, v. 19, n. 1, 2015, p. 182.

narrador (e estendida ao leitor), quanto da criação de uma experiência compartilhada a partir do apelo a outros sentidos:

A vila, situada na base do monte, oferece uma vista como se estivesse no topo. O monte ergue-se tão suave e imperceptivelmente por causa da enganosa inclinação, que, quando pensas que não estás subindo, percebes que já subiste. Às costas, mas ao longe, vês os Apeninos, de onde, mesmo em dia sereno e calmo, recebe ventos, não, porém cortantes e intensos, mas amenos, suavizados pela própria distância.⁶⁸

A periegesis opera numa relação íntima entre discurso e percurso. Conforme notado por Dubel, o verbo *periêgeisthai*, que expressa a ação de conduzir a periegesis, possui simultaneamente “um senso espacial, concreto, e um senso intelectual, discursivo”⁶⁹. Entre os antigos, há vários exemplos de um esforço de adequação das características do discurso às do percurso e mesmo a construção de uma relação metafórica entre um e outro. Vejamos a recomendação feita por Teão ao tratar da éfrase:

[...]; de maneira geral, a expressão deve se modelar ao objeto, de forma que, se o que damos a conhecer é florido, a expressão seja igualmente florida, e que, se for seco ou horrível ou qualquer outra coisa, os elementos da expressão não estejam em desacordo com a natureza do objeto⁷⁰.

Há uma passagem da epístola de Plínio em que essa relação percurso-discurso é bastante clara. Em primeiro lugar, Plínio afirma que a descrição de sua vila poderia ser lida da mesma forma que se caminhava por ela, com pausas para descansar. Em seguida, justifica que sua epístola era longa apenas porque a vila descrita assim também o era.

Lá também há uma fonte, cuja água brota e se perde. Em vários locais estão dispostos bancos de mármore que, assim como quartos, aprazem aos que já se cansaram de caminhar. Pequenas fontes adjazem os bancos; por todo hipódromo rumorejam os canais ali cavados, que obedecem a mão que os controla, irrigando ora as áreas verdes de cá, ora as de lá, ora ambas ao mesmo tempo. Eu já me teria refreado antes para não parecer muito verboso, se não tivesse me proposto na epístola a percorrer contigo todos os recantos da vila. E não temi que fosse trabalhoso para ti, que lês, o que não seria para quem visitasse, mormente porque podias descansar um pouco se quisesses e, largando a epístola, podias como que parar com mais frequência.

⁶⁸ OLIVA NETO, J. A. Éfrase da Vila de Plínio na Túscia (Plínio, o Jovem, Livro 5, Epístola 6: comentário, tradução e notas). **Letras Clássicas**, v. 19, n. 1, 2015. Tradução de Plínio, 5.6.14.

⁶⁹ “[...] *un sens spatial, concret, et un sens intellectuel, discursif*”. DUBEL, S. Ekphrasis et enargeia: la description antique comme percursor. In: LÉVY, C.; PERNOT, L. (org.). **Dire l’évidence**. Paris: L’Harmattan, 1997, p. 256.

⁷⁰ “[...] *d’une manière générale l’expression doit se modeler sur le sujet, de sorte que, si ce qu’on donne à connaître est fleuri, l’expression soit également fleurie et que, si cela est sec ou horrible ou autrement, les éléments de l’expression ne soient pas en désaccord avec la nature du sujet*”. AELIUS THÉON. **Progymnasmata**. Texte établi et traduit par Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 1997, p. 69 (119).

De modo semelhante, “para comparar pequenas às grandes coisas”, quando tento pôr a vila inteira diante de teus olhos, se nada estranho e impertinente falei, não é a epístola que descreve que é longa, mas sim a vila que é descrita.⁷¹

No trecho, podem ser identificados alguns aspectos da écfrase dos quais tratamos: a descrição orientada pelo olhar e pelo percurso; o apelo aos sentidos; a ideia de um narrador que acompanha o leitor pelo caminho; a metáfora percurso-discurso; e a relação entre écfrase e enargia, evidenciada na tentativa de “pôr a vila inteira diante dos olhos” do destinatário.

Na Antiguidade, a écfrase prestou-se a uma série de discursos: ao epítídico⁷², ao poético e também ao historiográfico. Como ressaltado por Michel Patillon, “em sua introdução, Teão descreve a prática da descrição como útil principalmente aos historiadores e, de dez exemplos que ele retira dos antigos, nove são extraídos da história”⁷³. De fato, ao tratar da écfrase de animais, Teão recorre ao exemplo da descrição de Heródoto dos hipopótamos e crocodilos do Egito e, para explicar o que é uma descrição mista, dá o exemplo da descrição “batalha noturna” de Tucídides⁷⁴.

3.2 A enargia historiadora

De forma a melhor compreendermos como a enargia se manifesta na narrativa historiográfica, creio ser válido conhecermos um quadro dos principais tipos de enargia/evidência na Antiguidade. Barbara Cassin faz uma distinção entre dois tipos de evidência, a dos filósofos e a dos oradores⁷⁵. Segundo a autora, a evidência dos filósofos é a “evidência natural do visível”, é a enargia considerada como algo “dado pela natureza à natureza do homem, a seu olho e a sua intuição”⁷⁶. Essa evidência está ligada à verdade do objeto e à preocupação com a conformidade entre o objeto e sua representação. Como

⁷¹ OLIVA NETO, J. A. Écfrase da Vila de Plínio na Túscia (Plínio, o Jovem, Livro 5, Epístola 6: comentário, tradução e notas). **Letras Clássicas**, v. 19, n. 1, 2015. Tradução de Plínio, 5.6. 40-41.

⁷² Cf. HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica, retórica, discurso. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.20, n. 33, jul/dez. 2013.

⁷³ “*Dans son introduction, Théon donne en effet la pratique de la description comme principalement utile aux historiens et sur les dix exemples qu’il tire des anciens, neuf sont repris de l’histoire*”. PATILLON, Michel. Introduction. In: AELIUS THÉON. **Progymnasmata**. Paris: Les Belles Lettres, 1997, p. XLII.

⁷⁴ AELIUS THÉON. **Progymnasmata**. Texte établi et traduit par Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 1997, p. 67 e 68 (119).

⁷⁵ Essa distinção é adotada por François Hartog em seu *Evidência da História* (2017). Adriana Zangara constrói, a partir do texto de Cassin, a distinção entre uma “evidência do discurso” e uma “evidência dos fenômenos” e analisa como a “*enargeia* historiadora” dos antigos se relaciona com esses tipos de evidência.

⁷⁶ “*évidence naturel du visible*”; “[...] donné par la nature à la nature de l’homme, à son œil ou à son intuition”. CASSIN, Barbara. Procédures sophistiques pour construire l’évidence. In: **Dire l’évidence** (Philosophie et rhétorique antiques). Textes réunis par Carlos Lévy et Laurent Pernot. Paris: L’Harmattan, 1997, p. 19.

observado por Cassin, a enargia dos filósofos tende a apelar para um *suivisme discursif*, ou para um discurso moldado da maneira mais simples e modesta ao objeto. Tal qual o *coup d'œil* definido por Lorraine Daston, esse tipo de enargia não admite erro nem contestação, mas “obriga ao assentimento”⁷⁷.

Por outro lado, a evidência dos oradores, ou evidência retórica, não é considerada como um dado da natureza, mas como um efeito do *logos*. Essa evidência implica o sentido da visão, mas de outra forma: ela não pretende equivaler à visão do objeto, mas representá-lo tal como se ele estivesse sendo visto pela audiência. Como vimos, Dionísio de Halicarnasso definia a enargia como a capacidade de “fazer perceber pelos sentidos aquilo que é dito”⁷⁸. O objetivo é o de “colocar sob os olhos”⁷⁹ algo ausente como se estivesse presente, é o de criar a “ilusão da presença”⁸⁰. Como bem sintetizado por Cassin, a evidência dos filósofos vai da coisa à palavra e diz respeito à ontologia, enquanto a evidência dos oradores vai da palavra à coisa e diz respeito à verossimilhança⁸¹.

Adriana Zangara estabelece uma segunda diferenciação, interna à enargia retórica/literária – entre uma enargia visionária, de tradição aristotélica, e uma enargia virtuosa, desenvolvida a partir do pensamento de Demétrio. A enargia visionária tem como objetivo a produção de um efeito de “excedente de clareza/clareza” por meio da utilização de um estilo elevado da língua, permeado por metáforas, hipérboles e epítetos. O “excedente de clareza” não se confunde com a exatidão, mas se relaciona com a *energeia* aristotélica, que designa um efeito de vivacidade/energia. No quadro da enargia visionária, o discurso é compreendido como consequência do sentimento do orador: espera-se do orador que ele possa visualizar mentalmente uma cena, emocionar-se com ela e, a partir dessa emoção colocada em palavras, provocar determinados sentimentos (como pena, paixão) no ouvinte⁸².

⁷⁷ “*oblige à l’assentiment*”. CASSIN, Barbara. Procédures sophistiques pour construire l’évidence. In: **Dire l’évidence** (Philosophie et rhétorique antiques). Textes réunis par Carlos Lévy et Laurent Pernot. Paris: L’Harmattan, 1997, p. 20.

⁷⁸ “*faire apercevoir par les sens ce qui est dit*”. ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 55.

⁷⁹ “A enargia é um *logos* que coloca sob os olhos aquilo que se mostra” (“*L’energeia est un logos qui met sous les yeux ce qu’on montre*”). Essa definição de *energeia*, oferecida por Anonymus Seguerianus, é a mais comumente compartilhada entre os estudiosos do tema. CASSIN, *op. cit.*, p. 20.

⁸⁰ “*l’illusion de présence*”. *Ibid.*, p. 20.

⁸¹ *Ibid.*, p. 29.

⁸² Sobre a *energeia* visionária, cf. Zangara, *op. cit.*, p. 256-267.

Já a enargia virtuosa, da qual tratava Demétrio, afasta-se da *energeia* de Aristóteles. A intenção não era a de “animar o inanimado” ou de conferir vivacidade ao objeto, mas a de alcançar precisão e verdade. Para tal, era recomendado o uso de um estilo simples e a construção de uma imagem completa dos objetos pela descrição minuciosa de seus aspectos. Esse tipo de evidência não dependia, segundo seus defensores, nem da eloquência nem da imaginação do orador, mas da observação da natureza⁸³.

A *enargeia* dos historiadores antigos, pelo menos tal como considerada por eles próprios, se aproximava da dos filósofos. Plutarco compreendia o historiador como um mero “apresentador”, responsável por mostrar aos leitores, da forma mais fiel possível, aquilo que eles não puderam ver com seus próprios olhos. Tanto Plutarco quanto Políbio estabeleciam uma clara hierarquia entre fato e relato: o fato vinha primeiro, ao relato bastava segui-lo, imitá-lo⁸⁴. Tal como os filósofos, os historiadores consideravam a enargia como algo próprio aos entes e aos fenômenos, restando ao historiador apenas a função de comunicá-la.

Políbio teceu uma série de críticas ao uso da enargia para fins únicos de comoção. A uma história trágica, cujo fim seria comover/encantar, ele opõe uma história pragmática, cujo objetivo seria o de instruir pela verdade. Como bem observado por Zangara, Políbio não se opunha à tragicidade e à comoção produzidas pela enargia desde que fossem postas a serviço da instrução – condição fundamental para uma história que se queria mestra da vida. A enargia defendida por Políbio era aquela dos elógios que rememoravam os grandes homens e suas boas ações. Ao comover a audiência colocando “sob seus olhos” as ações e proações dos homens exemplares, os elógios buscavam suscitar sentimentos patrióticos e gerar o desejo por glórias e virtudes semelhantes⁸⁵. Pintar heróis a curta distância, colocar grandes ações sob os olhos, presentificar glórias passadas: tudo isso servia à identificação do leitor com as virtudes representadas e acenava para a possibilidade “de conversão de um *pathos* em um *êthos*”⁸⁶.

3.3 Algumas considerações sobre a autópsia e a *autopatheia*

⁸³ Sobre a *enargeia* virtuosa, cf. ZANGARA, Adriana. **Voir l'histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 267-273.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 63.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 79-83.

⁸⁶ “[...] de la conversion de un *pathos* en un *êthos*”. *Ibid.*, p. 89.

Para “fazer ver” é necessário ter visto? No mundo antigo, não é rara a defesa tanto da autópsia (visão direta) quanto da *autopatheia* (experiência) como fundamentais à escrita da história. Como observado por Adriana Zangara, a *enargeia* historiadora era “a *enargeia* das coisas vistas”⁸⁷. Historiadores e poetas compartilhavam da ideia de que o “fazer ver” dependia de uma visão anterior, mas, enquanto esses últimos podiam recorrer às visões da mente (pensamentos, imaginação, visões dadas pelas musas), os primeiros diziam se amparar na visão dos olhos. É na autópsia e na *autopatheia* que a *enargia* historiadora fundamenta sua verdade e sua força persuasiva⁸⁸.

Segundo as conclusões de Zangara, a *enargia* praticada pelos historiadores antigos era coincidente com a *écfrase* proposta nos *progymnasmata* – detalhada, descritiva, exaustiva. Enquanto isso, o discurso era o de afastamento em relação à *écfrase* tanto pelo caráter fabricado do procedimento quanto por sua aplicação em domínios como a retórica e a literatura. Luciano condenava a multiplicação das *écfrases* em relatos históricos. Políbio tinha posição semelhante⁸⁹.

A evidência pretendida pelos historiadores é a do *aspectus sine voce*, princípio encontrado em Quintiliano. Representado pelo ato de um orador romano de arrancar as roupas de seu cliente para mostrar os ferimentos adquiridos em defesa da pátria, o *aspectus sine voce* promove a comoção não pela eloquência da voz ou pela força dos argumentos, mas pela exposição do fato. Como observado por Zangara, a noção de que os historiadores mostram os fenômenos ou de que apenas deixam os fatos “falarem por si” mascara a subjetividade da enunciação e dá autoridade ao discurso da história⁹⁰.

Para Políbio, a vivacidade e a verdade do relato histórico estavam intimamente ligadas à visão e à experiência do historiador. O fato de Timeu não ter “visto nada” das regiões retratadas em sua *História* o teria levado, segundo Políbio, a negligenciar pontos importantes enquanto se dedicava a coisas irrelevantes. Quanto à experiência, diz o historiador: “Não é possível escrever como se deve a história de uma guerra, se não se

⁸⁷ “*l'enargeia des 'choses vues'*”. ZANGARA, Adriana. **Voir l'histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 280.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 287.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 281-282.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 291.

tem nenhuma experiência de operações militares, nem a história dos Estados, se não tivermos experimentado os acontecimentos e as mudanças”⁹¹.

Segundo a crítica de Políbio, Timeu até teria conseguido alcançar alguma verdade, mas semelhante àquela criada pelos pintores que tomavam manequins por modelos – uma verdade apta a reproduzir traços exteriores, mas incapaz de transmitir “a expressão e a vivacidade dos seres reais”⁹². Políbio chega à seguinte conclusão a respeito de Timeu e de outros historiadores que se contentavam com o conhecimento livresco:

Falta-lhes a expressão da realidade, porque esta depende unicamente da experiência pessoal do historiador; é por isso que não se pode despertar o sentido da realidade nos leitores se não se tiver vivido a vida pública⁹³.

Boa parte dos autores concorda que a enargia e a éfrase independem da visão dos “olhos do corpo” do autor⁹⁴. Segundo Joana Matos Frias, a enargia não estava limitada à descrição do sensível – afinal, poetas cegos podiam “fazer ver” e criaturas míticas podiam ser “vistas” por meio do discurso. Para a autora, seria justamente nessa liberdade que residiria o poder da enargia:

Na *enargeia*, é mesmo a “visão como ficção” que passa a estar em causa, e o acto de colocar perante os olhos passa a ser o acto de construir o visível “dando a ilusão da presença”. O poder desta *enargeia* está justamente na força da presença fictiva que só existe em estado de palavra. Só assim se entende que a *enargeia* possa ser, em última instância, uma qualidade que dá a ver o invisível, como acontece nos poemas homéricos, em que o adjectivo correspondente, *ἐναργής*, se aplica à manifestação dos deuses, à memória e à antecipação, ao sonho e à aparição, numa confluência óbvia com a *phantasia*, entendida já no sentido de imaginação, tal como Longino e Quintiliano a equacionam.⁹⁵

Quanto à éfrase, Frias compreende que ela não se orienta por um referente externo, mas antes por um “verossímil discursivo”, constituído pelas regras do género descritivo. Adriana Zangara faz colocação semelhante, observando que o horizonte da éfrase não é a natureza, mas os livros, ou a natureza culturalmente representada⁹⁶. Nesse

⁹¹ “*Il n’est pas possible d’écrire comme il faut l’histoire d’une guerre, si l’on n’a aucune expérience des opérations militaires, ni l’histoire des États, si l’on n’a pas éprouvé les événements et les changements*”. POLYBE. *Histoires*: Livre XII. Texte établi, traduit et commenté par Paul Pédech. Paris: Les Belles Lettres, 1961, p. 39 (XII, 25g, 1).

⁹² “[...] *il y manque l’expression et la vivacité des êtres réels*”. *Ibid.*, p. 40 (XII, 25h, 3).

⁹³ “[...] *il leur manque l’expression de la réalité, parce que cela dépend uniquement de l’expérience personnelle de l’historien; c’est pourquoi l’on n’éveille pas le sentiment de la réalité chez les lecteurs, si l’on n’a pas passé par la vie publique*”. *Ibid.*, p. 40 (XII, 25h, 4).

⁹⁴ Essa é a posição de FRIAS (2009), DUBEL (1997), ZANGARA (2007) e MARTINS (2016).

⁹⁵ FRIAS, Joana Matos. **A retórica da visão na poética clássica**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2009, p. 33-34.

⁹⁶ Tanto Joana Matos Frias quanto Adriana Zangara remetem ao *Efeito de Real*, de Roland Barthes, para afirmarem a não-referencialidade da *enargeia* e da éfrase. FRIAS, op. cit., p. 37; ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 272.

sentido, os elementos da éfrase familiares ao leitor estariam mais próximos de um *dejà-lu* do que de um *dejà-vu*. Sobre os *progymnasmata*, Zangara aponta que a taxonomia da éfrase neles proposta (personagens, lugares, tempos, etc.) é construída a partir não dos objetos a serem retratados, mas de seu tratamento por uma literatura já existente – “cada objeto suscetível de éfrase é apresentado através de suas referências literárias: Homero, Heródoto, Tucídides, Virgílio...”⁹⁷. A éfrase, portanto, não parte nem da coisa à palavra nem da palavra à coisa, mas “da palavra à palavra”⁹⁸.

Sandrine Dubel nos oferece o exemplo de Heródoto para ilustrar a independência da éfrase em relação à autópsia. O historiador grego declarou que só viu o que narrou até chegar à Ilha de Elefantina e que, a partir desse ponto, sua narração foi construída com base em informações orais. Dubel nota que a parte do Rio Nilo, aquela que Heródoto não pôde ver, é também aquela que é por ele descrita com mais “eficácia visual”:

Heródoto opera aqui um verdadeiro *tour de force*: no momento no qual a exposição parece perder sua validade (uma vez que ela vale sobretudo pela presença do investigador), o discurso compensa a ausência de *opsis* com um excedente de *enargeia*, o narrador faz o narrador viajar em seu lugar: há verdadeiramente uma transferência de autópsia. O que fica assim demonstrado é a onipotência do *logos*, que postula a ausência para imediatamente aboli-la.⁹⁹

Ter visto o objeto não parece, portanto, ser condição para colocá-lo “sob os olhos” do leitor. No caso de Heródoto, Dubel chega a observar o estabelecimento de uma relação inversa entre a autópsia e a enargia: na ausência da primeira é que a segunda se fez mais potente e necessária. Voltaremos a essa questão, mas, agora, vejamos como a enargia e a éfrase se relacionam com o *golpe de vista* de Ferdinand Denis.

4 Golpe de vista e enargia

Dado o exame dos usos históricos do *coup d’œil* que apresentamos no capítulo anterior, supus, de antemão, que o termo se casaria bem com a noção de *sunopsis*, pelo fato de ambos parecerem supor a amplitude, a generalidade e um olhar afastado capaz de reunir fatos. Isso, de fato, se verificou. O surpreendente é que, em *Brésil*, o *golpe de vista*

⁹⁷ “Ainsi, chaque objet susceptible d’ekphrasis est présenté a travers ses références littéraires: Homère, Hérodote, Thucydide, Virgile...”. ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 273.

⁹⁸ “L’ekphrasis ne peint la réalité qu’en allant ‘du mot au mot’”. *Ibid.*, p. 273.

⁹⁹ “Hérodote opère ici un véritable tour de force : au moment où l’exposé semble perdre de sa validité (puisque’il vaut d’abord par la présence de l’enquêteur), le discours pallie d’absence d’opsis par un surplus d’enargeia, le narrateur fait voyager à sa place le narrataire: il y a véritablement transfert d’autopsie. Ce qui est ainsi démontré, c’est la toute-puissance du logos, qui pose l’absence pour aussitôt l’abolir”. DUBEL, S. Ekphrasis et enargeia: la description antique comme percurs. In: LÉVY, C.; PERNOT, L. (org.). **Dire l’evidence**. Paris: L’Harmattan, 1997, p. 262.

também se associa à produção de enargia e aos procedimentos da écfrase. Vejamos como Denis descreve as ruas e os habitantes do Rio de Janeiro (tóp. 53):

Uma das coisas que sempre chama a atenção de um estrangeiro quando ele chega à rua que leva à aduana, que é conhecida como *rua da Alfândega*, e onde é feito quase todo o transporte da cidade, é essa aglomeração de negros, pertencentes a tantas raças africanas, e que um primeiro golpe de vista sempre confunde: essa seminudez, pois não vestem mais que ceroulas de pano de algodão, esses membros robustos que lembram as mais belas formas da estatuária antiga, essas estranhas tatuagens que logo servem para identificar as várias nações, esse tumulto que quase sempre acompanha a menor operação confiada aos negros, essa espécie de harmonia cadenciada da voz que o segue, e que sempre deve marcar a marcha quando se carrega algum fardo, tudo isso forma um quadro ao qual logo nos tornamos sem dúvida indiferentes, mas que surpreende à primeira vista, como a revelação de um mundo desconhecido, com mil características para serem estudadas.¹⁰⁰

O apelo aos sentidos é inegável. A visão é estimulada pela descrição dos corpos, das tatuagens e do pano das vestimentas, enquanto a audição é despertada pela invocação de um tumulto seguido de uma melodia de vozes. A perspectiva do narrador é, sem dúvida, aquela de quem está diante da cena. A distância é curta o suficiente para que os detalhes possam ser vistos e que os sons possam ser ouvidos. Os pronomes demonstrativos indicam não só proximidade, mas também familiaridade: não se trata de quaisquer tatuagens, mas “dessas estranhas tatuagens”. Por meio de recursos próprios à produção de enargia, Denis procura resgatar o primeiro golpe de vista do viajante sobre a rua da Alfândega. Aos leitores já acostumados com a cena, transmite a experiência do estrangeiro ao se deparar com ela pela primeira vez. Àqueles que nunca verão o Rio de Janeiro com os olhos corpóreos, oferece um quadro que pode ser visto com os olhos da mente.

Apesar de o quadro ter um caráter local/particular, Denis propõe generalizações e prognósticos a partir dele. É indicado que a mesma cena “se renova em todas as regiões submetidas outrora ao regime colonial”¹⁰¹. Além disso, é observado que, no Rio de Janeiro e na Bahia, há um movimento de emancipação dos negros, que passam a ocupar

¹⁰⁰ “*Une des choses qui frappent toujours l'étranger lorsqu'il arrive dans la rue conduisant à la Douane , que l'on désigne sous le nom de rue da Alfandega, et où s'opèrent presque tous les transports de la ville , c'est cette réunion de noirs , appartenant à tant de races africaines , et qu'un premier coup d'œil confond toujours : cette deminudité , car ils ne portent guère qu'un caleçon de toile , ces membres robustes qui rappellent les plus belles formes de la statuaire antique , ces tatouages bizarres qui servent bientôt à reconnaître les nations diverses , ce tumulte qui accompagne presque toujours la moindre opération confiée à des nègres , cette espèce d'harmonie mesurée de la voix qui lui succède , et qui doit toujours marquer la marche lorsqu'on porte quelque fardeau , tout cela forme un tableau auquel on devient bientôt indifférent sans doute , mais qui étonne au premier aspect , comme la révélation d'un monde inconnu , dont mille traits seront à étudier*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 113.

¹⁰¹ “[...] *se renouvelle dans toutes les contrées soumises jadis au régime colonial*”. *Ibid.*, p. 113.

postos antes reservados aos brancos. Segundo Denis, são as ruas da cidade do Rio que apresentam “o aspecto que deve resultar da união das raças entre elas”¹⁰². Assim, o *golpe de vista* do autor não contém apenas o aspecto da cidade em seu próprio tempo, mas uma cena que se reproduzirá em outros locais no futuro.

Vimos, portanto, uma descrição do Rio de Janeiro que gera o efeito de enargia, ou de colocar os fatos diante dos olhos do leitor. Duas outras descrições da cidade, também associadas pelo autor ao *golpe de vista*, apresentam o caráter periegemático distintivo da écfrase. A primeira dessas descrições pertence a um tópico que trata do aspecto geral da cidade (tóp. 44), que é iniciado da seguinte forma:

De fato, antes de haver passado por esse canal margeado pelas rochas de granito que defendem o ancoradouro de uma forma tão pitoresca, nada aparece aos olhos; nada do que vimos ao longo da costa poderia dar uma ideia do magnífico espetáculo que a baía oferece ao nascer do sol.¹⁰³

Apesar de antecipar as maravilhas que estão por vir, Denis só as revela conforme o olhar (produzido pelo discurso) as alcança. Após a apresentação de alguns dados sobre a localização do Rio, a descrição segue seu caminho. O leitor é guiado pelo espaço percorrido. “Quando se penetra da passagem compreendida entre o Forte de Santa Cruz e o Forte de São José, e que passamos da pequena ilha da Laje, nos encontramos na vasta baía [...]”¹⁰⁴; “um pouco mais adiante, a Ilha de Villegagnon”¹⁰⁵; “Estando-se ancorado no porto, [...], os olhos se voltam com admiração para esse belo lago[...]”¹⁰⁶.

No desenvolvimento da descrição, Denis não se vale apenas de seus olhos, mas também do registro de um “célebre navegador”¹⁰⁷ francês, do qual extrai um trecho sobre a grande extensão da baía. Somando o relato de Freycinet ao seu próprio, Denis fortalece seu argumento da imensidão e da beleza da região. O caminho é concluído da seguinte forma:

Depois haver lançado um golpe de vista sobre essa cidade, que se desdobra majestosamente à beira-mar e que logo estará subindo as colinas, depois de

¹⁰² “[...] *l’aspect qui doit résulter de l’union des races entre elles*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 114.

¹⁰³ “*En effet , avant d’avoir franchi cette passe bordée par des roches granitiques qui défendent la rade d’une manière si pittoresque , rien n’apparaît aux regards; rien dans tout ce qu’on a vu le long de la plage ne saurait donner une idée du spectacle magnifique que présente la baie au lever du soleil*”. *Ibid.*, p. 93.

¹⁰⁴ “*Quand on a pénétré dans la passe comprise entre le fort de Santa-Cruz et le fort de San-José , et qu’on a dépassé la petite île de Laje , on se trouve dans la vaste baie [...]*”. *Ibid.*, p. 93.

¹⁰⁵ “*un peu plus avant, l’île de Villegagnon [...]*”. *Ibid.*, p. 94.

¹⁰⁶ “*Est-on mouillé dans le port , [...], les yeux se portent avec admiration autour de ce beau lac [...]*”. *Ibid.*, p. 94.

¹⁰⁷ “*célebre navigateur*”. *Ibid.*, p. 93. Faz menção a Freycinet (*Voyage autour du monde*).

seguir os contornos harmoniosos da baía, somos tentados a lembrar o ditado dos espanhóis e a repetir, acima de tudo, o dos napolitanos.¹⁰⁸

O que Denis indica nesse trecho é que os provérbios dos quais os europeus se utilizam de forma um tanto exagerada para falar das maravilhas de suas cidades seriam perfeitamente adequados para tratar do Rio. O *golpe de vista*, que engloba a éfrase apresentada, serve à conclusão do tópico – que é a do caráter magnífico da natureza da cidade.

A segunda descrição pertence ao tópico *Principais edifícios do Rio de Janeiro* (tóp. 50). Na primeira parte do tópico, o autor apresenta algumas construções, tais como o aqueduto da Carioca e o convento de São Bento, a partir de um discurso notadamente periegemático. A riqueza de detalhes visuais e a perspectiva, que é a de alguém que caminha pela cidade, dão a impressão de que o autor viu os lugares narrados. Como se a impressão não bastasse, Denis atesta já ter estado no convento afirmando que não poderia esquecer daquela paisagem.

Mas é na segunda parte do tópico que o *coup d'œil* figura. Denis reconhece que vários anos se passaram desde que ele esteve no Rio de Janeiro e que, dada a rapidez das mudanças que a cidade sofria, a paisagem apresentada se modificava. Os edifícios religiosos já passavam por transformações e adquiriam novas funções. Diante dessas constatações, Denis formula seu objetivo: “Portanto, antes que esses edifícios, [...], tenham mudado de propósito, lancemos mais um golpe de vista sobre o aspecto que eles apresentam, façamos neles uma última peregrinação”¹⁰⁹. A peregrinação se inicia: “Acabamos de entrar em um desses conventos que pertencem à aristocracia das ordens religiosas. Aqui está um que ainda se encontra em uma colina no extremo oposto da cidade, Santo Antônio”¹¹⁰. O caminho se seguirá pelo convento de Santa Teresa e pela Igreja de Nossa Senhora da Glória.

¹⁰⁸ “Après avoir jeté un coup d'œil sur cette ville qui se déroule majestueusement au bord de la mer et qui va bientôt gravir les collines, après avoir suivi les contours harmonieux de la baie, on est tenté de rappeler l'adage des Espagnols et de répéter surtout celui des Napolitains”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 94.

¹⁰⁹ “Avant donc que ces édifices, [...], aient changé de destination, jetons encore un coup d'œil sur l'aspect qu'ils présentent, faisons-y un dernier pèlerinage”. *Ibid.*, p. 107.

¹¹⁰ “Nous venons d'entrer dans un de ces Couvents qui appartiennent à l'aristocratie des ordres religieux, en voici un qui s'élève encore sur une colline à l'extrémité opposée de la ville, c'est celui de Santo-Antonio”. *Ibid.*, p. 107.

Alguns recursos de construção de *écfrase* e de produção da enargia podem ser observados. O primeiro é o da condução do leitor pelo caminho. Os verbos que indicam movimento conjugados na primeira pessoa do plural (como em “acabamos de entrar”) e os pronomes demonstrativos mais uma vez se encarregam de construir a impressão de visita guiada. O segundo é o da vividez de uma descrição detalhada que apela para os sentidos. Denis nos apresenta a “fachada branca”, o “gramado verdejante” e os “arbustos perfumados”¹¹¹ do convento de Santa Teresa. O refeitório do convento de Santo Antônio é descrito da seguinte forma: “As paredes são revestidas, até uma certa altura, com essa bela cerâmica holandesa, que é transformada em uma espécie de mosaico monocromático”¹¹².

Os prédios são revelados pela ordem na qual aparecem no espaço – e não pela data de construção, tamanho ou relevância. É pela relação de proximidade com o prédio anterior que o seguinte é apresentado. Santa Tereza ocupa a colina oposta ao convento de Santo Antônio. A Igreja da Glória, por sua vez, se encontra num cabo que fica por baixo do convento de Santa Teresa. Tudo o que nos é informado sobre o passado dos conventos ou sobre os princípios monásticos está organizado de acordo com essa ordem espacial.

Ao final do tópico, fica patente a preocupação com o leitor: Denis esclarece que preferiu dedicar-se à descrição de alguns poucos edifícios religiosos em vez de nomear cada um deles. A nomenclatura seria árida e cansativa e não haveria nada a ser falado sobre esses locais que os retivesse na memória do leitor¹¹³.

Lançar um *golpe de vista* sobre os edifícios do Rio de Janeiro equivale, como indicado por Denis, a fazer uma peregrinação – nesse caso, portanto, o *coup d’œil* equivale à *écfrase*. O autor refaz por meio do discurso o percurso que indica ter feito duas décadas antes. O objetivo desse *golpe de vista* é o de registro daqueles edifícios de forma a conservar a imagem de uma cidade que já dava sinais de mudança.

4.1 Enargia e modernidade

¹¹¹ “*blanche façade*”; “*pelouse verdoyante*”; “*buissons odorants*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 107-108.

¹¹² “*Les murailles sont carrelées , jusqu’à une certaine hauteur, avec cette belle faïence hollandaise , dont on fait une sorte de mosaïque monochrome*”. *Ibid.*, p. 107.

¹¹³ *Ibid.*, p. 108.

Carlo Ginzburg afirmou que, na escrita moderna da história, a enargia foi fatalmente vencida pela citação¹¹⁴. Segundo o autor, enquanto a écfrase seria a garantidora da verdade na historiografia antiga, a citação (enquanto sinal visível de uma série de procedimentos eruditos) assumiria essa função na historiografia moderna. Essa mudança – da enargia à citação enquanto fundamento da verdade – teria sido acompanhada por uma alteração no tipo de historiador e no tipo de registro histórico. Na Antiguidade, o historiador seria um inquiridor direto (que geralmente recorria à autópsia) e a história seria passada de forma oral, sendo dependente de recursos retóricos de comoção e convencimento da audiência. Na modernidade, de outro modo, o historiador seria um pesquisador, um homem dos arquivos, e o registro, agora escrito, teria a prova documental como elemento de persuasão. Isso representa, nos termos de Ginzburg, uma passagem da evidência (no sentido de enargia) à *evidence* (no sentido de prova). O autor não define de forma clara o momento dessa passagem, mas sugere que já havia sinais de desgaste do uso da enargia no século XVII e mesmo antes.

Vimos, em *Brésil*, um uso bastante claro da enargia e da écfrase em pleno século XIX. Não creio, porém, que a análise do texto permita concluir que esses recursos ficaram incólumes diante das profundas mudanças na concepção de história. Parece-me inclusive que há uma conjugação da enargia/écfrase com o recurso moderno às fontes. Denis recorre à autópsia (a seu olhar direto sobre os eventos), mas também fundamenta suas descrições nos relatos de outros viajantes, buscados nos arquivos e submetidos a uma série de procedimentos eruditos.

Ainda sobre a autópsia, creio não ser mais necessário insistir na sua valorização, mas ainda cabem alguns apontamentos sobre suas diferentes modalidades que se revelam na escrita denisiana. Em primeiro lugar, é notável o apelo a uma autópsia direta. Denis esteve no Rio de Janeiro e descreve os locais e os habitantes da cidade como quem, de fato, lá esteve. Não argumento que a riqueza de detalhes sensoriais seja forçosamente fruto da experiência ou de registros feitos pelo autor – nem, ao contrário, que essa experiência seja sem efeitos ou contribuições. O que observo é que ele descreve de forma a dar a impressão de que sua descrição é advinda de sua própria visão – de perto, com

¹¹⁴ GINZBURG, Carlo. Ekphrasis e citação. In: GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 230.

riqueza de detalhes, com forte apelo sensorial e da perspectiva de quem caminha pelas ruas.

A segunda modalidade é a que denominarei de *autópsia por delegação*. Como vimos, Denis conta, mesmo quando trata de localidades que visitou, com os olhos e os sentidos de outros viajantes. No caso da descrição da Baía de Guanabara, o autor reproduz um trecho de Freycinet. Como vimos por meio da análise de Pansini acerca do *coup d'œil* militar, o general que não podia visitar todos os campos de batalha enviava topógrafos militares nas expedições de reconhecimento e, como descobrimos pelo estudo feito por Charlotte Bigg, os construtores de panoramas contavam com artistas que iam ao alto das montanhas longínquas fazer registros (esboços, pinturas) da paisagem. Da mesma forma, o historiador contava com os olhos dos viajantes que haviam descrito as paisagens e os costumes das populações de outros lugares.

Denis não visitou todas as capitânicas, mas pôde descrevê-las a partir dos relatos de outros. No prefácio de *Le Brésil* (1822), os relatos de viajantes aos lugares que Denis e Taunay não puderam visitar são apresentados como possibilitadores da existência daquela obra. Ao contrário de generais do exército francês, Denis não contava com uma equipe de viajantes que ele pudesse enviar às localidades, mas pôde contar com relatos feitos por pessoas que estiveram no Brasil em tempos distintos e pelos mais diversos motivos. O recurso aos relatos por Denis representa uma *autópsia por delegação*, já que o autor outorga a outros (mesmo que em retrospecto) a visão tida como necessária à escrita de sua História do Brasil.

Como observado por Valeria Pansini, o que um topógrafo militar oferecia ao general não eram apenas dados brutos a serem tratados, mas um forma específica, não trivial, de olhar para o campo de batalha. Assim, o *coup d'œil* não se tratava de uma simples transmissão de informação, mas de uma comunicação intersubjetiva. Ao longo do capítulo anterior, vimos que, para passar no crivo de Denis, o viajante deveria possuir uma série de virtudes, deveria manifestar certa forma de ver. Creio que podemos sugerir que a escrita de Denis estabelecia uma comunicação com essas fontes, com os relatos de viagem, que significava mais do que um processo de colher informações, que supunha um olhar compartilhado.

Como mencionamos, Joana Matos Frias e Adriana Zangara veem a autópsia como desnecessária à construção da éfrase (e à produção de enargia). Segundo as autoras, a

écfrase é construída a partir de um repertório literário, não se referindo, portanto, a um mundo externo às palavras¹¹⁵. Assim, a autópsia defendida pelos historiadores não passaria de uma estratégia de valorização de suas próprias obras. Não nego que Ferdinand Denis possa ter recorrido a um repertório de representações dos trópicos nem advogo que o que é relatado em *Brésil* seja uma cópia fiel dos fatos ou fruto de uma memória resistente à passagem do tempo. Mas, aqui, prefiro adotar a abordagem de Paul Ricoeur, aquela da qual tratamos brevemente na introdução, que concebe a operação historiográfica como constituída por três fases: a documental, a explicativa e a escriturária. Essa abordagem dá ênfase à fase documental como um elemento específico e reconhece uma pulsão referencial da escrita da história. Denis de fato esteve aqui, fez registros em seu diário e em suas cartas, empreendeu um trabalho de pesquisa e de crítica das fontes. Parece-me que a valorização da autópsia por parte do autor é mais do que uma retórica vazia, que existe de fato uma preocupação em basear seus relatos em coisas vistas, seja por ele ou por outros.

A terceira e última modalidade da autópsia é aquela que Eduardo Wright Cardoso denominou de *autópsia vicária*, definida como a autópsia “na qual o receptor da descrição transforma-se em espectador dos acontecimentos ou da paisagem relatada”¹¹⁶. Essa autópsia é mais próxima da fase escriturária do modelo de Paul Ricoeur e sua relação com a enargia não pode ser mais íntima, levando em consideração que este expediente visa colocar os eventos sob os olhos do leitor/receptor. Cardoso nota como o recurso da *autópsia vicária* foi mobilizado por historiadores do Oitocentos brasileiro, tais como Januário da Cunha Barbosa e Francisco Adolfo de Varnhagen, para efeitos de presentificação do passado da nação e de convencimento do leitor¹¹⁷.

A noção de autópsia vicária aproxima-se ainda da ideia de *experiência por procuração*, conforme formulada por Adriana Zangara. Como vimos, a historiografia antiga tinha como objetivo a instrução para a ação. De forma a ser instrutiva, a história

¹¹⁵ Como mencionamos na nota 96 deste capítulo (p. 143), as duas autoras baseiam-se no estruturalismo de Roland Barthes, abordagem que Paul Ricoeur confronta. Segundo Ricoeur, Barthes teria pecado ao excluir o referente (ou ao confundi-lo com o significante) do domínio linguístico. Ao aplicar a teoria de Barthes à escrita da história, o que se estaria fazendo é, de acordo com Ricoeur, ignorar não apenas a existência do referente nos discursos, mas a existência de um referente específico do discurso historiográfico. Essa discussão é conduzida em RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 261-274.

¹¹⁶ CARDOSO, Eduardo Wright. **A cor local e a escrita da história no século XIX: o uso da retórica pictórica na historiografia nacional**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019, p. 153.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 156 e p. 213-215.

deveria comunicar a experiência dos atores da forma mais vívida possível. No seio da *historia magistra vitae*, o objetivo da narrativa histórica era o de permitir que o receptor aprendesse pela experiência alheia¹¹⁸.

Zangara nos dá o exemplo da obra *Vidas Paralelas*, de Plutarco, compilação de biografias de grandes homens gregos e romanos. Tal como notado por Zangara, os heróis de Plutarco não eram suportes abstratos de virtudes, mas entes concretos, imagens vívidas da virtude em ação. A intenção em apresentar um herói vivendo e agindo era a de fazer o leitor se sentir no lugar desse herói. O esperado era que, identificado com o herói, o leitor incorporasse suas virtudes e imitasse suas ações.

Na modernidade, a história perde essa função pedagógica mais imediata – as situações não são mais as mesmas; os homens, tampouco. Portanto, não se pode devotar o uso da enargia e da éfrase em *Brésil* ao objetivo de instruir o leitor, pelo menos não da mesma maneira. Parece-me que o *golpe de vista* lançado por Denis está relacionado à noção de especificidade da nação e faz parte da construção de uma narrativa histórica para o Brasil.

Foi observado no primeiro capítulo como a historiografia romântica francesa estava orientada para a formação das nações, atentando para as particularidades de cada uma delas, de seu povo, de seus recursos, de seu caráter. As descrições pormenorizadas e “plenas de cor local” davam especificidade e concretude a cada nação¹¹⁹.

Sem dúvida, por meio de seu *golpe de vista*, Denis deu concretude ao Rio de Janeiro e à vida nos trópicos. A descrição da natureza, dos habitantes e dos edifícios da cidade colocam a cidade sob os olhos dos leitores, colocam-na quase ao alcance dos dedos. Por meio do recurso à éfrase, o narrador conduz o leitor pelo espaço, suspende o tempo: o leitor está presente na cena. A pintura dos habitantes das grandes cidades contribui para a noção de construção de certo caráter nacional, pois essa pintura se insere no argumento de que se gestava no Brasil um povo movido por um sentido comum, forjado no encontro de diferentes raças e classes de homens e nas experiências passadas.

¹¹⁸ Nesse trabalho, a autora tece uma relação entre a ideia de “experiência por procuração”, desenvolvida na Antiguidade, e o conceito de hipotipose presente no século XVI. ZANGARA, Adriana. L’expérience par procuração: l’hypotipose et la narration historique de l’Antiquité à la Renaissance. **Folia Litteraria Romanica**, v. 11, p. 25-20, 2016.

¹¹⁹ Cf. *supra*, p. 44-46.

Tal alocação da descrição das cidades e de seus habitantes na lógica da formação nacional indica que nem tudo na *écfrase* denisiana é presentificação: há um esforço de retemporalização do que é descrito, de reinserção da cena no processo histórico. Aqueles que ocupam as ruas do Rio representam “a união das raças” resultante de um longo processo de colonização. Quanto aos edifícios, o leitor é advertido de que aquele cenário se alterava, se dirigia para o tempo passado. De igual forma, nem tudo na *écfrase* denisiana é especificidade. Tal como Thierry, Denis dá um sentido mais geral à descrição de um povo específico¹²⁰. O caráter dos habitantes da cidade é representativo de um fenômeno mais geral, o do encontro de raças, que se repete em outras regiões submetidas ao regime colonial.

Assim, há pelo menos duas funções do *golpe de vista* associado à enargia. A primeira é a de mediação entre o olhar do próprio historiador (autópsia direta) ou de uma fonte considerada confiável (autópsia por delegação) e o olhar da mente do leitor (autópsia vicária). A segunda função é a de instrução, mas, aqui, a instrução não é a do tipo antigo. A enargia não visa que o leitor aja como o habitante das cidades brasileiras ou incorpore suas virtudes. Em lugar disso, o expediente participa da construção de uma ideia de nação e história. Ao determinar o caráter do povo a partir do encontro das raças e ao tomá-lo em conjunto com a história e os recursos naturais da nação é que o autor sugere ações a serem tomadas no presente de forma que um futuro próspero seja alcançado.

Antes de passarmos à *sunopsis*, vale a colocação de que a *écfrase* parece se conjugar muito bem a um fenômeno bastante moderno: o da emergência do observador subjetivo. Tratamos brevemente dessa questão por meio dos estudos de Michel Foucault sobre a episteme moderna (no capítulo 1) e das reflexões de Jonathan Crary sobre o panorama (no capítulo 3). Os autores percebem o surgimento, no século XIX, de uma nova concepção de epistemologia, que considerava a relevância dos processos de percepção humana na construção do conhecimento. Os sentidos humanos e a experiência do observador passam a ser considerados condições de possibilidade do conhecimento e não mais obstáculos a ele. Crary argumentou que o panorama, ao inserir o espectador na paisagem representada, ao tentar reproduzir a experiência do sujeito diante da natureza, era compatível com o novo modelo de observador. Creio que a *écfrase* busca igualmente

¹²⁰ Cf. *supra*, p. 45.

essa simulação da experiência do observador, essa transmissão da experiência inteiriça ao reproduzir a perspectiva do viajante real, do homem que caminha pela cidade.

5 *Sunopsis*: o olhar distanciado

Vimos até aqui como, na enargia, o olhar do historiador/narrador aproxima-se da perspectiva das testemunhas. Na *sunopsis*, ao contrário, há um afastamento intencional. Adriana Zangara nota que há modalidades e concepções distintas de *sunopsis* nos discursos antigos. A noção comum a essas modalidades é a de que a história não está disponível aos agentes, de que apenas o olhar de um ente afastado da ação pode dar sentido aos eventos. Enquanto a enargia dá atenção aos detalhes e tende a ser descritiva, a *sunopsis* pretende ser um conhecimento da totalidade e adquire ares explicativos.

5.1 Ver tudo ou ver o todo?

No tratado *Como se deve escrever a história*, de Luciano de Samósata, há uma concepção do olhar bem distinta daquela da enargia. A visão do historiador não é terrestre, não é particular, não é a da testemunha. A perspectiva proposta é a divina: tal como o Zeus de Homero, o historiador deve ser capaz de olhar (quase) simultaneamente para os dois lados.

Em suma, que o historiador se pareça com o Zeus de Homero, que, tão logo olha a terra dos trácios domadores de cavalos, logo olha também a dos mísios – ou seja, da mesma maneira, tão logo olhe ele as coisas dos romanos e mostrenos como aparecem para quem os contempla do alto, logo também o faça com relação às dos persas, e, em seguida, com relação a ambos, enquanto combatem. [...]. E desde que todos se tenham misturado na peleja, que sua visão seja de conjunto, que se pesem os acontecimentos como numa balança e se acompanhe a perseguição, tanto quanto a fuga. [...]. Estando num certo ponto, passe a outro, caso seja urgente; em seguida, desembaraçando-se deste, retorne ao anterior, quanto for preciso. Que se esforce para abordar tudo, que seja sincrônico tanto quanto possível, voe da Armênia à Média e, de lá, de súbito, à Ibéria – e logo à Itália, para não perder nenhuma oportunidade.¹²¹

Deixando a testemunha com os pés na terra, o olhar do historiador sobrevoa o espaço, deslocando-se rapidamente para não perder nenhum lance. Não é aos sentidos corporais que a *sunopsis* recorre, mas às capacidades do espírito. No caso de Luciano, a testemunha continua sendo fundamental: o historiador deve preferencialmente presenciar os eventos e, não podendo fazê-lo, deve recorrer a informantes íntegros. Mas sua função está em outra escala: é a ele que cabe reunir os fatos e ordená-los¹²².

¹²¹ LUCIANO DE SAMÓSATA. *Como se deve escrever a história*. Tradução, introdução, apêndices de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009, p. 75 (49).

¹²² *Ibid.*, p. 175 (48).

Na *sunopsis* de Luciano, a descrição demorada dá lugar a um olhar que se movimenta de forma ágil, sem se deter por muito tempo no mesmo objeto. Esse desprendimento parece se associar à busca tanto pela onisciência quanto pela imparcialidade. O historiador que, ao movimentar-se, consegue cobrir vastas áreas com seu olhar, deixa a visão do homem ordinário e assume uma visão divina. A partir dessa posição em que tudo vê, ele se encontra em condição de julgar – ou nos termos do trecho, de “pesar os acontecimentos numa balança” – de forma imparcial.

Lorraine Daston¹²³ lembra-nos que a imparcialidade foi considerada a virtude fundamental do historiador até meados século XIX. A capacidade de adotar diferentes pontos de vista, de “olhar para os dois lados”, não indicava, porém, uma atitude relativista: o objetivo não era compreender ou justificar as ações, mas julgá-las de maneira informada. É nesse sentido que Daston afirma que a imparcialidade antiga se aproximava mais do sentido jurídico de não tomar partido de antemão do que da ideia de neutralidade de valor. No seio de história que, como vimos, se queria mestra da vida, o julgamento dos homens e de suas ações era especialmente pertinente.

Vejamos parte da descrição do historiador-modelo de Luciano: ele deve ser “alguém que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que a ninguém poupe, nem respeite, nem humilhe; que seja juiz equânime, benevolente com todos a ponto de não dar a um mais que o devido; estrangeiro nos livros e apátrida, autônomo, sem rei”¹²⁴. De forma a bem julgar, o historiador não tem pode ter compromissos a honrar nem pólis a defender¹²⁵.

Temos, aqui, a defesa, de uma contemplação do alto. O olhar não pode assumir posição terrena, não pode se aproximar do ponto de vista nem dos trácios nem dos mísios, devido ao risco de se tornar parcial caso o faça. Esse tipo de *sunopsis* supõe uma

¹²³ DASTON, Lorraine. Objetividade e imparcialidade: virtudes epistêmicas nas humanidades. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 128-133.

¹²⁴ LUCIANO DE SAMÓSATA. **Como se deve escrever a história**. Tradução, introdução, apêndices de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009, p. 71 (41).

¹²⁵ Adriana Zangara observa que, na Antiguidade, o “historiador exilado” era uma versão laicizada do aedo, por ser compreendido como dotado de uma visão superior. Essa visão seria possibilitada justamente pelo fato de esse historiador não ter se mantido em sua pólis, de ter visto os “outros lados”. ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 25. Sobre a condição de exilado como favorável à escrita da história na Antiguidade, ver também HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 93-94.

totalidade que se dá pelo alargamento do espaço e pela amplitude do olhar. Quanto mais o olhar puder cobrir, quanto mais posições puder conhecer, mais justa e imparcial será a história que dele surgir.

A busca pela amplitude oferece alguns riscos à historiografia. Uma narrativa que apresenta eventos paralelos ocorridos numa área muito vasta corre o risco de se perder em seu desenvolvimento. Um olhar muito desprendido pode não encontrar seu caminho de volta. Um ponto de vista tão alto quanto de um deus pode não ser alcançado por um leitor humano. O próprio Luciano se mostrou atento à necessidade de criar uma corrente ou um corpo que não deixasse os eventos dispersos ou apenas justapostos.

Em seguida, que floresça a clareza, com a dicção, como eu disse, e com a concatenação dos fatos, os quais apresentará acabados e completos: tendo terminado o primeiro, introduzirá o segundo, relacionado com ele e articulado à maneira de uma corrente, de modo que não fique tudo esfacelado e haja muitas narrativas justapostas umas às outras. Que sempre o segundo seja não só vizinho do primeiro, mas que também tenham algo em comum e se sobreponham.¹²⁶

A retórica ofereceu um corretivo ou complemento à amplitude e à arte do desprendimento do olhar: trata-se do princípio da unidade de composição. De acordo com Adriana Zangara, “ver em um só golpe uma forma cuja extensão e ordem são perfeitamente adaptadas ao olhar humano”¹²⁷ era a exigência primordial do público segundo a retórica antiga. Mas qual seria essa forma? Em autores como Tácito, Cícero, Horácio e Longino, é o corpo vivo que se torna o modelo de uma composição bem construída¹²⁸. Tal como os membros se articulam de forma harmoniosa num só corpo, cada um cumprindo uma função específica, da mesma forma, os eventos devem se articular no todo harmonioso da narrativa. Cada um com sua função, todos absolutamente indispensáveis. Segundo a retórica, não é desejável comunicar tudo, mas um todo – uma estrutura fechada e bem acabada que possa ser captada pela audiência de uma só vez.

As regras de composição do mundo antigo foram calcadas na tradição aristotélica. A *Poética* definiu os princípios tanto de extensão quanto de estruturação da tragédia e da poesia. Segundo Aristóteles, a narrativa era a “a imitação de uma ação completa que

¹²⁶ LUCIANO DE SAMÓATA. **Como se deve escrever a história**. Tradução, introdução, apêndices de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009, p. 79 (55).

¹²⁷ ZANGARA, Adriana. **Voix l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 32.

¹²⁸ Zangara fez um breve levantamento das passagens que tratam da questão do corpo nesses autores. *Ibid.*, p. 34.

forma um todo”¹²⁹, sendo esse todo dotado de início, meio e fim bem definidos. Quanto à extensão, esta deveria ser igualmente bem delimitada, de forma que pudesse ser captada pelo olhar e recordada. Aristóteles constrói uma analogia entre a beleza da narrativa e a do corpo animal:

A beleza reside na dimensão e na ordem e, por isso, um animal belo não poderá ser nem demasiado pequeno (pois a visão confunde-se quando dura um espaço imperceptível de tempo), nem demasiado grande (a vista não abrange tudo e, assim, escapa à observação de quem vê: a unidade e a totalidade), como no caso de um animal que tivesse milhares de estádios de comprimento. E assim, tal como em relação aos corpos e aos animais é necessário que tenham uma dimensão que possa ser abrangida por um só olhar, também em relação aos enredos será necessária uma duração determinada, fácil de recordar.¹³⁰

Como sabemos, Aristóteles fazia clara distinção entre a narrativa poética e a histórica, sendo a primeira considerada superior à segunda por tratar do geral. A narrativa histórica segundo Aristóteles, por lidar com o acaso dos fatos e não com o trabalho de criação intelectual, não trabalha com uma ação única, mas com um período de tempo no qual ocorrem episódios paralelos:

Assim como, na mesma época, houve uma batalha naval em Salamina e um combate contra os Cartagineses na Sicília e não tiveram o mesmo desfecho, assim também, em tempos sucessivos, algumas vezes acontece uma coisa depois da outra de que, igualmente, não há um desfecho único.¹³¹

Assim, de acordo com Aristóteles, a história não precisava (nem poderia) amarrar os eventos num desfecho único. Isso não impediu que os princípios de composição que Aristóteles reservava à narrativa poética fossem estendidos, por outros autores, à narrativa histórica. Vejamos os exemplos de Luciano, Cícero e Dionísio. Em seu tratado sobre a escrita da história, Luciano defendeu a concisão, ou a exclusão de elementos dispensáveis. Não bastava a um fato ser conhecido e verdadeiro para figurar na narrativa histórica, ele precisava se fazer necessário a essa narrativa.

Rapidez é em tudo útil, sobretudo se não há falta do que dizer, e isso deve ser conseguido não tanto a partir dos nomes e dos verbos, quanto a partir dos feitos – e digo: se você passar correndo pelos pequenos e menos necessários, então dirá suficientemente os grandes – mais ainda: você deve deixar de lado muitas coisas. Pois se você convida os amigos para jantar e tudo está preparado, no meio das tortas, pássaros, pratos refinados, javalis, lebres e atuns, você não lhes servirá também arenques salgados e pirê de legumes, só porque isso está pronto, mas prescindirá dos pratos mais baratos.¹³²

¹²⁹ ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 51-52 (7).

¹³⁰ *Ibid.*, p. 51-52 (7).

¹³¹ *Ibid.*, p. 91-92 (23).

¹³² LUCIANO DE SAMÓATA. **Como se deve escrever a história**. Tradução, introdução, apêndices de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009, p. 79 (56).

Cícero tratou da escrita da história em seu *De Oratore*, queixando-se da falta de orientações dos retóricos quanto ao assunto. Se o compromisso do historiador com a verdade e a imparcialidade era bem conhecido, o mesmo não podia ser dito das regras de estilo próprias ao fazer historiográfico. A orientação de Cícero quanto à composição da narrativa histórica era a de que ela necessitaria de arranjos cronológicos e geográficos. Para além disso, uma ordem é sugerida: primeiro, deveriam ser cobertos os planos; em seguida, as ações; e, por fim, os resultados ou consequências¹³³.

Também podem ser encontrados princípios de composição na obra de Dionísio de Halicarnasso sobre Tucídides. De começo, Dionísio é bastante elogioso à *História da Guerra do Peloponeso*. Segundo o autor, com exceção de Heródoto, os predecessores de Tucídides haviam se limitado ao tratamento de histórias locais, geralmente circunscritas a um povo ou cidade. Segundo Dionísio, Tucídides operou uma dupla inovação, ou melhor, uma dupla recusa. De um lado, recusou-se a construir sua história em torno de um só lugar, o que via como vulgar e insuficiente para a instrução do leitor. De outro, recusou-se a reunir em uma só história diversos feitos de gregos e bárbaros, tal como fizera Heródoto, por reprovar “uma amplitude grande demais para ser abarcada de um só golpe de vista¹³⁴ pela inteligência humana”¹³⁵.

Porém, Dionísio observou uma falta grave na construção da obra tucidideana no que tangia à divisão e ao ordenamento. Enquanto os autores de histórias locais se guiavam pela cronologia e Heródoto organizara sua narrativa pela disposição topográfica Tucídides optou por organizar os eventos em verões e invernos. Ao contrário da cronologia e da topografia, o ordenamento de Tucídides era difícil de acompanhar. Além disso, na visão de Dionísio, a história de Tucídides deixava pontos soltos, relatos inacabados (*à mi-parcours*), o que prejudicava sua continuidade¹³⁶.

Toda a abordagem retórica da construção da totalidade diz respeito à exigência de tornar a narrativa apreensível pelo olhar, de forma que esta narrativa fosse prazerosa e instrutiva. Para alcançar a *sunopsis*, o historiador podia recorrer a princípios já

¹³³ CICERO. *De Oratore*, vol. 1. London: William Heinemann LTD; Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1968, p. 243-244 (II, xv, 62-63).

¹³⁴ *Coup d'œil* na tradução francesa, *sunopsis* no original em grego. ZANGARA, Adriana. *Voir l'histoire*. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 39.

¹³⁵ “*Une ampleur beaucoup trop grande pour pouvoir être embrassée d'un seul coup d'œil par l'intelligence humaine, [...]*”. DENYS D'HALICARNASSE. *Opuscules Rhétoriques*, Tome IV: Thucydide. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 2002, p. 50 (VII, 6, 2).

¹³⁶*Ibid.*, p. 53-54 (VII, 9, 1-8).

formulados de composição, tais como o da obediência à forma orgânica, o da definição de um fio condutor e o da delimitação clara de começo, meio e fim. Veremos, agora, como a *sunopsis* foi deslocada do leitor para a própria natureza dos fenômenos a partir de outro tipo de totalidade, inaugurada na historiografia por Políbio.

5.2 A *sunopsis* realocada

Tal como Hegel e tantos modernos, Políbio acreditava estar vivendo num período especial – e mesmo inédito – da história¹³⁷. O historiador devota suas inovações metodológicas ao caráter novo e surpreendente de seu objeto: o Império Romano. Para Políbio, o Império Romano diferencia-se de seus predecessores por ter submetido “quase todo o universo em cinquenta e três anos”¹³⁸. A expansão e a consolidação do Império significavam, aos olhos de Políbio, uma mudança da natureza da própria história. Isso porque, se, antes, os eventos se encontravam dispersos, “a partir dessa época a história se converte em algo orgânico, os fatos da Itália e os da África se entrelaçam com os da Ásia e os da Grécia, e todos começam a se referir a um único fim”¹³⁹.

A Fortuna teria sido a grande responsável por transformar a história em universal. Compreendida como agente extra-histórico, a Fortuna teria orientado todos os acontecimentos em uma só direção ou, tal qual um poeta, teria submetido todos os episódios a uma única intriga¹⁴⁰. A nova natureza da história demandava um novo método, afinal as monografias tradicionais não seriam capazes de captar a grande e imbricada obra da Fortuna.

Porque, em geral, aqueles que estão realmente convencidos de que, por meio das histórias monográficas, têm uma visão adequada do todo, eu creio que sofrem algo como aqueles que contemplaram as partes dispersas de um corpo outrora dotado de vida e beleza, e agora julgam que foram testemunhas oculares suficientes de seu vigor, de sua vida e beleza.¹⁴¹

¹³⁷ A comparação foi feita em MOMIGLIANO, Arnaldo. **La historiografía griega**. Tradução de José Martínez Gázquez. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 259.

¹³⁸ Os anos estão compreendidos entre a segunda guerra púnica (220 a.C.) e a batalha de Pidna (168 a.C.), período que é coberto pela primeira parte das *Histórias*. POLIBIO. **Historias**. Libros I-IV. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Editorial Gredos, 1981, p. 56 (I, 1, 5).

¹³⁹ “*Pero a partir de esta época la historia se convierte en algo orgánico, los hechos de Italia y los de África se entrelazan con los de Asia y con los de Grecia, y todos comienzan a referirse a un único fim*”. Políbio, *Ibid.*, p. 59 (I, 2, 4).

¹⁴⁰ François Hartog compara a Fortuna de Políbio à de um autor de tragédia. HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 108.

¹⁴¹ “*Porque, en general, los que están convencidos realmente de que a través de las historias monográficas tienen una adecuada visión del conjunto, creo que sufren, algo parecido a los que han contemplado esparcidas las partes de un cuerpo antes dotado de vida y de belleza*” POLIBIO, *op. cit.*, p. 61 (I, 4, 7).

Segundo Políbio, para tratar dos feitos do Império Romano, o historiador deve “proceder de tal modo que os leitores possam abarcar com um só golpe de vista as molas propulsoras que ela [a Fortuna] acionou, por toda parte, para produzir conjuntamente, todos esses efeitos”¹⁴². Os eventos podem ter sido experimentados por gregos e romanos, mas a tragédia completa – com sua corrente que une intenções, causas, ações e resultados – só está disponível ao historiador.

Vê-se que, para Políbio, a questão da composição não está submetida às exigências do leitor, mas à natureza dos acontecimentos. Na perspectiva polibiana, é a própria história enquanto *res gestae* que determina o princípio de composição da história enquanto *rerum gestarum*. O historiador não precisa inserir os fatos num modelo de intriga previamente formulado pela retórica se a intriga já está inscrita nos fatos. Sendo assim, a composição é concebida como mera recomposição – que transmite ao leitor a trama construída pela Fortuna – e não como um artifício. Escrever a história é simplesmente “trazer à palavra a razão que governa as coisas”¹⁴³. É nesse sentido que Zangara observa que a composição adquire aqui uma função mais epistemológica que retórica: o “golpe de gênio de Políbio consiste em ter transformado um princípio de composição em um procedimento de compreensão histórica”¹⁴⁴.

A partir da transferência do princípio de organicidade da composição para o acontecimento, Políbio subverte a oposição construída por Aristóteles entre a história e a poesia. Na definição aristotélica, a história relata o que aconteceu e a poesia relata o que poderia acontecer “de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade”¹⁴⁵. Por trabalhar com o geral/universal, enquanto a história lida com o particular, a poesia seria “mais filosófica” e teria “um caráter mais elevado do que a História”¹⁴⁶.

Ao afirmar que o particular só pode ser compreendido pelo todo, Políbio dá à história sua credencial de universal e ao estudo do particular (compreendido dessa nova

¹⁴² Aqui, especificamente, optei pela tradução para o português presente em HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 108. O texto original encontra-se em POLIBIO, I, 4, 1-2.

¹⁴³ “Porter à la parole la raison qui gouverne les choses”. ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007., p. 50-51.

¹⁴⁴ “Le coup de génie de Polybe consiste à avoir transformé un principe de composition en un procédé de compréhension historique”. *Ibid.*, p. 49.

¹⁴⁵ ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 54 (9, 1451a).

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 54 (9, 1451b).

forma) uma dignidade filosófica e epistemológica. Afirmamos na seção anterior que princípios aristotélicos de composição foram tomados de empréstimo por historiadores por sua função retórica. Políbio vai muito além, transferindo esses princípios para a própria história como *res gestae*. Não é só a história-narrativa que se justifica como saber, mas os fenômenos tradicionalmente cobertos pela história (os acontecimentos políticos e militares) que se justificam como objetos do conhecimento.

E o que isso tudo significa para o olhar do historiador? Dado o novo caráter da história, “ver os dois lados” perde completamente a pertinência. Afinal, não há mais dois lados a ver: só há uma história, só há Roma. Segundo Zangara, a *sunopsis* polibiana incorporou uma visão que é tanto de cima quanto do todo. A visão de cima não é mais aquela da perspectiva divina (que busca a imparcialidade), mas uma “visão de cartógrafo”, que segue a exigência “de identificar as correlações que ligam fatos distantes, de captar um *sumplokê*¹⁴⁷, um entrelaçamento secreto”¹⁴⁸. Quanto à visão do todo, ela busca a construção de uma totalidade orgânica próxima àquela proposta por Aristóteles. O desenvolvimento da ação orientado a um fim se traduz, em Políbio, na organização dos eventos de acordo com “o telos universal da história” do Império Romano. Cada episódio adquire sentido no interior dessa organização e de acordo com sua contribuição para a romanização do universo. Para além de um olhar abrangente, esse é um olhar integrador e sintético.

Segundo Políbio, o espírito humano se desenvolve “se, do todo, chega ao conhecimento de assuntos em detalhe, e muito também se, destes, avança no conhecimento da totalidade”¹⁴⁹. O historiador propõe, assim, uma espécie de movimento circular que mescla duas perspectivas: a do detalhe e a do todo¹⁵⁰.

Em termos práticos, Políbio organiza suas *Histórias* por Olimpíadas. No seio de cada Olimpíada, percorre os espaços implicados na ação numa mesma ordem: começando

¹⁴⁷ Como esclarecido por Hartog, a noção de *sumplokê* evocava a tecelagem, “a ação de entrelaçar a cadeia e a trama”. HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 106.

¹⁴⁸ “[...] de dégager les corrélations qui relient des faits éloignés, de saisir un *sumplokê*, un entrelacement complet”. ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 46.

¹⁴⁹ “[...] si desde el todo llega al conocimiento de los asuntos em detalle, y mucho también si desde éstos avanza em el conocimiento de la totalidad” POLIBIO. **Historias**. Libros I-IV. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Editorial Gredos, 1981, p. 272 (III, 1, 7).

¹⁵⁰ Como observado por Zangara, essa noção de círculo contém um problema lógico: como se conhecerá as partes pelo todo se para conhecer o todo é necessário conhecer as partes? Cf. ZANGARA, *op. cit.*, p. 52.

pela Itália e pela Espanha e passando pela África e pela Grécia até chegar ao Egito¹⁵¹. Antes de cada recorte temporal, o autor oferece uma espécie de “quadro geral” com um “*coup d’œil*”¹⁵² sobre a questão a ser trabalhada. Conforme observado por Zangara, essa antecipação do todo serve para que o leitor acompanhe a narrativa já tendo adotado o ponto de vista do plano da Fortuna, considerado por Políbio como anterior aos próprios fatos (e não como fruto de uma narrativa construída *a posteriori*). O procedimento é completado pela recapitulação frequente dos fatos já expostos¹⁵³.

6 *Golpe de vista e sunopsis*

A *sunopsis* supõe a amplitude, a generalidade, o olhar afastado do historiador que consegue reunir fatos que não estão disponíveis em conjunto aos olhos do leitor. O *golpe de vista* associado à categoria da *sunopsis* manifesta-se em três tipos distintos de emprego ao longo da obra: como apanhado capaz de oferecer, num mesmo lugar, informações relevantes sobre determinado tema (1); como visão ligeira, mas suficiente para o estabelecimento de conclusões/considerações (2); e como uma espécie de quadro que se insere na trama, relacionando-se com outras partes da narrativa histórica (3).

Começamos pelo primeiro tipo. Nele, o *coup d’œil* equivale a um apanhado de informações sobre um mesmo tema ou região. Ferdinand Denis presta a seu leitor – o viajante, o comerciante, o homem de letras, o europeu interessado pelo Brasil – o serviço de reunir essas informações num mesmo lugar. Um bom exemplo desse emprego pode ser encontrado no tópico *Divisões atuais do Brasil* (tóp. 41), no qual o autor disponibiliza um quadro das províncias com suas respectivas subdivisões. Logo após o quadro, Denis sente a necessidade de oferecer um apanhado dos principais termos de circunscrição que vigoravam no país, devido à diferença em relação às divisões e à nomenclatura europeias. Nota-se a preocupação em explicar cada termo por meio de comparações que fizessem sentido para um francês – a comarca seria análoga ao *banlieue* e o cargo de ouvidor seria semelhante ao de um prefeito. Após tratar de outros termos, tais como arraial, povoação e aldeia, o autor conclui: “E se acrescentarmos a todos esses nomes o de quartel, [...] teremos praticamente, sob um mesmo golpe de vista, a apreciação dos termos de

¹⁵¹ HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 108.

¹⁵² O termo é utilizado por Zangara. Cf. ZANGARA, Adriana. **Voir l’histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007, p. 53.

¹⁵³ POLIBIO. **Historias**. Libros I-IV. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Editorial Gredos, 1981 p. 73 (nota 40, do tradutor para o espanhol).

circunscrição municipal e territorial encontrados em toda a extensão do Brasil”¹⁵⁴. O objetivo dessa apreciação é duplo:

Algumas denominações muito familiares àqueles que passaram um tempo no Brasil, e cuja significação real é indispensável àqueles que desejam ter uma ideia da geografia do país, aparecerão agora com muita frequência para que não digamos algumas palavras a seu respeito.¹⁵⁵

Assim, o *golpe de vista* sobre os termos de circunscrição oferece ao leitor uma base tanto para compreender a geografia do país, caso esta o interesse, quanto para interpretar o conteúdo da obra que tem em mãos. A expressão “sob um mesmo golpe de vista” parece indicar ainda que o leitor poderá captar as informações num mesmo movimento – os diversos termos, afinal, estão reunidos numa mesma seção.

Uso semelhante é encontrado no tópico *Alguns costumes do Rio de Janeiro* (tóp. 58). Nele, é apresentado, “sob um mesmo golpe de vista, as cerimônias que ocorrem no Rio de Janeiro quer se trate de um casamento, de um nascimento os dos funerais”¹⁵⁶. Ao reunir todas essas cerimônias, o *golpe de vista* permite algumas observações gerais. A primeira é a de que, no Brasil, os costumes se assemelhavam aos de Portugal, mas àqueles vigentes nos primeiros tempos da colonização. A segunda é a de que a originalidade dos costumes brasileiros só podia ser encontrada nas classes baixas. Nesse ponto, Denis segue a conclusão do pintor e viajante Johann Moritz Rugendas de que as classes altas copiavam os hábitos europeus, enquanto as classes baixas ficavam livres para desenvolver costumes verdadeiramente nacionais¹⁵⁷. O autor nos informa que esse *golpe de vista* foi construído a partir de suas próprias lembranças da cidade do Rio e de relatos de outros viajantes. Assim, a autópsia pode estar na base não apenas da *enargia*, como também da *sunopsis*. Porém, o trabalho do historiador ligado à *sunopsis* não é o de comunicar o que foi visto por ele ou por outros, mas o de reunir relatos diversos – de tomá-los em conjunto, compará-los, contrastá-los – para tecer considerações mais amplas.

¹⁵⁴ “*Et si l'on joint à toutes ces dénominations celle de quartel, [...], on aura à peu près , sous un même coup d'œil , l'appréciation des termes de circonscription municipale et territoriale que l'on rencontre dans toute l'étendue du Brésil*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 88.

¹⁵⁵ “*Quelques dénominations très-familieres Brésil , à ceux qui ont séjourné au Brésil , et dont la signification réelle est indispensable à ceux qui veulent se faire une idée de la géographie du pays , reviendront désormais trop souvent , pour que nous ne disions pas quelques mots à ce sujet*”. *Ibid.*, p. 87-88.

¹⁵⁶ “[...] *sous un même coup d'œil , les cérémonies qui se passent à Rio de Janeiro lorsqu'il s'agit d'un mariage , d'une naissance ou des funérailles*”. *Ibid.*, p. 120.

¹⁵⁷ A obra de Rugendas, *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, foi publicada na França em partes, entre 1834 e 1839. Cf. RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem Pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949, p. 97.

O sentido de apanhado também está presente em todas as aparições do *coup d'œil* na *Table de matières*. No caso do “golpe de vista sobre a história natural da província”¹⁵⁸ de Ilhéus, Denis apresenta as características das florestas e dos rios da região, demonstrando o cuidado de reunir informações úteis aos viajantes e estudiosos. O autor ressalta a importância do local para os estudos zoológicos, indicando a existência de fósseis de mastodontes (o que fora reportado por Aires de Casal). Sobre o rio dos Ilhéus, é dito que em seu entorno havia diversos vegetais dos quais o viajante pode se alimentar, mas que era necessário ter cuidado com a carga ao navegar pelo rio em função de este ser estreito e acidentado.

Mencionarei apenas mais um tópico da *Table de matières* porque ele revela outra potencialidade do *golpe de vista*: o de permitir a observação de mudanças ao longo do tempo. No “golpe de vista sobre a zoologia” da província de São Paulo¹⁵⁹, é apresentada a situação dos flamingos no passado e no presente da província. Recorrendo ao relato de Hans Staden, que descreve os adornos indígenas feitos de penas de flamingo, Denis conclui que a espécie era abundante no século XVI. No século XIX, o cenário já não era tão favorável: como informado por Aires de Casal, a administração havia lançado uma ordem de conservação da espécie (o que indicava o risco de extinção). Além disso, e apesar da ordem, Saint-Hilaire assistira à caça de um grande número da ave. Ao conjugar essas informações na mesma seção, apresentando a situação do século XVI ao lado da do século XIX, o autor permite ao leitor a visualização de uma mudança, devida, segundo a obra, às incursões dos europeus.

Passemos ao segundo tipo de emprego ligado à *sunopsis*. Nele, o *coup d'œil* adquire o sentido de visão ligeira e até superficial, acepção mais frequente nas edições do *Dictionnaire*¹⁶⁰. Mesmo ligeira, ela se mostra útil aos objetivos da obra, em especial quando da ausência de instrumentos mais precisos e profundos de conhecimento. O *coup d'œil* mostra-se uma maneira rápida e eficaz de chegar a alguma conclusão ou fortalecer algum argumento.

No tópico *Situação geográfica do país* (tóp. 25), Denis faz a seguinte colocação: “Se lançamos um golpe de vista sobre os cálculos mais recentes que nos foram fornecidos

¹⁵⁸ “*Coup d'œil sur l'histoire naturelle de la province*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 380.

¹⁵⁹ “*Coup d'œil sur sa zoologie*” *Ibid.*, p. 382.

¹⁶⁰ *Cf. supra*, p. 101-103.

pela geografia moderna, poderemos nos convencer de que essa vasta região ocupa nada menos que 2.250.000 léguas quadradas”¹⁶¹. Os cálculos utilizados foram extraídos de Balbi¹⁶² e confirmados pelas observações do confiável Humboldt. A partir desse *golpe de vista* sobre os cálculos, o autor chega à conclusão da grande extensão do Brasil e de sua vocação agrícola e extrativista (pela variedade de gêneros que se pode cultivar/obter de uma área tão vasta e variada). Segundo o autor, o objetivo do tópico era o de fazer o leitor compreender “o conjunto das considerações gerais que serão apresentadas”¹⁶³ sem fatigá-lo com detalhes geográficos.

Vejamos outro exemplo. Ao descrever a província de Mato Grosso (tóp. 191), Denis observa: “De fato, se lançarmos um golpe de vista sobre as geografias e caminhos, a cada curva há terras desconhecidas das quais se deve tomar nota, regiões das quais nada pode ser dito, porque não as penetramos”¹⁶⁴. Aqui, o *golpe de vista* serve a uma reflexão sobre o desconhecimento do território brasileiro e sobre os perigos encontrados pelos intrépidos viajantes – em sua maioria, estrangeiros – ao se lançarem em áreas desconhecidas. São apresentados os infortúnios dos que se aventuraram nos arredores de Mato Grosso, tal como Langsdorff, Taunay e Rodrigues Ferreira (membro da Academia de Lisboa a quem Denis chama de Humboldt português).

De forma geral, o *golpe de vista* como visão ligeira serve a observações geográficas (de localização, extensão, relevo). Em várias aparições desse tipo, o termo se associa ao uso de mapas. No tópico sobre a província de São Paulo (tóp. 82), Denis constata: “Se lançamos um golpe de vista sobre o mapa da América do Sul, perceberemos facilmente que essa bela região, situada quase inteiramente na zona temperada, presta-se admiravelmente a todos os tipos de exploração”¹⁶⁵. O *coup d’oeil* sobre o mapa permite a visualização não apenas da localização, mas também dos diversos acessos às outras províncias, relevantes para os empreendimentos. Esse *golpe de vista* serve ao argumento

¹⁶¹ “Si nous jetons un coup d’œil sur les calculs les plus récents qui nous ont été fournis par la géographie moderne, nous pourrions nous convaincre que cette vaste région n’occupe pas moins de 2,250,000 lieues carrées”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 52.

¹⁶² Adriano Balbi, *savant* veneziano que publica estudos de geografia e estatística na França a partir da década de 1820.

¹⁶³ “[...] l’ensemble des considérations générales qui vont être présentées”. DENIS, *op. cit.*, p. 53.

¹⁶⁴ “En effet, si l’on jette un coup d’œil sur les géographies et sur les routiers, à chaque instant ce sont des terres inconnues dont il faut prendre note, des régions dont on ne saurait rien dire, parce qu’on n’y a point pénétré” *Ibid.*, p. 316.

¹⁶⁵ “Si l’on jette un coup d’œil sur la carte de l’Amérique méridionale, on se convaincra aisément que cette belle région, située presque entièrement sous la zone tempérée, se prêtait admirablement par ses limites à tous les genres d’exploration”. *Ibid.*, p. 179.

de que os paulistas, mesmo que representados como homens de ação e garra, tiveram suas atividades beneficiadas pela natureza.

O procedimento do “golpe de vista sobre o mapa” também permitiu a visualização das divisões naturais do Mato Grosso (que, segundo o autor, determinaram a divisão da província em três distritos)¹⁶⁶ e, no tópico final da obra, que trata da situação do Brasil em 1837, reforçou a conclusão dos benefícios que a natureza trazia ao futuro da nação¹⁶⁷.

Em uma das aparições com o sentido de visão ligeira, o *golpe de vista* vem dos olhos do próprio narrador. Denis trata da população agrícola de Pernambuco, apresentando suas principais classes. Uma dessas classes é a dos moradores, pequenos colonos que obtinham dos senhores o direito de lavrar uma pequena porção de terra. Os moradores são representados como substitutos dos “selvagens brasileiros”¹⁶⁸, por viverem isolados, serem hostis aos estranhos e não terem ligações com a nacionalidade. Sobre o tamanho dessa classe, o autor observa:

Eu já disse que não tenho base para estimar a população; somente as autoridades públicas podem realizar pesquisas úteis a esse respeito. Mas, ao golpe de vista, nas regiões que visitei, estimo a população de moradores em 19/20 da população total do campo, excluindo os escravos.¹⁶⁹

A estimativa se faz importante dado o caráter da classe e à necessidade de civilizá-la. É apontada a necessidade de medidas agrárias (como distribuição de terras), mas em especial de uma reforma moral, já que os moradores eram preguiçosos e tinham pouquíssimas necessidades que pudessem estimular o trabalho. O autor pondera que a questão representava um grande desafio para os administradores e mesmo um obstáculo à civilização. Na ausência de dados confiáveis, Denis recorre ao que ele próprio viu. O *coup d'œil* está aqui claramente associado à autópsia à capacidade de rápida avaliação por parte do observador.

Ainda enquanto visão ligeira, o caráter de prontidão e de praticidade do *golpe de vista* é demonstrado na seguinte formulação, encontrada algumas vezes ao longo da narrativa: “basta lançar um golpe de vista sobre [...]”. Sobre Minas Novas (tóp. 247), por

¹⁶⁶ DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 316.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 372.

¹⁶⁸ “sauvages brésiliens”. *Ibid.*, p. 268.

¹⁶⁹ “J'ai déjà dit que je n'avais aucune base pour estimer la population ; c'est l'autorité publique qui seule peut faire des recherches utiles à cet égard . Mais au coup d'œil , dans les pays que j'ai parcourus , j'apprécie celle des moradores aux 19/20^e de la population totale des campagnes , les esclaves exceptés”. *Ibid.*, p. 268.

exemplo, é afirmado que “Basta lançar um golpe de vista sobre a posição geográfica desse distrito, e de lembrar como as comunicações com a capital devem ainda ser raras [...], para imaginar como deve ser em geral a reduzida população de Minas-Novas”¹⁷⁰. A partir de relatos de viajantes, Denis observa que a taxa de natalidade na região era muito alta, em especial se comparada com a do Rio de Janeiro (registrada por Freycinet). A posição de Minas Novas, visualizada por meio do *golpe de vista*, contribui para o argumento do autor de que locais isolados possuem uma necessidade política e social de crescimento da população, o que explicaria a alta natalidade.

Em outro exemplo de uso da formulação, é o olho (do corpo e da mente) do leitor que é evocado. Em tópico sobre a criação de gado no Rio Grande do Sul (tóp. 77), Denis descreve da seguinte forma as estâncias onde o animal era abatido e das charqueadas onde as carnes eram salgadas:

Basta lançar um golpe de vista sobre os enormes carregamentos de couros e cornos que chegam [à França] todos os anos vindos do sul do Brasil para se ter uma ideia das cenas terríveis apresentadas por esses estabelecimentos. Por vários meses, são como matadouros permanentes, mas não matadouros onde, como em nossas grandes cidades, tudo foi calculado para garantir a saúde pública. Na maioria das charqueadas, todos os sentidos são ofendidos ao mesmo tempo. O campo ao redor está fedendo com os detritos dos animais que são abandonados aos cães selvagens e às aves de rapina; [...].¹⁷¹

No trecho, Denis apela tanto aos olhos quanto à imaginação do leitor. A imagem dos carregamentos podia ser algo que fazia do repertório visual de alguns dos leitores europeus. A partir dela, provoca a imaginação de um cenário terrível, insalubre. Além disso, por meio da descrição das charqueadas, produz para o leitor uma imagem vívida, apelativa aos sentidos, próxima daquela produzida com fins de enargia. A ideia é a de que basta trazer essa imagem à mente para que se avalie as condições dos matadouros no Brasil. Não é necessário “perder tempo” com dados detalhados sobre esses estabelecimentos.

¹⁷⁰ “*Il suffit de jeter un coup d’œil sur la position géographique de ce district , et de se rappeler combien doivent être rares encore les communications avec la capitale [...] , pour se figurer ce que peut être en général la faible population de Minas-Novas*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 357.

¹⁷¹ “*Il suffit de jeter un coup d’œil sur les immenses cargaisons de cuirs et de cornes qui nous arrivent annuellement du Brésil méridional , pour se faire une idée des scènes effroyables que présentent de semblables établissements . Pendant plusieurs mois , ce sont de véritables abattoirs en permanence , mais non pas des abattoirs où , comme dans nos grandes villes , tout a été calculé pour la salubrité publique . Dans la plupart des charqueadas , tous les sens sont offensés à la fois. Le pays d’alentour est empesté par les débris d’animaux qu’on abandonne aux chiens sauvages et aux oiseaux de proie ; [...]*”. *Ibid.*, p. 165.

Passemos ao terceiro e último tipo de emprego do *coup d'œil* associado à *sunopsis*. Nele, Denis oferece uma espécie de visão geral sobre um tema, visão essa que se torna parte indispensável à economia da obra. O primeiro uso do tipo está no título do tópico *Primeiras explorações do Brasil – Golpe de vista histórico sobre os estabelecimentos do século XVI* (tóp. 18), que engloba diversos eventos dos primeiros tempos da colonização que, segundo a narrativa, delinearam a história do Brasil. Esses eventos – explorações; história de Caramuru (tóp. 19); divisão em capitanias (tóp. 20); estadia de Hans Staden (tóp. 21); ações de jesuítas e paulistas (tóp. 23); e ocupação holandesa (tóp. 24) – são considerados como germens ou como indicativos do que se sucederia nos séculos seguintes.

Como vimos, as expedições selecionadas são aquelas que resultaram em atividades efetivas e duradouras de colonização e a divisão do Brasil em capitanias é entendida como inaugural do desenvolvimento das relações comerciais e de todas as modificações sofridas pelas nações indígenas. Já a estadia de Hans Staden entre os Tupinambá é representativa da relação entre europeus e indígenas e anunciadora de toda a sorte vindoura dos autóctones: “nessa luta da civilização contra a barbárie, os Tupinambás pareciam estar particularmente cientes do destino deplorável que aguardava suas tribos”¹⁷². É como se os incontáveis conflitos entre indígenas e europeus narrados ao longo da obra estivessem já anunciados naquele *golpe de vista* apresentado logo no começo (do texto e da história do Brasil).

O conteúdo de alguns dos tópicos, como o da ocupação holandesa em Pernambuco e o do papel dos paulistas, servem de base para a análise posterior de algumas das províncias. Na parte dedicada à província de São Paulo, Denis afirma que buscara, no esboço histórico do começo da obra, “lançar um golpe de vista sobre os serviços prestados pelos paulistas ao resto do Brasil”¹⁷³. Agora ele daria prosseguimento à questão, analisando se o clima e a natureza favoreceram a prestação desses serviços.

Na parte referente ao Maranhão, o autor recorre a um procedimento semelhante. Nos primeiros tópicos sobre a província, são apresentadas, a partir dos relatos de Claude

¹⁷² “[...] ; dans cette lutte de la civilisation contre la barbarie , les Tupinambas semblaient avoir surtout le sentiment du sort déplorable qui attendait leurs tribus”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 39.

¹⁷³ “[...] nous avons tenté de jeter un coup d’œil sur les services rendus par les Paulistes au reste du Brésil”. *Ibid.*, p. 178.

d'Abbeville e Ives d'Évreux, a captura e a matança dos indígenas por parte dos portugueses. O autor também trata, a partir da enumeração das nações feita por Von Martius, dos processos de migração dos indígenas do Maranhão para a região amazônica. Quando chega ao tópico da descrição da ilha, Denis pondera: “O golpe de vista que lançamos sobre a história primitiva da ilha do Maranhão deve deixar claro que não devemos mais esperar encontrar nenhuma nação indígena nessa região”¹⁷⁴.

Há outro exemplo no qual podemos ver o que constitui o conteúdo do *golpe de vista* e como ele contribui para a argumentação do autor. O objetivo do tópico *Clima e ordem das estações* (tóp. 26) é assim anunciado:

Antes de passar para uma descrição geral dos produtos do Brasil, é necessário lançar um golpe de vista sobre o clima que exerce tanta influência sobre eles e sobre as estações do ano que os fazem passar por mudanças tão notáveis.¹⁷⁵

O *golpe de vista* apresentado é constituído por “considerações gerais” sobre o padrão de temperatura nas grandes regiões e sobre o número de estações. As descrições referentes aos locais que Denis visitou ganham toques sensoriais/pessoais: o clima das partes elevadas do Rio de Janeiro é descrito como delicioso e o de Salvador como ainda mais doce. O *golpe de vista* fortalece dois argumentos centrais para a obra, o da benevolência da natureza brasileira e o das possibilidades futuras que essa benevolência poderia assegurar:

A partir das considerações gerais que acabei de delinear, deve estar claro como as divisões geográficas do Brasil, de acordo com as mudanças no clima, devem se prestar a uma variedade de produções. Talvez nenhum outro país tenha sido tão favorecido quanto este, e nenhum outro tenha tantas fontes de riqueza, com meios de exploração tão garantidos¹⁷⁶.

6.1 A complementaridade entre *sunopsis* e *enargia*

Ao analisar as aparições do *golpe de vista*, é possível notar algumas passagens nas quais é proposta uma relação de complementaridade entre *sunopsis* e *enargia*/écfrase enquanto modos de produção do conhecimento. Isso ocorre, por exemplo, no tópico que

¹⁷⁴ “*Le coup d’œil que nous avons jeté sur l’histoire primitive de l’île de Maranhão dû faire comprendre qu’on ne devait plus s’attendre à trouver aucune nation indienne dans cette région*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 287.

¹⁷⁵ “*Avant de passer à la description générale des productions du Brésil , il faut nécessairement jeter un coup d’œil sur le climat qui a tant d’influence sur elles , et sur les saisons qui leur font éprouver de si notables changements*”. *Ibid.*, p. 56.

¹⁷⁶ “*D’après les considérations générales que je viens d’offrir, on a dû voir combien les divisions géographiques du Brésil, selon les modifications du climat, devaient se prêter à la variété des productions. Nul pays peut-être n’a été aussi favorisé que celui - là , nul ne présente autant d’éléments de richesses , avec des moyens assurés d’exploitation*”. *Ibid.*, p. 57.

trata de São Salvador (tóp. 111) , no qual o autor oferece uma descrição bastante vívida da cidade.

Construída na parte mais íngreme da baía, essa antiga capital do Brasil é dividida em duas partes distintas, a cidade baixa e a cidade alta. Aqui, os vastos armazéns conhecidos como trapiches, a alfândega, o arsenal, os canteiros de obras, a agitação e o barulho; a poucos metros de distância, e em um platô plano, banhado pelo ar mais salubre, como dizem os brasileiros, os grandes conventos, o palácio do governador, as agradáveis moradias dos funcionários públicos e dos comerciantes opulentos, um grande descanso, enfim, que contrasta da maneira mais estranha com o barulho da cidade comercial. Da baía, é possível ver esses grandes edifícios que se erguem de uma encosta íngreme entremeada de vegetação, essas casas construídas com ousadia no lado oposto da colina, essas ruas montanhosas que ligam os dois distritos e que formam um anfiteatro com suas vigas sempre prontas para suportar qualquer deslizamento de terra; tudo dá a essa cidade, que já é antiga para a América, um caráter de ousadia e originalidade do qual não podemos deixar de considerar o todo.¹⁷⁷

Temos, no trecho, aqueles mesmos elementos da éfrase/produção de enargia: a orientação visual, o apelo aos sentidos, o olhar de perto. Por meio da descrição detalhada dos prédios e dos sons, somos quase capazes de ver/sentir o contraste entre as duas partes da cidade. Como no caso da éfrase do Rio de Janeiro, Denis pôde aqui contar com seus próprios olhos: uma descrição muito semelhante da cidade fora escrita pelo autor em carta a sua mãe em 1817¹⁷⁸, quando ele estava em Salvador.

Segundo Denis, esse conjunto arquitetônico, já antigo, dava a Salvador um caráter original. O autor sugere que os habitantes da cidade consultassem os planos urbanos feitos pelos holandeses no século XVII, disponíveis nas bibliotecas. Segundo ele, esses planos garantem “em um só golpe de vista” que os grandes edifícios descritos – em especial os da cidade alta – já existiam naquele tempo. Por meio da comparação entre o *golpe de vista* fornecido pelos planos holandeses e a descrição oferecida por Denis (que podia ser

¹⁷⁷ “*Construite sur la côte la plus escarpée de la baie , cette ancienne capitale du Brésil se divise en deux parties bien distinctes , la ville basse et la ville haute. Ici , les vastes magasins connus sous le nom de trapiches , la douané , l’arsenal , les chantiers de construction , l’agitation et le bruit ; à quelques toises, et sur un plateau régulier , lavé par l’air le plus salubre , comme disent les Brésiliens , les grands couvents, le palais du gouverneur , les riantes habitations des fonctionnaires et des négociants opulents , un grand repos , enfin , qui contraste de la manière la plus étrange avec le bruit de la ville commerçante. Contemplez de la baie ces grands édifices qui s’élèvent sur une côte escarpée entremêlée de verdure , ces maisons bâties hardiment sur le revers de la colline , ces rues montueuses qui font communiquer les deux quartiers , et qui se dessinent em amphithéâtre avec leurs poutres toujours prêtes à soutenir quelque éboulement ; tout donne à cette cité , déjà vieille pour l’Amérique , un caractère de hardiesse et d’originalité dont on ne peut se lasser de considérer l’ensemble*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 233.

¹⁷⁸ Carta de Ferdinand Denis a sua mãe, escrita em 12 de maio de 1817, enviada de Salvador a Paris. Para o conteúdo da carta, ver BOURDON, Léon. *Lettres familiares et fragments du journal intime. Mes sottises quotidiennes – Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819)*. **Brasilia**, Coimbra, n. 10, 1958, p. 55-56.

verificada *in loco* pelos habitantes), seria possível notar as principais semelhanças entre o passado e o presente da cidade.

No tópico *Clima e ordem das estações* (tóp. 26), Denis se utiliza algumas vezes do termo *coup d'œil* com o sentido de visão geral. O objetivo do tópico, como já mencionamos, era o de “lançar um golpe de vista sobre o clima”¹⁷⁹ na medida em que este influenciava as produções do solo. Denis reconhece, porém, que a natureza é profunda e encantadora demais para não ser observada de perto. Nesse sentido, o autor deixa as considerações gerais de lado por um momento na tentativa de “expressar as vivas impressões”¹⁸⁰ que havia tido em presença da natureza brasileira.

Desembarcando na praia, um calor ativo desenvolve perfumes desconhecidos, parece que estamos inalando uma nova vida, os sentidos recebem emoções desconhecidas, o coração desperta para outras sensações, a alma concebe ideias maiores. Uma curiosidade inquieta leva das árvores majestosas às plantas modestas, das plantas aos pássaros, dos pássaros aos insetos mais fracos: tudo ganha vida, tudo vive nesses climas ardentes.¹⁸¹

O caminho seguirá pelos lagos, pelos grandes rios Amazonas, Tocantins e São Francisco, pelas árvores, cactos e florestas. Argumenta-se que, nesses recônditos, “o olhar do naturalista se torna mais necessário, e há belezas nessa graça majestosa que somente a ciência pode revelar”¹⁸². Aqui, como em outras partes da obra, o Brasil é apresentado como um local privilegiado para a observação científica. O tópico sobre o clima conjuga “os grandes traços desse vasto quadro” com “olhares sobre os detalhes”¹⁸³.

Nesses dois casos, há uma sugestão de que o conhecimento necessita tanto de descrições detalhadas, construídas a partir de uma visão direta e aproximada, quanto de uma visão ampla, capaz de captar pontos essenciais, construir quadros e notar mudanças temporais. Há, portanto, uma concepção próxima a de Políbio de que o conhecimento se beneficia de uma alternância de perspectiva, entre os detalhes e o todo, com os detalhes sendo preenchendo uma narrativa que, em contrapartida, os dotará de sentido.

¹⁷⁹ “*jeter un coup d'œil sur le climat*” DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 56.

¹⁸⁰ “*d'exprimer les vives impressions*” *Ibid.*, p. 58.

¹⁸¹ “*Débarque-t-on sur le rivage, une chaleur active développe des parfums inconnus, il semble qu'on aspire une vie nouvelle, les sens reçoivent des émotions ignorées, le cœur s'éveille à d'autres sensations, l'ame conçoit des idées plus grandes. Une curiosité inquiète entraîne des arbres majestueux aux plantes modestes, des plantes aux oiseaux, des oiseaux aux plus faibles insectes: tout s'anime, tout vit sous ces climats ardents*”. *Ibid.*, p. 58.

¹⁸² “*Mais ici l'œil du naturaliste devient plus nécessaire, et il y a dans cette grace majestueuse des beautés que la science peut seule révéler*”. *Ibid.*, p. 59.

¹⁸³ “*les grands traits de ce vaste tableau*”; “*regards sur les détails*”. *Ibid.*, p. 59.

6.2 *Sunopsis* e modernidade

Tal como procedemos com relação à enargia, iremos agora sugerir pontos de contato e de divergência entre a *sunopsis* antiga e aquela praticada por Ferdinand Denis. Em vários pontos, a *sunopsis* denisiana aproxima-se daquela praticada por Luciano. Nas duas abordagens, a *sunopsis* supõe um alargamento do espaço e uma amplitude do olhar. A partir de uma visão de toda a extensão do território, auxiliada pelo recurso aos mapas, Denis chega a uma série de conclusões sobre a disponibilidade de recursos naturais e sobre as melhores formas de explorá-los. Há ainda, a questão do movimento: ao deslocar-se rapidamente do presente ao passado (pela reunião de relatos de tempos distintos), o *golpe de vista* lançado por Denis consegue determinar mudanças temporais relativas à fauna. Da mesma forma, ao reunir numa mesma seção as diversas cerimônias que se passavam no Rio de Janeiro, o autor chega à conclusão da similaridade dos costumes brasileiros com aqueles vigentes em Portugal nos primórdios da colonização.

Porém, ao contrário do que acontecia na obra de Luciano, a *sunopsis* não tem como fim a imparcialidade. A *sunopsis* denisiana não busca apresentar os dois lados de um conflito de forma a atingir um parecer mais justo. Em *Brésil*, as funções exercidas pelo *golpe de vista* associado a esse expediente são outras. Em primeiro lugar, está a função de reunir informações consideradas úteis aos leitores europeus, objetivo comum a boa parte das histórias do Brasil publicadas na Europa no período. Em segundo lugar, está a função de apresentar uma visão ligeira sobre um tema de forma a alcançar conclusões de maneira célere – essa função fazia sentido diante do desconhecimento europeu acerca do território e da escassez de fontes seguras sobre ele. Por último, está a função de apresentar um conjunto de eventos indispensáveis à economia da obra, que contribuem para o argumento de um melhoramento geral da nação.

Outro ponto de contato entre a escrita de Denis e a de Luciano é o da observância do princípio retórico de construção de uma narrativa que pudesse ser facilmente captada e lembrada pelo leitor. Em diversas ocasiões, Denis diz oferecer um *golpe de vista*, no sentido de quadro geral, como forma de não fatigar o leitor com detalhes pouco memoráveis – as nomenclaturas áridas são substituídas por algo que ficasse retido na mente¹⁸⁴. Além disso, ao longo do presente capítulo, pudemos reconhecer um critério

¹⁸⁴ DENIS, Ferdinand. *Brésil*. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 37.

muito claro de seleção dos eventos a serem cobertos: a relevância desses eventos para a narrativa. Vimos como Denis apresentou em seu “Golpe de vista histórico sobre os estabelecimentos do século XVI” (tóp. 18) eventos que foram retomados na parte dedicada às províncias.

Quanto aos princípios de composição, Denis aproxima-se também de Políbio, mais até do que de Luciano. Apesar de estar associado ao cuidado com o leitor, o princípio de seleção dos eventos não é devotado por Denis apenas à necessidade de construção de uma narrativa bem composta, mas também à adequação ao desenrolar da própria História (enquanto processo, não enquanto narrativa). Os eventos do século XVI selecionados para figurar no “Golpe de vista histórico” são aqueles tidos como relevantes para a História do Brasil – são, por exemplo indicativos do “drama” do encontro de raças distintas (encontro que estaria na origem do caráter nacional) ou necessários para o estabelecimento de atividades comerciais duradouras. Já no começo da narrativa de *Brésil*, Denis informa que sua história da nação se inicia com a expedição de Cabral, já que as expedições anteriores não haviam lançado gérmenes de civilização.

A “visão de cima” de Denis se afasta da de Luciano, que tinha como ambição o alcance de uma perspectiva quase divina, para aproxima-se da “visão de cartógrafo” de Políbio, que buscava identificar relações (ou um sentido comum) entre fatos distantes no tempo e no espaço. De fato, parece haver em *Brésil* uma tentativa de submeter eventos que ocorreram num território de grandes dimensões e no período de quatro séculos a uma narrativa de sentido único, com início (o século XVI), meio (séculos XVII e XVIII, trabalhados por províncias) e fim (século XIX) bem definidos.

Porém, ao contrário de Políbio, Denis não devota a um agente extra-histórico o papel de compositor da trama. Em *Brésil*, é no interior do próprio processo histórico que a nação vai tomando a forma que ela tem no século XIX. Para Políbio, a natureza da história de Roma era distinta e por isso essa história exigia uma abordagem particular: ao contrário das demais histórias, que se desenvolviam de forma dispersa, a de Roma fora conduzida pela ação integradora da Fortuna. Nos tempos de Denis, a noção predominante era a de que todas as histórias estavam igualmente submetidas à História, àquela História, no singular, sujeito e objeto de si mesma¹⁸⁵.

¹⁸⁵ Cf. *supra*, p. 36.

7 A História do Brasil em um *golpe de vista*

Chegando ao fim deste capítulo, sugiro que, para além desses usos mais circunscritos, o *golpe de vista* atua na própria composição da obra. Em *Brésil*, o autor estabeleceu uma equivalência entre um de seus golpes de vista e a *écfrase*/peregrinação. É também como uma grande peregrinação que a maior seção da narrativa, a que trata das províncias (seção 5, tóp. 41-264), é apresentada. No tópico sobre o clima (tóp. 26), Denis antecipa como dará prosseguimento à temática quando chegar a essa grande porção da obra:

À medida que cada localidade importante passar diante de nossos olhos, lançaremos um golpe de vista sobre sua vegetação e sobre o tipo de cultivo que lhe é próprio; essa é a única maneira de evitar a disseminação de conceitos errôneos sobre a riqueza vegetal de um país cuja extensão é tão vasta que suas produções talvez sejam mais diferentes umas das outras, como disse um botânico erudito, do que o tanto que as regiões da América do Norte são opostas ao campo da Nova Holanda ou da Terra de Van Diemen.¹⁸⁶

É um discurso periegemático – de caminhada, de olhar – que ordena essa parte central da narrativa. Essa observação se fundamenta especialmente no conteúdo do tópico *Golpe de vista geral sobre as províncias do Brasil* (tóp. 73). Nele, o autor resume o que havia sido apresentado até então (os temas relativos à história brasileira desde o descobrimento até o século XVII e o conteúdo relativo ao Rio de Janeiro) e define os próximos passos.

Nas palavras de Denis, o desenvolvimento inicial da obra fora o seguinte: “Depois de estabelecer esses dados gerais, que são essenciais para avaliar a situação real do Brasil e os destinos futuros aos quais ele pode aspirar, visitamos a província do Rio de Janeiro”. A partir de então, era a hora de “abandonar a capital do Brasil” e seguir a viagem pelas províncias: “Vamos imitar o viajante que deseja percorrer o Brasil e que gostaria de visitar primeiro as cidades litorâneas, antes de ir para o interior”. O nosso guia esclarece o caminho que seguiremos: “É assim que vamos proceder de agora em diante. Começaremos pelos limites do sul e, depois de descer a costa ao longo do rio das Amazonas, entraremos no interior”. O movimento da narrativa é o movimento da viagem:

¹⁸⁶ “*A mesure que chaque localité importante nous passera sous les yeux , nous jetterons un coup d'œil sur sa végétation et sur le genre de culture qui lui est propre; c'est le seul moyen de ne pas répandre des idées fausses sur les richesses végétales d'un pays dont l'étendue est si vaste que ses productions different peut-être plus entre elles , ainsi que l'a dit un savant botaniste , que les régions de l'Amérique du nord ne sont opposées aux campagnes de la Nouvelle-Hollande ou de la terre de Van-Diemen*”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 64.

“Nós pararemos de preferência em solidões inexploradas, e serão sobretudo as nações indígenas que irão se aniquilar, ou cujos costumes irão se transformar, que tentaremos dar a conhecer”¹⁸⁷. O discurso se detém naqueles lugares onde o viajante se demora para observar. Constrói-se uma relação metafórica notável entre o discurso e o percurso. A história faz-se viagem e o historiador assume o lugar de guia.

É, de fato, o olhar do viajante europeu que orienta essa peregrinação. Denis informa ao leitor que não se concentrará em detalhes geográficos áridos, mas naquilo que é desconhecido ou interessante ao estrangeiro: “os fatos mais curiosos em sua totalidade”, “costumes estranhos”, “usos singulares que resultam da aliança de tantos povos”¹⁸⁸ resultantes de uma mistura única de raças. Além disso, o autor diz que dará atenção, ao passar por cada província, aos elementos que têm importância comercial para a Europa.

No mapa abaixo, é possível acompanhar o percurso feito pelo discurso. Como o próprio autor esclarece, o Rio de Janeiro, ponto de recepção dos viajantes, é a primeira província a ser apresentada. Em seguida, a narrativa “sobe” do Rio Grande do Sul até o Maranhão, percorrendo todas as províncias da costa. Por fim, faz o movimento de interiorização e “descida”, partindo do Grão-Pará até chegar às Minas Gerais. Esse caminho pode ser facilmente visualizado no sumário apresentado no Anexo 1. Assim, as descrições das províncias, que constituem a parte mais extensa da narrativa, são ordenadas por uma *écfrase*, pelo olhar em movimento.

¹⁸⁷ “Après avoir établi ces données générales, indispensables pour apprécier quelle est la situation réelle du Brésil et les destinées futures auxquelles il peut prétendre, nous avons visité la province de Rio de Janeiro”; “nous allons abandonner la capitale du Brésil”; “Nous allons imiter le voyageur qui se disposerait à faire le tour du Brésil, et qui voudrait visiter d’abord les villes du bord de la mer, avant de s’enfoncer dans l’intérieur”; “Nous partirons des limites du sud, et après avoir descendu la côte par de là le fleuve des Amazones, nous pénétrerons dans l’intérieur”; “nous nous arrêterons de préférence dans les solitudes inexplorées, et ce seront surtout les nations indiennes qui vont s’anéantir, ou dont les usages vont se transformer, que nous essayerons de faire connaître”. DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L’Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs et coutumes. Paris: Firmin Didot, 1837, p. 158.

¹⁸⁸ “Nous essayerons de saisir dans leur ensemble les faits les plus curieux; nous mettrons surtout en relief les coutumes étranges, les usages singuliers qui résultent de l’alliance de tant de peuples”. *Ibid.* p. 158.

Mapa 1 - Caminho da narrativa de *Brésil*¹⁸⁹

Para concluir, sugiro ainda que a estrutura da obra completa pode ser concebida como um grande *golpe de vista*. O objetivo de *Le Brésil*, obra de Ferdinand Denis e H. Taunay, publicada em 1822, era o de apresentar “sob um mesmo golpe de vista” o estado atual do país e seu passado. Publicada quinze anos depois, a obra *Brésil* parece ter o mesmo objetivo.

A narrativa tem um começo (o descobrimento, a simbólica construção da cruz e os primeiros tempos da colonização), um meio (a história e os costumes das províncias) e um fim (a situação do Brasil em 1837) bem amarrados. Como vimos, Denis opera uma seleção dos fatos, tratando apenas daqueles considerados relevantes para a história. Ao tratar do passado e do presente – além de antever o futuro – do Brasil numa mesma obra, *sob um mesmo golpe de vista*, o autor permite a visualização de uma linha de progresso,

¹⁸⁹ A representação foi construída a partir do “Mapa do Brasil em 1822”, compartilhado pelo Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dedicado ao Bicentenário da Independência. Desde 1822 até 1837, ano de publicação de *Brésil*, o território brasileiro passou por mudanças, sendo a perda da província Cisplatina a mais importante delas. O mapa está disponível em: <https://bicentenario.ibge.gov.br/#page-1822-4>

de um processo histórico de formação da nação. Esse grande *golpe de vista* permite mais do que captar mudanças ao longo dos séculos, ele permite uma integração entre os diferentes tempos por meio do estabelecimento de relações causais entre eles. A apresentação de um todo visa fazer com que uma narrativa necessariamente sucessiva se torne apreensível num só olhar, num só movimento.

CONCLUSÃO

O caminho até aqui, de pesquisa e de escrita, foi pleno de reflexões e de descobertas. No projeto apresentado à seleção de doutorado, a análise da narrativa de *Brésil* já estava prevista, mas não imaginava que iria conduzi-la por meio do exame dos sentidos e dos usos do golpe de vista. A viagem teve percalço, incertezas. Depois de ler toda a obra e levantar as aparições do *coup d'œil*, consegui notar usos distintos do termo, mas tive particular dificuldade em classificá-los e agrupá-los. O contato com as categorias de enargia e *sunopsis* foi fundamental para que eu pudesse dar nome e corpo aos diferentes sentidos que o *coup d'œil* adquire na narrativa de *Brésil*.

Vimos ao longo do último capítulo como o golpe de vista se relaciona a essas duas categorias da visão histórica. Quando associado à enargia, o golpe de vista lançado por Ferdinand Denis coloca sob os olhos do leitor europeu as paisagens e os costumes do Brasil. Pela vividez das descrições, pelo apelo ao sensível e pela simulação do movimento do olhar, o autor projeta o leitor na cena, o insere no espaço onde a história se desenrola. Há uma supressão da distância temporal entre fato e leitor, ou uma presentificação do que é apresentado, já que a vividez produz a impressão de que o fato está se desenrolando diante dos olhos. Alcança-se, assim, como vimos com Adriana Zangara, o efeito de verdade e o pleno assentimento do leitor ao que é narrado.

Quanto associado à *sunopsis*, o golpe de vista oferece aquilo que nenhum viajante sozinho poderia. Denis assume a posição do historiador que compara, confronta e reúne relatos para construir uma história geral do Brasil. Além de reunir informações úteis para o leitor, o historiador oferece sua habilidade de olhar rapidamente para relatos e enxergar conexões, de lançar um golpe de vista sobre mapas e chegar a conclusões de forma quase imediata. Além disso, coloca à disposição do leitor um olhar que se movimenta de forma ágil do passado ao presente e do norte ao sul do país. Aliás, um olhar não somente ágil, mas também integrador: a narrativa busca apresentar o passado e o presente do Brasil *sob um mesmo golpe de vista*, tecendo relações causais entre os eventos e oferecendo uma explicação para a situação do país em 1837.

O golpe de vista pode tomar a forma de uma visão de perto ou de uma visão de longe e Denis parece defender que a alternância entre essas perspectivas é benéfica à produção de conhecimento. Vimos isso no caso em que o autor complementa seu golpe

de vista sobre o clima (apresentado como “considerações gerais”) com a observação sensível, detalhada, aproximada, dos gêneros da natureza.

Independente da modalidade, o termo está sempre, como se poderia antever pelo próprio nome, associado à visão, seja a do olhos ou a da mente. A visão do viajante e a visão do historiador sustentam conjuntamente o discurso. Poderíamos supor que o viajante contribui com seus olhos e o historiador com sua mente. Mas isso não seria totalmente verdadeiro. Como vimos no capítulo 2, Ferdinand Denis não esperava que o viajante contribuísse apenas com seus olhos, mas também com sua alma poética, com sua sensibilidade, com sua compreensão profunda da natureza ou do caráter do indígena. Além disso, Denis contou com seus próprios olhos (ou com sua experiência e registros de viagem) na produção de seus golpes de vista sobre o Rio de Janeiro e sobre Salvador.

Os papéis de viajante e erudito, assim, se misturam na escrita denisiana. Como vimos no capítulo 3, Valeria Pansini observou que o *coup d'œil* militar exercia uma função de mediação entre dois olhares, o do topógrafo e o do general. Creio que esse papel de mediação, de comunicação intersubjetiva, também é exercido pelo *coup d'oeil* encontrado em *Brésil*. O golpe de vista não é construído a partir da simples soma dos registros do viajante à coordenação do historiador, mas a partir de competências e formas de ver compartilhadas pelos dois entes.

Se tomarmos a narrativa histórica como resultado de uma operação historiográfica tal como concebida por Paul Ricoeur – aquela que apresentamos na introdução –, não é difícil perceber que o golpe de vista se faz presente em suas três fases. Quanto à fase documental, o golpe de vista associado à enargia supõe que os documentos selecionados possam dar ao leitor a impressão de estar no local retratado. Denis conta com sua própria visão (autópsia direta) ou com a dos viajantes (autópsia por delegação) selecionados a partir dos critérios que discutimos no capítulo 2. Já quando associado à *sunopsis*, o golpe de vista é construído a partir da visão (integrativa, comparativa) do historiador sobre vários tipos de fontes de informação, geralmente também reputadas como confiáveis (planos arquitetônicos dos holandeses, cálculos de geógrafos competentes).

Passando à fase explicativa, o golpe de vista atua na construção de cenas ou de considerações que serão importantes para os argumentos da narrativa – podemos citar, por exemplo, o golpe de vista sobre os costumes do Rio, que contribui para a constatação da originalidade dos costumes das classes mais baixas, que, por sua vez, contribuirá para

o argumento da particularidade do povo que se aqui se formava. Além disso, atua também na coordenação dos fatos num projeto de explicação. Creio que o melhor exemplo dessa atuação é o de integrar o passado e o presente do Brasil num mesmo golpe de vista.

Quanto à fase escriturária, aquela responsável pela criação de legibilidade e visibilidade, é nela que o golpe de vista se revela de forma mais notável. Relacionado à enargia, o golpe de vista “faz ver” os edifícios, a natureza, a população locais. Quando associado à sunopsis, o *coup d’œil* visa tornar a história do Brasil apreensível, poupa o leitor dos detalhes áridos, tece conclusões a partir de um olhar ligeiro, apresenta informações que podem ser captadas num só movimento, num só golpe.

Podemos refletir igualmente sobre a compatibilidade do golpe de vista com o projeto da historiografia romântica. Em *Brésil*, o *coup d’œil* se relaciona tanto ao pitoresco quanto ao filosófico, aqueles dois elementos que, segundo Augustin Thierry, deveriam constituir a escrita da história. O pitoresco se revela especialmente nos usos do golpe de vista relacionados à enargia. É por meio deles que o leitor é colocado em contato com a natureza exuberante dos trópicos ou com as populações “estranhas” das cidades e que pode “ver”, assim, as particularidades da nação. Como pontuamos, a pintura dos costumes serve, porém, ao estabelecimento de conclusões mais gerais acerca do contato entre “raças” distintas. O papel de coordenação do golpe de vista associado à *sunopsis* contribui para a construção de uma ideia de melhoramento progressivo do Brasil, de sua inserção nos rumos da “civilização”.

No capítulo 3, vimos que o *coup d’œil* caiu em certo desuso no século XX, além de ter sido reduzido a dois dos seus antigos sentidos, que são os usados no vocabulário corrente: o de olhar superficial e o de primeira impressão. Lorraine Daston crê que o ostracismo do *coup d’œil* nas ciências tenha se dado pela defesa do ideal de objetividade que tomou corpo nas últimas décadas do século XIX. Ligado à intuição e difícil de submeter a um método, o *coup d’œil* passava a ser visto com desconfiança. Valeria Pansini nota processo análogo no mundo militar: o *coup d’œil* deixa de ser um talento valorizado entre os topógrafos, sendo substituído pelo domínio de procedimentos racionalizáveis, reprodutíveis e impessoais.

Podemos aventar como hipótese que o mesmo tenha se dado na escrita da história. Em *Brésil*, o golpe de vista apresenta elementos próximos daqueles encontrados em

outras áreas, tais como a prontidão e o caráter pessoal (ou pessoalizado). Quando associado à enargia, o *golpe de vista* tem algo de impactante, que capta o olhar do viajante. A natureza exuberante, os costumes “pitorescos” golpeiam aqueles que os veem. A descrição que Denis oferece dessas cenas parece advinda da impressão de quem estava no local, impressão subjetiva – e mais importante ao conhecimento porque subjetiva, porque permite o compartilhamento de uma experiência. Quando utilizado com o sentido de “visão ligeira, mas suficiente para formular conclusões e considerações”, o *golpe de vista* parece advindo de uma operação mental quase automática, intuitiva, e não de um exame detido baseado num método racionalizável.

Sabemos que, em especial a partir da década de 1860, a historiografia romântica sofreu fortes críticas na França e foi perdendo lugar para outra corrente historiográfica, que ficaria conhecida como “escola metódica”. Em 1868, é fundada a *École Pratique des Hautes Études*, com a função de incorporar, no ambiente intelectual francês, os métodos de pesquisa e ensino desenvolvidos na Alemanha, que passam a se impor como norma. Ao contrário do que se verificava na França, onde o ensino universitário era organizado em cursos livres, abertos ao grande público, na Alemanha, desenvolviam-se os seminários, dos quais participavam estudantes inscritos em programas específicos. Na França, por mais que as academias *savantes* tenham permanecido atuantes nas últimas décadas do século XIX, elas foram perdendo legitimidade diante das licenciaturas e sociedades científicas especializadas.

Quanto às revistas, meios tão importantes para as publicações de Ferdinand Denis, elas também vão mudando de caráter. A *Revue Historique*, fundada em 1876 por Gabriel Monod, não era um espaço de trocas entre *savantes* e viajantes sobre assuntos diversos, mas um periódico dedicado exclusivamente à publicação de estudos históricos, discutindo, portanto, questões que interessavam somente (ou sobretudo) aos historiadores.

Nos seminários e nos manuais de metodologia, eram compartilhados procedimentos especializados de pesquisa e escrita. No manual de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, publicado em 1898, cada operação a ser efetuada pelos aprendizes é decomposta e minuciosamente exposta. Um manual de metodologia era considerado particularmente necessário aos historiadores, já que os autores consideravam os procedimentos da história como muito distintos das demais ciências. Na primeira página do livro, os autores advertem que aquele não era “um resumo de história universal

para o uso de comerciantes e de pessoas apressadas”¹. O objetivo era o de oferecer instruções da forma mais precisa e detalhada possível – por vezes, os autores “não desdenham entrar em considerações muito materiais, como a recomendação de tomar notas e fichas, e não em cadernos”². Isso era uma maneira de contrapor os métodos instintivos, não racionalizados e, portanto, não passíveis de serem reproduzidos e ensinados.

Mas os iniciantes e a maioria das pessoas que nunca refletiram sobre os princípios do método das ciências históricas usam procedimentos instintivos para realizar essas operações que, por não serem, em geral, procedimentos racionais, não costumam levar à verdade científica. Portanto, é útil tornar conhecida e justificar logicamente a teoria dos precedentes verdadeiramente racionais, já assegurada em algumas de suas partes, mas ainda inacabada em pontos de importância capital.³

Minha intenção não é fazer coro ao discurso de que a história produzida pelos metódicos era cientificista e estéril. Mas, de fato, se a comparamos com a romântica, parece que o pitoresco, o filosófico e o subjetivo perderam lugar. Os metódicos mostravam uma atitude mais modesta em relação a considerações gerais⁴. Na primeira edição da *Revue Historique*, Monod explica que, por mais que uma ideia de totalidade fosse desejável, a ciência histórica ainda não estava preparada para formular grandes sínteses ou conclusões. Ainda não era o tempo de construir o edifício, mas de preparar os materiais da obra – e esse preparo só poderia ser feito por meio de uma “investigação lenta e metódica”⁵. Segundo Monod, os eruditos franceses dos séculos XVI e XVII haviam começado esse trabalho, porém os historiadores dos séculos seguintes teriam sido imprudentes:

Depois vieram os historiadores, filósofos, generalistas e artistas do século XVIII e do início do século XIX, que pensaram que o trabalho estava suficientemente avançado para empreender a construção do edifício. A tentativa foi prematura; eles não conheciam suficientemente bem o verdadeiro

¹ “[...] un résumé de l’histoire universelle à l’usage des commerçants et des personnes pressés”. LANGLOIS, Ch. V.; SEIGNOBOS, Ch. **Introduction aux études historiques**. Paris: Hachette e Cie., 1898, p. V.

² DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes Históricas na França: Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 101.

³ “Mais les débutants et la plupart des personnes qui n’ont jamais réfléchi sur les principes de la méthode des sciences historiques, emploient pour effectuer ces opérations, des procédés instinctifs qui, n’étant pas, en général, des procédés rationnels, ne conduisent pas d’ordinaire à une vérité scientifique. Il est donc utile de faire connaître et de justifier logiquement la théorie des précédés vraiment rationnels, assurée dès à présent en quelques-unes de ses parties, encore inachevée sur des points d’une importance capitale”. *Ibid.*, p. VII.

⁴ HARTOG, François. **O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, p. 27; DELACROIX et. al., *op. cit.*, p 85.

⁵ “[...] d’une investigation lente et méthodique”. MONOD, G. Du progrès des études historiques en France depuis le XVIe siècle. **Revue Historique**, Paris, première année, tome premier, 1876, p. 33.

valor e o caráter exato dos materiais que estavam usando; eles os transformaram em construções disparatadas, nas quais o verdadeiro se mistura ao falso; [...].⁶

Assim, o conhecimento histórico, segundo os metódicos, só poderia ser alcançado de forma lenta, laboriosa, por meio de procedimentos impessoais e passíveis de serem ensinados e reproduzidos. Nada parece mais distante do caráter impactante, imediato e mesmo superficial do golpe de vista. O caráter inevitavelmente subjetivo de algumas modalidades do golpe de vista – em especial, aquelas fundamentadas na experiência do viajante, mas também aquelas asseguradas por habilidades tácitas do historiador – não parecem caber na proposta metódica. Charles Seignobos provavelmente ficaria escandalizado com a ideia de que um apanhado de informações ou um olhar ligeiro sobre mapas pudesse ser um método apropriado ao estabelecimento de conclusões verdadeiras.

Como observado por Pierre Moreau, na segunda metade do século, “um outro mundo começa, onde os *savants* não se parecerão mais com Ferdinand Denis, onde não se escreverá mais *Scènes de la Nature sous les tropiques* nem *Brahme voyageur*”⁷. De forma alguma, sugiro que a História construída por Denis é menos científica do que a dos que os sucederam em função do lugar ocupado pelo golpe de vista em sua obra. Como observado por Lorraine Daston, não há nada que torne os hábitos perceptivos tácitos, imediatos, de relance, tais como o do golpe de vista, forçosamente incompatíveis com o conhecimento científico⁸. Segundo a autora, por mais que o termo tenha se ausentado do vocabulário especializado, o *coup d’œil* continua atuante na prática científica.

E, nós, historiadores, ainda o utilizamos? Provavelmente, não da mesma forma ou com os mesmos fins que Ferdinand Denis. Mas será que há algo dele que sobrevive em nossa prática? É possível que alguns de seus elementos estejam presentes no fazer

⁶ “Alors sont venus les historiens philosophes, généralisateurs, artistes, du XVIIIe et du commencement du XIXe s., qui ont cru l’oeuvre assez avancée pour entreprendre la construction de l’édifice. La tentative était prématurée; ils ne connaissaient pas assez bien la véritable valeur et le caractère exact des matériaux dont ils se servaient; ils en ont fait des constructions disparates où le vrai se mélange aux faux; [...]”. MONOD, G. Du progrès des études historiques en France depuis le XVIe siècle. *Revue Historique*, Paris, première année, tome premier, 1876, p. 34-35.

⁷ “Un autre monde commence, où les savants ne ressembleront pas à Ferdinand Denis, où l’on écrira plus de ‘*Scènes de la Nature sous les tropiques*’ ni de ‘*Brahme voyageur*’”. MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d’après des documents inédites. *Revue d’Histoire littéraire*, octobre-décembre, 1926, p. 564.

⁸ DASTON, Lorraine. Sobre a observação científica. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 108.

historiográfico? Estaria o *coup d'œil* na nossa intuição sobre qual caminho percorrer, sobre quais pistas seguir, sobre qual termo analisar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Obras de Ferdinand Denis

DENIS, Ferdinand. **Brésil**. Collection L'Univers ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs, coutumes. etc. Paris: Firmin Didot Frères, 1837.

DENIS, Ferdinand. De la géographie enseignée par les voyageurs. Les Argonautes, **Le Magasin Pittoresque**, t. 4, livraison n° 14, Paris, avril 1836, p. 105-107.

DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu'au XVII^e siècle. **Revue Universelle**, première année, t. 1. Bruxelles: Louis Hauman et cie., 1832, p. 174-188.

DENIS, Ferdinand. De la poésie et de la philosophie des voyages, depuis les temps antiques jusqu'au XVII^e siècle. **Revue La France Littéraire**, t. 1, p. 56-85, janvier 1832.

DENIS, Ferdinand. **Histoire géographique du Brésil**. Paris: Rue et Place Saint-André-des-Arts, n. 30, 1833.

DENIS, Ferdinand. **Journal de mon voyage au Jequitinhonha**. Présentation, transcription, notes et annexes par Georges Orsoni. 2017. fhal-01568782f

DENIS, Ferdinand. Le Père du Tertre. **Revue de Paris**, Série: Littérature rétrospective – Nos vieux voyageurs français, tome LV, Paris, 1833, p. 232-249.

DENIS, Ferdinand. **Les Navigateurs**, ou choix de voyages anciens et modernes, recueillis par M. F. Denis. Paris: Chez Louis Janet, 1833.

DENIS, Ferdinand. Quelques mots sur la deuxième édition de l'Historia Geral do Brazil, du Vicomte de Porto-Seguro. Extrait des **Actes de la Société Américaine de France**, tome VIII, 5^a partie, 1877, p. 1-6.

DENIS, Ferdinand. **Résumé de l'histoire du Brésil**, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane. Paris: Leconte & Durey Libraires, 1825.

DENIS, Ferdinand. **Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil**. Paris: Leconte & Durey Libraires, 1826.

DENIS, Ferdinand. **Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie**. Paris: Louis Janet, 1824.

DENIS, Ferdinand. Vieux voyageurs français: Ives d'Évieux, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome XX, Paris, p. 5-21, 1835.

DENIS, Ferdinand. Vieux voyageurs français: Le père Paul le Jeune, **Revue de Paris**, Nouvelle série, tome VI, Paris, 1834, p. 5-22.

DENIS, Ferdinand. Voyages dans l'intérieur du Brésil par M. A. de Saint-Hilaire, **Revue des Deux Mondes**, vol. 1, Paris, p. 405-429, avril-juin 1831.

DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. **Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro**. Paris: Nepveu Libraire, 1824.

DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hyppolite. **Le Brésil**, ou Histoire, moeurs, usages e coutumes des habitants de ce royaume, t. 1. Coleção Moeurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Chez Nepveu, 1822.

2 Demais obras

AELIUS THÉON. **Progymnasmata**. Texte établi et traduit par Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

AJ. de GR. Avis. In: DENIS, Ferdinand. **Histoire géographique du Brésil**. Paris: Rue et Place Saint-André-des-Arts, n. 30, 1833.

ALEXANDER, Loveday. **The preface to Luke's Gospel**. Literary convention and social context in Luke 1.1-4 and Acts 1.1. Cambridge : Cambridge University Press, 1993.

ALLENT, Pierre Alexandre. Essai sur les reconnaissances militaires. In: **Recueil sur les reconnaissances militaires d'après les auteurs les plus estimes**. Paris: J. Corréard, 1845.

ALLENT, Pierre Alexandre. Essai sur les reconnaissances militaires. In: **Mémorial Topographique et militaire**, n. 4. Paris: L'Imprimerie de la République, 1804.

APHTHONIOS. Progymnasmata. In: **Corpus Rethoricum**. Textes établis et traduits par Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. **A experiência do tempo**: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. Formas de Ler e Aprender com a História no Brasil Joanino. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, no 1, p. 85-98, jan/jun 2009.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 31, n. 56, p. 365-400, mai-ago 2015.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ARMITAGE, John. **The History of Brazil**, from the period of the arrival of the Braganza family in 1808 to the abdication of Don Pedro The First in 1831. London: Smith, Elder, and Co., Cornhill, 1836.

BANN, Stephen. A cycle in historical discourse: Barante, Thierry, Michelet. In: BANN, Stephen. **The Clothing of Clio**: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 32-53.

BAREL, Ana Beatriz. Representações e redes transatlânticas: relações França-Brasil nos escritos de um viajante Oitocentista. **Revista BBM**, São Paulo, n. 1, p. 14-31, jul./dez. 2018.

BAREL, Ana Beatriz. **Um romantismo a oeste**: modelo francês, identidade nacional. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

BEAUCHAMP, Alphonse de. **Histoire du Brésil**, depuis sa découverte en 1500 jusqu'en 1810, t. 1. Paris: Librairie d'Alexis Eymery, 1815.

BIGG, Charlotte. The Panorama, or La nature à coup d'oeil. In: FIORENTINI, Erna. **Observing Nature – Representing Experience**. The Osmotic Dynamics of Romanticism 1800–1850. Berlin: Reimer, 2007, p. 73-95.

BILLING, Bjorn. Circular visions: viewing the world from above in the late eighteenth century. **Journal of Historical Geography**, n. 63, p. 61-72, 2019.

BOER, Pim den. **History as a profession: the study of history in France, 1818-1914**. Princeton; New Jersey: Princeton University Press, 1998.

BOURDON, Léon. Lettres familiares et fragments du journal intime. Mes sottises quotidiennes – Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). **Brasilia**, Coimbra, n. 10, p. 143-286, 1957.

BRATU, Cristian. **“Je, auteur de ce livre”**: L'affirmation de soi chez les historiens, de l'Antiquité à la fin du Moyen Age. Leiden ; Boston: Brill, 2019.

BRAUNSTEIN, Jean-François; DIEZ, Iván Moya; VAGELLI, Matteo. Qu'est-ce que l'épistémologie historique? Des “échantillons” plutôt que des “manifestes”. **L'épistémologie historique: histoire et méthodes**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2019, p. 5-11.

BRÉSIL, par Ferdinand Denis. Colombie et Guyane, par M.C. Famin. **Revue Britannique**, ou Choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne, t. 10, Paris, p. L (396), 1837.

CAMARGO, Kátia; OLIVEIRA, Francisco. Encontros e desencontros nas obras de Ferdinand Denis e José de Alencar. **Revista Boitatá**, Londrina, n. 25, jan.-jun. 2018, p. 224-240.

CAMINHA, Pero Vaz de. Lettre inédite de Pedro Vas de Caminha sur la découverte du Brésil. Trad. Ferdinand Denis. **Journal des voyages, découverts et navigations modernes** ou archives géographiques et statistiques du XIXe. siècle par J. F. Verneur, Paris, février 1821, p. 157-189.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**, v. 1 (1750-1836). Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CARDOSO, Eduardo Wright. A autópsia como recurso à escrita da história: o valor da visualidade na historiografia brasileira durante o século XIX. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–25, 2023.

CARDOSO, Eduardo Wright. **A cor local e a escrita da história no século XIX**: o uso da retórica pictórica na historiografia nacional. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

CARDOSO, Eduardo Wright. Uma nação para ser vista: desvelando o tempo e o espaço nacionais por meio da cor local na historiografia oitocentista. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 491-514, jul./dez. 2015.

CASSIN, Barbara. Procédures sophistiquées pour construire l'évidence. In: **Dire l'evidence** (Philosophie et rhétorique antiques). Textes réunis par Carlos Lévy et Laurent Pernot. Paris: L'Harmattan, 1997.

CAZAL, Ayres de. Notice sur la province de Mato Grosso; Extrait de la Corografia Brasilica, Traduction et notes de F. Denis. **Nouvelles Annales de la géographie et de l'histoire**, ou Recueil des relations originales inédites..., t. XI. Paris, 1821, pp. 209-283.

CAZAL, Ayres de. Notice sur les capitaineries de Pará et de Solimoens, au Brésil ; Extrait de la Corografia Brasilica, ou relation historique et géographique du royaume du Brésil, par le père Ayres de Cazal, Traduction et notes de F. Denis, **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire**, t. IX. Paris, 1821, pp. 209-278.

CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CHAGAS, Pedro Dolabela. Historicização do romantismo e romance contemporâneo no Brasil. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 22, n. 1, p. 185-203, jun. 2013.

CICERO. **De Oratore**, vol. 1. London: William Heinemann LTD; Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1968.

CÔRREA, Irineu. Bernardo Guimarães, crítico de Gonçalves Dias. In: MELLO, Celina Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo (orgs.). **Crítica e movimentos estéticos: configurações discursivas do campo literário**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 83-104.

COSTA LIMA, Luiz. À maneira de prefácio. In: ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional**. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 11-13.

COUP D'ŒIL. In: **Dicionário Larousse** francês/português, português/francês: mini/coordenação editorial José A. Galvez, 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française en ligne**. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A2C2025>. Consulta em: 28/05/2025.

COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-G). Huitième édition. Paris: Librairie Hachette, 1935, p. 312-313.

COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-H). Sixième édition. Paris: Imprimerie et librairie de Firmin Didot frères, imprimeurs de l'Institut de France, 1835, p. 427-429.

COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-H). Septième édition. Paris: Librairie de Firmin Didot et Cie., imprimeurs de l'Institut de France, 1878, p. 419-421.

COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Troisième édition. Paris: Jean-Baptiste Coignard, imprimeur du Roy, & de l'Académie Française, 1740, p. 387-389.

COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Quatrième édition. Paris: Bernard Brunet, imprimeur de l'Académie Française, 1762, p. 417-419.

COUP. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Cinquième édition. Paris: J. J. Smits, 1798, p.328-329.

COUP. In: **Le Dictionnaire de l'Académie Française**, dédié au Roy. Tome premier (A-L). Première édition. Paris: Jean-Baptiste Coignard, imprimeur ordinaire du Roy, & de l'Académie Française, 1694, p. 263-264.

COUP. In: **Nouveau Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-L). Paris: Jean-Baptiste Coignard, imprimeur ordinaire du Roy, & de l'Académie Française, 1718, p. 368-369.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: São José Editora, 1959.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

D'ÉVREUX, Yves. **Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614**, par le P. Yves d'Évreux, publié par F. Denis d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque impériale de Paris. Bibliotheca Americana, Collection d'ouvrages inédits ou rares sur l'Amérique. Leipzig; Paris: Librairie A. Franck, 1864.

DAHER, Andrea. **A oralidade perdida: ensaios de história das práticas letradas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DASTON, Lorraine. Objetividade e imparcialidade: virtudes epistêmicas nas humanidades. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 127-143.

DASTON, Lorraine. Sobre a observação científica. In: DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. Tradução de Darley Menezes Alves e Francine Iegelski (org. Tiago Santos Almeida). São Paulo: LiberArs, 2017, p. 91-108.

DASTON, Lorraine. The coup d'oeil: on a mode of understanding. **Critical Inquiry**, Chicago: v. 45, n. 2, p. 307-331, jan./mar. 2019.

DASTON, Lorraine. The Empire of Observation, 1600 –1800. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 81-114.

DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. **Objectivity**. Nova York: Zone Books, 2007.

DÉFENSE des résumés historiques. Paris: Lecointe et Durey, 1824.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes Históricas na França: Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DENIPOTI, Cláudio ; MOSCATO, Daniela. Ler é preciso: um estudo sobre uma comunidade de viajantes-leitores no século XIX: Mawe, Eschwege, Wied-Neuvied, Spix e Martius e Saint-Hilaire. **História Unisinos**, v. 27, n. 1, p.149-162, Janeiro/Abril 2023.

DENIS, Ferdinand. **Brasil**. Tradução de João Etienne Filho e Malta Lima. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. **Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro**. Paris: Nepveu Libraire, 1824.

DENYS D'HALICARNASSE. **Opuscles Rhétoriques**, Tome IV: Thucydide. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

DENYS D'HALICARNASSE. **Opuscles Rhétoriques**. Tome I: Les Orateurs Antiques. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

DIAS, Cicero. **Catalogue du Fonds Ferdinand Denis**. Paris: Bibliothèque Sainte-Geneviève; Institut français des hautes études brésiliennes, 1972.

DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. **Encyclopédie**, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, t. 4. Paris: Briasson; David; Le Breton; Durand, 1754.

DIETZ, Bettina. Natural history as compilation: travel accounts in the epistemic process of an empirical discipline. In: HOLENSTEIN, André; STEINKE, Hubert; STUBER, Martin (Eds.). **Scholars in Action: The Practice of Knowledge and the Figure of the Savant in the 18th Century**. Brill, 2013, p. 703-720.

DONEGÁ, Ana Laura. Ferdinand Denis, tradutor de textos sobre o Brasil. **Revista Cultura & Tradução**. João Pessoa, v. 3, n. 1, 2014, p. 97-109.

DONEGÁ, Ana Laura. **Viajante, polígrafo e erudito: Ferdinand Denis (1798-1890) no espaço literário franco-brasileiro**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Campinas, 2020.

DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DUBEL, S. Ekphrasis et enargeia: la description antique comme percurs. In: LÉVY, C.; PERNOT, L. (org.). **Dire l'evidence**. Paris: L' Harmattan, 1997, p. 249-64.

ELLIS, Markman. 'Spectacles within doors': Panoramas of London in the 1790s. **Romanticism**, Edinburgh, v. 14, n. 2, p. 133-148 jul. 2008.

FONSECA, Cláudia Damasceno; SOUZA, Laura de Mello e; RIAUDEL, Michel; ROMANO, Antonella. (orgs.). **Le moment 1816 des sciences et des arts: Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis et le Brésil**, Paris: Sorbonne Université Presses, 2022.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FRIAS, Joana Matos. **A retórica da visão na poética clássica**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2009.

GINZBURG, Carlo. Ekphrasis e citação. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 215-232.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 68-85.

GUINSBURG, J. Romantismo, Historicismo e História. In: GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 13-22.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica, retórica, discurso. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 33, jul/dez. 2013.

HARTOG, François. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HARTOG, François. **O século XIX e a história**: o caso Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

HUERTA, Mona. Le Voyage aux Amériques et les revues savantes françaises au XIXe siècle In: MICHEL, Bertrand; VIDAL, Laurent (éds.). **À la redécouverte des Amériques**. Les voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.

HUMBOLDT, Alexandre de. **Cosmos**: essai d'une description physique du monde, t. 2. Paris: Gide et J. Baudry, 1855.

HUMBOLDT, Alexandre de. **Cosmos**: essai d'une description physique du monde, t. 1. Paris: Gide et J. Baudry, 1855.

HUMBOLDT, Alexandre de. **Tableaux de la nature**. Traduction de Ch. Galuski. Paris: Librairie Théodore Morgand, 1865.

JAMMES, André. **Les Didot**: Trois siècles de typographie et de bibliophilie, 1698-1998, Paris: Paris Bibliothèques, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História"; "História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, Reinhart [et al.]. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 119-222.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

KRAAY, Hendrik. A visão estrangeira: a independência do Brasil (1780-1850) na historiografia europeia e norte-americana. JANCSÓ, István (org.). **Independência**: História e historiografia. São Paulo: Editora Hucitec; Fapesp, 2005.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1): p. 109-129, 2004, p. 110-111.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VIII (Suplemento), p. 863-880, 2001.

LABORIE, Jean-Claude. Estudo de mediações: o caso Ferdinand Denis. **Revista Ponto e vírgula**, n. 13, p. 66-77, 2013.

LANGLOIS, Ch. V.; SEIGNOBOS, Ch. **Introduction aux études historiques**. Paris: Hachette e Cie., 1898.

LESTRINGANT, Frank. Ferdinand Denis, inventeur de la France Antarctique du Brésil. **Travaux de littérature**, Genève, n. 24, p. 219-234, 2001.

LUCIANO DE SAMÓSA. **Como se deve escrever a história**. Tradução, introdução, apêndices de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

MALTE-BRUN, Conrad. Discours préliminaire sur la nature et le but de cet ouvrage. **Annales des voyages, de la géographie e de l'histoire**, t. 1. Paris: F. Buisson, 1807, p. 4-16.

MARTIN, Henry. Histoire et description du Brésil, par M. Ferdinand Denis, **Revue étrangère da la littérature, des sciences et des arts**, t. 24, Saint-Pétersbourg, p. 526-532, 1837.

MARTINS, Paulo. Uma visão periegemática sobre a éfrase. *Classica* - **Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 29, n. 2, p. 163–204, 2016.

MARTIUS, Karl Friedrich Phillip von. Como se deve escrever a historia do Brazil. **Revista Trimensal de Historia e Geographia** ou *Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 24, p. 381-403, jan. 1845, p. 382.

MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário, à maneira de todos os historiadores**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. São Paulo : Editora Unesp, 2019.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **La historiografía griega**. Tradução de José Martínez Gázquez. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

MONOD, G. Du progrès des études historiques en France depuis le XVIe siècle. **Revue Historique**, Paris, première année, tome premier, 1876.

MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d'après des documents inédites. **Revue d'Histoire littéraire**, p. 530-564, octobre-décembre, 1926.

NAÏVETÉ. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome premier (A-K). Cinquième édition. Paris: J. J. Smits, 1798, p. 147.

NICOLAI. **Progymnasmata**. Ed.: J. Felten. Leipzig: Teubner, 1913.

NORBERTO, Joaquim. Atas das sessões de 1890 – Ordem do dia. **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. 53, vol. 2, p. 474-477, 1890.

O BRASIL, por Ferdinand Denis. **O Despertador**, n. 175, Rio de Janeiro, p. 1-2, outubro 1838.

CEIL, YEUX. In: **Dictionnaire de Français Larousse em ligne**. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/%C5%93il/55645#182354>. Consulta em: 15/04/2024.

OETTERMANN, Stephan. **The Panorama**: history of a mass medium. New York: Zone Books, 1997.

OLIVA NETO, J. A. Écfrase da Vila de Plínio na Túscia (Plínio, o Jovem, Livro 5, Epístola 6: comentário, tradução e notas). **Letras Clássicas**, v. 19, n. 1, p. 181-95, 2015.

OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de. Ser um homem de letras na primeira metade do século XIX francês (1815-1848): a trajetória de Ferdinand Denis. In: IPIRANGA, Pedro; GARRAFONI, Renata Senna; BRANDÃO, Bernardo (orgs.). **Modos de vida**: crenças, afetividades, figurações de si e do outro. Belo Horizonte: Crisálida, 2016, p. 65-78.

OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de; IPIRANGA, Pedro. **Antiguidades românticas**: onde se encontram os guerreiros antigos e selvagens. *Classica*, v. 33, n. 1, p. 203-225, 2020.

PANSINI, Valeria. Pour une histoire concrète du « talent » : les sélections méritocratiques et le coup d'œil du topographe. **Annales historiques de la Révolution française**, n. 4, v. 354, p. 5-27, 2008.

PARRY, A. M. The language of Thucydides' description of the Plague. In: PARRY, A. M. **The Language of Achilles and other papers**. Oxford: Clarendon Press, 1989.

PARSIS-BARUBÉ, Odile. La notion de couleur locale dans l'œuvre d'Augustin Thierry. In: Déruelle, Aude; Potin, Yann (eds.). **Augustin Thierry**: l'histoire pour mémoire. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2018, p. 63-77.

PATILLON, Michel. Introduction. In: AELIUS THÉON. **Progymnasmata**. Paris: Les Belles Lettres, 1997, p. VII-CLVI.

PIMENTA, J. P. A independência do Brasil como uma revolução: história e atualidade de um tema clássico. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 53-82, 2009.

POLIBIO. **Historias**. Libros I-IV. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Editorial Gredos, 1981.

POLYBE. **Histoires**: Livre XII. Texte établi, traduit et commenté par Paul Pédech. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

POMATA, Gianna. A Word of the Empirics: The Ancient Concept of Observation and its Recovery in Early Modern Medicine, **Annals of Science**, v. 68, n. 1, jan. 2011, p. 1-25.

POMATA, Gianna. Observation Rising: Birth of an Epistemic Genre, 1500 –1650. In: DASTON, Lorraine; LUNBECK, Elizabeth (eds.). **Histories of scientific observation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 46-80.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição oratória**, Tomo III (Livros VII, VIII e IX). Trad. de Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

RIAUDEL, Michel. Un Ferdinand Denis « tardif ». **Reflexos** – Revue Pluridisciplinaire du Monde Lusophone, Toulouse, n. 5, p. 1-13, 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOTTA, Lucia. A constelação espacial das cenas de origem em Scènes de La Nature, de Ferdinand Denis. **Revista USP**, São Paulo, n. 91, p. 112-124, setembro/novembro 2011.

RODOLPHO, Melina. **Écfrase e evidência**. Letras Clássicas, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 94-113, 2014.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil**: introdução metodológica. 4. ed. atualizada. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem Pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

SAUSSURE, Horace-Bénédict de. **Voyages dans les Alpes**, précédés d'un essai sur l'histoire naturelle des environs de Geneve. Neuchatel: Samuel Fauche, 1779.

SOUTHEY, Robert. **History of Brazil**, t. 1. London: Longman; Hurst; Rees And Orme; Paternoster-row, 1810.

TETTAMANZI, Régis. **Le voyage au Brésil**: anthologie de voyageurs français et francophones du XVIIe au XXe siècle. Paris: Robert Laffont, 2014.

THIERRY, Augustin. **Histoire de la conquête de l'Angleterre par les normands**, de ses causes et de ses suites jusqu'à nos jours, t. 1. Paris: Garnier, 1830.

THIERRY, Augustin. **Lettres sur l'histoire de France**, pour servir d'introduction a l'étude de cette histoire. Paris: Sautelet et Compagnie; Ponthieu et Compagnie, 1827.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Trad. do grego de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VARELLA, Flávia. Primeiros relatos. In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (orgs.). **Os historiadores clássicos da História do Brasil**, vol. 4: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.

VIDAL, Laurent. Ferdinand Denis, observateur de la société brésilienne (1816-1837). In: MICHEL, Bertrand; VIDAL, Laurent (éds.). **À la redécouverte des Amériques**. Les

voyageurs européens au siècle des indépendances. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002, p. 237-252.

WALCH, Jean. **Les maîtres de l'histoire**, 1815-1850: Augustin Thierry, Mignet, Guizot, Thiers, Michelet, Edgar Quinet. Genève; Paris: Editions Slatkine, 1986.

WEBB, Ruth. Ekphrasis ancient and modern: The invention of a genre. **Word & Image**, v. 15, n. 1, p. 7-18, 1999.

ZANGARA, Adriana. L'expérience par procuration: l'hypotypose et la narration historique de l'Antiquité à la Renaissance. **Folia Litteraria Romanica**, v. 11, p. 25-20, 2016.

ZANGARA, Adriana. **Voir l'histoire**. Théories anciennes du récit historique, IIe siècle avant J.-C. – IIe siècle après J.-C. Paris: EHESS; Vrin, 2007.

ZILBERMAN, Regina. Ferdinand Denis e o século XVI – o moderno em disputa. **Todas as letras**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 14-26, nov. 2014.

ANEXO 1

Sumário de *Brasil* (1837)

A obra original não possui sumário. As seções, apresentadas na primeira coluna, foram divididas e intituladas por mim. Os tópicos, apresentados na terceira coluna, aparecem sequencialmente na obra sem numeração. Os títulos dos tópicos foram traduzidos por mim (a versão original de cada título pode ser encontrada na página indicada).

Seção	Número	Tópico (Tradução livre)	Página
1 Introdução	1	(Sem título)	1
2 Povos indígenas	2	Exame das primeiras raças que povoaram o Brasil	5
	3	Caracteres físicos dos Tupinambás	12
	4	Aspecto dos Tupinambás com seus adornos de festa ou em seu aparato de guerra	13
	5	Habitações	15
	6	Meios de subsistência	16
	7	Religião	18
	8	Culto	19
	9	Língua	20
	10	Governo	21
	11	Ideias acerca da propriedade	21
	12	Leis	21
	13	Destino das mulheres	22
	14	Matrimônios, nascimentos	22
	15	Trabalhos e festas	23
	16	Guerras	25
	17	Destino dos prisioneiros - Antropofagia	27
3. Golpe de vista histórico	18	Primeiras explorações do Brasil - Golpe de vista histórico sobre os estabelecimentos do século XVI	33
	19	História de Caramuru e Paraguaçu, a Índia	35
	20	Divisão do Brasil em Capitanias	38
	21	Hans Staden entre os Tupinambás	39
	22	Primeiro estabelecimento dos franceses no Brasil. Intérpretes normandos	42
	23	Expulsão dos franceses, os jesuítas e os paulistas	44
	24	Ocupação do Brasil pelos Holandeses	46
4. História Natural	25	Situação geográfica do país. Aspecto geral da região. Produções do solo	51
	26	Clima e ordem das estações	56
	27	Os cipós	65
	28	Plantas alimentícias	66
	29	Cana-de-açúcar	66
	30	Cafeeiro	66
	31	Cacaueiro	66

	32 Tabaco	66
	33 Algodão	67
	34 Animais selvagens e domésticos	68
	35 Cetáceos	72
	36 Pássaros	72
	37 Répteis	77
	38 Peixes	79
	39 Moluscos e crustáceos	80
	40 Insetos	80
5. Províncias	41 Divisões atuais do Brasil	85
Rio de Janeiro	42 Rio de Janeiro e seu território	89
	43 Nomes diversos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro; Etimologia daquele que portava entre os índios	93
	44 Aspecto da cidade	93
	45 Características do solo do Rio de Janeiro	94
	46 Fundação primitiva da cidade	95
	47 Expedições de Du Clerc e de Duguay-Trouin	96
	48 Prosperidade crescente do Rio, Chegada de D. João VI ao Brasil	97
	49 Estabelecimento dos artistas franceses no Brasil. Resultado da sua chegada	102
	50 Principais edifícios do Rio de Janeiro	104
	51 A Bolsa; Acontecimentos políticos que ali tiveram lugar	108
	52 Passeio Público ou Jardim Público do Rio de Janeiro	110
	53 Raças diversas às quais os habitantes pertencem; Aspecto das ruas; Indústria	111
	54 Indústria própria do Brasil e do Rio de Janeiro em particular	115
	55 Estabelecimentos científicos e literários. Jardim Botânico	116
	56 Bibliotecas do Rio	118
	57 Museu e Gabinete de História Natural	119
	58 Alguns costumes do Rio de Janeiro	120
	59 Diversidade dos costumes locais segundo os habitantes; Atribuições das diferentes classes	122
	60 Visitas	127
	61 Comparação do brasileiro com o habitante de Paris	127
	62 Observância do domingo. Dia de São Sebastião. Festas locais e festas religiosas	129
	63 Da seita dos sebastianistas	130
	64 O Intrudo ou o Carnaval no Rio de Janeiro	132
	65 A Sexta-feira Santa	135
	66 Cerimônia dos funerais no Rio de Janeiro	138
	67 O dia dos mortos no Rio de Janeiro	141

	68 Situação dos negros no Brasil, e principalmente no Rio de Janeiro	142
	69 Capitães do mato	146
	70 Mulatos, Homens de cor	147
	71 Agricultura dos arredores do Rio	147
	72 O Imperador D. Pedro; Resumo dos últimos acontecimentos	149
Demais províncias	73 Golpe de vista geral sobre as províncias do Brasil; Exames das que estão situadas no litoral	158
Rio Grande do Sul	74 Província do Rio Grande do Sul, conhecida igualmente pelo nome de São Pedro	158
	75 Porto Alegre ou Portalegre	160
	76 Colônia alemã	162
	77 Criação de gado	163
	78 Missões jesuíticas	169
Santa Catarina	79 Província de Santa Catarina	172
	80 População, importância da baía, antiguidade das fortificações, capital	175
	81 Nações indígenas	177
São Paulo	82 Província de São Paulo	178
	83 Primeiros habitantes de São Paulo	179
	84 Incursões nas florestas, bandeiras; Falsos boatos divulgados sobre os paulistas	184
	85 Caráter atual dos paulistas	187
	86 Descrição física da província	187
	87 Cidade de São Paulo	189
	88 Vestimentas dos paulistas; Usos particulares	193
	89 Movimento intelectual	194
	90 Santos	194
	91 Antigo monumento	196
	92 População. Nações indígenas	196
Espírito Santo	93 Campos dos Goitacases, Cabo Frio, Espírito Santo, Porto Seguro	197
	94 Cultura da mandioca	202
	95 Formigas da costa oriental	202
	96 Vila de Vitória	203
Porto Seguro	97 Província de Porto Seguro	204
	98 Florestas de Porto Seguro	206
	99 Botocudos	209
	100 Combate singular dos Botocudos	217
	101 Guerra de tribos	217
	102 Antropofagia dos Botocudos	219
	103 Ideias religiosas, linguagem, hábitos sociais	221
	104 Linguagem	222
Ilhéus	105 Antiga província dos Ilhéus, fazendo parte do território da Bahia	226
	106 O coco de piaçava	228

	107	Abundância de objetos de história natural, ossadas fósseis, rápidas	228
Bahia	108	Cidade de Ilhéus, Camamu e sua baía	229
	109	Província da Bahia	230
	110	Recôncavo	231
	111	Cidade de São Salvador	233
	112	Pesca da baleia	237
	113	Comércio da Bahia	239
	114	Acontecimentos políticos ocorridos na Bahia	239
	115	Cultura do Recôncavo, a cana-de-açúcar	240
	116	Cultura do tabaco	241
	117	Senhores de engenho	241
	118	Região de jacobina	243
	119	Extensão prodigiosa de antigas propriedades no sertão da Bahia	244
Sergipe	120	Província de Sergipe del Rei	244
	121	O rio São Francisco. A cachoeira de Paulo Afonso. Inundação. Inumerável quantidade de pássaros	245
	122	A piranha	246
	123	Febres, Penedo	246
Alagoas	124	Província de Alagoas	247
	125	Fernandes Calabar	247
	126	Palmares	248
Pernambuco	127	Província de Pernambuco (Fernambouc)	251
	128	Antiguidades	252
	129	Olinda e Vila do Recife de Pernambuco. Sua origem	253
	130	Divisão da cidade, seu aspecto	254
	131	Jangada	256
	132	Falta d'água, o porto, comércio	256
	133	Instrução pública, divertimentos	257
	134	Cidade de Olinda	257
	135	Revolução de Pernambuco	258
	136	Execução de vários chefes da Insurreição	265
	137	Novos movimentos insurgentes de Pernambuco	266
	138	População agrícola de Pernambuco	266
	139	Pau-brasil, privilégio do qual é objeto	268
	140	Sertão de Pernambuco; Considerações gerais; Províncias adjacentes	269
Paraíba	141	Cidade da Paraíba	270
Rio Grande do Norte	142	Rio Grande do Norte	270
	143	Natal	271
	144	Aridez da região	271
	145	Caravanas	271
Ceará	146	Província do Ceará ou Seará	273
	147	Aliança dos índios com os franceses	274

	148	Epidemia causada pela penúria e pelo uso do mel. Rebanhos de cabras	274
	149	Vampiros	275
	150	A carnaúba, <i>Coripha Cerifera</i>	276
	151	Índios operários; Uso do maracá	276
	152	Aracati	277
Piauí	153	Província do Piauí	277
	154	Descoberto do Piauí	277
	155	Exploração dos viajantes modernos; Aerolito	278
	156	Minas de sal	278
	157	Exploração	279
	158	Cidade de Oeiras	279
	159	Rochas com inscrições hieroglíficas	279
Maranhão	160	Província do Maranhão. História dos concessionários	280
	161	Expedição dos franceses ao Maranhão	281
	162	Extensão da província	283
	163	Produções. Fenômenos da natureza	283
	164	Divisões territoriais. Os Tupinambás	284
	165	Selvagens do Maranhão em Paris	285
	166	Índios selvagens existentes hoje	286
	167	Ilha do Maranhão propriamente dita	287
Pará	168	Província do Pará	288
	169	Viagem pelo Amazonas. Busca da cidade das armaduras de ouro	288
	170	Descrição da província e do rio	290
	171	Ilha de Marajó	292
	172	A pororoca	293
	173	Exame da população indígena do rio	294
	174	Ideias religiosas; Gênios dos índios	295
	175	Índios completamente selvagens das margens do Amazonas; Os Muras	296
	176	Munducus	297
	177	Festas e mascaradas dos índios	298
	178	Amazonas	300
	179	Estado presente das margens do Amazonas	300
	180	Colheita dos ovos de tartaruga	301
	181	Borracha	301
	182	Províncias de Solimões ou do Rio Negro	307
	183	Guiana portuguesa	308
	184	Lago Parima; Cidade de Manoa	309
	185	Wourali; Maneira de prepará-lo e de usá-lo	310
Mato Grosso	186	Província de Mato Grosso	312
	187	Extensão, história do descobrimento	312
	188	Minas de Mato Grosso	313
	189	Nações de Mato Grosso; os Paiaguás e os Guaicurus; Guerra contra os paulistas	314
	190	Cultura de Mato Grosso. Multiplicação prodigiosa de ratos	315

	191	Descrição da província	316
	192	Curiosidades geográficas de Mato Grosso	317
	193	Grutas de Mato Grosso	317
	194	Cuiabá, Vila Bela, cidades principais de Mato Grosso	318
	195	Indígenas de Mato Grosso	319
	196	Guaicurus. Sua história	320
	197	Aspecto exterior	320
	198	Destino das mulheres guaicurus	321
	199	Ocupação das mulheres. Maneira de se vestirem	322
	200	Meios de transporte. Caminhadas pelo campo	322
	201	Habitações	322
	202	Ideias religiosas dos guaicurus. Crenças singulares dos chefes. O macauã, ou o mensageiro das almas	323
	203	Linguagem dos homens diferente da linguagem das mulheres	324
	204	Aliança concluída com os brasileiros	324
	205	Paiaguás. Sua vida nômade	324
	206	Caminhos de Mato Grosso	324
Goiás	207	Província de Goiás	325
	208	Descobrimto das minas de ouro. Bartolomeu Bueno	325
	209	Carestia prodigiosa de gêneros	326
	210	Produtos das minas	327
	211	Descrição da região	327
	212	Pastores	328
	213	Capital da região de Goiás	328
	214	Divisões atuais e divisões naturais	328
Minas Gerais	215	Minas Gerais	329
	216	Guerra dos forasteiros e dos paulistas	330
	217	Minas reconhecida como capitania	331
	218	Transtornos em Minas	331
	219	Situação atual da região - caráter dos mineiros	332
	220	Descrição geográfica da província	333
	221	População. Produção. Agricultura	333
	222	Preço das terras	334
	223	Cessão de terrenos	334
	224	Obstáculos que se opõem aos progressos da agricultura	335
	225	Legislação das minas	335
	226	Procedimentos usados para recolher o ouro	336
	227	Companhia Inglesa das Minas	337
	228	Congo Soco	337
	229	Imenso desabamento. Tradição dos mineiros. Lucros da Companhia Inglesa. O metal bruto	338

230	Previsão de melhoramento industrial	339
231	Distrito dos diamantes	340
232	Aspecto do Arraial diamantino. Clima. Etimologia indígena do nome Tijuco. Descrição do Arraial. Virgem Negra. Comércio mantido pelo contrabando	340
233	Diretor das Minas. Sua administração interna	341
234	De diamantes e de sua exploração	342
235	Abundância decrescente do diamante. Contrabando de que é objeto. Sua extração	343
236	O diamante do Abaeté	346
237	Pedras de cor	347
238	Novos detalhes sobre as minas de ferro	348
239	Modos e costumes	349
240	Cidades e aldeias do interior	350
241	Cidade Imperial de Vila Rica de Ouro Preto	351
242	Sede do Bispado	352
243	Clero da região de Minas. Observações sobre o dízimo no Brasil	352
244	Termo de Minas Novas	353
245	Cultura do algodoeiro no litoral e em Minas Novas	354
246	População de Minas Novas	356
247	Ouro de Minas Novas. Pedras preciosas. Pequenos benefícios que sua busca oferece	357
248	Plantas úteis	358
249	Selvagens de Minas Novas	358
250	Malalis	359
251	Novas particularidades sobre o bicho da Taquara considerado como alimento	360
252	Panhame	360
253	Sertão de Minas, Campos Gerais	360
254	Habitantes do Sertão	361
255	Caça ao veado. Preparação singular das peles	362
256	Modo de viver dos habitantes do sertão	362
257	População dos Campos Gerais	364
258	Gado - Maneira pela qual é utilizado	364
259	Nações indígenas habitando os confins de Minas. Os Camacãs-Mongoiós	365
260	Indústria dos Camacãs. Flechas ornamentais. Cetro dos chefes. Chapéus de penas	366
261	Dança dos Camacãs-Mongoiós	366
262	Menianos	368
263	Os Coroados	368
264	Puris	370
265	Situação do Brasil em 1837	371